

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO**

Viviane Borelli

**DA *FESTA* AO CERIMONIAL MUDIÁTICO: AS
ESTRATÉGIAS DE MUDIATIZAÇÃO DA
TELEROMARIA DA MEDIANEIRA PELA REDE VIDA**

São Leopoldo

2007

Viviane Borelli

**DA *FESTA* AO CERIMONIAL MUDIÁTICO: AS
ESTRATÉGIAS DE MUDIATIZAÇÃO DA
TELEROMARIA DA MEDIANEIRA PELA REDE VIDA**

Tese apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação.

Orientador: Antônio Fausto Neto

São Leopoldo

2007

©2007 Viviane Borelli

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

B731d Borelli, Viviane

Da festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiaticização da teleromaria da Medianeira pela Rede Vida/ Viviane Borelli. – São Leopoldo, RS: 2007.

380p; il.

Ficha catalográfica elaborada por Priscila Almeida

Viviane Borelli

**DA *FESTA* AO CERIMONIAL MIDIÁTICO: AS
ESTRATÉGIAS DE MUDIATIZAÇÃO DA
TELEROMARIA DA MEDIANEIRA PELA REDE VIDA**

Tese apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovada em 26 de março de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Attilio Ignacio Hartmann - UNISINOS

Dr. Pedro Gilberto Gomes - UNISINOS

Dr. Adair Caetano Peruzzolo - UFSM

Dr. Pedrinho Arcides Guareschi – PUC-RS

Dr. Antônio Fausto Neto – orientador - UNISINOS

Dedico minha tese às minhas filhas, Ana Luísa (in memoriam) e Giovana.

Aninha, você trouxe muita alegria durante três meses, mas se transformou num lindo anjo no dia 25 de setembro de 2004, deixando muitas saudades e um vazio no meu coração. Giovana, você chegou no dia 4 de novembro de 2005, trazendo muita esperança à minha vida. Com seu meigo sorriso, sua simpatia e sua alegria, você conquistou meu coração e inspirou-me a finalizar esse percurso. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Durante esse percurso, passei por uma perda definitiva, mas também vivenciei momentos de alegrias e de vitórias que só foram possíveis pela presença e pelo apoio de muitos:

A Deus, pelo dom da vida;

A Nossa Senhora, que me ensinou que é possível conviver com a dor da perda de um filho;

À Giovana, minha filha amada, pelo sorriso que encanta e conquista cada instante de minha vida. Gi, você representa toda a inocência de uma criança que é muito querida e amada; Obrigada pela inspiração diária!

Ao Alexandre, meu esposo, meu amor, minha paixão, meu alicerce, minha companhia de todos os momentos, das perdas, das tristezas, das alegrias, das conquistas. Juntos dividimos o vazio no coração pela perda de nossa filha-anjo e juntos comemoramos as vitórias cotidianas e cada momento de felicidade com a Gi. Essa conquista é tua também! Obrigada, te amo muito!

À minha família, um obrigada especial aos meus pais, Gentil e Nilva, que me educaram, às minhas irmãs, Fernanda e Alexandra, e aos demais familiares, pelo afeto. Obrigada por compreenderem minha ausência em algumas datas durante esses últimos anos;

Ao professor Fausto, pelo seu conhecimento, disponibilidade e dedicação frente a esse processo de formação que só se concretizou pelo seu apoio e compreensão;

Aos meus professores do Doutorado, pelas avaliações, críticas e sugestões que fizeram com que aperfeiçoasse a pesquisa;

À banca, que se disponibilizou em ler minhas construções e que possibilitou esse momento de diálogo;

Aos colegas da turma de 2003 com quem dialoguei, trocando idéias e compartilhando dos momentos de angústia, especialmente, à Elza, pelo carinho e amizade. Um obrigado também aos colegas de estudos, Paulo Gasparetto e Luis Ignacio Sierra Gutiérrez, pela troca de experiências e pela ‘aventura’ até a Suécia;

À minha instituição de trabalho e aos meus colegas da Unifra, por dividirem comigo o dia-a-dia e por acompanharem esse processo;

Aos alunos que colaboraram com a coleta de dados e também àqueles com quem convivi;

Aos meus amigos, pelas risadas, pelo carinho e por entenderem o porquê de meu afastamento em alguns momentos. Um obrigada também a Lu, pelo carinho e cuidado despendidos à Gi;

À Capes, por financiar o primeiro ano de estudos;

À *Fundação Porticus Stichting*, representada pela *Comissão Internacional de Estudos sobre Mídia, Religião e Cultura (ISCMRC)* pela concessão de bolsa de estudos durante os últimos três anos de doutoramento, especialmente a Peter Horsfield, Adán Medrano e Germán Rey, pelas trocas, incentivo e apoio.

Às fontes, pela colaboração e disponibilidade.

“Você saberia o meu nome, se eu o encontrasse no céu?
Seria a mesma coisa se eu o visse no céu?
Eu tenho que ser forte e continuar...”

(Parte da música Tears In Heaven, de Eric Clapton)

RESUMO

A pesquisa se propõe a examinar os modos com que os processos midiáticos afetam os rituais e as práticas religiosas através de análise das estratégias desenvolvidas pela Rede Vida na construção da *Teleromaria* da Medianeira. Mostra-se que ao produzir a Romaria, que acontece em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, a mídia televisiva passa a impor as suas próprias regras e *gramáticas*, gerando uma outra cerimônia, a midiática. Ao analisar essas processualidades – da festa ao cerimonial televisivo – identificam-se distintos momentos e estágios de afetação dos cerimoniais midiáticos sobre as práticas religiosas, evidenciando como a midiatização estrutura e regula as relações entre os campos por meio do trabalho de seus dispositivos *tecno-simbólicos*. É nessas condições que a tese mostra que o processo de midiatização da Romaria acaba gerando um produto, a *Romaria midiatizada*. Nesse contexto, a investigação é elaborada numa perspectiva em que, cada vez mais, as *festas* passam a ser co-determinadas pelas atividades midiáticas, que se realizam através de operações técnicas e discursivas de seus dispositivos por meio de distintas estratégias de produção de sentidos. Para tanto, utilizou-se um conjunto de procedimentos teóricos, metodológicos e técnicos que inclui pesquisa bibliográfica e documental, observação, entrevistas e análises de documentos midiáticos. A tese está construída em três partes: na primeira, discutem-se os principais conceitos que norteiam a pesquisa, como de midiatização, campos sociais e cerimonial midiático; na segunda, abordam-se alguns aspectos mais contextuais para mostrar como a cerimônia religiosa é perpassada ao longo de sua realização por processos comunicacionais; na terceira, analisam-se os cinco modelos de midiatização através das transmissões da Romaria pela Rede Vida dos anos de 2001, 2002, 2003, 2004 e 2006. O estudo evidencia que os processos de midiatização fazem com que a cerimônia em si seja reconfigurada e que o campo religioso passa a estreitar e a desenvolver complexas relações com o midiático, reestruturando os modos de organização de seus rituais para adaptá-los às lógicas midiáticas.

Palavras-chave: midiatização, dispositivo, religião, Romaria da Medianeira, Rede Vida

ABSTRACT

This research proposes to examine the manners with that processes by media affects the rituals and the religious practices through analysis of the strategies developed by Rede Vida Network in the construction of “*Tele Romaria of Medianeira*”, that takes place in Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. It is shown that passes to impose own rules and grammars when producing the event, the media televise, generating another ceremony, the strategies of media. When analyzing these process - of the event to television ceremonial from, identify different moments and stages of affectation of the ceremonial by media on the religious practices, evidencing as the mediatization structures and it regulates the relationships among the areas by the work of symbolic devices themselves. In these conditions the thesis shows that the process of mediatization of the *Romaria* ends generating the *Romaria by media* product. In this context, the investigation is elaborated in a perspective in that, more and more, the parties become co-determined by the media activities that take place through technical and discursive operations of its devices by means of different strategies of production of senses. For so much, it was used a group of theoretical, methodological procedures and technicians that it includes bibliographical and documental research, observation, interviews and analyses of documents by media. The thesis is write in three parts: the first discusses the main concepts that determine the research as by media, social fields and ceremonial by media; on second is approached some aspects more generally to show as the religious ceremony is purposed along its accomplishment for processes by communications; in the third, it is analyzed the five models by media through the transmissions of the *Romaria* for the Rede Vida in 2001, 2002, 2003, 2004 and 2006 years. The study evidences that the processes of media do with that the ceremony is reconfigured itself and that religious subject starts to narrow and to develop complex relationships with the technique media, restructuring the manners of organization of its rituals to adapt them to the logical by media.

Key-words: mediatization, device, religion, Romaria, Rede Vida Network.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1 – Esquema da <i>semiose da mediatização</i> , reprodução a partir de modelo desenvolvido por VERÓN (1997b)..... | 48 |
| FIGURA 2 – Revista Rainha reproduz santinho vindo da Bélgica..... | 98 |
| FIGURA 3 – Foto do quadro original quando exposto no Seminário..... | 101 |
| FIGURA 4 – Cartão postal editado pelos Círculos Operários..... | 105 |
| FIGURA 5 – Fotos da instalação dos camelôs..... | 127 |
| FIGURA 6 - Fotos do início da procissão que denotam a hierarquia do ritual..... | 137 |
| FIGURA 7 - Fotos que mostram as hierarquias do ritual da procissão..... | 137 |
| FIGURA 8 - Fotos das manifestações e saudações à Medianeira..... | 139 |
| FIGURA 9 - Fotos de ornamentações no trajeto da procissão..... | 141 |
| FIGURA 10 - Fotos da diversidade de modos de expressão..... | 141 |
| FIGURA 11 - Fotos de distintas simbólicas..... | 143 |
| FIGURA 12 - Fotos de várias formas de comunicação..... | 143 |
| FIGURA 13 - Fotos de outros modos de expressão..... | 144 |
| FIGURA 14 - Faixas institucionais expostas pelo trajeto da procissão..... | 146 |
| FIGURA 15 – Mensagens institucionais pelo trajeto..... | 147 |
| FIGURA 16 - Fotos desse grande <i>bazar</i> a céu aberto..... | 151 |
| FIGURA 17 - Fotos do comércio ambulante nas proximidades do Santuário-Basílica..... | 151 |
| FIGURA 18 - Fotos da presença de dispositivos na procissão..... | 155 |
| FIGURA 19 - Folheto oficial da <i>Romaria</i> de 2004..... | 155 |
| FIGURA 20 - Capa da revista Rainha em edição especial à <i>Romaria</i> | 160 |
| FIGURA 21 - Reprodução de nota no Diário do Interior..... | 165 |
| FIGURA 22 - Reprodução da primeira nota em A Razão..... | 166 |
| FIGURA 23 - Fotos de alto-falantes e carro de som posicionados no trajeto da procissão ... | 177 |
| FIGURA 24 – Geração do sistema de áudio da <i>festa</i> | 182 |
| FIGURA 25 – Antigo trajeto da procissão..... | 212 |
| FIGURA 26 – Novo trajeto da procissão..... | 214 |
| FIGURA 27 – Diagrama ilustra a geração de uma outra Romaria..... | 220 |
| FIGURA 28 - Fluxos e dinâmicas dos campos na <i>ante-sala</i> | 223 |
| FIGURA 29 – Resumo da gestão de produção do ritual religioso..... | 225 |
| FIGURA 30 – Resumo da gestão econômica da festa..... | 232 |

| | |
|--|-----|
| FIGURA 31 – Fotos do comércio no Parque | 234 |
| FIGURA 32 – Resumo da gestão comunitária da festa..... | 237 |
| FIGURA 33 – Resumo da gestão da produção midiática..... | 239 |
| FIGURA 34 - Mecanismos da transmissão do Modelo 1..... | 261 |
| FIGURA 35 - Distintos ângulos cobrem a transmissão em <i>off</i> | 263 |
| FIGURA 36 - Fragmento mostra emergência de imagens de agentes de campos | 272 |
| FIGURA 37 - Agente político co-produz a midiatização e um fragmento da missa..... | 277 |
| FIGURA 38 - Mecanismos da transmissão do Modelo 2..... | 279 |
| FIGURA 39 - Mecanismos da transmissão do Modelo 3..... | 289 |
| FIGURA 40 - Funções e papéis no processo de midiatização | 291 |
| FIGURA 41 - Fragmentos mostram encenação e receptores destacados na multidão | 305 |
| FIGURA 42 - Rede Vida tece um fechamento: a ‘bênção midiática’ | 309 |
| FIGURA 43 - Reprodução da imagem de devota..... | 322 |
| FIGURA 44 - Mecanismos da transmissão do Modelo 4..... | 325 |
| FIGURA 45 - Governador em ângulo privilegiado e a co-produção de encerramento..... | 334 |
| FIGURA 46 - Mecanismos da transmissão do Modelo 5..... | 339 |
| FIGURA 47 – Foto mostra funcionamento dos dispositivos do Modelo 5 | 340 |
| FIGURA 48 - Reprodução de momentos do ‘ao vivo’ | 344 |
| FIGURA 49 - Reprodução de fragmento da abertura do ‘programa especial’ | 347 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| QUADRO 1 - Letra do hino à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças | 97 |
| QUADRO 2 - Elementos da transmissão do modelo 1 | 248 |
| QUADRO 3 - Elementos da transmissão do modelo 2 | 267 |
| QUADRO 4 - Elementos da transmissão do modelo 3 | 286 |
| QUADRO 5 - Elementos da transmissão do modelo 4 | 311 |
| QUADRO 6 - Elementos da transmissão do modelo 5 | 336 |
| QUADRO 7 - Principais características dos 5 modelos de mediação..... | 357 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| PARTE 1 - Romaria como fenômeno de comunicação midiática | 22 |
| 1 Miatização da religião: um esboço de estado da arte | 23 |
| 2 Campos midiático e religioso em processo de produção de sentidos | 39 |
| 2.1 Campos sociais: aproximações de conceitos | 39 |
| 2.2 Campo midiático e o fenômeno da miatização | 43 |
| 3 Televisão, dispositivo e o cerimonial da Romaria | 57 |
| 3.1 O dispositivo televisivo | 61 |
| 3.2 O cerimonial midiático | 74 |
| PARTE 2 - Contextualizações da Romaria | 90 |
| 1 Romaria: aspectos sócio-históricos | 91 |
| 1.1 A devoção nas suas origens | 92 |
| 1.2 Do templo para a rua | 100 |
| 1.3 Simbólicas instalam-se na cidade | 107 |
| 2 Romaria: algumas caracterizações de suas simbólicas | 112 |
| 2.1 A constituição da <i>feira</i> | 113 |
| 2.2 Simbólicas da Romaria | 121 |
| 2.2.1 Transformações na cidade | 126 |
| 2.2.2 A singularidade de Medianeira | 128 |
| 2.2.3 A organização do ritual religioso | 134 |
| 2.2.4 Ornamentações, decorações e mensagens | 140 |
| 2.2.5 O sagrado e o profano | 148 |
| 2.2.6 A <i>feira</i> integrada por dispositivos | 152 |
| 3 Aspectos históricos sobre a miatização da Romaria | 157 |
| 3.1 Campo religioso produzindo suas próprias mídias | 159 |
| 3.2 Anos 30: a miatização jornalística | 164 |
| 3.3 Anos 40: transmissões radiofônicas ‘ao vivo’ | 174 |
| 3.4 Anos 50: alto-falantes guiam a cerimônia | 175 |
| 3.5 Rádio Medianeira, guia da <i>feira</i> | 178 |
| 3.6 A tematização atual pelas mídias locais | 186 |
| 3.6.1 A Razão e Diário de Santa Maria: Romarias singulares | 186 |
| 3.6.2 Rádio: sintonia com o campo religioso | 190 |
| 3.6.3 TVs locais: a preparação para a <i>feira</i> | 195 |
| PARTE 3 - A miatização da Romaria da Medianeira: o caso Rede Vida | 198 |
| 1 Histórico da <i>telemiatização</i> da Romaria | 200 |
| 1.1 Diferentes formatos em 11 anos | 202 |
| 2 Tempo e espaço: a miatização da Romaria | 209 |
| 2.1 Tempo da TV altera espacialidade da <i>feira</i> | 210 |
| 3 <i>Ante-sala</i> : dinâmicas e pré-operações | 222 |
| 3.1. <i>Ante-sala</i> : a organização do ritual religioso | 224 |
| 3.2 <i>Ante-sala</i> : a gestão econômica da <i>feira</i> | 231 |
| 3.3 <i>Ante-sala</i> : a gestão comunitária | 236 |
| 3.4 <i>Ante-sala</i> : negociações para a miatização | 238 |
| 4 <i>Teleromaria</i> : estratégias de produção de sentidos | 246 |

| | |
|--|-----|
| 4.1 Modelo 1: Romaria em <i>off</i> | 247 |
| 4.2 Modelo 2: Emergência de imagens..... | 266 |
| 4.3 Modelo 3: Procissão de 1 minuto | 286 |
| 4.4 Modelo 4: Inclusão de mais vozes..... | 311 |
| 4.5 Modelo 5: Midiático apaga o religioso..... | 335 |
| 4.6 Em 5 modelos, diferenças e convergências | 356 |
| | |
| CONCLUSÃO | 361 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 374 |
| Referências orais: | 379 |

INTRODUÇÃO

Cada sociedade gera os seus próprios rituais como forma de produção e de manifestação de suas culturas, de sua história, de seus vínculos e de suas intenções, como a Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que acontece há quase um século na cidade de Santa Maria, localizada no centro do Rio Grande do Sul, Brasil. A partir de um conjunto de regras, de protocolos e de *gramáticas*, portanto, de um cerimonial específico, a Rede Vida de Televisão¹, há uma década, desenvolve uma série de estratégias para mediatizar essa *festa*², construindo a *Teleromaria*.

A Romaria³ não é apenas um acontecimento religioso, cultural, sociológico, mas também um fenômeno midiático que, enquanto processo de mediatização, afeta as relações entre os campos sociais, circunstância em que o midiático faz mediações específicas, construindo e estruturando a sua própria cerimônia.

Essa *festa* é um fenômeno de comunicação midiática, na qual se compreende essa prática religiosa para além das simbólicas, um conjunto de operações discursivas que expressa de forma singular intenções e interesses dos sujeitos e de seus campos, que são definidas pela religião. A partir de teorias relacionadas ao campo da comunicação midiática, elaboramos⁴ a tese de que a Romaria não é apenas um acontecimento religioso ou sócio-cultural, mas

¹ A Rede Vida é administrada pelo Inbrac (Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã) que iniciou suas atividades em maio de 1995, com a transmissão ao vivo de uma missa, em processo coordenado pela família Monteiro, em que o jornalista João Monteiro de Barros Filho é vice-presidente do conselho superior de orientação e administração do Inbrac. Na 3ª Parte, será aprofundada um pouco mais da história da emissora, que tem o apoio de religiosos brasileiros. Disponível em: <http://www.redevida.com.br>. Em consulta realizada em 5 de setembro de 2005.

² Utiliza-se o termo *festa* (em itálico) como sinônimo de Romaria por uma questão estilística, para que o texto não fique repetitivo. Considera-se que a Romaria se constitui em vários momentos: de preparação pessoal, de reflexão e introspecção durante o ritual litúrgico e também de extravasamento das emoções e experiências humanas, em que se vive o senso de comunidade, de ‘estar junto’. O significado de festa, termo que será discutido na 2ª Parte, não se refere estritamente ao seu conceito antropológico, de exaltação, comemoração e quebra de rotina, mas sim de que todos os momentos integrantes da Romaria constituem-se numa festa.

³ Uniformiza-se o uso de Romaria ao se referir à Romaria de Nossa Senhora Medianeira e apenas romaria (grafado em letras minúsculas) quando se faz alusão ao fenômeno religioso que não necessariamente o santamariense.

⁴ Por considerar que todo trabalho científico é tecido por um conjunto de teorias, mecanismos, elementos e sujeitos, optamos por construir a tese na primeira pessoa do plural para que essa complexidade de ‘vozes’ apareça no texto, alternando com a forma impessoal, o que denota a realização de um trabalho científico.

também midiático. O objeto é compreendido a partir da perspectiva da comunicação e afins e não da tradição teórica que contempla estudos desenvolvidos pela Sociologia da Religião.

Desde o início de sua constituição, nos anos 30 do século passado, a Romaria tem se constituído historicamente por meio de uma cultura da comunicabilidade como meio estratégico de expressão e de anunciabilidade. As atividades técnicas e discursivas dos dispositivos sobre a Romaria são marcadas por relações que envolvem e se complexificam através da mídia impressa e alto-falantes de alcance limitado (anos 30), do rádio (a partir de 45) ou com a co-associação ao sistema de som da *festa* (década de 70) e, mais recentemente, pela Rede Vida.

Nesse contexto, a televisão é a mídia mais recente a ‘fazer parte’ da Romaria por intermédio da Rede Vida, emissora que atua em âmbito nacional e que desde 1996⁵ constrói ‘ao vivo’⁶ os sentidos sobre a *festa*, gerando a *Teleromaria da Medianeira* através da produção de uma cerimônia própria. Para tal, a partir dos rituais constitutivos da *festa*, a Rede Vida mobiliza estratégias, fazendo operar o seu dispositivo na construção de formatos singulares. Compreendemos a noção de dispositivo⁷ não só a partir da perspectiva técnica, mas como uma instância que tece e articula, numa complexidade em que há atividades simbólicas que se realizam num determinado contexto social.

Procuramos descrever e analisar os modos, as estratégias e os formatos de midiaticização da Rede Vida na construção da ‘sua própria Romaria’, que se constitui num processo complexo tecido a partir de operações técnicas e discursivas, empreendidas sobre essas práticas sociais que são desenvolvidas pelas culturas para produzirem inteligibilidades. Para compreensão de como se estrutura esse processo de midiaticização, tomamos como lugar de partida os vários rituais e as simbólicas que constituem a *festa*. Porém, apesar de apoiar-se

⁵ Deve-se ressaltar que a TV Difusora, atualmente Rede Bandeirantes de Comunicação, nos anos 70 quando pertencia aos Freis Capuchinhos, transmitiu por alguns anos a Romaria, geralmente, a missa. Porém, como observa-se que as injunções do midiático sobre o religioso ocorreram, especialmente, na última década não buscou-se dados a respeito desse fato.

⁶ Utilizam-se indiscriminadamente as expressões ‘ao vivo’ e direto para referir esse modo singular de transmissão midiática.

⁷ O conceito de dispositivo será aprofundado ainda na 1ª Parte do trabalho a partir de Mouillaud (1997), Ferreira (2003), Aumont (1995) e Carlón (2004). Para referir às mídias, utilizamos também o termo dispositivo *tecnosimbólico*.

sobre as marcas de outras culturas, essas práticas são capturadas pela televisão que por meio de *gramáticas*⁸, protocolos, regras e seus cerimoniais transforma o acontecimento numa cerimônia midiática⁹.

Relacionada a essa problemática dos processos midiáticos da Romaria está o seu produto - a *Romaria midiaticizada*, pelo qual mostramos como a midiaticização afeta e transforma esses rituais ao longo de sua realização. Nesse contexto, a *festa* passa a ser co-determinada e construída pelos modos de funcionamento da lógica midiática e não mais apenas pelas características do campo religioso, pois o fato de a Rede Vida cobrir ‘ao vivo’ a Romaria faz com que haja reformulações nos sentidos tradicionais de fazer essa *festa*.

As operações midiáticas sobre a Romaria inserem-se num quadro complexo, cujos processos de construção de sentidos representam um trabalho específico de midiaticização que afeta os campos e, conseqüentemente, seus modos e suas lógicas de funcionamento. Os dispositivos *tecno-simbólicos* agem historicamente sobre a Romaria, modificando-a através de construções próprias – a seleção, a angulação, o enquadramento, a hierarquização.

A mídia não é concebida apenas como um suporte material, mas também como um dispositivo simbólico, que é muito mais que um aparato técnico, pois é um lugar significativo e estruturante das relações sociais. O dispositivo é complexo e constitui-se por materialidades e subjetividades, que orienta, hierarquiza e co-determina os sentidos a partir de estratégias singulares. A mídia é, portanto, compreendida como um dispositivo organizador que age e opera sobre outros campos, (mas que sofre também ações desses campos) através de atividades enunciativas, produzindo vários sentidos. Os campos¹⁰ possuem especificidades, regras e características próprias, e travam constantes diálogos numa esfera complexa em que há uma rede de relações, trocas, co-determinações.

⁸ O conceito de gramáticas é compreendido a partir de Verón (1997a) como um conjunto de regras que abrangem operações que remetem ao modo com que o discurso é construído no processo de produção.

⁹ Como será mostrado na seqüência, a partir da perspectiva de estudos de Dayan e Katz (1995, 1984) e Katz (1993), a televisão desenvolve uma série de estratégias para construir a sua própria cerimônia a partir dos rituais da Romaria.

¹⁰ O conceito será melhor trabalhado na seqüência, seguindo-se referências de Rodrigues (2000), Esteves (1998) e Bourdieu (1997).

É um estudo que analisa a singularidade de um ‘caso’ em função de suas especificidades, dentro de um quadro mais geral em que a problemática centra-se nas novas formas de visibilidade e sociabilidade da religião¹¹, da transformação histórica das manifestações religiosas, da midiáticação cada vez mais freqüente de grandes cerimônias públicas e os modos como a mídia se apresenta na esfera pública.

A análise das estratégias de midiáticação da *Teleromaria* está articulada com a intenção de examinar este objeto a partir das suas simbólicas e marcas singulares, tratando-se de uma midiáticação que, historicamente, faz com que sejam efetuadas alterações nos modos de construção dos rituais religiosos, transformando a própria noção de cerimônia religiosa.

A Rede Vida, que atua em âmbito nacional, desloca-se de seu nicho central para uma cidade do interior, transmitindo uma das maiores romarias do Brasil e a maior da região Sul. Trata-se de uma *feira* muito tradicional, que inicia ainda nos anos 30 do século passado, e que torna-se oficial, em 1942, com a designação de Medianeira como padroeira do estado. Nesse crescente processo de midiáticação, a televisão associa-se a outros dispositivos, ampliando as operações do campo midiático que não fala só para dentro da cerimônia, mas para fora, em rede nacional. Nesse sentido, há transformações na midiáticação, pois a televisão cruza as simbólicas constitutivas da Romaria com aquelas que são construídas a partir de suas operações singulares de produção de sentidos.

Para entender essa processualidade, não será analisada apenas a cerimônia midiática produzida pela Rede Vida, mas também os mecanismos que constituem a *ante-sala*¹²: a preparação da *feira*, os momentos, os processos e as estratégias que antecedem a ocorrência da Romaria. São observados vários fatores relativos aos bastidores, onde ocorrem os

¹¹ Deve-se fazer uma observação para breve diferenciação dos termos religião, religiosidade e igreja. Segundo ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, religião se refere à crença na salvação e técnicas empregadas para obtê-la e conserva-la. Essas técnicas são as práticas de culto, como a oração, o ritual e a cerimônia. A religiosidade está ligada a essas ações para garantir essa salvação, em que se cultiva a sua crença, mesmo que de forma interior. Já a expressão igreja está vinculada a uma instituição, em que a sua representação material é o templo, local onde muitas das práticas relativas à religião ocorrem. Como o enfoque do trabalho é a midiáticação da Romaria e não a prática religiosa, esses aspectos não serão aprofundados.

¹² Termo metafórico utilizado para descrever os momentos que antecedem a Romaria.

movimentos de preparo para toda a estrutura da *feira*, seja de forma presencial ou através dos sentidos construídos via dispositivos de explicação, como a mídia.

Nesse contexto, por serem questões-chave para se entender a midiática, os preparativos são também objeto de análise e de reflexão. Na *ante-sala* ocorrem negociações entre os campos sociais, seja o religioso, o político, o midiático, o econômico ou o cultural. É no momento anterior à *feira* que as relações entre os campos se intensificam, em que são pré-determinados e preestabelecidos os papéis que cabem a cada um, em que são travadas lutas simbólicas, seja para a midiática ou para a ocorrência da Romaria. Um exemplo indicativo dessa rede é o fato de a Rede Vida negociar previamente com empresas e órgãos públicos a compra de espaços publicitários para viabilizar a transmissão ‘ao vivo’ através de ações mediadas por políticos. O pedido para essa mediação em busca de patrocínio é realizado por representantes da Diocese de Santa Maria, que também interagem de forma direta com empresas e políticos para solicitar patrocínio.

Para dar conta da complexidade desse fenômeno religioso e midiático, foram utilizadas várias técnicas, como pesquisa bibliográfica e documental, análise de documentos midiáticos, observação direta, registros fotográficos, entrevistas semi-estruturadas e alguns instrumentos de análise de natureza semiológica. Esse emaranhado de ações começou a ser desenvolvido em 2002, quando da realização de observação para pesquisa exploratória visando uma melhor compreensão do objeto e também fundamentos para elaboração do projeto de seleção no doutorado. As técnicas e as estratégias foram aprofundadas à medida que se encontrou embasamento e suporte junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação através dos seminários Avançado, de Pesquisa e de Tese, especialmente em 2003 e 2004, e nos encontros de orientação, de 2003 a 2006.

Antes de iniciar a discussão teórica, destacamos algumas informações contextuais. Em Santa Maria, há muitas instituições e entidades católicas nos campos da educação, saúde, cultura e política. A cidade tem tradição no turismo religioso e, nos últimos anos, tem se investido na divulgação desse aspecto, que representa um retorno à cidade em termos sócio-culturais e também econômicos. Para isso, em 2006, o município lançou o folder ‘Santa Maria religioso’ para a promoção do turismo neste setor. Para se ter uma idéia, só a Romaria gera ao município R\$ 20 mil relativos apenas a impostos.

Por ser padroeira do estado, a Romaria atrai centenas de milhares de devotos todos os anos (nos últimos anos, são quase 300 mil¹³) que percorrem uma distância de aproximadamente três quilômetros, da Catedral Diocesana, no centro da cidade, até o Altar Monumento, no Santuário-Basílica e Parque da Medianeira, onde é realizada a missa principal. O quadro¹⁴ de Medianeira é transportado durante a procissão¹⁵ que antecede a missa, marcada para as 10h, mas inicia apenas após a sua chegada.

Além da *feira* da Medianeira, centenas de pessoas visitam a cidade para conhecer os templos religiosos, como o Santuário da Medianeira inaugurado em 1985, em estilo moderno, com vitrais do interior retratando a história de devoção à Medianeira e a cripta, onde há 28 imagens de Nossa Senhora. Há, ainda, uma série de patrimônios religiosos icônicos, como a Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em 1909 e tombada em 2002 pelo município como Patrimônio Histórico e Cultural; o Santuário da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, o primeiro no Brasil e que foi criado em 1948; a Catedral do Mediador-Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, estabelecida em 1906, só para citar alguns prédios religiosos que fazem parte de roteiros culturais e turísticos.

O fato de Santa Maria atrair milhares de pessoas por ano em função desse turismo religioso, especialmente, na Romaria, merece atenção pela presença e ação das mídias que constroem os sentidos sobre o acontecimento religioso.

Diversos pesquisadores, especialmente os colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação¹⁶, têm dedicado-se a investigar a midiaticização da religião a partir

¹³ Considerando que a população da cidade é de aproximadamente 270 mil, vê-se que a Romaria tem uma expressiva significância.

¹⁴ Diferentemente da maioria dos santos e títulos de Nossa Senhora que têm sua representação física em uma imagem corpórea de gesso, a primeira representação de Nossa Senhora Medianeira se dá através de uma pintura (primeiro indício da importância do dispositivo para esse fenômeno), um quadro que foi pintado nos anos 30, como será mostrado na 2ª Parte quando são abordadas questões contextuais e históricas. Como Medianeira é representada tanto em quadro quanto em imagem de gesso (estátua) e grande parte dos agentes do campo religioso utiliza ambos os termos, eles serão usados como sinônimos.

¹⁵ Procissão significa o ato ritual organizado e gerido, predominantemente, pela Igreja Católica e se realiza dentro das atividades integrantes da Romaria.

¹⁶ Algumas proposições de colegas em processo de mestrado ou doutorado – Sierra-Gutiérrez (2005, 2006), Nandi (2005), Gasparetto (2005, 2006), Fiegenbaum (2006), Bandeira (2006) - serão explicitadas já no primeiro capítulo em que suas abordagens são evocadas para ajudar-nos a compreender a problemática.

de distintas problemáticas¹⁷, como a emergência neodevocional religiosa, a construção de novas *comunidades midiáticas* de pertencimento e de produção de sentidos, o estudo da recepção televisiva dos novos modos de fazer religião, a complexidade inerente às ações dos campos religioso e midiático e ainda a presente problemática: a midiaticização da religião e os modos como este processo afeta os rituais religiosos. Algumas investigações e suas problemáticas serão discutidas na revisão de estudos, ainda na 1ª Parte.

Concebe-se que a Romaria é um acontecimento engendrado a partir de três momentos: a sua preparação (momento anterior), a sua ocorrência (durante) e as ressonâncias, os efeitos de sentidos produzidos pela recepção (depois). Dentro desse cenário da problemática da midiaticização da religião, fazemos referência a dois trabalhos de pesquisadores que têm relação com a singularidade da problemática desenvolvida.

Em trabalho que mantém relações com o objeto aqui descrito e analisado, Bandeira (2006) estuda os modos com que os vários dispositivos engendram e estruturam determinadas práticas religiosas. Através de uma investigação vertical na montagem e na gênese de um conjunto de dispositivos midiáticos desenvolvidos pela Igreja Universal, o autor ‘desmonta’ as estratégias técnicas com que o fenômeno religioso é pensado, estruturado e apresentado. Já Sierra Gutiérrez (2006) detém-se em analisar a recepção dos produtos religiosos da Rede Vida de Televisão, investigando as ressonâncias e as negociações geradas.

A investigação que propomos não se fixa em mostrar a mecânica do funcionamento do dispositivo como um todo e nem as interações da recepção com a televisão por meio de suas enunciações e discursos. A tese centra-se em descrever e analisar as processualidades, o conjunto de operações através das quais a televisão produz a midiaticização dos rituais que lhe são externos e que constituem o acontecimento religioso. É por meio desses processos midiáticos que se identificam momentos e diferentes estágios de afetação por parte dos rituais do campo midiático sobre a Romaria.

¹⁷ Algumas dessas problemáticas relativas à midiaticização da religião tem como base BORELLI, Viviane. **Futuros de la investigacion sobre medios, religión y cultura em Brasil y en America Latina**. Paper apresentado em resposta a questionamento de Stewart Hoover após sua conferência intitulada “**Media, Religion, and Culture: Future Directions**”, no encerramento da The Fifth International Conference on Media, Religion, and Culture: Mediating religion in the context of multicultural tension, que aconteceu na Stora Salen do Sigtuna Stiftelsen, no dia 9 de julho de 2006, em Sigtuna, Suécia.

Para tanto, apresentamos a estrutura da tese, construída em três partes, onde aspectos teóricos, metodológicos e empíricos cruzam-se em direção de uma melhor definição, discussão, compreensão e análise do objeto de estudo. Essas três partes têm interconexões em que o fenômeno determina o quadro teórico a ser construído e esses pilares representam a busca de fundamentos para dar inteligibilidade ao problema. Cada parte tem seus respectivos capítulos que mantêm relações entre si e também com os demais.

Entendemos que antes de tensionar o objeto, é preciso compreender alguns conceitos que articulados possam explicar a complexidade da problemática. Além disso, faz-se necessário conhecer o contexto em que a Romaria foi se constituindo, seja através de simbólicas próprias ou daquelas suscitadas e engendradas por outros campos, como o midiático.

Para tal, na Parte 1, refletimos sobre o processo de midiatização do fenômeno religioso a fim de compreender os processos, as estratégias e as problemáticas que vêm sendo elaboradas e discutidas nessa área de conhecimento. Também discutimos as relações entre os campos sociais, especialmente os modos de operar do campo midiático e as especificidades do religioso. Ao final, ainda elaboramos uma reflexão sobre o dispositivo televisivo como um lugar estratégico de construção de uma cerimônia própria a partir do acontecimento religioso.

Na segunda Parte, abordamos certos aspectos contextuais da Romaria, como o início da devoção à Medianeira e os movimentos empreendidos pelos campos sociais para a concretização da Romaria. Além disso, discutimos alguns conceitos e simbólicas da *feira* para, no final, apresentar alguns registros midiáticos da Romaria ao longo de sua historicidade e também mostrar como as mídias co-determinam o acontecimento religioso.

A última parte constitui-se na análise da midiatização da Romaria, em que são descritas e detalhadas as estratégias através das quais a Rede Vida opera e produz a midiatização do acontecimento – a *Teleromaria*. Essa parte é construída a partir de uma aproximação de um quadro conceitual e das manifestações empíricas relacionadas com cinco modelos de transmissão da Romaria: 2001, 2002, 2003, 2004 e 2006 por considerar que nesses anos houve mudanças no formato televisivo que apontam para a construção de uma cerimônia midiática distinta em suas estratégias e *gramáticas*.

Na conclusão, fazemos algumas considerações sobre o percurso percorrido durante o processo de formação e de construção da tese, mostrando algumas especificidades e tendências dos processos de mediação sobre o religioso.

A intenção em construir uma introdução com essas características visa, além de apresentar a estrutura do trabalho, situar o leitor numa perspectiva mais descritiva. Possivelmente, há questões que só poderão ser compreendidas em cada etapa do texto, onde nossas angústias e reflexões poderão ser melhor avaliadas.

PARTE 1 - ROMARIA COMO FENÔMENO DE COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

Para compreender a midiaticização da Romaria, através das estratégias da Rede Vida, faz-se necessário discutir e aprofundar conceitos internos ao campo da comunicação midiática, pois, como já foi dito, a problemática é compreendida a partir de teorias desse campo.

Os processos de midiaticização da religião são recentes e têm sido apontados e discutidos por pesquisadores. Assim, serão discutidos alguns trabalhos.

No capítulo 1, para que se possa compreender melhor a especificidade do objeto, faz-se um esboço do estado da arte sobre a midiaticização da religião em que se discutem algumas problemáticas que vêm sendo desenvolvidas por pesquisadores.

No capítulo 2, busca-se entender os campos religioso e midiático em processo de produção de sentidos visando examinar as suas relações, negociações, trocas, agenciamentos e co-determinações. Discute-se o conceito de campo e reflete-se sobre a especificidade, as regras e os modos de funcionamento do campo midiático para, na seqüência do trabalho, poder compreender como ele age e opera sobre práticas religiosas.

No capítulo 3, trata-se de entender a televisão como instância de construção cerimonial do acontecimento religioso através da aproximação de dois conceitos principais – dispositivo e cerimonial. A articulação desses dois conceitos visa compreender os processos e as operações *tecno-simbólicas* através dos quais a mídia engendra uma cerimônia própria a partir do acontecimento religioso.

1 Miatização da religião: um esboço de estado da arte

Neste capítulo, discutem-se algumas problemáticas levantadas por pesquisadores que têm refletido sobre a especificidade da miatização da religião a partir de abordagens que são avaliadas de acordo com a sua pertinência para a pesquisa. Faz-se necessário traçar esse percurso, pois na literatura levantada encontram-se pistas para entender a especificidade do problema. Não é intenção abarcar a totalidade de estudos que vêm sendo desenvolvidos, mas aqueles que têm relações mais próximas com o objeto da tese.

As questões que permeiam a miatização da religião fazem parte de uma problemática relativamente recente que ainda são objeto de poucos estudos. Há pouco mais de uma década, pesquisadores têm compreendido a complexidade que constitui a miatização da religião, seja através de estudos dos processos, das simbólicas, das estratégias ou das negociações entre campos. Porém, mesmo com uma literatura reduzida, algumas abordagens que se referem às relações entre mídia e religião têm contribuído para a reflexão e o aprofundamento dos estudos sobre esses fenômenos.

Como foi dito na Introdução, as temáticas relacionadas à miatização da religião incluem estudos sobre as relações entre os campos midiático e religioso; sobre o funcionamento do dispositivo midiático na construção de novas formas de vivenciar a religiosidade; ainda há enfoques sobre os modos como o campo religioso tematiza suas agendas a partir da criação de mídias próprias; outra perspectiva é a dos estudos de recepção e a compreensão das comunidades de pertencimento que constroem sentidos singulares sobre a religião por meio de relações mediadas pela mídia. A seguir, discutem-se algumas dessas abordagens teóricas.

Num primeiro momento, é interessante compreender algumas posições teóricas sobre as relações entre mídia e religião a partir de uma breve revisão sistematizada por White (2002) que defende que essas linhas teóricas desenvolveram-se a partir de origens comuns, mas na sociologia.

O autor enumera pelo menos quatro estágios das teorias da mídia e religião, projetando um quinto, ainda hipotético. Os primeiros estudos teriam origem nas teorias fundamentais da religião e da mídia (as duas instâncias eram tidas, no fim do século XIX, como contribuintes

no progresso social). Depois, com o surgimento da sociologia empírica, houve a presença dos estudos sobre os efeitos da mídia. No terceiro estágio, nos anos 60, passa-se à análise da construção social da realidade cultural, distanciando-se das teorias funcionalistas da sociedade e aproximando-se de concepções como de comunicação ritual (especialmente a partir de Carey e Turner).

O quarto estágio dos estudos teóricos nesse campo estaria vinculado à análise da construção individual dos sentidos dos textos midiáticos a partir da expansão de métodos de pesquisa, como a entrevista e os estudos da audiência. Essa perspectiva representou “uma nova era das teorias da mídia e religião na construção de culturas” (WHITE, 2002, p.24). Assim, alguns estudos sobre a midiatização da religião são realizados por meio de análises do ponto de vista da produção ou da recepção e, ainda, a vinculação entre os processos produtivos e os seus efeitos.

Os processos de midiatização compreendem uma série de operações, relações e estratégias de produção de sentidos engendradas pelos dispositivos *tecno-simbólicos* sobre temas, como os do campo religioso.

Pelo fato de a mídia e seus processos serem um complexo dispositivo acionador que age sobre os novos modos com que a religião é construída, busca-se compreender as suas especificidades para que se possa seguir discutindo o rol de problemáticas da midiatização da religião.

Os processos midiáticos compreendem, segundo Gomes (2004, p.17), o “conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias, que operam, segundo diferentes linguagens, por meio de dispositivos como jornal, televisão, rádio, fotografia (...)”.

Esse conjunto de práticas denota a variedade de ações e de estratégias que são desenvolvidas pelos processos de midiatização para produção de sentidos da realidade social e também as ressonâncias e as redes que são criadas a partir da oferta discursiva. A partir dessa reflexão, compreende-se que os processos de midiatização são, por natureza, complexos, pois de acordo com o autor, “a totalidade dos processos midiáticos não é formada pela sua

estrutura em si, mas pelos padrões de interconexões que eles constroem com a sociedade, com ela interagindo para a construção do sentido” (p.33).

Pode-se inferir que as operações e as estratégias desenvolvidas pelos processos de midiatização abrangem uma complexa teia de produção de sentidos fazendo com que sejam engendradas e construídas redes de conexões e pontos de vinculação que constituem novos modos e padrões de sociabilidades.

Na mesma direção, Sierra Gutiérrez (2005) compreende os processos midiáticos como um “*locus* privilegiado de mediação e midiatização de sentido, onde se articulam em complexidade a constituição da sociabilidade com os fenômenos contemporâneos da cultura, tecnologia e do poder¹⁸” (p.57).

É nesse lugar privilegiado que fenômenos como o da religião são construídos segundo operações próprias, tecidas pela mídia. Esse complexo trabalho de produção de sentidos faz com que sejam fundadas novas modalidades de vivência e de referência social.

A especificidade dos processos midiáticos repousa sobre a disposição de produzir ações midiáticas com sentidos e intenções próprios capazes de colocar em tensão os sujeitos, avalia o autor. As ações desenvolvidas pelos processos de midiatização resultam em questões que são discutidas na esfera pública e, a partir dessa rede de relações, estabelecem-se conexões entre os sujeitos e as formas de vivência, fundando modos distintos de apreensão e de inserção na realidade social.

A partir desses distintos posicionamentos, compreendem-se os processos de midiatização em sua complexidade de relações e de vínculos construídos nas etapas que integram a produção de sentidos por meio de seus dispositivos: os processos visíveis e também aqueles desenvolvidos nos bastidores, o produto, os efeitos no âmbito da recepção e a infinita circulação de sentidos que decorre da oferta midiática.

¹⁸ Grifo do original e tradução própria.

Assim, entende-se que a midiaticização constitui-se num complexo e amplo processo em que os dispositivos midiáticos agem sobre práticas sociais estruturando-as e engendrando-as por meio de operações *tecno-simbólicas*.

Nesse contexto, uma das questões investigadas sobre a midiaticização da religião é que a centralidade da mídia acaba fazendo com que o campo religioso sofra injunções das culturas e das lógicas midiáticas tendo de reestruturar-se e adequar-se a elas, como uma estratégia de permanência junto aos seus públicos.

Esses movimentos por parte do campo religioso são marcados por agenciamentos, mas também por submissões, já que para se manter conectado àqueles com quem mantém relações, sejam seus fiéis, os candidatos a fiéis ou fiéis de ‘credos concorrentes’, o campo religioso tem mudado alguns de seus modos de funcionamento. Ações estão sendo adequadas às lógicas midiáticas como uma forma estratégica de operacionalidade do próprio campo, pois é preciso fazê-lo funcionar assim para que venha a ser reconhecido.

Essa problemática é refletida por Gomes (2002b) ao afirmar que o campo religioso tem redimensionado suas ações em função de a mídia ser hoje um *locus* específico de realização e de atualização da fé. Os temas relacionados à religião acabam passando pela instância midiática sob risco de ficarem de fora dessa nova estruturação da esfera pública em que são geradas outras formas de visibilidade e de sociabilidade. Como a estratégia da Igreja Católica é manter-se junto aos seus fiéis e também àqueles que possam tornar-se num outro momento, ela acaba desenvolvendo movimentos para se fazer presente nas mídias.

A lógica do templo muda. Ações antes empreendidas neste espaço territorial tradicional agora são adaptadas e produzidas através de operações e de *gramáticas* midiáticas. O dispositivo midiático constrói, a partir de características próprias, a tematização e os processos de significação sobre a religião. A transformação desse lugar de ‘pregação da fé’ implica em adaptações às exigências das mídias para que possam ter o efeito desejado, como propõe Gomes (2002a).

Essas mudanças são efetivadas pelo campo religioso como forma estratégica para continuar existindo e também para ampliar e/ou desenvolver novas possibilidades de

interações com seus públicos. Nesse contexto, o campo religioso transforma seus modos de existência e as suas formas de operação em função das co-determinações midiáticas.

Nesta perspectiva, Martino (2003, p.15) avalia que estar na mídia representa “garantia de legitimidade das instituições e seu pessoal especializado”. Para tanto, o campo religioso tem desenvolvido estratégias comunicacionais para estar vinculado aos seus públicos seja pelas mídias tradicionais ou através de seus meios específicos.

Em função disso, a criação de mídias próprias constitui-se numa estratégia singular de visibilização e de legitimação das práticas e dos preceitos do campo religioso que, por meio de processos de midiática gerados e construídos pelos seus próprios dispositivos, exerce um poder simbólico, conforme verifica o autor.

O desenvolvimento de seus próprios meios como forma estratégica de permanência e de ampliação do mercado de fiéis por parte do campo religioso é também problemática de pesquisa sobre como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) explora os vários recursos midiáticos, mostrando que os “dispositivos midiáticos estão conectados, expandidos, hibridizados direcionados como ponto de vendas” (BANDEIRA, 2006, p. 169). Para se ter uma idéia da importância que o campo religioso dá às ações e às estratégias comunicacionais, o autor observa que o investimento em dispositivos midiáticos supera o relativo ao próprio mercado religioso.

Bandeira (2006) estuda e aprofunda a noção de dispositivo, examinando o modo de funcionamento da Igreja Universal, enquanto uma “ação comunicacional” singular. O autor procura ressaltar que as estratégias de constituição do próprio campo passam inevitavelmente pelo desenvolvimento de dispositivos específicos para se fazer presente, se anunciar aos seus públicos e também para dar conta das suas demandas internas e externas.

A midiática da religião também é marcada por conflitos e tensões em que representantes dos campos religioso e midiático disputam os sentidos, como examina Fiegenbaum (2006) ao pesquisar o ‘Jornal Evangélico Como nós o vemos’ da Igreja Luterana. O autor faz uma análise apontando para processos de midiática que ocorrem, “não no

espaço amplo da sociedade, mas no interior do campo religioso” (FIEGENBAUM, 2006, p.13).

Na pesquisa sobre o jornal evangélico, o autor descreve as tensões e os processos que envolvem dinâmicas de campos – religioso e midiático – quando se trata de se reconhecer a importância da midiática como componente estratégico.

A partir dessa reflexão, observa-se que as relações entre os campos são tensas e há uma certa ambigüidade nos modos de operar e na própria constituição da mídia quando ela está vinculada ao campo religioso. Há, portanto, duas modalidades distintas de operação midiática por parte do campo religioso – seja a partir do desenvolvimento de mídias próprias ou através da publicização e da adequação de seus temas para serem incluídos na agenda das mídias tradicionais.

O papel e a centralidade midiática na tematização de assuntos relativos aos distintos campos sociais produzem a emergência e o funcionamento de um novo mercado religioso, transformando o espaço midiático num lugar de atendimento e de terapia. Essa é a perspectiva de estudo de Fausto Neto (2004) que analisa as operações enunciativas de telemissões das Igrejas Evangélica e Católica de 2002 a 2004, verificando que “as ‘velhas igrejas’ deslocam-se do seu habitat para ambientes em que a cultura midiática serve como referência para a organização das novas estratégias e táticas das igrejas, hoje” (p.141).

Os processos de midiática permitem o desenvolvimento dessas ações que são construídas a partir de operações simbólicas e fazem com que o campo religioso permaneça junto aos seus públicos. Nesse contexto, o campo religioso se apropria de características do midiático desenvolvendo relações estratégicas e mecanismos singulares para expressão de seus próprios preceitos.

Com base nesse estudo, pode-se afirmar que as operações por parte do campo religioso no sentido de ajustar suas ações às lógicas midiáticas acabam fazendo com que o espaço midiático seja transformado num *locus* específico de resolução de problemas, um lugar simbólico para se efetivar práticas de terapia e de cura.

Nesse sentido, a midiaticização acaba reconfigurando as novas formas de religiosidades, em que o autor observa “as novas modalidades pelas quais a religião é ofertada” (2004, p.161). A partir do desenvolvimento de estratégias singulares, a religião é ‘servida a la carte’, pois há diferentes construções e variados modos de oferta das agendas do campo religioso pelo midiático.

Através de estratégias singulares de produção de sentidos, a televisão constitui-se numa espécie de ‘espaço terapêutico’, onde os sujeitos podem encontrar respostas para suas angústias pessoais. Essa problemática, que mantém relação com a discussão anterior, orientou a investigação em que Fausto Neto (2000) analisa aspectos enunciativos do programa televisivo ‘Fala, que eu te escuto’, da Igreja Universal, observando que há uma singularidade nos modos de construção das estratégias de produção de sentidos.

O estudo dos processos de apropriação da cultura midiática por parte do campo religioso como relação estratégica e um lugar específico para sanar questões e problemas que fazem parte do cotidiano das pessoas constitui um ramo recente da pesquisa sobre os processos de midiaticização da religião.

Na mesma direção, Fonseca (2003) examina os modos com que as igrejas evangélicas brasileiras utilizam a televisão com intuito de manter-se e de expandir-se. Para isso, o autor descreve as características e as estratégias da Igreja Universal, através do programa televisivo ‘Despertar da Fé’, e da Igreja Internacional da Graça de Deus por meio do ‘Show da Fé’.

O autor constata que cada uma das igrejas evangélicas possui estratégias distintas: a Igreja da Graça aposta na figura central do pastor R.R. Soares e “usa a televisão como meio de cura” (2003, p.39), em que a mídia é a sua principal estratégia, enquanto que para a Universal, a televisão é um elemento a mais, buscando “converter o telespectador em um fiel” (p.41) e procurando alcançar o *status* da Igreja Católica brasileira. Mesmo que o foco de suas ações esteja em estratégias distintas, a reflexão mostra que há algumas semelhanças, pois a instância midiática é transformada num lugar em que as desgraças e os males humanos têm visibilidade e onde se realizam curas e se resolvem problemas.

A partir dessas reflexões, nota-se que a mídia converte-se em uma esfera estratégica de manutenção das relações do campo religioso com seus públicos. É nela que se fundam essas novas modalidades de contato através das quais é possível resolver os problemas e encontrar os remédios para doenças que afligem a humanidade.

A problemática da mídiatização da religião é tratada também por alguns estudos a partir dos aspectos que abrangem três campos de conhecimento: a mídia, a cultura e a religião. A abordagem centra-se na tese de que a sociedade torna-se mais dependente da mídiatização de aspectos sócio-culturais, pois “a mídia atualmente é quem condiciona e determina o acesso ao ‘reino’ – situação que impacta as instituições religiosas”, como destacam Hoover e Lundby (1997, p.4).

Mesmo que a mídia dependa de acontecimentos que lhe são externos, os seus modos de agir denotam que quem exerce o papel decisório de selecionar, angular, editar e publicizar são os *gatekeepers* que constituem as rotinas e o trabalho de produção de sentidos. Os campos têm de adequar-se a essas ações reguladoras do campo midiático negociando suas agendas e seus interesses.

Seguindo essa perspectiva, observa-se que a mídia apropria-se do discurso religioso, transformando-o e formatando-o de acordo com suas regras. Esse processo não se realiza através de uma reprodução do discurso religioso, uma simples transmissão como supunha a teoria matemática da comunicação ou mesmo as primeiras abordagens da Mass Communication Research, mas sim de um fenômeno de re-significação, em que as representações e as simbólicas dos campos são re-construídas e re-significadas.

A religião sempre foi mediada, lembra Hoover (2006), mas, cada vez mais, ela depende em maior ou menor grau dos processos midiáticos. Nesse caso, o autor avalia que a mídiatização está mudando a religião e deve-se questionar sobre “*como religião e mídia interagem*”¹⁹.

¹⁹ Tradução própria a partir de conferência intitulada “**Media, Religion, and Culture: Future Directions**”. proferida por Hoover no dia 9 de julho de 2006 na Stora Salen do Sigtuna Stiftelsen, na cidade de Sigtuna, Suécia.

Para os estudos sobre a midiatização da religião, compreender *como* se estruturam as relações entre os campos midiático e religioso é mais importante do que saber apenas o que os dois campos fazem. A questão central deve ser, portanto, *como* as relações são construídas e não apenas discutir quais são essas ações.

As relações entre religião, mídia e cultura são também repensadas por White (1997) num contexto em que, segundo o autor, “o papel da religião no público, especialmente, no que diz respeito à televisão, refletem a erosão de velhas certezas da sociologia da religião” (p.11), o que leva à mudança de paradigmas em função da crescente presença dos processos midiáticos na esfera pública.

Porém, o autor avalia que pesquisas as quais se propõem a analisar os três campos de conhecimento de forma interligada não estão dando conta da complexidade de relações que os constitui. Exemplo disso é que em algumas abordagens, os aspectos que dizem respeito à mídia têm sido deixados à margem, centrando-se apenas nos fatores relativos à religião e à cultura.

Os estudos têm compreendido o sagrado e o secular como aspectos interdependentes, porém, constata White (1997, p.16), falta-lhes “o sentido do processo comunicativo-atraves do qual os símbolos sagrados e seculares são criados e recriados”. Por sua característica *tecno-simbólica*, o dispositivo midiático re-constrói os sentidos do religioso e esse processo não pode ser deixado de lado, já que configura os modos como a religião é construída atualmente. Entretanto, avalia o autor, os estudos midiáticos não têm debatido suficientemente o poder da mídia, fato que foi observado especialmente nos estudos sobre o tele-evangelismo.

Compreender os vínculos e as relações entre mídia, cultura e religião é um desafio para as investigações sobre os processos de midiatização da religião por se tratarem de instâncias complexas. Essas conexões não são dadas, mas construídas no trabalho das pesquisas.

Nessa perspectiva, o autor relaciona quatro momentos da midiatização do sagrado-secular. O primeiro aspecto é o seguinte: a mídia insere-se num contexto de atividade de lazer e está associada a períodos de festa, ditando calendários e convidando as pessoas a deixarem

as questões corriqueiras. O segundo momento refere-se à capacidade dos agentes midiáticos em “articular o sentido do sagrado e formular-lhes símbolos dramáticos” (1997, p.20). O terceiro momento no processo de midiatização é a “criação do texto” para estabelecer vínculos com os receptores. Já o quarto estágio é “o implícito convite a negociar e recriar o texto, a partir da perspectiva de identidades pessoais e culturais” (WHITE, 1997, p.20).

Através de seu aparato *tecno-simbólico*, os dispositivos midiáticos operam sobre acontecimentos religiosos junto a seus símbolos, articulando-os e resignificando-os através de processos de produção de sentidos em que uma outra cerimônia é construída. Nesse contexto, o campo religioso passa a ocupar e a se fazer presente em outras instâncias, produzindo-se novas manifestações e articulações entre o *sagrado* e o *profano*. Deve-se lembrar que esses termos foram postulados por Durkheim, que aborda essa divisão do “mundo em dois campos, um que contém todo o sagrado e outro tudo que é profano”²⁰.

O autor defende que a religião sentiu que poderia “recuperar seu senso de sagrado, apenas deixando o confinamento das igrejas e dogmas, e mudando-se para o mundo secular”, em que a mídia tornou-se um *locus* específico de “criação dos símbolos de religião” (WHITE, 1997, p.26).

A mídia é, na atualidade, um dos principais dispositivos de geração e de criação de novos símbolos para a religião. Há duas lógicas: a que diz respeito ao campo religioso e que é tomada pela mídia e o que resulta dessa construção midiática – a re-criação das simbólicas que gera um novo modo de fazer e de vivenciar a religião, portanto, uma religião midiatizada.

Nestes cruzamentos, os dispositivos midiáticos constroem temas relacionados ao campo religioso reconfigurando os sentidos sobre a religião. É no espaço televisivo onde mais se manifestam essas formas de apropriações dos fenômenos religiosos. Por exemplo, no Brasil, a midiatização do neodevocionalismo religioso pela TV Canção Nova representa “uma das experiências mais agressivas da experimentação de comunicação criando um novo ‘objeto religioso’, que se vende integrado à comunicação”, mostra Gasparetto (2005, p.11).

²⁰ Los fundamentos sociales de la religión. In ROBERTSON, Roland (org). **Sociología de la religión**. México: Fondo de Cultura Económica, 1980. (p.37/tradução própria). Quando houver associação entre *sagrado* e *profano*, neste sentido, os termos serão grafados em itálico.

A pesquisa, que se insere numa perspectiva atual e crítica dos estudos sobre a midiática da religião, reconhece a complexidade inerente aos processos midiáticos do religioso e aponta que a Igreja Católica caminha no sentido de fundar, a partir do impacto da midiática, uma perspectiva neodevocional que seria “uma nova aliança entre o fenômeno econômico e o fenômeno simbólico religioso”, avalia Gasparetto (2005, p.8).

Pode-se compreender, com base na proposição do autor, que o ressurgimento do neodevocional, em função do dispositivo televisivo, acaba gerando essa nova modalidade de pertencimento – as comunidades que a televisão gera e forma em torno de sua função. Esse formato televisivo é uma nova pedagogia, um outro modo de organização para a venda do sagrado.

Assim sendo, a midiática da religião faz com que sejam constituídos ‘novos modos de estar juntos’. Essas comunidades são marcadas pela efemeridade em função da lógica do tempo da mídia e compreender suas especificidades é um desafio aos pesquisadores da área. Neste contexto, outro foco para entender as relações entre mídia e religião é a dos estudos de recepção.

Com diferentes enfoques, contextos e problemáticas, essa perspectiva procura compreender os modos de funcionamento e as operações dos processos de midiática através do estudo de como a comunidade de receptores constrói sentidos e estabelece vínculos com os discursos midiáticos.

Através do estudo das articulações e das negociações que os protagonistas desta nova comunidade estabelecem com as ofertas midiáticas, Gasparetto (2006), em outro estudo, compreende que a religião midiática e a recepção se convertem em um novo coletivo. Como o fenômeno da midiática da religião cria novas formas de pertencimento e faz gerar um outro formato dessas comunidades religiosas, deve-se compreender a complexidade dessas relações.

A partir da perspectiva da recepção, pode-se delinear as características constitutivas dessa nova comunidade de sentido, compreendendo as motivações, os interesses e os modos

com que os receptores lidam, negociam e constroem sentidos acerca dessas práticas religiosas midiaticizadas.

O fenômeno de reconfiguração das religiosidades através da televisão como um meio estratégico para manter-se vinculado a seus públicos move a pesquisa de Sierra Gutiérrez (2005 e 2006). A partir de análise da emissora católica Rede Vida, o autor verifica, através de leitura de programas devocionais e de mecanismos da recepção, os novos modos com que a televisão estrutura a religião.

Essa nova forma de fazer religião é designada pelo autor como a *tele-fé*, um novo modo de realização da religião na sociedade atual que é marcada pelas lógicas técnicas e discursivas. Sierra Gutiérrez (2006) compreende as formas de produção televisual da religião, os modos como o discurso televisivo religioso reconfigura o tema do sagrado e como a programação religiosa é avaliada no cotidiano a partir das relações entre produtor, produto e receptor.

Da perspectiva da recepção, procura-se identificar mecanismos de negociação e de elaboração singulares a partir da oferta discursiva. Em estudo sobre programas *telereligiosos* das igrejas católica e pentecostal, Bastian (2005) identifica que os receptores formam uma comunidade terapêutica, interagindo com os modos de enunciação desses programas através de noções próprias de cura.

No estudo, a autora observa que os receptores estabelecem vínculos através de distintas elaborações em que se concretiza a cura, seja por meio de questões morais ou materiais. Bastian (2005, p. 7) constata que há “uma nova comunidade de fiéis, que acreditam, oram, crêem, compartilham e interagem com o fazer televisivo da religião”.

Para se ter uma noção mais ampla dos processos e dos modos com que a religião apresenta-se hoje, é necessário compreender como essa comunidade produz os seus próprios sentidos. Entender as especificidades da recepção é essencial para se ter uma visão mais ampla dos fatores que perpassam as complexas relações entre os campos religioso e midiático.

É através do estudo da recepção que se pode delinear características dessa comunidade de sentidos. Segundo essa abordagem, a midiaticização dos movimentos evangélicos kenianos

são estudados por Kairu (2006) a partir da compreensão de como os receptores constituem suas identidades individuais e sociais através dos processos de produção de sentidos em que as novas religiosidades são construídas.

Há uma singularidade dos estudos brasileiros sobre a problemática da midiática da religião que repousa sobre reflexões, especialmente, a partir de construções discursivas televisivas. Porém, as formas de apresentação e de construção dos discursos religiosos na atualidade ocorrem nas várias mídias. Por exemplo, a midiática pela internet é pouco estudada, mas, assim como as demais mídias, afeta as ações e estrutura um novo mercado religioso. Procurando compreender a especificidade do dispositivo internet, Teusner (2006) analisa em pesquisa que está em desenvolvimento, os modos como a web alimenta o desenvolvimento de uma igreja emergente na Austrália.

Sob diversos formatos, seja através de sites institucionais, especializados, comunidades virtuais ou grupos de discussão, há na internet uma série de movimentos significantes por parte das Igrejas e de seus mercados. Os novos modos de fazer religião também se realizam através desse dispositivo midiático por meio de variadas formas e estratégias.

Outra perspectiva de investigação analisa os processos de midiática através dos quais cerimônias religiosas, como as romarias e os funerais, são transformadas em um determinado tipo de cerimônia, a das mídias. Como a visibilidade de fenômenos religiosos se realiza através de processos midiáticos, algumas cerimônias religiosas são mediadas por dispositivos *tecno-simbólicos*, o que tem gerado alguns estudos com uma proximidade maior ao objeto de pesquisa.

A morte e o funeral do Papa João Paulo II foram acontecimentos que tiveram, em grande parte do mundo, mais visibilidade midiática do que o atentado de 11 de setembro de 2002 às Torres Gêmeas. No Brasil, não foi diferente: jornais, revistas, sites noticiosos, emissoras de rádio e de televisão deram cobertura a esses rituais gerados pelo campo religioso, o que levou Trigueiro (2006) a concluir que a trajetória do Papa como um ator midiático fez com que a sociedade debatesse mais os temas relativos à Igreja Católica.

Alguns desses mecanismos de midiaticização foram analisados pelo autor, que refere o conceito de acontecimento midiático, mas apenas o tangencia, limitando-se a analisar universos midiáticos sem um cuidado metodológico mais apurado com relação ao conceito de Dayan e Katz (1995 e 1984).

Apesar de os autores serem citados em alguns estudos, se desconhece mais pesquisas sobre coberturas que sejam inspiradas nas metodologias desenvolvidas por Dayan e Katz. Há poucos estudos que se propõem a analisar os modos com que o dispositivo midiático se apropria da cerimônia religiosa.

No Brasil, há cerimônias religiosas tradicionais como o Círio de Nazaré, Aparecida, Medianeira, Caravagio, mas há raras pesquisas inspiradas nessa matriz de análise. Infelizmente, são poucos os interlocutores encontrados pelo caminho.

A transmissão ‘ao vivo’ do Círio de Nazaré (Belém, Pará) mobiliza uma estrutura ampla do canal televisivo local, a TV Liberal, que transmite o acontecimento para todo o Brasil. A televisão produz uma série de estratégias de produção de sentidos a partir de mecanismos de sua lógica organizacional em que engendra modos de aproximação entre o público presente e o midiático.

Essas estratégias foram observadas em análise das transmissões diretas do Círio de Nazaré pela TV Liberal realizada por Alves (2002). A autora verificou que a “televisão esforça-se para ir além do papel de testemunha, tenta compensar os telespectadores pela inexistência de interatividade e atreve-se a dar-lhes a sensação de que estão lá, insistindo em, pelo menos, tentar simular uma participação cerimonial” (p.100).

A partir do estudo da autora, é possível inferir que os dispositivos midiáticos constroem a sua própria cerimônia através de operações simbólicas que remetem a um modo singular de ler, redimensionar, selecionar, destacar, hierarquizar e avaliar os acontecimentos. A cerimônia em si é re-construída segundo regras singulares que orientam os modos de funcionamento dos dispositivos de produção de sentidos.

Uma das principais estratégias da televisão é constituir-se em um dispositivo que apaga marcas de espacialidade e de temporalidade denotando para aquele que não está

presencialmente no lugar do acontecimento que a testemunhalidade televisiva dá conta de cobrir o que está acontecendo. Essa ilusão de apagamento do espaço, como aponta Bauman (2001), faz parte da própria característica da televisão que tem um destaque na ‘modernidade líquida’, não havendo mais a solidificação de ações antes desenvolvidas num lugar determinado.

Novamente, a perspectiva de análise do ponto de vista da recepção tem expressividade. Em relação à transmissão ‘ao vivo’ do Círio de Nazaré, Alves (2002) descreveu e detalhou a existência e o funcionamento de uma classe singular de telespectadores: aqueles que participam da romaria, mas que também assistem partes da midiática televisiva. É “comum que o telespectador da transmissão seja, também, espectador do Círio da rua e inclusive participante, em momentos diversos da romaria” (p.96).

O estudo da autora vem ao encontro da problemática aqui trabalhada, na qual as festas religiosas que, em suas origens, se construía fora da instância midiática, passam a ser estruturadas, em função de suas várias culturas, pelas lógicas da midiática. A ação das mídias sobre as cerimônias religiosas, como as romarias, faz com que seja gerado um outro acontecimento – o midiático.

Analisando as relações entre as festas religiosas pertencentes originalmente quase que exclusivamente ao calendário devocional e as determinações e as subordinações sofridas por elas por parte dos dispositivos midiáticos, Fausto Neto (2001) problematiza o fato de que as cerimônias religiosas são re-construídas pelas lógicas midiáticas que acabam gerando a sua própria cerimônia.

Assim, entende-se que, para que os rituais constitutivos das cerimônias religiosas continuem estabelecendo vínculos com seus públicos, sofrem deslocamentos de sua esfera tradicional para serem re-construídos pelos dispositivos de explicação e de leitura da realidade social. Há alterações nos próprios formatos e sentidos com que a religião é construída hoje. Essas transformações ocorrem em função dos novos modos de expressão da religiosidade atual e das complexas relações estabelecidas entre a religião e a mídia.

Posto que a centralidade midiática faz com que os outros campos estabeleçam relações que fluem para e na mídia, o que pode gerar negociações, o autor afirma que o “Círio está no meio de disputas, particularmente, entre o mundo da fé e o mundo das mídias” (p.8).

Neste capítulo, discutiu-se algumas contribuições teóricas sobre a midiatização da religião a partir de investigações que fazem parte desse campo de conhecimento relativamente novo, mas que já possui uma literatura que expressa a importância dessas pesquisas.

O diálogo com essas distintas idéias e perspectivas de análise constitui etapa importante para a compreensão da problemática que passa a ter como referência algumas dessas proposições que elucidam a questão. As pesquisas que apontam como os campos midiático e religioso se apresentam e interagem e aquelas que explicitam os modos de operar do dispositivo televisivo, fazendo funcionar os seus próprios cerimoniais para construção e estruturação de uma cerimônia própria, contribuem para aprofundar a problemática e serão agregados de forma mais direta ao estudo.

Como grande parte da literatura examinada chama a atenção para as novas relações entre a religião e a midiatização, é impossível compreender os processos midiáticos da religião sem uma análise mais cuidadosa das relações entre os campos sociais nos seus aspectos teóricos. Essas relações trazem elementos para que se possa entender os novos processos de produção e de gestão do simbólico e, particularmente, o papel dos processos técnicos e discursivos para suas construções e seus engendramentos.

2 Campos midiático e religioso em processo de produção de sentidos

Como foi dito, a discussão apresentada anteriormente sobre o estado da arte, mostra uma problemática nova – a midiaticização da religião - que está em construção e é um fenômeno estudado pelo viés de teorias e de conceitos do campo da comunicação midiática.

Nossa hipótese é a de que as relações entre os campos midiático e religioso constituem-se a partir de inúmeras e complexas ações que podem ser descritas e compreendidas tomando-se os conceitos de campos sociais e de midiaticização. Essas duas proposições teóricas são ponto de partida para se elucidar os cenários, as dinâmicas, os processos e as estratégias onde se dão as interações sociais.

Um aspecto central dos estudos relacionados com a comunicação midiática é que o conceito de midiaticização não é só tomado como construção teórica, mas também como uma categoria central para se entender outros modos com que as práticas sociais não midiáticas se organizam e se estruturam a partir da sua existência e dos seus re-impactos.

2.1 Campos sociais: aproximações de conceitos

O surgimento dos campos sociais ocorre a partir de um processo de secularização do qual resulta a autonomia dos diferentes domínios da experiência e que engendra a constituição de campos de saber específicos. Antes de prosseguir com a discussão, faz-se uma breve consideração sobre este processo por ser determinante na emergência dos campos sociais.

O processo de secularização é compreendido num contexto em que a religião na modernidade vai perdendo sua autoridade como instituição e também como uma instância de referência para os sujeitos. Berger (1985) conceitua secularização como “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (p.119), tendo uma dimensão subjetiva e outra social. Mesmo sendo um fenômeno global, a secularização atinge as sociedades e os sujeitos de forma distinta.

Ao discutir o conceito de secularização e dessecularização, Mariz (2001) avalia a evolução do pensamento de Berger assinalando que em suas últimas reflexões compreende as relações entre modernidade e religião de uma forma mais complexa. “Berger reconhece tendências dessecularizantes como resposta à secularização anterior e que sugere a possibilidade de nova secularização ou outras formas de adaptação à modernidade” (p.10).

São distintos os modos com que indivíduos, grupos e instituições interagem com as mudanças culturais, históricas e sociais. E é nesse contexto que emergem os saberes específicos de diferentes domínios da experiência, em que alguns têm mais e outros menos autonomia como produtores de conhecimento.

Com os processos de secularização em curso, a competência dos campos não é mais só pragmática, mas também discursiva e se realiza através do trabalho de especialistas e de profissionais que vão cristalizando seus saberes e constituindo a sua simbólica específica.

Os campos sociais possuem características intrínsecas e regras específicas para seu funcionamento, pois são dotados de funções e de normas que orientam suas ações e o constituem como tal. Cada campo é formado por especificidades e características muito particulares que o diferem dos demais, garantindo sua singularidade. Essas especificidades são constituídas por ações e também por marcas discursivas por meio das quais cada campo gera simbólicas.

O conceito de campo não deve ser entendido como um espaço restrito, mas sim como uma ‘realidade de forças’, num sentido mais amplo que representa um sistema complexo de relações simbólicas. Há que compreender o sentido de campo a partir de uma energia que se cria, recria, propaga, repele e é colocada em tensão a partir de trocas e de relações que são constantemente alternadas e transformadas, destaca Rodrigues (2000).

Cada campo social detém um domínio específico da experiência, como conceitua o autor, possuindo uma legitimidade própria e uma simbólica particular para o constituir e assegurar sua visibilidade pública. Para isso, o autor caracteriza essas simbólicas como *formal* ou *informal*, em que a primeira é marcada por regras constitutivas e normativas, possuindo

rigor e exclusividade de uso pelos seus especialistas. Já a *simbólica informal* é caracterizada por um apagamento das marcas distintivas, visando garantir permeabilidade na sociedade.

Os campos sociais formados na chamada primeira modernidade, segundo o autor, tendem a expressar-se através de uma simbólica mais formal, como por exemplo, os campos religioso e médico. Já aqueles que se constituíram na modernidade tardia, como o midiático, possuem uma simbólica informal.

O fato de gerir um domínio específico da experiência não é garantia de que as ações sejam autônomas, pois há co-determinações entre os campos com os quais se estabelecem relações. Os campos sociais funcionam através de constantes diálogos numa esfera complexa em que há uma rede de interações, negociações, agenciamentos, disputas, trocas, co-determinações.

De uma perspectiva mais estrutural, Bourdieu (1997) compreende o conceito de campo social como um espaço estruturado e estruturante que é caracterizado por disputas porque estão em jogo delimitação das competências, domínio das regras e, conseqüentemente, do próprio jogo. Para o autor, nas relações entre os campos, há dominantes e dominados, há “relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças” (p.57).

Com base nas proposições do autor, pode-se compreender a disputa e a tensão como elementos constituintes das relações entre os campos, pois ao atuarem ou pretenderem regular um determinado domínio da experiência, eles acabam estabelecendo não só diálogos, mas também confrontos entre si. Nessas práticas sociais e disputas de sentidos haveria sempre, para Bourdieu (1997), posições desiguais em que os especialistas dos campos travariam embates com intuito de regular, alterar ou manter seu poder.

Entretanto, mesmo integrando algumas relações entre campos, compreende-se que a disputa não é uma ação predominante, pois há constantes trocas e agenciamentos com intenção de unir saberes e ações em prol de um mesmo objetivo.

Os campos sociais não vivem de forma isolada, pois as relações entre eles garantem a sua sobrevivência nesse emaranhado de redes, vínculos e produções de sentidos. Mesmo possuindo saberes e regras específicas, os campos sociais precisam uns dos outros para se manter conectados e também para constituir a própria realidade social.

Nesse contexto, outro posicionamento distinto em relação ao conceito de campo social é o de Esteves (1998), o qual avalia o diálogo como característica essencial na sua constituição e para seu funcionamento. É a partir dos processos de mediação que os sujeitos estabelecem entre si e com seus campos de conhecimento relações múltiplas de produção de sentidos.

Para compreender os modos com que os campos interagem é oportuno referir o conceito de mediação. A obra de Martín-Barbero (2003) apresenta um dos estágios da problemática das mediações, pois propõe um deslocamento do enfoque na materialidade dos meios para as mediações, passando-se a reconhecer as relações simbólicas que decorrem desses vínculos, produzindo ressonâncias múltiplas. Mais tarde, como será mostrado na sequência, o autor passa a considerar, a partir da técnica, a mídia como instância que age sobre os demais campos e o público, reconfigurando as relações sociais e constituindo-se como uma nova promotora de redes de sociabilidades.

A mediação é um processo atravessado por conflitos e por tensões entre as partes que constituem esse movimento. “A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro” como conceitua Silverstone (2002, p. 33). Para dar conta disso, a mediação se constitui por relações e vínculos entre as partes.

A mediação está envolvida com atos sociais, em que há múltiplas relações que não constituem apenas a experiência individual, mas vários processos complexos de ordem cultural, social e histórica. Os processos de mediação ocorrem através de práticas e de ações travadas pelos especialistas dos campos sociais nos seus vínculos e nas mudanças sociais que denotam novos modos de vivência no mundo.

A mediação é uma categoria que recobre todo o espaço social e está ligada à “ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes”, refere Sodré (2002, p.21), pois toda cultura é constitutiva de mediações. Como será discutido na seqüência, o campo midiático realiza um tipo de mediação específica: interações por meio de operações sócio-técnicas.

Em função de suas especificidades e das relações com o objeto, o conceito de campo midiático será aprofundado a seguir, para compreender como se estruturam os processos de midiatização.

2.2 Campo midiático e o fenômeno da midiatização

A formação do campo midiático decorre da necessidade de os campos sociais manterem-se unidos e ligados para fugir do isolamento e alcançar os domínios da experiência moderna, não mais marcada pela solidez, mas pela permeabilidade e pela fluidez.

A emergência do campo das mídias, que se efetiva a partir da segunda metade do século XX e se consuma na década de 80, ocorre para gerenciar a natureza conflituosa da experiência moderna, em que se dá o “fenômeno da autonomização dos diferentes domínios”, segundo Rodrigues (2000, p.203).

Dessa perspectiva, pode-se afirmar que o avanço da tecnologia e o desenvolvimento acelerado de novos dispositivos técnicos de comunicação e de informação são fatores co-determinantes na formação do campo midiático que surge num contexto de secularização da sociedade, em que a religião não é mais a matriz unificadora e homogeneizante da totalidade da experiência, como refere Rodrigues (1999).

Um dos efeitos do poder regulador midiático é que ele pode privar a visibilidade aos outros campos sociais se eles não cumprirem as suas regras instituídas e se não se sujeitarem aos seus valores constitutivos, pois o poder de visibilidade está nas mãos das mídias – ou se segue as suas lógicas ou não há publicização.

Porém, os campos sociais também podem restringir ou negar acesso aos seus temas, omitindo informações e desenvolvendo outros mecanismos de visibilidade pública que não passem, necessariamente, pelo campo midiático. Nesse caso, trata-se de outro domínio da experiência, de uma forma diversa de visibilidade que não a midiaticizada, tendo outras ressonâncias.

Através de uma perspectiva mais voltada à questão das práticas sociais, o campo midiático é problematizado como uma matriz de “desorganização e reorganização da experiência social e de nova trama de atores e estratégias de poder” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.244).

Em função disso, os processos de midiaticização articulam práticas simbólicas já conhecidas e tradicionais, como os modos de enunciar e as formas estratégicas de visibilidade e de produção de sentidos, com novas instâncias, como a potencialidade e o alcance da técnica e as suas distintas formas de apresentação. Esses novos modos de expressão são criados pelos sujeitos para cumprirem um papel complementar à experiência tradicional, incidindo sobre as relações na atualidade.

É necessário, pois, analisar como os processos de midiaticização estruturam e são estruturados no contexto da sociedade atual, que é marcada por uma multiplicidade cultural constitutiva das relações sociais, em que estão em jogo várias formas de poder, sejam simbólicos, políticos, ideológicos, econômicos ou institucionais.

A noção de midiaticização diz respeito às práticas e aos modos com que os dispositivos *tecno-simbólicos* re-constroem e re-configuram o fenômeno religioso a partir das mais variadas estratégias de produção de sentidos.

E, nesse contexto, os processos midiáticos constituem a própria experiência social, pois a “mídia fornece uma estrutura para a experiência, mas também (...) a própria mídia é transformada pela experiência”, observa Silverstone (2002, p.113). Através de processos singulares de mediação, a mídia passa a constituir a própria experiência social operando transformações e também sofrendo co-determinações de outras práticas sociais não midiáticas.

Ao introduzir o conceito de midiaticização fazendo conexões com as especificidades do campo midiático, é oportuno fazer entendê-la como uma mediação singular. O processo de midiaticização se refere à “articulação hibridizante das múltiplas *instituições* (...) com as várias *organizações* de mídia²¹”, como conceitua Sodré (2002, p.24), e que se faz através de atividades regidas por um código semiótico específico, sendo, portanto, uma das ordens das mediações sociais, a *tecno-interação*, define o autor.

A midiaticização ocorre, assim, através dessa mediação específica, a *tecno-interação*, e é realizada pelo campo midiático por meio de vínculos, relações e rituais. A midiaticização leva a reconfigurações das formas habituais de mediação, em que agora há um dispositivo *tecno-simbólico* que intervém no processo de construção da realidade social.

Por meio de negociações, co-determinações, trocas e operações singulares de seus dispositivos *tecno-simbólicos*, o campo midiático realiza as suas mediações específicas, garantindo visibilidade e legitimidade aos campos sociais.

São os mecanismos de mediação que garantem o diálogo entre os campos sociais, possibilitando trocas e relações. E, mais precisamente, é através de operações discursivas que os demais campos sociais relacionam-se, já que as conexões e os vínculos entre eles são gerenciados e regulados pela mídia, como propõe Esteves (1998).

É através dos temas²² que a mídia realiza essas mediações específicas, promovendo relações entre os campos sociais e fazendo com que permaneçam vinculados aos demais. Através das lógicas de seus processos de produção de versões da realidade, a mídia promove integração entre os diferentes temas dos campos sociais. Entretanto, o trabalho do campo midiático não é só de construção de temas, pois as operações alimentam e municiam construções de enunciações mais complexas.

Nesse sentido, o trabalho dos dispositivos *tecno-simbólicos* se concretiza através de processos de enunciação que colocam em funcionamento outros dispositivos por meio da

²¹ Grifos do original.

²² Mesmo não discutindo o conceito de tematização, toma-se a expressão temas redefinindo-a num outro debate teórico que não necessariamente o sistêmico, desenvolvido por LUHMANN, Niklas. **La realidad de los medios de masas**. México: Universidad Iberoamericana, 2000.

linguagem. A mídia é um dispositivo complexo que opera conexões entre si e os outros campos, promovendo a construção de temas através de processos enunciativos. Não há visibilidade e nem trocas de temas entre os campos sem que haja um trabalho enunciativo, pois é a atividade de enunciação que garante essas relações e também a legitimidade social.

A partir dessa reflexão, pode-se afirmar que o campo midiático adquire um papel central na constituição das relações sociais e dos processos de produção de sentidos, cumprindo uma função significativa e estratégica na experiência moderna. Porém, é preciso reconhecer que a produção de realidades não é uma tarefa exclusiva das mídias, já que os sujeitos constroem vínculos com tantas outras formas de conhecimento que não apenas a instituição midiática.

Como já foi discutido, a partir de sua história e da constituição de seus saberes específicos, cada campo possui uma legitimidade própria que o autoriza a gerenciar um determinado domínio da experiência, como conceitua Rodrigues (2000). Mas, com a acelerada presença dos processos de midiatização, em que o imediatismo, a onipresença e a antecipação parecem mover-se na sociedade, como fica a legitimidade do campo responsável pelo domínio da experiência, se a mídia parece invadir espaços antes apenas organizados e regulados por suas práticas e pelos seus agentes autorizados?

O fato de cada campo possuir características e regras singulares não é garantia de que funcione com plena autonomia, pois cada vez mais as práticas são perpassadas por fatores de outras ordens. Nas relações entre os campos sociais, há co-determinações, movimentos, negociações, agenciamentos, disputas e tensões fazendo com que sua autonomia seja relativizada.

Entretanto, o campo midiático parece ser, cada vez mais, o domínio específico da experiência moderna que opera sobre outros campos a partir de suas marcas simbólicas. Os outros campos sociais não só precisam da mídia para operar mediações de visibilidade, mas também esta pode apagar as suas marcas enunciativas por causa de sua natureza informal, conforme supõe o autor.

É através de mecanismos de enunciação que a mídia pode transformar, mascarar e mesmo apagar as marcas simbólicas dos outros campos, pois, como refere o autor, os profissionais do campo midiático não respeitam, de acordo com Rodrigues (2000, p.209), “o rigor dos seus discursos especializados”.

Disso decorre a constatação que a função desempenhada pela mídia de dar visibilidade aos campos a partir de operações singulares de produção discursiva leva a distinções entre o discurso próprio do campo social e aquele construído pela mídia. A questão central passa a ser: como gerenciar essas diferenciações entre o discurso legítimo do campo e aquele produzido pela mídia? Se alguns campos avaliam a visibilidade pública como um fator positivo que possa superar esse mascaramento e/ou apagamento de suas marcas simbólicas, outros consideram esse ato pragmático uma ofensa e um desrespeito.

Na experiência moderna, os campos necessitam do discurso midiático não só por questões de visibilidade junto aos seus públicos, mas também como uma forma de legitimação social. Porém, eles lidam com essa forma tensional de representação do campo, pois, através de operações enunciativas, o campo midiático mescla, corta, condensa ou apaga as marcas simbólicas dos outros campos.

Essas ações são constitutivas dos próprios modos de operar dos mecanismos de enunciação que se realizam por meio de polifonias em que as vozes discursivas são unidas, combinadas, alteradas. A própria ordem interdiscursiva é complexa e marcada por negociações, pois a mídia transforma os mais variados discursos dos campos sociais na sua própria oferta discursiva.

Assim, entende-se que essas atividades imbricadas de produção de sentidos, por parte do campo midiático, se realizam através dos complexos processos de midiatização, que se fazem por leituras de fenômenos de outros campos, por angulações, extração de fragmentos, cortes, edições, hierarquizações.

A crescente presença de dispositivos tecnológicos e uma oferta discursiva que circula como produto em um *mercado simbólico* é o que caracteriza a comunicação midiática, que resulta da articulação entre “dispositivos tecnológicos e condições específicas de produção e

de recepção, configuração que estrutura o mercado discursivo das sociedades industriais”²³, como conceitua Verón (1997b, p.14).

A midiatização pressupõe um processo através do qual é necessário ter uma conjugação de fatores, como a operação dos seus dispositivos *tecno-simbólicos*, o trabalho dos especialistas dos outros campos e um produto que resulte dessas ações sócio-técnicas.

É importante observar que mesmo estruturando os temas e as relações entre os demais campos e seus sujeitos, os processos de midiatização são produzidos a partir de regras e de lógicas próprias e se concretizam através de operações enunciativas instituídas pela mídia.

Esse dispositivo *tecno-simbólico* tanto produz quanto reproduz discursos, pois, como conceitua o autor, o dispositivo está “associado a determinadas condições de produção e a determinadas modalidades (ou práticas) de recepção de ditas mensagens” (VERÓN, 1997b, p.13). O dispositivo midiático resulta da junção entre os complexos processos simbólicos de produção e de recepção que são ativados e estruturados pelos suportes técnicos.

Para explicar seus modos singulares de operar, o autor desenvolveu um esquema no qual formula uma referência teórica sobre o conceito de midiatização. Através dele, é possível compreender os processos, as relações e o papel da midiatização na sociedade atual.

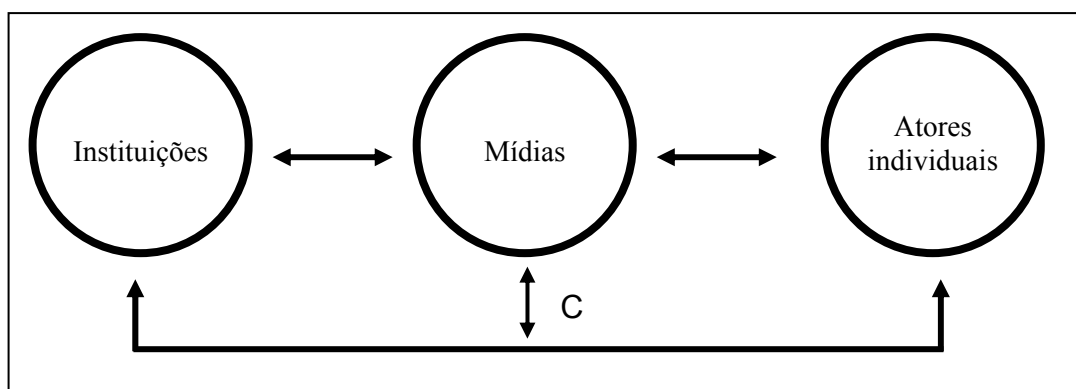


FIGURA 1 – Esquema da *semiose da midiatização*, reprodução a partir de modelo desenvolvido por VERÓN (1997b).

²³ As traduções da obra do autor são próprias.

O esquema criado por Verón (1997b) ilustra a complexidade dos fenômenos de mediação. O autor utiliza a noção de instituição, todavia como vem sendo discutido o conceito de campo, passa-se a compreender o esquema a partir da idéia de que essas relações descritas estruturam os vínculos entre os campos sociais, que também se constituem em instituições.

A mídia também é um campo, mas está situada num espaço de centralidade, pois estrutura e aciona interações tanto com as instituições quanto com os indivíduos. Disso resulta a observação de que é ela quem promove conexões e por meio de suas operações acaba afetando os modos com que os campos e seus sujeitos relacionam-se.

Segundo esse esquema, há quatro âmbitos de produção de coletivos: a relação das mídias com as instituições da sociedade (dupla flecha 1); a relação das mídias com os atores individuais (dupla flecha 2); a relação das instituições com os atores (dupla flecha 3) e a maneira em que as mídias afetam a relação entre as instituições e os atores (dupla flecha 4).

As duplas flechas representam o emaranhado de cruzamento entre os discursos dos campos sociais, do midiático, que os gerencia, e os vínculos entre os demais campos afetados pelas mídias. Através de pressupostos da própria cultura midiática, o esquema mostra como o campo midiático atua na organização, na regulação e nos modos de funcionamento dos outros campos.

Com base no esquema do autor, nota-se que as relações entre a mídia, os campos e os sujeitos não ocorrem de forma linear, pois são movimentos de múltiplas ordens, em que há negociações, trocas e determinações marcadas por fatores complexos e interdependentes. Essas imbricadas relações se estruturam e são estabelecidas nos processos de mediação que resultam das complexas interações entre os campos, as mídias e os sujeitos.

A centralidade da mídia representa que suas lógicas de funcionamento têm afetado os outros campos, havendo um cruzamento de interesses, negociações, disputas e inter-relações. Muitas vezes, para ter visibilidade pública, os outros campos acabam submetendo-se às regras do midiático sob risco de não atingirem seus públicos.

A midiaticização é um fenômeno que tem ressonâncias sobre os modos de existência e de atuação dos campos sociais. Para tanto, a intensidade das operações de midiaticização no que diz respeito à construção da cena pública implica mudanças nas formas tradicionais de experiência na sociedade, já que há uma aceleração dos processos de mediação para os de midiaticização.

Em função disso, observa-se que os modos de operação e o trabalho dos dispositivos *tecno-simbólicos* acabam determinando mudanças nas relações sociais, já que o processo de midiaticização implica não só em alterações formais nas formas de vivência social, mas mudanças de caráter simbólico, em que a própria experiência na sociedade é modificada.

Nesse sentido, há novas modalidades de contato. Os dispositivos *tecno-simbólicos* apreendem e capturam para si os *contratos* de outros campos e através de um complexo processo de produção constroem e estabelecem, segundo Verón (2003), um *contrato de leitura*. Para o autor, todo produto midiático se funda num contrato informal que “expressa a articulação, mais ou menos estável, entre oferta e demanda” (p.21). É por meio de operações sócio-simbólicas e da técnica que os contratos se realizam.

É importante compreender a técnica como um elemento estruturante e estruturador das operações dos processos de midiaticização. A técnica não pode ser considerada como um elemento auxiliar, mas como um mecanismo que faz parte, como uma dimensão inserida na história dos processos sociais.

A técnica não é mero instrumento, mas uma dimensão constitutiva da cultura e da sociedade segundo Martín-Barbero (2004). Pode-se visualizar na sociedade atual “novas maneiras de estar juntos cuja ligação não provém nem de um território fixo nem de um consenso racional e duradouro, senão das identidades culturais, raciais e religiosas²⁴” (p.31).

A partir da proposição do autor, constata-se que a técnica associada a mecanismos de produção discursiva permite que sejam construídas essas distintas formas de ‘estar juntos’ e

²⁴ As traduções da obra do autor são próprias.

esses novos modos de contato. É possível compartilhar uma mesma experiência através da mediação sem estar presencialmente no mesmo espaço.

A técnica está subordinada a uma nova racionalidade, a dos processos midiáticos, ou seja, princípios, orientações de vinculação, organização, visibilidade, transferências, co-determinações. Essa nova racionalidade técnica é uma simulação não mais marcada pelos “truques dos sofistas ou com o simulacro (...), pois agora é possível construir mediações lógicas que mediante séries de interfaces possibilitam fecundas formas de interação entre um e outro”, como explica Martín-Barbero (2004, p.27 e 28).

Disso decorre afirmar que a mediação possibilita uma nova forma de sociabilidade – de juntar as pessoas, o que gera outras simbólicas. Dessa maneira, é o dispositivo midiático que proporciona essa nova modalidade de ‘estar juntos’, de haver interações entre as pessoas, gerando-se outras subjetividades através da mediação.

Esses novos modos de contato são determinados pelas lógicas midiáticas – o imediatismo, a instantaneidade, a brevidade, a fragmentação. Há outras formas de relação por meio das quais as sociedades podem estabelecer pontos de vinculação e trocas, mas essas ações se dão pelos ditames das estratégias e dos contratos produzidos e condicionados pela mediação.

Nesse sentido, a acelerada presença dos dispositivos midiáticos na sociedade faz com que ocorra uma “reconfiguração das mediações que constituem os modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que coexistem na sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.36). E essas novas configurações sociais formadas e transformadas em função da mediação repercutem sobre os modos de pensar, agir e formular os próprios modos de construção de sentidos e de representações da realidade social.

Esses processos de alteração das mediações, cada vez mais atravessadas pelas tecnodiscursividades, representam mudanças nas formas de vivência, nos vínculos estabelecidos entre os atores sociais e no funcionamento da sociedade em sua totalidade.

A mediação da sociedade implica em mudanças de ordem temporal e espacial das interações, em que o imediatismo e a coexistência ditam uma outra forma de se estabelecer

vínculos, um novo modo de estruturação dos sentidos. Resultam desses processos alterações nos modelos de interação e nas práticas culturais, o que incide sobre as maneiras de se pensar e de se construir relações.

Nesse contexto, os processos de mediação são estratégicos para compreender a variada gama e os distintos modos de produção de sentidos, pois, nesse emaranhado de conexões, diferentes formas simbólicas convergem, ocorrendo uma multiplicidade de relações sócio-culturais.

A articulação entre as novas tecnologias, as diversas formações culturais e os dispositivos midiáticos representa o surgimento de uma nova matriz para a “produção simbólica dotada de um estatuto próprio e complexo que tanto funde modos de interações anteriores com novas formas expressivas” (MATA, 1999, p.83), o que denota redimensionamentos das próprias relações sociais.

Há distintos níveis de leitura dos processos de produção de sentido, tendo-se de compreender essas relações como interdependentes, em que a complexidade é característica inerente dos processos de mediação. Essas mudanças impulsionadas pelas tecnologias e pelas operações discursivas dos dispositivos *tecno-simbólicos* não ocorrem de forma uniforme, já que há distintos modos de negociação, de vinculação e de expressão das práticas sócio-simbólicas.

Distanciando-se um pouco do foco central dos estudos de Martín-Barbero (2004) e de Mata (1999) que se detêm mais em compreender as ressonâncias das lógicas midiáticas sobre os modos com que os sujeitos organizam e estruturam suas práticas sociais, Gomes (2006) analisa o processo de mediação levando em conta as suas estratégias e as suas complexas lógicas de existência.

A mediação tem incidência sobre os próprios modos de existência, o que representa, segundo Gomes (2006), mais que uma *tecno-interação*, pois os processos de mediação são compreendidos como “um novo modo de ser no mundo”, pois se está numa nova *ambiência* (p. 113).

A perspectiva do autor possui pontos convergentes com as proposições discutidas anteriormente acerca dos processos de midiatização. Porém, Gomes (2006) amplia a compreensão da mídia como lugar central e estruturante das relações entre os campos sociais e os sujeitos (VERÓN, 1997b), entendendo que o dispositivo midiático não realiza só um trabalho específico de mediação (SODRÉ, 2002), pois se apresenta como uma outra maneira de vida, um novo *ambiente* que tem ressonâncias sobre os próprios modos da constituição e da existência humana.

A partir dessa reflexão, afirma-se que é através dos processos de midiatização que os campos se reconhecem, produzem as suas próprias *gramáticas* e também lançam suas expectativas e constroem suas versões e visões de mundo. A midiatização é um processo de oferta e de proposição de sentidos dos campos sociais e também dos modos como a esfera pública se reconhece.

Sendo assim, a midiatização constitui-se num novo *ambiente* e num lugar estratégico de proposições, de versões e de maneiras de compreender o mundo. Em função disso, os processos de midiatização representam a “reconfiguração de uma ecologia comunicacional”, conceitua Gomes (2006, p.121).

Os processos midiáticos não se constituem apenas por mediações *tecno-simbólicas*, pois têm se configurado num modo próprio de vida que regula, que produz um conjunto de simbólicas e que institui outros conceitos e novos *contratos discursivos* entre os campos e os sujeitos.

É através da midiatização que os campos reconhecem a si mesmos e também aos outros que estão ao seu redor, sejam aqueles com que interage de forma mais direta ou que apenas os tangenciam. Disso resulta a constatação de que essa nova *ambiência* tem repercussão sobre a forma de interpretar o mundo e também de os sujeitos se constituírem.

A partir dessas distintas abordagens, nota-se que a evolução sobre os estudos da mídia – da Mass Communication Research às atuais perspectivas - mostra que a midiatização é um fenômeno muito complexo. As inúmeras reflexões teóricas que buscam dar conta de compreender os processos de produção de sentidos detêm-se geralmente em um de seus

âmbitos – as relações com outras instâncias, as lógicas de funcionamento, as negociações e construções por parte da comunidade de recepção, a questão técnica - devido à dificuldade de abarcar sua complexidade.

Essa nova perspectiva teórica compreende os processos de midiatização como um modo de ser singular, problematizando-os em seus aspectos técnicos, simbólicos e constituintes das próprias práticas sociais. Tais processos são essenciais e centrais para expressão da sociedade, sendo, portanto, num novo modo de vida, concretizando-se por meio de mecanismos próprios em um *locus* privilegiado de reconhecimento por parte dos outros campos.

Para tal, os campos buscam estabelecer vínculos e desenvolver estratégias de ampliação e de permanência junto a seus públicos por meio de operações engendradas e produzidas nesse *ambiente* tecno-significante.

Pode-se, com isso, afirmar que os processos de midiatização têm transformado as relações sociais e estabelecido novas formas de operações e de permanência das mídias junto à sociedade, gerando também comunidades que se formam em torno dela. A *comunidade midiática*²⁵ é, portanto, um produto da midiatização, pois emerge da centralidade midiática em relação a outros campos e decorre também do fato de que cada vez mais os temas intrínsecos aos campos espalham-se a outros âmbitos antes inatingíveis.

Em função de características próprias, os dispositivos *tecno-simbólicos* acabam não só inserindo, mas também fragmentando, temas que dizem respeito aos campos por meio de operações singulares como a seleção, o corte, a edição, a hierarquização, o apagamento de marcas e as junções discursivas.

É importante ressaltar que os trabalhos e as operações desenvolvidas pelos processos de midiatização possibilitam que os campos atinjam mais adeptos e ampliem seus âmbitos de

²⁵ Mesmo sabendo que a midiatização gera como produto uma *comunidade midiática*, o foco da tese, como foi dito na Introdução abrange o estudo dos processos de produção da Romaria (antes) pelos dispositivos e o produto (durante) por meio da descrição das estratégias discursivas da Rede Vida. O que é gerado após a transmissão não será estudado, pois não se trata de um trabalho fundado nas perspectivas das teorias da recepção.

regulação, já que os públicos estão espalhados e não mais marcados e pré-determinados territorialmente, como define Bauman (2001), em relação à fluidez da modernidade.

Assim sendo, estaria havendo uma diluição do espaço em função da importância que o tempo assume. Contudo, compreende-se que se trata de um tipo específico de dissolução, pois mesmo que a tecnologia midiática permita que se vivencie novas experiências ao mesmo tempo sem compartilhar do mesmo espaço físico, o lugar em que nos encontramos é específico e constitui a nossa singularidade.

Vale ressaltar que a mídia consegue criar com muita competência a ilusão desse apagamento do tempo e do espaço. O agora, a transmissão ‘ao vivo’, ‘o estar junto com’ e a instantaneidade demonstram o poder²⁶ midiático de estar sempre conectado com o que acontece. Esse ‘modo de vida’ constitui-se numa nova forma de organização social em que a velocidade, a condensação e a efemeridade são categorias que fundam as lógicas da midiaticização.

A partir dessa reflexão, observa-se que os processos de midiaticização interferem nos modos de convivência através de outras formas de interação, utilizando como estratégia essa relação alternada entre tempo/espaço, em que se pode ‘estar juntos’ simbolicamente e não fisicamente. Porém, mesmo definindo e organizando um modo específico de existência, a mídia não tem controle sobre a produção dos efeitos de sentidos, pois a recepção lida com eles à sua maneira. Vivenciar a mesma recepção midiática não implica em estar compartilhando das visões e da oferta de sentidos, pois o processo de produção de sentidos abrange várias estratégias e momentos, em que as apreensões, as negociações e as elaborações próprias fazem parte de um dos estágios da complexidade dessa rede.

²⁶ Compreende-se o poder como um dispositivo descentralizado, não mais ligado a um espaço central e determinado, características da sociedade rígida. Há um apagamento do espaço central, possibilitando que o poder seja exercido de qualquer lugar, diferentemente do funcionamento do Panóptico de Bentham, analisado por Foucault, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. Na relação mídia e campos sociais, por exemplo, observa-se que a mídia detém o poder de dar visibilidade ou não a eles, porém, em contrapartida, eles também detêm o poder de negar acesso às próprias agendas. Assim, o poder está em todo o lugar, com os agentes sociais que, a partir de seus lugares identitários/culturais, estabelecem relações com as produções midiáticas, com as instituições e nas relações entre eles. O poder da mídia não se estabelece pela força, mas através de simbólicas que fazem gerir uma forma de organização de estar juntos.

Por meio dos processos de mediação são buscados vínculos com a *comunidade midiática* e, conseqüentemente, ações possíveis a partir de um lugar de fala determinado. A mediação organiza uma maneira de ‘estar junto’, forma comunidades que não são mais lugar de permanência, mas de passagem.

Disso, vale dizer, que os processos de mediação articulam diferentes saberes e temas provindos dos campos sociais, pois são mecanismos através dos quais se estruturam e se estabelecem conexões entre culturas, produzindo formas singulares de vivência e de apreensão da realidade.

A mediação realiza-se, dessa maneira, por engendramentos, construções, relações e estruturações dos dispositivos por meio de suas ações disposicionais mediante operações discursivas. A enunciação é um lugar de operação e de funcionamento dos dispositivos. É por meio de operações discursivas que os dispositivos *tecno-simbólicos* mobilizam seus saberes para transformar o fenômeno religioso num acontecimento midiático.

Para mostrar e explicar o funcionamento dos campos religioso e midiático e compreender como ocorre a mediação do fenômeno religioso, toma-se e articula-se, em função de suas complementaridades, dois conceitos – dispositivo e cerimonial midiático. Ao agregar esses dois conceitos ao conjunto de outros, nesse trabalho, será possível compreender de forma mais aprofundada como a Rede Vida constrói a Romaria e que estratégias e lógicas fundamentam suas operações discursivas.

3 Televisão, dispositivo e o cerimonial da Romaria

A pesquisa centra a atenção sobre o papel do campo midiático nos processos de construção de interações e de práticas de outros campos, como o religioso. Ao definir essa questão, enfatiza-se o funcionamento da midiatização que, segundo os autores discutidos, é também um grande *ambiente* em que há cruzamento de ações, principalmente, pelo trabalho dos dispositivos midiáticos e suas operações sobre o funcionamento dessas práticas.

O estudo foca a questão do dispositivo televisivo no qual se descreve o seu trabalho de produção do acontecimento - da midiatização da Romaria à *Romaria midiatizada*. A televisão é compreendida aqui não como canal ou suporte e nem como um lugar que apenas transporta conteúdos, mas em toda a complexidade de seu dispositivo, que abrange agenciamentos, co-determinações e cruzamentos, sejam visíveis ou não, e que tornam possível a construção dessa outra Romaria.

O sentido religioso da Romaria passa por rituais e se embasa em uma tradição da prática religiosa em que mostrar a Romaria é um trabalho singular que se faz através de um cerimonial e se fundamenta nas lógicas da midiatização.

Para compreender o caso da midiatização da Romaria da Medianeira, faz-se necessário discutir dois conceitos próximos: o de dispositivo, com ênfase no televisivo, a partir de uma perspectiva do campo da comunicação midiática e o de cerimonial, que está mais vinculado às vertentes sócio-antropológicas.

Como a televisão é um dispositivo cerimonial que engendra o acontecimento religioso, cruzam-se e articulam-se os dois conceitos, pois o dispositivo faz a cerimônia operar por meio de atividades *tecno-simbólicas*. É a partir da compreensão desses dois conceitos, de forma articulada, que se pode ter uma visão mais ampla das ações, dos engendramentos, das construções, das estruturações e das afetações que perpassam e que constituem o processo de midiatização da Romaria.

Dispositivo e cerimonial são dois conceitos dinâmicos que possuem condensações singulares e são transformados em processos complexos, pois possuem funcionamento e uma processualidade específica. Além disso, são constituídos por dinâmicas, historicidades e plasticidades próprias. Para a compreensão do objeto, a complementaridade desses dois

conceitos é imprescindível, pois o processo de midiáticação do acontecimento religioso se dá a partir de operações enunciativas dos dispositivos midiáticos.

Antes de compreender o conceito de dispositivo e também a especificidade da mídia televisiva, é preciso diferenciar alguns termos-chave que se toma para compreender a questão. Mesmo mantendo relações entre si, os conceitos de ritual, cerimônia e cerimonial possuem algumas especificidades que serão elencadas.

O conceito de ritual é compreendido a partir da idéia de que as sociedades organizam e realizam em seus contextos sócio-culturais momentos especiais. Turner (1974) utiliza as expressões ritual e rito como sinônimos e, para ele, o ritual é compreendido como um processo de mudança de estrutura ou de estado social, em que “os indivíduos estruturalmente inferiores aspiram à superioridade simbólica estrutural no ritual; os estruturalmente superiores aspiram à *communitas*²⁷ simbólica” (p.245).

É através de processos rituais que a sociedade conta histórias sobre si mesma, sendo um modo singular de expressão. Nesse sentido, o ritual é “o processo de pôr em relação, dando sentido aos fatos da vida social” (SILVA, 1986, p.1081). Dessa forma, momentos que integram a Romaria como um todo, como a procissão, a missa principal e a bênção da saúde são rituais, pois dizem respeito aos modos com que a cerimônia religiosa se constitui.

Porém, o conceito é mais abrangente para outros teóricos, como Da Matta (1977, p.21), que pondera “sendo o mundo social fundado em convenções e em símbolos, *todas as ações sociais* são realmente atos rituais ou atos passíveis de ritualização”²⁸. Os processos de midiáticação se realizam por meio rituais, pois dizem respeito a ações que possuem e que seguem regras orientadas pela cultura midiática e que são expressões e leituras da própria sociedade.

²⁷ O conceito está vinculado à idéia de espontaneidade, tendo uma “qualidade existencial” e abrangendo a totalidade do ser humano (TURNER, 1974, p.155).

²⁸ Grifo nosso.

Em função disso, utiliza-se o conceito de ritual para referir aos fundamentos, aos processos, aos modos de constituição do acontecimento religioso e também àqueles que dizem respeito à tessitura e ao funcionamento da Romaria como um acontecimento midiático.

Para o dispositivo midiático, os seus rituais são os *contratos discursivos*, suas *gramáticas* próprias produzidas a partir de rituais gerados por outras culturas. No interior das práticas sociais e das diferentes culturas ocorrem processos rituais e dinâmicas produzidas pelos sujeitos. Esses vários rituais gerados na e pela sociedade passam por processos de leitura, de estruturação e de produção de sentidos a partir de rituais próprios engendrados pelo trabalho dos dispositivos *tecno-simbólicos*. O que resulta desses processos é a cerimônia midiática.

O conceito de cerimônia é empregado, muitas vezes, como sinônimo de ritual, mas “enquanto conjunto de rituais, cerimônia seria a noção mais ampla” (SILVA, 1986, p.170). Porém, para ser considerada uma cerimônia, é necessário que seja uma ocasião especial, que tenha uma certa ordenação, que seja formal, e tenha natureza simbólica. No caso do objeto de estudo, cerimônia é o acontecimento religioso²⁹ como um todo já que lhe constituem vários momentos e processos, como os rituais.

O acontecimento midiático, para ser assim designado, deve possuir uma série de elementos singulares, conforme definem Dayan e Katz (1995 e 1984) e que será explicitado na seqüência, estando vinculado ao conceito de cerimônia midiática. A partir de fenômenos sociais específicos, como os rituais que constituem a Romaria, a televisão desenvolve estratégias específicas para operar sobre essas ocasiões cerimoniais, segundo os autores, produzindo a sua própria cerimônia.

As operações dos processos de midiatização constituem-se em momentos especiais de celebração dos próprios rituais da sociedade. Há, portanto, duas cerimônias específicas, mas que se entrelaçam: a religiosa, a Romaria como um todo, e a midiática, que é criada,

²⁹ Mesmo que se compreenda que o conceito de cerimônia está vinculado à antropologia e o de acontecimento, à comunicação, em função do objeto de estudo, utiliza-se de forma indiscriminada as expressões cerimônia e acontecimento para referir a Romaria em sua complexidade de momentos, rituais e processos. Igualmente, utilizam-se indiscriminadamente as expressões acontecimento midiático e cerimônia midiática seguindo perspectiva dos estudos de Dayan e Katz (1995).

engendrada e produzida por um complexo processo de produção de sentidos. A cerimônia seria uma resultante deste amplo processo, pode-se, assim, dizer o acontecimento, na sua forma de produto.

Já o conceito de cerimonial abrange um contexto mais amplo e refere-se ao conjunto de ações e de protocolos que orientam a realização da cerimônia. O cerimonial é compreendido como os modos e as formalidades com que a cerimônia é construída, se apresenta, se expressa e se constitui. Por cerimonial, compreende-se os processos e o conjunto de elementos que são desenvolvidos para constituição da própria cerimônia, abrangendo as ações para que ela se concretize.

Desse modo, é lícito afirmar que o cerimonial coloca em funcionamento os vários rituais e o cerimonial midiático representa a processualidade desses rituais. Esse cerimonial construído e elaborado pelas mídias apóia-se, enquanto um processo ritual, em vários outros processos rituais produzidos na e pela sociedade. O processo de midiatização leva em conta essas referências simbólicas de operações não-midiáticas.

A especificidade dos fundamentos e dos processos do cerimonial midiático é que ele não tem em sua gênese ações ‘puras’, pois só se constitui a partir de outras práticas, seja captando momentos de rituais ou se apoiando em elementos das culturas. Para a construção da cerimônia midiática, os cerimoniais se fundam em outros rituais, sendo, por natureza, heterogêneos, já que carregam marcas de simbólicas de vários campos. Entretanto, mesmo não sendo ‘pura’ e tendo como característica a heterogeneidade, a cerimônia midiática é produzida a partir de lógicas, de processos, de modelos e de operações singulares.

Em função disso, compreende-se o cerimonial midiático como um conjunto de ações e de processos heterogêneos que, a partir de marcas das simbólicas geradas pelos outros campos, produzem estratégias que estruturam uma outra Romaria. Embora traga marcas de sentidos do fenômeno religioso, os modos de construção da cerimônia midiática fazem com que haja preponderância das lógicas da midiatização, fazendo emergir uma Romaria específica, que é mostrada e visibilizada segundo operadores de temporalidades e de espacialidades da midiatização.

O cerimonial corresponde aos processos de engendramentos e de construções da cerimônia midiática. Ou seja, os processos e as operações complexas desenvolvidas pelo dispositivo *tecno-simbólico* na produção da *Teleromaria*. É por meio de operações e de estratégias enunciativas que os dispositivos midiáticos elaboram modos de dizer de várias ordens e produzem uma cerimônia própria. Para compreender como ocorre esse trabalho, inicialmente discute-se o conceito de dispositivo com ênfase na especificidade televisiva.

3.1 O dispositivo televisivo

O conceito de dispositivo é discutido aqui a partir de distintas abordagens da perspectiva do campo da comunicação midiática. Compreende-se que os dispositivos constituem-se por estruturas, agenciamentos e pontos de vinculação, em que eles têm autonomia para produzir suas tessituras, mas que seguem também prescrições que vêm de outros campos.

Da perspectiva do jornal e dos seus processos de produção de sentido, Mouillaud (1997) afirma que o dispositivo deve ser pensado como uma matriz, em que ele “não comanda apenas a ordem dos enunciados, mas a própria postura do leitor” (p.32).

Este conceito do autor, que está vinculado diretamente ao funcionamento do jornalismo, explicita a idéia de que o dispositivo não é só o suporte técnico onde os discursos são enunciados, mas também uma matriz que orienta e que co-determina os vínculos que os receptores estabelecem com essa oferta discursiva.

O dispositivo pode ser também entendido como um lugar de inscrição do texto que “tem uma forma que é sua especificidade, em particular, um modo de estruturação do espaço e do tempo” (p.35) assinala o autor. Essa maneira de estruturar está ligada à sua própria composição, que se relaciona com demais mecanismos. Por exemplo, o jornal está inscrito no dispositivo geral da informação, contendo outros elementos que lhe devem subordinação,

como o sistema de titulação. O dispositivo midiático é constituído, portanto, por agenciamentos e mecanismos *tecno-simbólicos* tanto em nível micro quanto macro estrutural.

Mesmo que dê ênfase à questão da materialidade e ao suporte, Mouillaud (1997) destaca que o dispositivo é uma matriz orientadora dos modos de interpretação, perspectiva que pode ser projetada para a televisão como lugar de produção de sentidos. O processo produtivo por meio do qual opera mecanismos de significação acaba incidindo sobre a forma com que os receptores vão se relacionar com a oferta discursiva.

O conceito do autor foi formulado para explicar o funcionamento estratégico e os modos de representação material do jornal, mas várias operações e engendramentos podem ser pensados em termos de televisão. Por exemplo, a seleção, a edição, a hierarquização, o ângulo, o ponto de vista, a abordagem, o enquadramento são ações empreendidas por aqueles que realizam o processo de produção de sentidos e acabam co-determinando as relações que os receptores vão estabelecer com essa matriz material e simbólica.

Em função disso, como os acontecimentos têm princípios de organização, havendo um encadeamento de elementos que combinados constroem a cerimônia presencial, os dispositivos midiáticos operam como instâncias que produzem momentos e também processos interpretativos. Assim, constituem-se em modos de estruturar possibilidades de leituras e de organização de níveis do real, sendo, portanto, instâncias privilegiadas de interpretação e de construção de realidades.

Ao analisar a especificidade da imagem, Aumont (1995) discorre também sobre o mesmo conceito, concebendo que o ponto de vista com que uma imagem é construída pelo dispositivo televisivo é determinado a partir do lugar técnico e cultural de onde o acontecimento é olhado, observado ou captado. Além disso, o ponto de vista é definido pelo modo singular de olhar e de considerar esse fenômeno e também a partir da avaliação do próprio acontecimento.

Dessa forma, o fato de o fenômeno fornecer elementos para serem captados não é garantia de que o ponto de vista construído os tenha como principal foco, já que ele é co-determinado pelos modos singulares com que os especialistas observam e julgam. Neste

contexto, o fenômeno religioso é reconstruído, reinventado, interpretado, avaliado e transformado pelo dispositivo televisivo que gera um outro acontecimento – a *Teleromaria*.

É importante pensar o conceito de dispositivo a partir de definição de Aumont (1995), que o define como um conjunto de elementos, dados e materiais que compreende “os meios e técnicas de produção de imagens, seu modo de circulação e eventualmente de reprodução, os lugares onde elas estão acessíveis e os suportes que servem para difundi-las” (p.135).

Mesmo estando mais ligado à esfera técnica, o conceito de dispositivo desenvolvido pelo autor, abrange o trabalho de produção e a circulação, as relações construídas no âmbito dos sentidos em produção e em recepção. A dimensão simbólica é referida por Aumont (1995) de forma menos contundente do que a técnica, pois aprofunda os fatores referentes aos artificios tecnológicos e que o compõem.

Disso resulta observar que o dispositivo televisivo compreende os modos com que as imagens são produzidas, aplicando e efetivando ações e rotinas de produção no momento do acontecimento, como enquadramentos, posicionamentos de câmeras, recursos materiais, julgamentos e avaliações por parte dos agentes do campo midiático que são encarregados de interpretar e de construir um mecanismo de leitura sobre esses fragmentos de real-; a própria cena em que o fenômeno se realiza; o suporte material e técnico em que ocorre a veiculação – a televisão em si -, os modos de circulação – as ressonâncias e as construções singulares empreendidas pelos telespectadores.

Em função disso, para Aumont (1995, p.192), o dispositivo é o que “regula a relação do espectador e suas imagens *em determinado contexto simbólico*”³⁰, sendo compreendido em sua dimensão técnica e sócio-simbólica. A idéia de regulação por parte do dispositivo se realiza através dessas duas dimensões que incidem sobre o aspecto temporal. De acordo com o autor, a dimensão técnica está vinculada à questão de haver melhor apresentação da imagem e a sócio-simbólica se refere ao fato de que o dispositivo “legitima o próprio fato de ir ver imagens mutáveis na tela” (p.173).

³⁰Grifos do original.

Nessa perspectiva, a percepção da imagem está atrelada não apenas a uma questão de ordem técnica – opacidade, cintilação, mascaramento, etc – mas também a uma dimensão sócio-simbólica, pois os sentidos são construídos a partir da relação entre o receptor, o dispositivo técnico e as projeções individuais.

Como o dispositivo regula as relações entre o acontecimento e o telespectador, há fatores de ordem simbólica que incidem sobre as lógicas de produção e os modos de recepção, pois é a partir da construção de vínculos sociais que os sentidos se constroem.

Há algumas especificidades da imagem televisiva o que Aumont (1995) nomeia como um terceiro tipo (os outros são a imagem impressa e a projetada) de dispositivo: é de tamanho pequeno, pode ser direcionada a espectadores individuais ou coletivos tanto a domicílio quanto em espaço socializado, a incidência de muita luz pode alterá-la e para manejar a imagem de vídeo “é necessário intervir no sentido de sua produção” (p.177).

A partir dessa reflexão, infere-se que as ações que se referem à ordem técnica do dispositivo televisivo não possuem uma lógica própria, pois é preciso haver a intervenção e o trabalho de agentes do campo na construção dessas imagens. Neste contexto, as instâncias técnica e simbólica são indissociáveis, pois é o conjunto de ações realizadas nestes dois âmbitos que determina a essência do próprio dispositivo.

Esse emaranhado de ações efetivadas pelo dispositivo técnico e os especialistas do campo midiático inclui estratégias para mostrar ao telespectador fragmentos do que não pode ser visto presencialmente: o ângulo, o enquadramento, o ponto de vista, o corte, a edição. A câmera é uma espécie de olho que cumpre papel central para que o dispositivo funcione. Isso se refere, segundo Aumont (1995), ao que não é visível, “mas que permite ver” (p.153).

É a partir de regras constitutivas do dispositivo televisivo que os receptores acabam construindo seus próprios sentidos, em que as relações com o tempo e o espaço não se realizam de forma tradicional, pois são atravessadas, como foi visto, pela *tecno-interação*, como refere (SODRÉ, 2002). Numa transmissão ‘ao vivo’, o dispositivo televisivo faz com que se compartilhe a experiência num mesmo tempo, porém, em outro espaço perpassado pelos aparatos *tecno-simbólicos*.

No capítulo anterior, abordou-se o fato de a midiaticização fazer com que surjam outros modos de vivenciar e de relacionar-se socialmente. A *comunidade midiática* resulta e se constitui a partir desse trabalho complexo dos dispositivos midiáticos que produzem imagens sobre os acontecimentos através de enquadramentos singulares.

O enquadramento pressupõe, segundo conceitua Aumont (1995), relações entre um olho fictício – o da câmera, por exemplo, e o conjunto de ações e de objetos que compõem a cena e que podem ser captados. A composição da imagem está relacionada ao enquadramento, e, para isso, representa “uma questão de centramento/descentramento permanente, de criação de centros visuais, de equilíbrio entre diversos centros, sob a direção de um ‘centro absoluto’, o cume da pirâmide, o Olho” (p.154).

Mesmo se tratando mais de uma questão de ordem técnica, o enquadramento realizado pela câmera segue uma lógica interna ao funcionamento do dispositivo televisivo e essas operações são comandadas e perpassadas pelas instâncias de produção, onde estão situados os especialistas do campo midiático.

Aumont (1995) esmiuça o funcionamento do dispositivo de imagem, mostrando estratégias e modos singulares de operar. Ainda que dê mais ênfase à questão técnica, os conceitos do autor remetem a intervenções de ordem simbólica, pois há um trabalho discursivo na instância da produção. E, além disso, há as ressonâncias no âmbito da circulação, em que os receptores estabelecem vínculos entre si e o dispositivo *tecnosimbólico*, numa complexa rede de relações técnicas e sócio-discursivas.

Procurando abranger elementos de ordem sócio-discursiva e não só as questões mais técnicas, outros estudos são desenvolvidos a partir de uma perspectiva que procura compreender a ordem simbólica do dispositivo, buscando equilibrar esse viés às proposições mais tradicionais que tratam especialmente do contexto de fundo técnico. É necessário compreender a complexidade que perpassa não só as questões técnicas, mas também as operações sócio-simbólicas dos dispositivos.

O conceito de dispositivo está também atrelado à compreensão da produção de sentido “não mais a partir do suporte tecnologia ou linguagem, mas de um conjunto de relações

práticas, discursivas e tecnológicas” assinala Ferreira (2003, p.91). O dispositivo é mais que um suporte tecnológico que liga dois sujeitos e também não está reduzido à função linguística, já que abrange um emaranhado de relações de ordem técnica e simbólica.

Nos termos do autor, o dispositivo envolve elementos técnicos, normativos e discursos, constituindo-se enquanto tal a partir do agrupamento de distintos objetos. O trabalho do dispositivo acaba gerando novas modalidades de contato e de interação, em que as normas e os modos de operar anteriores são revistos e reformulados a partir de outras operações de sentidos. Isso sugere pensar que o funcionamento do próprio dispositivo televisivo possibilita alterações em suas regras, atualizações dos vínculos e dos processos de produção de sentidos por parte da própria *comunidade midiática*.

Neste contexto, Ferreira (2003) utiliza uma construção figurativa para definir o dispositivo como “uma fábrica de autopilotagem, de autoconstrução da individualidade nas interações com os outros e com os objetos heterogêneos nela colocados” (p.102). A partir dessa metáfora, compreende-se que faz parte da própria constituição do dispositivo essa capacidade de auto-reformulação e de auto-regulação e, essas ações, têm incidência sobre as redes que os sujeitos estabelecem entre si e as ofertas discursivas.

Disso resulta a constatação de que o dispositivo não é apenas uma instância que promove transações, pois seu trabalho altera o próprio modo com que os sujeitos formam seus vínculos. É nesse contexto que, para o autor, o dispositivo abrange aspectos relativos à produção, à recepção, aos temas, às estratégias, às linguagens e às trocas.

A perspectiva do autor distancia-se um pouco da discussão proposta por Aumont (1995), que centra-se mais nas questões técnicas e, especialmente, no dispositivo imagético em suas múltiplas representações, seja por meio da fotografia, do cinema ou da televisão. Para dar conta de sua complexidade constitutiva, Ferreira (2003) procura compreender o dispositivo não só como uma instância técnica, mas também significativa que opera distintas ações promovendo interações e colocando em relação práticas heterogêneas. Porém, o autor não se detém em analisar um dispositivo específico, formulando seus conceitos a partir de uma matriz mais geral e uma categoria quase abstrata.

A questão técnica é um dos elementos que compõem a sua complexidade e as operações simbólicas são singulares na medida em que representam um modo de ser e de constituir realidades. Para tanto, o dispositivo deve ser compreendido como uma instância produtora de sentidos que abrange momentos e estratégias distintas que incidem sobre as relações sociais.

Disso decorre assinalar que o conceito de dispositivo como suporte técnico e apenas como meio de ligação não dá conta de explicar os complexos processos de produção de sentidos. Para entender como o dispositivo televisivo constrói suas próprias cerimônias midiáticas a partir de fenômenos sociais, como o religioso, é preciso refletir sobre o seu funcionamento, a sua constituição, as suas especificidades e as suas estratégias.

Neste contexto, poucos são os estudos que refletem sobre o funcionamento e a especificidade do dispositivo televisivo. Uma dessas abordagens considera a televisão como uma rede complexa que comporta uma dimensão institucional, “de onde derivam notadamente as funções estratégicas e os dispositivos que as portam”³¹ (NEL, 1999, p.134). Mesmo que enfatize a questão do suporte, o autor destaca que os modos de funcionamento da televisão só podem ser compreendidos em sua complexidade que está diretamente vinculada ao fato de constituir-se enquanto uma instituição dotada de características próprias.

O autor detalha os elementos e os modos de funcionamento do dispositivo televisivo reconhecendo suas dimensões técnica e simbólica, dizendo que é preciso compreender a ação da televisão em suas múltiplas facetas, que se desdobram em regimes “co-presentes de significações: regimes de inteligibilidade (gestão das informações e dos saberes), de visibilidade-audibilidade (configurações de imagens e de sons), de afetividade (modulações das emoções), de beleza (produção de formas estéticas)” (1999, p.137). Além desses fatores, há os regimes de confiança e de crença que se relacionam ao fato de que se espera vinculações dos seus processos produtivos à realidade.

Em função disso, avalia-se que a complexidade é um fator inerente à própria constituição do dispositivo televisivo que funciona como tal a partir de regimes de

³¹ As traduções da obra do autor são próprias.

discursividades que procuram explicar os fenômenos por meio de seu aparato técnico e significante.

Posicionamento semelhante busca esmiuçar as etapas, as características e as singularidades que perpassam o fazer televisivo. Carlón (2004) analisa os fatores específicos do dispositivo televisivo e também as diferenças entre o ‘gravado’ e o ‘ao vivo’, o que ajuda, por exemplo, a compreender os modos de organização da transmissão direta da Romaria. Para tal, a distinção entre ‘gravado’ e ‘ao vivo’ é necessária porque “o estatuto do que se vê é absolutamente oposto”³² (p. 100), pois são dois dispositivos distintos e também espectadores diferentes. Em uma transmissão direta, há um contato com um ‘real’ num dado tempo, enquanto que o ‘gravado’ representa que houve um trabalho de edição e de montagem.

Para definir o conceito de dispositivo, o autor postula distinções entre a técnica – o suporte físico -, as mídias – que abarcam práticas sociais articuladas com aparatos tecnológicos - e os dispositivos – que incluem as diferentes maneiras de funcionamento e as distintas modalidades de produção de sentido. A agregação dessas instâncias expressa as complexas atividades produtivas das mídias que resultam das relações que os receptores estabelecem com a construção midiática.

Ao abordar a singularidade das transmissões televisivas ‘ao vivo’, Carlón (2004) considera que não há como fixar uma autoria, pois não aparece a figura do diretor em função da maximização da visibilidade e pelo fato de a televisão mostrar as várias vozes.

A presença e a articulação de vozes dos vários campos sociais faz com que o papel do diretor seja atravessado por marcas de outros campos e que a transmissão não tenha uma autoria única, pois é co-partilhada. O trabalho do dispositivo televisivo é co-determinado por essa multiplicidade polifônica em que, como foi visto no capítulo anterior, o atravessamento e a presença dos campos sociais no midiático faz com que haja co-enunciadores.

Outro aspecto singular em relação à transmissão ‘ao vivo’ é que o curso dos eventos televisionados diretamente pode mudar se for captado algo imprevisto e se algum outro

³² Idem.

dispositivo entrar em cena. Esse aspecto é, para o autor, uma característica particular das transmissões diretas de acontecimentos televisionados.

A especificidade da transmissão televisiva repousa sobre a variedade de acontecimentos, a “diversidade das operações e mecanismos que entram em jogo no seu televisionamento (...) e os distintos dispositivos com os quais o televisionamento direto aparece articulado em cada ocasião: em outros termos, seu caráter de hiperdispositivo” (CARLÓN, 2004, p.80). Nesse sentido, o conceito de hiperdispositivo é aplicado à articulação de dispositivos que geram efeito de feedback, como a intervenção do telefone, exemplifica o autor.

Em estudo singular sobre as estratégias e os modos de funcionamento de dispositivos midiáticos em relação à construção do fenômeno religioso, Bandeira (2006) analisa, por meio de um trabalho empírico, as conexões, os atravessamentos e as co-determinações engendrados pelos dispositivos desenvolvidos e utilizados pela Igreja Universal em Porto Alegre, RS, para se constituir em uma *igreja midiática*.

O estudo mostra como os dispositivos midiáticos operam enquanto caráter de *hiperdispositivos*, havendo atravessamentos, co-determinações, sobreposições, concorrências e entrelaçamentos. A Igreja Universal é uma consequência dos agenciamentos e dos entrelaçamentos de dispositivos.

Na transmissão direta de um acontecimento, vários dispositivos operam através de mecanismos singulares e do trabalho de seus especialistas – diretores, câmeras, comentaristas, espectadores -, havendo maior possibilidade de ocorrer ingerências e podendo modificar a própria captação. Disso resulta afirmar que essas relações imbricadas geram distintas operações de produção e de efeitos de reconhecimento.

Em transmissões diretas, o dispositivo não apenas capta, mas constrói um modo através do qual os receptores devem ver esse real que está se desenvolvendo. Dessa maneira, o próprio dispositivo co-constitui o receptor e é a partir de considerações singulares e da mobilização de suas *gramáticas* que cada um se relaciona com a enunciação televisiva.

Em uma análise sobre os novos modos de interação televisiva, Eco (1984) observa que a televisão tem se transformado de um veículo de produção de enunciados para um aparato produtor da realidade, havendo um deslocamento dos processos restritos de fala para os detalhes da produção das enunciações.

Hoje, para o autor, a televisão, que é nomeada como *neo-televisão*, taticamente mostra e exhibe seus mecanismos técnicos por meio de ângulos que possam expressar ao telespectador a sua testemunhalidade, dizendo a ele que está presente no contexto do acontecimento e tem competência para mostrar a realidade que está a sua frente.

Dito isso, passar a detalhar os processos através dos quais a televisão engendra a realidade é um modo estratégico de buscar efeitos de sentidos que apontem para sua autoridade não somente como um meio que reconstrua fatos, mas também como um dispositivo que aciona mudanças nos próprios modos de organização dos acontecimentos.

As operações desenvolvidas pela televisão em transmissões diretas têm gerado conseqüências, como o fato de que “a presença das telecâmeras influencia o curso do evento”, avalia Eco (1984, p. 196) e também o fato de saber anteriormente que será midiaticizado provoca alterações na preparação dos acontecimentos. Para o autor, alguns acontecimentos só foram concebidos como tal em função da presença e da operação da televisão. “Aproximamos cada vez mais da predisposição do evento natural para com os fins da transmissão pela televisão” (p.197). Esses modos de afetação dos processos midiáticos sobre as práticas sociais resultam em um outro acontecimento, como será detalhado na seqüência.

Em função disso, a televisão passa a estruturar os próprios acontecimentos, fazendo que eles adequem seus modos de organização e de execução para que sejam captados pelo seu aparato técnico-significante. Mesmo que não reflita especificamente sobre o conceito de dispositivo, Eco (1984) problematiza o fato de a televisão, cada vez mais, ocasionar mudanças nas práticas sociais para que possam ser transmitidas diretamente.

De outra parte, as perspectivas teóricas de Carlón (2004) e de Nel (1999) possuem semelhanças no que diz respeito à problematização das características singulares do dispositivo televisivo compreendido como uma matriz significativa complexa que se funda em

operações técnicas e simbólicas. Mas, as proposições de Carlón (2004) ampliam a compreensão do conceito de dispositivo, pois se afastam da questão da materialidade em que o suporte seria organizado para a posterior efetivação do sentido, idéia que é enfatizada por Mouillaud (1997). Suas elaborações teóricas também aprofundam a especificidade da televisão que só é enfocada em alguns dos momentos em que Aumont (1995) problematiza aspectos técnicos e os vários modos de representações da imagem e, ainda, os conceitos de Carlón (2004) se aproximam das proposições de Ferreira (2003) no que diz respeito as suas operações simbólicas.

Desse modo, compreende-se que o dispositivo televisivo deve ser analisado através dos vários mecanismos de produção de sentidos que lhe são constitutivos, afastando-se de uma preponderância da questão técnica e centrando-se num conjunto de operações e de estratégias de ordem *tecno-simbólica*.

Para tanto, considera-se que o trabalho de produção do dispositivo televisivo é marcado pela complexa teia de sentidos construída desde os mecanismos técnicos e operações por parte dos especialistas do campo midiático, até as ressonâncias e os vínculos que os receptores estabelecem com a oferta discursiva produzindo os seus próprios sentidos.

Como os dispositivos fazem funcionar seu aparato técnico-significante por meio de operações enunciativas através das quais os processos midiáticos dão inteligibilidade aos fenômenos, faz-se necessário compreender também o dispositivo como mecanismo de enunciação. A intenção não é reduzir o conceito de dispositivo a operações que dizem respeito apenas ao âmbito da linguagem, que dele lançam mão ou, por outro lado, significam duas partes do funcionamento do dispositivo.

Para tal, é importante salientar que o sentido só é produzido através de várias operações, pois ele não está definido no enunciado em si. Para dar conta da interação é necessário abarcar o processo de enunciação, que “*institui, vigia e sanciona o seu sentido*”³³, como define Rodrigues (1998, p.145). Esses processos de ordem simbólica se efetivam a

³³ Grifos do original.

partir de ações desenvolvidas no âmbito da atividade produtiva do próprio dispositivo e nas relações que são construídas entre ele e os receptores.

Neste contexto, o dispositivo de enunciação propõe discursos para os receptores que empreendem, a sua maneira, valores, atributos e vínculos num dado contexto cultural e social. A atividade de produção de sentido não pode ser descolada desse contexto sócio-cultural, pois ele co-determina os sentidos.

A enunciação abrange ações e momentos relativos ao dispositivo televisivo em si – as suas características, o funcionamento das modalidades produtivas, a finalidade que quer atingir, a busca de co-enunciadores – e também ao receptor, pois quer produzir um efeito de reconhecimento e, para isso, adapta o discurso ao que projeta ser o seu ‘leitor ideal’.

O dispositivo midiático opera e põe em funcionamento as enunciações e delas resultam também *contratos*, que são proposições que cada mídia faz com seus públicos receptores através desses processos enunciativos.

Ao entrarem em comunicação³⁴, ou seja, quando iniciam os vínculos, estão implícitos alguns procedimentos discursivos. A mídia fala para seus públicos a partir de construções, utilizando recursos lingüísticos e/ou visuais, que são editados de acordo com regras e lógicas próprias. Essa oferta discursiva é disposta aos seus leitores/telespectadores, que agem sobre ela a partir de *gramáticas* próprias e também daquelas elaboradas pelas mídias.

O discurso que é gerado pelo dispositivo midiático relaciona-se com o receptor e busca legitimidade através do que Maingueneau (2001) define como cena de enunciação, em que essa cenografia “é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra”³⁵ (p.87).

O *contrato discursivo* prevê uma reciprocidade, em que as regras dessa troca podem ou não ser plenamente conhecidas. Esse explícito ou implícito que rege as regras do *contrato* não representa que os vínculos sejam automáticos, pois seu estabelecimento envolve

³⁴ Essa idéia de que há regras que orientam a interação social foi o fio condutor dos estudos empreendidos pelos pesquisadores que integraram a Escola de Palo Alto.

³⁵ Grifos do original.

negociações, interconexões e/ou tensões entre as partes envolvidas. Nesse sentido, todo “gênero de discurso exige daqueles que dele participam que aceitem um certo número de regras mutuamente conhecidas e as sanções previstas para quem as transgredir” (MAINGUENEAU, 2001, p. 69).

O *contrato de leitura* é marcado pela relação entre os que constituem o processo comunicacional. As comunicações midiáticas fazem-se sobre um contrato simbólico que representa as relações entre a oferta discursiva e a sua efetivação através da ação dos sujeitos. O *contrato discursivo* vincula o dispositivo midiático e aqueles para quem o produto é ofertado.

Um dos níveis de funcionamento da mediatização, enquanto dispositivo de enunciação, ocorre por meio de *contratos de leitura* que contêm marcas dos “lugares enunciadores” segundo Fausto Neto (1995, p. 201). A partir do que foi refletido no capítulo anterior, entende-se que as operações midiáticas hibridizam, mesclam, destacam ou mesmo apagam as marcas discursivas dos outros campos, pois trabalham a partir de um modo singular de mostrar e de construir os fenômenos sociais num lugar determinado de fala.

É a partir de operações sócio-técnicas que as mídias elaboram e colocam em funcionamento estratégias de produção de sentidos, fazendo com que os receptores mobilizem suas próprias culturas quando se relacionam com a oferta discursiva.

O dispositivo midiático impõe os seus protocolos de funcionamento e as regras dos seus cerimoniais aos receptores através de *contratos discursivos* e, como foi dito, os processos midiáticos realizam-se através do trabalho dos dispositivos, que possuem os seus próprios códigos reguladores de observação, de avaliação e de interpretação.

O dispositivo televisivo possui um modo singular de existir e de agir, pois suas ações se dão através de uma particularidade técnica e discursiva. É a dimensão simbólica que marca e constitui a sua singularidade, pois é determinante e essencial na construção da própria realidade social – é ele quem a interpreta e a constrói a partir de distintas e variadas estratégias de produção de sentidos.

Nesse contexto, há muitos acontecimentos que pré-existem à televisão, como o religioso que carrega seus rituais de realização, seja o modo hierárquico de organizar-se, a forma de ler o significado dos símbolos e do mundo, os aspectos celebrativos ou as interações que tornam a cerimônia carregada de valores e de simbólicas.

Para refletir sobre como o dispositivo televisivo produz a sua cerimônia a partir de matrizes simbólicas do acontecimento religioso, discute-se também o conceito de cerimonial midiático com objetivo de compreender como são construídos esses *contratos discursivos* e ainda como se dão os processos enunciativos ao engendrar esse fenômeno, segundo um novo cerimonial.

3.2 O cerimonial midiático

Como foi dito, articulam-se os conceitos de dispositivo e de cerimonial midiático por entender que por meio de operações *techo-simbólicas* constrói a sua própria cerimônia em que os seus modos de funcionamento remetem a ações e a estratégias singulares. E esse trabalho complexo ocorre por meio de estruturações, de engendramentos e de processos que integram o cerimonial midiático.

Conforme já referido, os rituais são definidos por regras e se realizam na e pela sociedade. Através de seus valores, motivações e tradições, as sociedades organizam momentos especiais para celebrar, pois as suas culturas geram significados por meio das cerimônias.

Nessa cadeia complexa de operações, de construções e de modos de significar que abrange desde a ocorrência do fenômeno em si até a produção da cerimônia midiática, os dispositivos estruturam e põem em funcionamento os rituais que sofrem hibridizações de vários processos de leitura e de sentidos. Operando numa ordem interdiscursiva, os dispositivos televisivos constroem com marcas próprias e também com aspectos de outros campos a sua própria cerimônia.

Para tanto, os elementos da cultura do acontecimento não são excluídos pelo dispositivo midiático, mas sim combinados, mesclados, redimensionados, reelaborados para que os receptores possam se reconhecer com a oferta discursiva. É através da mediatização que os sujeitos atualizam seus valores e esse processo só se concretiza em função do trabalho de dispositivos complexos, como os televisivos.

Parafraseando e adaptando o conceito de Katz (1993) sobre o fato de o apresentador de um acontecimento midiático ser um *mestre de cerimônias*³⁶, compreende-se que a partir de marcas constitutivas dos fenômenos sociais, seus valores e suas culturas, o corpo técnico dos dispositivos age como tal, seja organizando, construindo, reformulando ou tecendo um outro acontecimento.

Desse encontro de duas cerimônias – aquela que acontece de forma direta e presencial (no ‘chão social’) e a que é construída pelo dispositivo televisivo – resulta um processo complexo de produção de sentidos, pois os dispositivos *tecno-simbólicos* tomam para si operações de outros campos mobilizando uma série de estratégias próprias para engendrar uma outra modalidade de cerimônia.

Durante décadas, Dayan e Katz (1984, 1995) e Katz (1993) têm estudado grandes eventos públicos que são considerados ocasiões cerimoniais para serem geradas pela televisão. O conceito de acontecimento midiático, postulado pelos autores e que será melhor discutido na seqüência, diz respeito a grandes cerimônias públicas que são planejadas com antecedência, são transmitidas ‘ao vivo’, destacam um grupo ou uma personalidade e tem significado ritual.

Inspirada no conceito antropológico de cerimônia que seria, como foi dito, um conjunto de rituais organizados e gerados pelas práticas sociais, essa perspectiva teórica faz uma leitura da intervenção da televisão nesses fenômenos em que o dispositivo midiático os ritualiza por meio de protocolos e de ações construindo uma cerimônia própria - a

³⁶ Para fins de discussão e análise, consideramos que o papel de *mestre de cerimônias* não seja só desempenhado pelo apresentador, mas por todo o corpo técnico midiático.

telecerimônia. É nesse sentido que os acontecimentos midiáticos são “os grandes dias de festa’ dos *media*”³⁷ (KATZ, 1993, p. 53).

A noção de cerimônia é compreendida a partir da idéia de que se trata de um momento construído, elaborado com antecedência, que segue regras específicas, tem uma estrutura pré-definida, em que os sujeitos que participam dos rituais cumprem papéis pré-estabelecidos e marcados por simbólicas próprias. A cerimônia constitui-se por características distintas, estando cercada de explicações e de lógicas que orientam o seu desenvolvimento.

O fenômeno sócio-religioso da Romaria configura-se numa cerimônia onde estão presentes elementos constitutivos desse campo e também ações externas, como das mídias, além daquelas de outros campos sociais. A construção enunciativa desse conjunto de rituais se faz por meio de regras e por protocolos específicos que constituem um processo maior - o cerimonial - concebido e estruturado pelo dispositivo midiático e que será descrito, mostrado e analisado na última Parte. A cerimônia midiática é o produto desses complexos processos de produção de sentidos.

A televisão produz uma cerimônia singular da ocasião que está transmitindo através de regras de seu campo, das *gramáticas* e suas lógicas, das diferentes estratégias enunciativas e dos modos de mostrar e dizer. O dispositivo midiático opera sobre essas cerimônias públicas explicando os sentidos dos símbolos e as ações desenvolvidas pelos atores sociais, ressemantizando-os e gerando uma forma muito particular de mostrar, nomear, dizer, evidenciar, destacar.

Nessa perspectiva, tomando operações de outros campos, o dispositivo televisivo trabalha na produção de grandes cerimônias públicas através de ações, construções, estratégias e *gramáticas* singulares que constituem o processo de produção de sentidos. A televisão formula os sentidos dos símbolos dos acontecimentos.

A televisão realiza esse trabalho singular sem deixar de fora elementos que constituem a ‘cultura do acontecimento’, pois ela combina, mescla, atribui maior ou menor valor aos

³⁷ Grifos do original.

sentimentos que a sociedade desenvolve, articula e realiza para se representar. O dispositivo midiático não refina o que está acontecendo para depois excluir. Pelo contrário, como foi discutido no capítulo anterior, ele leva em conta fragmentos das interdiscursividades agindo sobre o acontecimento sócio-cultural e gerando a sua própria cerimônia.

A cerimônia requer testemunhas para provar que ela existe e, segundo Dayan e Katz (1984), essa testemunhalidade é exercida pelo trabalho do dispositivo televisivo que divide essa tarefa com aqueles que integram a própria cerimônia.

Aqueles que integram o corpo técnico da televisão são uma espécie de *mestre de cerimônias*, pois não só presidem, mas orquestram rituais. Nesse sentido, a televisão e seu aparato técnico e discursivo comandam e ligam (SAMAIN, 2001), pois são a estrutura que une³⁸, já que organizar, juntar, acoplar, cortar, fragmentar são funções e atividades simbólicas realizadas pelo dispositivo.

Esse trabalho de produção do dispositivo midiático é complexo e singular e se concretiza através de *contratos de leitura*, como foi discutido no capítulo anterior. É por meio da oferta discursiva que a televisão busca os vínculos e as conexões com seus receptores, que têm também seus pontos de articulação, de negociação e de elaboração, segundo define Verón (2003).

Neste contexto, os estudos realizados por Dayan e Katz (1984, 1995) e Katz (1993) mostram que o dispositivo televisivo intervém não só para mostrar o que está acontecendo como uma forma de veicular de um campo para outro, mas faz esse trabalho com certa autonomia, num modo de significar próprio através de sua dimensão discursiva.

O conceito de acontecimento midiático leva em conta uma série de características e elementos. Dentre eles, o fato de ser transmissões diretas, ‘ao vivo’, que não fazem parte do dia-a-dia, pois são “interrupções da rotina; interferem no fluxo normal das emissões e das

³⁸ Utiliza-se uma analogia ao que postulou Bateson (1996) sobre a impossibilidade de não comunicar. Sobre essa perspectiva, toma-se como referência apontamentos da publicação produzida a partir dos seminários avançados do PPGCC (Unisinos). BORELLI, Viviane. “É impossível não comunicar”: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação. In: Diálogos Possíveis: revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 4, n. 2 (agosto-dezembro de 2005), Salvador: FSBA, 2005.

nossas vidas”³⁹ Dayan e Katz (1995, p. 14). Os eventos não são organizados pela emissora, mas por outros campos, em que o anúncio inicial de sua realização dá tempo para que a televisão se prepare mobilizando a estrutura necessária (parte técnica, operacional e profissional) para a transmissão direta, que atinge grandes audiências.

O acontecimento midiático, que está enquadrado em e por espacialidades e temporalidades, tem essa característica de ser anunciado antecipadamente para que a recepção também possa se preparar para o momento da transmissão. Os acontecimentos colocam em destaque um personagem central: “um herói – um, dois indivíduos, ou uma equipa” explica Katz (1993, p.54).

Resultando de complexos processos estruturados e determinados por meio de cerimoniais específicos, os acontecimentos midiáticos nada mais são que arranjos, condensações, fragmentos e registros de manifestações sociais e de práticas culturais. Para tanto, é por meio de regras particulares à enunciação midiática que os dispositivos operam sobre os rituais, sejam eles de ordem cultural, religiosa, militar, civil ou étnica, que são gerados na e pela sociedade.

Disso decorre assegurar que o dispositivo midiático engendra a sua maneira os rituais que são desenvolvidos para simbolizar os valores, as culturas, as crenças, enfim, as práticas sociais. Através de um cerimonial próprio que se realiza por meio de operações *tecnosimbólicas*, mescla e desloca para dentro de sua instância marcas rituais da realização dessas cerimônias.

São diversos os tipos de acontecimentos midiáticos estudados por Dayan e Katz (1984, 1995) e Katz (1993), como a chegada do homem à Lua, a coroação de Isabel II, a visita de Sadat a Jerusalém, os funerais do presidente Kennedy e de Gandhi, o casamento de Charles e Diana, as peregrinações do Papa João Paulo II, entre outros. Com esses estudos, os autores visam descrever como se funda e se constitui esse novo gênero narrativo por meio de construções próprias em que a televisão chama para si uma ampla atenção, transformando a experiência da visibilização.

³⁹ Todas as traduções das obras de Dayan e Katz (1995 e 1984) são próprias.

Além de grandes eventos transmitidos mundialmente, cada nação tem os seus próprios acontecimentos midiáticos que são gerados pelas suas emissoras de televisão tanto em nível nacional quanto regional. Mesmo que haja estratégias comuns para o funcionamento das operações dos dispositivos televisivos, há modos próprios de produção e de singularização dessas cerimônias públicas.

Embora sem estarem necessariamente associadas, as idéias de Dayan e Katz remetem a alguns acontecimentos de emoção no Brasil, como os funerais do presidente Tancredo Neves⁴⁰, do cantor sertanejo Leandro e do piloto de fórmula 1 Ayrton Senna, shows/missas de Padre Marcelo Rossi⁴¹, datas festivas, como o Carnaval⁴², os desfiles para festejar o dia da pátria⁴³, o 7 de Setembro.

Por exemplo, alguns eventos religiosos foram objeto de estudos, como o Círio de Nazaré (FAUSTO NETO, 2001 e ALVES, 2002) e a Romaria do Divino Pai Eterno (NASCIMENTO, 2002). Há ainda transmissões televisivas ‘ao vivo’ de grandes eventos religiosos como a homenagem à Nossa Senhora Aparecida (por redes católicas, como Canção Nova e Rede Vida), a procissão das águas de Nossa Senhora dos Navegantes (pela Rede Vida e TVE-RS) e a Romaria da Medianeira (Rede Vida e, eventualmente, a TVE-RS).

Em relação ao objeto de estudo, o dispositivo televisivo gera uma *telecerimônia* – a *Teleromaria da Medianeira* a partir de agenciamentos e ações *teco-simbólicos*. Algumas das proposições de Dayan e Katz para analisar as grandes ocasiões cerimoniais ajudam a construir uma inteligibilidade sobre o processo de midiaticização da Romaria porque os autores

⁴⁰ Como os estudos que tratam de leitura dos rituais e operações midiáticas quando da morte e do funeral do presidente Tancredo Neves: FAUSTO NETO, Antonio. **O Corpo Falado: a construção da doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais**. Belo Horizonte: PUC-MG/FUMARC, 1989; BRETAS, Maria Beatriz et al. **Meios e mitos: a morte e as mortes de Tancredo Neves**. In *Religião e Sociedade*. Vol. 12, número 3. Dezembro de 1985.

⁴¹ Como o estudo de HARTMANN, Attilio Ignácio. **Religiosidade e Mídia Eletrônica: a mediação sociocultural religiosa e a produção de sentido na recepção de televisão**. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo-ECA-SP, São Paulo, 2000, sobre a figura do padre como personagem midiático.

⁴² DA MATTA, Roberto. **O carnaval como rito de passagem**. In: *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

⁴³ Como a reflexão de DA MATTA, Roberto. **Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos**. In *Religião e Sociedade*. São João Del Rey, RJ. N.1. Maio de 1977, acerca dos rituais e processos que integram o Carnaval e o desfile cívico.

relacionam uma série de elementos que constituem os modos com que o acontecimento é construído. Para tanto, a seguir, passa-se a descrevê-los.

O acontecimento midiático propõe uma estrutura em torno de um significado dramático ou ritual, por isso sua retórica está carregada de reverência, em que o apresentador “assume freqüentemente um papel *sacerdotal*, agindo como um mestre de cerimônias”⁴⁴ (KATZ, 1993, p.55). A partir de estudo da visita de Sadat a Jerusalém, o autor observa que o apresentador fala respeitosamente de aspectos que integram o cerimonial, como o anúncio do hino nacional e, depois, fica em silêncio novamente. Não são feitos comentários enquanto os rituais acontecem e o comentarista considera-se e é comparado a um celebrante, pois também está engendrando e comandando o cerimonial midiático.

O dispositivo televisivo lê e produz os acontecimentos de uma forma que se aproxima do caráter celebrativo da cerimônia em si. Esse respeito ao ritmo, à emoção e às figuras centrais do acontecimento é explicitado nas falas dos especialistas dos campos sociais que dele participam e também naquelas dos agentes midiáticos.

O apresentador intervém de acordo com o ritmo da própria cerimônia, silenciando em alguns momentos em que as imagens do ritual tornam-se mais importantes do que a sua fala. Já o comentarista é perito no que está se desenrolando e a sua fala só integra a cerimônia midiática a partir de concessão do *mestre de cerimônias*, que convida o especialista para o trabalho de co-produção. Há diferentes lugares de fala: por parte das do campo midiático - apresentadores e repórteres - e dos especialistas, os comentaristas que têm conhecimento específico sobre o ritual que está se desenvolvendo.

Esses co-gestores da cerimônia midiática ocupam e têm posições discursivas distintas que os identificam como integrantes de campos específicos. Entretanto, o fato de pertencer a um campo não é garantia de que não poderá haver alternâncias nas posições discursivas, pois, como definem os autores, as próprias cerimônias acabam imprimindo um ritmo distinto de operacionalidade em relação ao modo com que o dispositivo midiático está acostumado a agir (a questão do tempo, a brevidade das falas, uma linguagem específica).

⁴⁴ Grifo do original.

Ao operar sobre essas grandes cerimônias, os agentes do campo midiático têm de lidar com uma certa tensão em função da alternância entre ser jornalista e ter de exercer um papel sacerdotal, já que a “ocasião requer ostensivamente modos de sacerdote” (KATZ, 1993, p.57). Desacelerar o ritmo das falas, fazer pausas, explicar e detalhar são atividades exercidas pelo enunciador do campo midiático no processo de construção dos acontecimentos midiáticos que acabam redefinindo os modos de operação do jornalismo.

Além de celebrarem a própria cerimônia que estão engendrando, os apresentadores e repórteres televisivos acabam assumindo um *status* semelhante ao dos atores centrais do acontecimento. Para tal, “os jornalistas se convertem em sacerdotes (...) e em participantes plenos na cerimônia, igualando-se aos atores principais”, como definem Dayan e Katz (1995, p.154).

No caso da midiaticização do religioso, predominam marcas discursivas de especialistas dos dois campos, mas há também outras vozes presentes no processo de enunciação. E, muitas vezes, não só os representantes do campo midiático assumem um papel quase sacerdotal, mas também especialistas de outros campos que agregam às suas falas marcas, características e modos de expressão do religioso. Decorre dessas ações empreendidas pelos especialistas dos vários campos sociais um processo polifônico que é complexo por natureza, e é engendrado pelo dispositivo midiático, que opera sobre essas interdiscursividades produzindo múltiplos sentidos.

O fato de engendrar a cerimônia midiática não significa que os agentes do campo midiático denotam suas posições de fala a todo o momento. Pelo *contrato*, por serem *mestres de cerimônias*, o papel dos jornalistas e do apresentador é central na organização e na produção desse acontecimento em que se utiliza de forma polifônica das marcas dos outros campos sociais, muitas vezes, apagando o seu próprio lugar de fala e assumindo outras posições.

Disso decorre dizer que, conforme explicação de Dayan e Katz (1995), os enunciados daqueles que constituem a cerimônia midiática são comedidas e controladas, havendo poucas intervenções de falas e, raras vezes, críticas. Os especialistas se limitam a explicar o significado dos símbolos da celebração, identificando a música, por exemplo, pois, para eles,

os acontecimentos midiáticos “celebram aquilo que, em termos gerais, são iniciativas da ordem estabelecida, as quais, como tais, são inquestionavelmente *hegemônicas*. Se as proclamam *históricas*”⁴⁵ (DAYAN e KATZ, 1995, p. 16). Como todos os rituais têm normas internas, as próprias regras que constituem essas práticas sociais específicas são celebradas.

Em relação a suas características, esse gênero televisivo possui três categorias centrais: *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*. A *sintaxe* refere-se às próprias regras para construção do acontecimento em que há um rol de funções e princípios a serem seguidos: o modo como é anunciado anteriormente e enunciado com respeito durante o seu desenrolar; o fato de as imagens dos rituais expressarem mais que as palavras faz com que, muitas vezes, os agentes do campo midiático silenciem.

A *sintaxe* também se refere à disposição das funções, aludindo à interrupção da programação normal, que é anunciada com cuidado, pois não é surpresa, já que foi previsto e esperado. As transmissões empregam formas especiais de retórica em que “as imagens e palavras são desaceleradas” (p. 18) para que possam moldar-se ao ritmo cerimonial.

A partir disso, resulta afirmar que elementos constitutivos da cerimônia produzida na e pela sociedade acabam co-determinando o próprio sentido da cerimônia midiática, pois ela carrega marcas rituais dos modos de organização, dos valores e das representações simbólicas das práticas sociais que estão sendo midiaticizadas.

Em relação à *semântica*, o consenso é celebrado e a mensagem central é de reconciliação, pois o “acontecimento se apresenta com *reverência cerimonial*, em tons que expressam sacralidade e temor respeitoso”⁴⁶, como destacam Dayan e Katz (1995, p. 19). Novamente, o ritmo do ritual em si acaba impondo seus próprios protocolos para a construção midiática.

Os autores definem que o sentido principal está ligado à dimensão consensual e reconciliadora. Diferentemente das notícias que destacam o conflito, os acontecimentos

⁴⁵ Grifos do original.

⁴⁶ Idem.

midiáticos “celebram a *resolução* ou o *vencer* o conflito”⁴⁷ (KATZ, 1993, p. 55). Por natureza, como eles têm um caráter celebrativo que busca ultrapassar o conflito, expressam a união e exprimem valores tradicionais quase que universais. A discordância pode ser um elemento do acontecimento que busca o consenso e/ou a união e não o destaque às posições rivais.

Dessa maneira, eventos que sejam definidos em sua essência pelo conflito e que sua transmissão destaque a desordem, não são estudados pelos autores por considerarem que o acontecimento midiático é um gênero distinto das orientações noticiosas que relatam o conflito⁴⁸.

Já o elemento *pragmático* refere-se às circunstâncias da recepção. As transmissões televisivas ‘ao vivo’ têm a capacidade de atingir audiências numerosas, em que os receptores são “*celebrantes ativos*”, e há “experiências compartilhadas que unificam aos espectadores entre si e com suas sociedades”⁴⁹, assinalam Dayan e Katz (1995, p. 20).

Essa ação de partilhar a mesma experiência de forma não presencial só é possível através do trabalho dos dispositivos que acabam gerando, como já foi destacado anteriormente, as *comunidades midiáticas*. É por meio de operações *tecno-simbólicas* empreendidas pelo dispositivo midiático que se estruturam vínculos e se estabelecem relações nesse novo modo de ‘estar junto’ e de partilhar experiências mesmo que de forma breve, ocasional, efêmera, fragmentada e fluída, como refere Bauman (2001).

Como foi discutido, a partir dos conceitos de ritual e de cerimônia, os rituais são atos societários gerados na essência da própria sociedade. Porém, essas práticas não se fazem

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Na conferência intitulada “Media and Ritual” da The Fifth International Conference on Media, Religion, and Culture: Mediating religion in the context of multicultural tension, Daniel Dayan explicou que o conceito de acontecimento midiático foi construído há quase duas décadas para se refletir sobre a produção de uma cerimônia televisiva a partir de ocasiões consensuais e não disputantes. Esses eventos celebrativos têm uma certa clareza em sua constituição, o que não quer dizer que não haja ações de distintos campos incidindo sobre ele. Os conflitos étnicos e religiosos que acontecem com frequência no Oriente Médio, por exemplo, não se encaixam nesse gênero televisivo. A conferência aconteceu na Stora Salen do Sigtuna Stiftelsen, no dia 7 de julho de 2006, em Sigtuna, Suécia.

⁴⁹ Grifos do original.

apenas nas suas fronteiras e em seus lugares histórico e cultural, pois essas cerimônias são momentos singulares de apresentação das próprias sociedades.

Para tal, o acontecimento é um pretexto para que a sociedade e seus sujeitos se expressem. “A cerimônia consiste em uma solene ‘apresentação de si’ em que uma sociedade se exhibe a ela mesma e as outras sociedades”, destacam Dayan e Katz (1984, p.86). Essa exibição da sociedade às demais só se realiza através da presença e do trabalho do dispositivo midiático que lê a cerimônia sócio-cultural agregando a ela elementos próprios.

A sociedade se mostra, se reconhece e se expressa na e pela mídia que é também um dispositivo de apresentação e de visibilidade. É por meio de processos técnicos e discursivos empreendidos pelos dispositivos midiáticos que as sociedades dão inteligibilidade as suas próprias práticas, estabelecem vínculos umas com as outras, expõem marcas de referência e características por meio de simbólicas próprias, expressando suas singularidades e também suas semelhanças com as demais.

Mostrar-se aos demais através da comunicação midiática é uma atividade ímpar, pois essa visibilização é necessária para que diferentes campos da sociedade estabeleçam contatos e também para que se legitimem, enquanto tal. A própria cultura midiática acaba impondo uma nova forma de apresentação da sociedade não mais apenas pelas mediações tradicionais, mas por meio da *tecno-interação*, como conceitua Sodré (2002). O fato de transformar seus modos de apresentação também resulta das demandas das próprias sociedades que precisam permanecer ligadas com seus públicos para mostrar suas especificidades, alterações, pontos de contato.

Nesse sentido, as práticas sociais eleitas, organizadas e realizadas pelos diversos campos sociais estão carregadas de simbólicas que são captadas, condensadas, mescladas e transformadas por operações discursivas empreendidas pelo dispositivo televisivo.

Para tanto, como foi discutido anteriormente, os dispositivos têm modos singulares de funcionamento e ainda desenvolvem uma série de estratégias nesse processo de visibilidade. As operações *tecno-simbólicas* são empreendidas de acordo com as características de cada

dispositivo, são co-determinadas pelo tipo de ocasião cerimonial que está sendo engendrada e ainda dependem do fato de ser ‘ao vivo’ ou ‘gravado’.

Mesmo sendo programados e pré-planejados, os acontecimentos midiáticos possuem o elemento da imprevisibilidade, pois há sempre a dúvida se tudo vai funcionar como o planejado. Neste aspecto, há uma certa tensão nos modos de agir dos especialistas dos campos envolvidos, pois “há algo como um pacote não escrito entre os organizadores de acontecimento e os produtores. Os *media* estão ali para ‘celebrar’ o acontecimento. Mas se alguma coisa corre mal?”⁵⁰, questiona Katz (1993, p. 57).

O papel do dispositivo televisivo de celebrar pode ser desestabilizado com a própria imprevisibilidade inerente à cerimônia ou mesmo pela ocorrência paralela de algo destoante. Esses imprevistos fazem com que os agentes do campo midiático tenham de decidir em permanecer com o mesmo ritmo empregado ou sair desse propósito, focando-se no fato inesperado.

Outro elemento que decorre do fato de ser uma transmissão direta é que, por haver uma edição no momento em que o acontecimento está sendo transmitido, o dispositivo televisivo enfrenta o “problema de como contar a ‘estória’, enquanto ela se está a desenrolar”⁵¹ (KATZ, 1993, p.56). A questão remete aos modos com que o dispositivo constrói a sua cerimônia, em que o “diretor tem de escolher entre várias imagens, o narrador tem de decidir quais as ações a salientar, os comentaristas e os analistas têm de os enquadrar num contexto” (p.56).

Esse processo de produção da cerimônia midiática abrange momentos e ações decisórias: o enquadramento, a tomada, os modos de enunciar, o corte, a edição no momento em que o acontecimento está sendo televisionado. Mas esse trabalho do dispositivo midiático se inicia antes de sua transmissão, pois ele contextualiza o que está por ser enunciado e já projeta suas próprias marcas de construção.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

O dispositivo midiático legitima e exerce um poder sobre o acontecimento que está sendo editado. O fato de a cerimônia ser transmitida “torna os próprios acontecimentos não só diferentes como também mais importantes” analisa Katz (1993, p.59). Além dessa ação sobre o *status* do próprio acontecimento, o autor destaca que um de seus principais efeitos centra-se na emoção.

No caso específico do fenômeno religioso, citam-se dois exemplos de efeitos gerados pelos acontecimentos midiáticos. Os modos de construção da cerimônia midiática podem apagar as fronteiras entre o *sagrado* e o *profano*, podendo, em alguns casos, ocorrer junções e choques de simbólicas. Além desse efeito, a forma com que os acontecimentos midiáticos são construídos “intensificam a hierarquização religiosa e personalizam o poder”, como conceituam Dayan e Katz (1995, p.167). Os modos de angular, de selecionar, de destacar e de exhibir denotam essa hierarquia que pré-determina a forma de organização e de execução dos rituais religiosos.

Os acontecimentos midiáticos geram também efeitos sobre as cerimônias em si, como a necessidade de sua reorganização para adequar-se à transmissão direta, exigindo que seja “emoldurado no tempo e que seus elementos integrantes sejam coerentes” (DAYAN e KATZ, 1995, p.167), o que instiga os organizadores a reconsiderarem e a reestruturarem a produção de seus rituais.

A temporalidade é categoria central para o funcionamento dos dispositivos televisivos. E, neste sentido, fenômenos sociais como a Romaria acabam sofrendo os efeitos dos processos de midiaticização, como será mostrado na 3ª Parte, pois é obrigada a rever seus modos de organização para que continue sendo transmitida diretamente.

Nas transmissões ‘ao vivo’ dessas cerimônias públicas, são exaltados os seus valores e as suas culturas, buscando-se efeitos de sentidos que produzam inteligibilidade do acontecimento que está sendo construído. Para isso, os receptores são interpelados a partir de papéis centrados nos especialistas dos campos sociais que co-produzem o acontecimento midiático, gerando-se um espetáculo em que os próprios agentes midiáticos dramatizam a construção da cerimônia.

Para prosseguir na reflexão, é necessário compreender como os autores diferenciam os conceitos de espetáculo, de festa e de cerimônia. A definição parte da especificidade do centro de atenção, da resposta e da natureza da interação entre o público e os atores.

No espetáculo, em que consideram como exemplos os esportes, o teatro, além do cinema, que seria a forma mais plena, há um nível mínimo de interação, pois “o que há para ver está muito claramente mostrado”, destacam Dayan e Katz (1995, p.80). O espetáculo pressupõe uma distinção muito clara de papéis entre os atores e o público, em que se pede aos espectadores uma resposta cognitiva ou emotiva. A reação do público pode realçar a representação, mas ela não é concebida como parte de sua definição. A interação, portanto, não representa relevância para a ação em desenvolvimento.

A festa, porém, possui um centro de atenção difuso, proporcionando diversos focos de interesse e mais espaços para atividades. Não há imposição de imagem ou exibição monopolística aos participantes porque a “interação é obviamente esperada, posto que os papéis dos atores e dos espectadores não são fixos nem irreversíveis”, ressaltam Dayan e Katz (1995, p.80). Dito isso, a natureza da representação que se obtém depende inteiramente da resposta do público.

Já na cerimônia há elementos de espetáculo e de festa, tendo um foco de interesse claro, uma distinção definida entre atores e espectadores, em que a resposta que se espera é específica e tradicional. A existência de cerimônia consiste na interação entre espectadores e atores, na qual a resposta do público constitui essa cerimônia. Caso contrário, ela torna-se vazia.

Dessas perspectivas, resulta afirmar que se “se organiza um acontecimento que contenha elementos tanto de cerimônia, como de festa, é razoável supor que esse acontecimento televisionado só pode ser espetáculo”, destacam Dayan e Katz (1995, p.80 e 81). Para isso, o fato de serem televisionados ‘ao vivo’ leva a mudanças nos seus rituais que são adaptados a um enfoque discursivo e, portanto, um dos efeitos dos acontecimentos midiáticos é a transformações das formas cerimoniais em espetáculo.

Em função disso, observa-se que o fato de haver uma construção por parte do dispositivo *tecno-simbólico* implica em uma outra cerimônia, posto que a partir de suas ações cerimoniais a televisão intervém sobre os rituais gerados na e pela sociedade seja hierarquizando, definindo valores, nomeando, classificando ações, organizando pontos de vista, estruturando enquadramentos. O dispositivo é, portanto, muito mais sujeito e menos objeto dessas cerimônias públicas.

Por ser protagonista, a televisão cria uma série de compensações para o fato de o telespectador não poder estar presencialmente no espaço em que a cerimônia se realiza, o que definem como uma ‘estética da compensação’. Entre esses elementos criados está a igualdade de acesso, especialmente através de ângulos distintos de visibilidade e na explicação do significado simbólico dos rituais e, além disso, a reinvenção de um lugar de acesso para compensar a não presença e o apagamento da distância real que os separa da celebração física.

Assim, entende-se que o dispositivo televisivo é um protagonista que busca constituir junto aos receptores uma forma de permanência através de *contratos discursivos* singulares. Esse trabalho integra tarefas, matrizes e modos de organizar a produção e a recepção face à cerimônia.

Esses modos de construção apontam para o fato de que o dispositivo televisivo produz uma cerimônia que sinaliza para novas formas de interação, para especificidades de seus próprios coletivos, uma forma de ‘estar junto’. Essa cerimônia midiática se constitui numa nova simbólica que comemora o sentido do sagrado a partir de novas operações de sentidos.

Como vai ser mostrado nas partes que seguem, a Romaria vai passando por mudanças afetadas pela complexidade dos processos de produção de sentidos engendrados pelos distintos dispositivos – as mídias impressas, o sistema de som, o rádio e a televisão.

Por ser um dispositivo leitor que tem um modelo de classificação midiático que não fica restrito no papel de observador, a televisão engendra uma cerimônia própria a partir da apropriação do religioso.

Na Parte seguinte, detalha-se alguns elementos constitutivos do contexto sócio-cultural em que a Romaria se realiza. Para tal, descreve-se, nos capítulos 1 e 2, o fenômeno nos seus

tempo e espaço da própria realidade religiosa para depois, examinar a entrada dos dispositivos midiáticos na realidade da Romaria, no capítulo 3. Só então, na última Parte, passa-se a descrever o trabalho da televisão sobre o acontecimento religioso, transformando-o e submetendo-o a uma nova noção de acontecimento.

PARTE 2 - CONTEXTUALIZAÇÕES DA ROMARIA

Nesta segunda parte, apresenta-se e discute-se a Romaria a partir de alguns ângulos contextuais, destacando elementos de várias naturezas para entender a especificidade do próprio fenômeno religioso.

É necessário conhecer o contexto em que se desenvolve a Romaria para se ter uma melhor compreensão das especificidades dessa *feira*, uma vez que há repercussões sobre os modos singulares do seu processo de mediação.

Mostra-se que a Romaria é um acontecimento perpassado por vários dispositivos midiáticos desde a sua origem, e que culmina com a sua mediação, por parte da Rede Vida.

No primeiro capítulo, indicam-se alguns registros históricos sobre o início da devoção à Medianeira em Santa Maria e como os campos sociais desenvolveram ações e negociações para a gênese do acontecimento religioso e para que depois ela pudesse se tornar padroeira do estado. Nessa breve contextualização, percebem-se as peculiaridades da *feira*, em que sua historicidade tem fortes vínculos com a identidade da própria comunidade onde ela se realiza.

No segundo capítulo, visando a melhor compreensão de como o fenômeno se estrutura e se realiza, discute-se a natureza de alguns conceitos como de romaria, de procissão, de festa e de cerimônia. O objetivo é situar a Romaria como uma manifestação cuja inteligibilidade estrutura-se a partir dos próprios campos sociais que tratam de sua existência, e são também mostradas algumas simbólicas que a constituem e que são produzidas pelos campos religioso, cultural, comunitário, econômico, político e midiático.

No terceiro capítulo, abordam-se alguns aspectos da historicidade da Romaria, a partir das mídias, seja impressa, radiofônica ou televisiva, uma vez que segundo nossa hipótese, a Romaria tem, além do campo religioso, sua origem permeada pela presença de operações midiáticas. Além disso, é por meio do trabalho de mediação que esse fenômeno religioso tem se apresentado a outras sociedades. Mostra-se, ainda, a crescente presença de dispositivos *tecnosimbólicos* na Romaria, a mídia impressa, os alto-falantes e o rádio, que acabam co-determinando a própria existência da *feira*.

1 Romaria: aspectos sócio-históricos

A Romaria é uma cerimônia que integra vários rituais católicos, como as missas, a procissão, a bênção da saúde, entre outros. Ela é também um ato de comunicação instituído pela Igreja Católica para celebrar e para comemorar os seus rituais. O objetivo é compreender como a Romaria foi engendrada pelos campos e como se constituiu historicamente numa das maiores manifestações religiosas do Brasil.

Neste capítulo, procura-se mostrar os deslocamentos do fenômeno religioso de seu *habitat* para outros lugares através de práticas tecidas pelos campos sociais. A Romaria é um acontecimento que permanece enraizado na história religiosa, mas que é afetada e também afeta as culturas e o imaginário de diferentes campos sociais.

Para mostrar esse percurso histórico, serão relatadas algumas informações sobre o início da devoção à Nossa Senhora Medianeira, que começou na Bélgica, mas se proliferou a partir de Santa Maria; a realização da primeira festa oficial de Medianeira, em 1930; a celebração da primeira Romaria estadual, em 1943; a construção do Santuário Basílica da Medianeira e a criação e o desenvolvimento de dispositivos *tecno-simbólicos* para expressar e para significar o acontecimento religioso.

Mesmo que o objeto de pesquisa localize-se em outra esfera, o levantamento e a leitura desses dados fazem-se necessários para que se entenda o contexto em que a Romaria nasce e se expande. Essas informações também auxiliam na compreensão do funcionamento da Romaria em si, em que estão presentes aspectos de diversas ordens, onde há construções simbólicas muito singulares e também valores constitutivos dos imaginários daqueles que participam e que fazem a história dessa manifestação religiosa e, cada vez mais, midiática-religiosa.

Os dados fundamentam-se em relatos orais de personagens que têm relação com fatos que marcaram a origem e a constituição da Romaria e também em obras que contam a história da Romaria ou abordam questões relativas à devoção e aos que fizeram parte do início e da expansão da fé e da *festa* em homenagem à Medianeira. Trata-se, portanto, de pesquisa bibliográfica em publicações específicas sobre o tema e também reflexão a partir do quadro teórico que está sendo construído para compreender o objeto.

1.1 A devoção nas suas origens

A devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças teve início na Bélgica, incentivada pelo arcebispo de Malinas e Primaz da Bélgica, Cardeal Desidério José Mercier, que, há quase um século, em 1920, entregou ao papa Bento XV o projeto de missa e de ofício para a *feira* de Medianeira. A resposta veio em janeiro de 1921, quando o papa respondeu pessoalmente ao Cardeal, afirmando ser um projeto muito lindo, que seria aprovado mediante pequenas alterações. No mesmo dia, incluiu-se ao convite as palavras “vinde adoremos” e, dias depois, era instituída a *feira* de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, com missa e ofício próprios.

A *feira* foi concedida, então, a Bélgica e a todas as dioceses do mundo que a pedissem. O Cardeal Mercier ficou conhecido pela sua luta pela mediação universal por Maria, iniciada antes da 1ª Guerra Mundial, retardada em função dela e reconhecida em 1921. Após a afirmativa do Papa, o Cardeal enviou “mensagem a todos os bispos do mundo, convidando-os a que pedissem o privilégio da nova festa e, unidos, trabalhassem pela consecução da definição dogmática da Mediação Universal de Maria Santíssima” (VALLE, 1980, p.18).

A campanha idealizada pelo Cardeal logo surtiu efeitos, pois aproximadamente 400 dioceses aderiram ao chamado, passando a realizar a *feira*. Reflexo dessa mobilização pela fé mariana passou a ser vista nas escolas superiores e em publicações religiosas.

Já antes do Concílio Vaticano II, em 1921, havia uma vasta produção teológica sobre a mediação mariana. Dessa data em diante, surgem pelo mundo inteiro congressos, simpósios, reuniões, conferências, estudos e orações em torno do assunto, culminando, conforme relata Valle (1980) com a sua postulação oficial, a Pio XI, em 1929, pedindo a definição de um 5º dogma mariano por iniciativa do Congresso Mariano da América Espanhola.

A anunciabilidade e a expansão da fé em Maria se desenvolvem por meio de vários dispositivos de configurações comunicacionais. Possivelmente, ela seja historicamente o signo católico mais midiaticizado. Em relação aos motivos para a proliferação tão rápida de Maria, Reily (1984) pondera que a veneração a Nossa Senhora na Igreja Católica tem relação

quase que ‘natural’, pois a “figura feminina de Maria passou a adquirir posição de pré-eminência na devoção popular e, até mesmo, nos cânones oficiais da Igreja” (p.66). O fato é que a devoção Mariana espalhou-se muito rapidamente pelo mundo todo.

Em Santa Maria, a divulgação da fé Mariana iniciou com a chegada do padre jesuíta Ignácio Rafael Valle, em 1928, ao Seminário São José⁵². Como era devoto de Nossa Senhora, como Medianeira de Todas as Graças, propagava entre os alunos esse culto, o que resultou numa proliferação rápida da devoção numa instância institucional.

A devoção à Medianeira teve seu início num círculo religioso entre os seminaristas, num âmbito institucionalizado e formal e, só depois, torna-se uma *feira* comunitária. “Foi **dentro do Seminário** que começou essa devoção, o padre Valle, na capela do Seminário, começou a reunir os seminaristas para entender esse título de Maria e, depois, isso começou a **se transformar em uma festa popular**”.⁵³

Padre Valle, que ficou na cidade durante três anos, falava sobre Nossa Senhora, fazendo com que os seminaristas seguissem sua devoção. Nas horas de leitura espiritual, especialmente, o padre narrava as circunstâncias das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe ao índio João Diego, no México. Em relação a isso, Belmonte (1999, p.36), afirma que Padre Valle pensava: “se os mexicanos tem Guadalupe, porque os brasileiros não podem Ter a Medianeira?”. E, assim, prosseguia a disseminação da devoção à Medianeira no Seminário São José. Ainda em 1928, a Ladainha de Nossa Senhora Medianeira foi traduzida pelo seminarista Francisco Hofmeister. Um passo importante para a concretização da *feira* oficial de Medianeira foi a fundação da Congregação Mariana da Mãe Medianeira de Todas as Graças, em 31 de maio de 1929.

Após o Congresso Mariano da América Espanhola, a Diocese de Santa Maria, criada em 1910, encaminhou pedido ao Papa Pio XI para que passasse a ter a *feira* oficial de Medianeira. O texto encaminhado ao Papa fora redigido em latim por Padre Valle: “a

⁵² O Seminário São José deu origem, mais tarde, ao complexo do Parque e Santuário-Basilica da Medianeira.

⁵³ Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria de 1974 a 2004 e, atualmente, bispo emérito de Santa Maria, em entrevista concedida à autora no dia 27 de abril de 2004, Santa Maria, RS.

máquina de escrever era muito antiga e, por isso, obrigou-me a muito trabalho” relatou Valle (1980, p.13).

Em função disso, a *feira* ainda era restrita. Tanto a ladainha, uma forma de expressão e de anunciabilidade, quanto os trâmites para que se concretizasse eram escritos em latim e precisavam ser reconfigurados para buscar efeitos de sentidos em torno da devoção à Medianeira.

Até este momento, coube ao campo religioso fazer todos os processos em torno do pedido da *feira* de Medianeira, já que se tratava de ações institucionalizadas pela Igreja Católica e que deviam ser negociadas por seus representantes. Logo depois, outros campos sociais agregam-se ao religioso para a concretização da Romaria, como por exemplo, o comunitário, o político, o econômico e o midiático, como será detalhado na seqüência.

A consolidação da Romaria se deve à mobilização da comunidade santa-mariense e, principalmente, pelo poder do catolicismo local representado pelos Irmãos Palotinos. Por meio da concretização da Romaria, Biasoli (2005) constatou que Santa Maria se constituiu como cidade católica ao longo do século XX. Para sua instituição, os palotinos desenvolveram operações políticas e religiosas, como o enfrentamento da maçonaria e seus grupos, a edificação da catedral e de outras capelas, o auxílio para construção e para estabelecimento do maior hospital local e também de instituições de ensino, entre outras ações.

Há, também, alguns dados contextuais que alavancaram a realização da Romaria, como o fato de Santa Maria ter se tornado um centro ferroviário do estado a partir de 1885 passando a uma crescente urbanização e ainda a presença forte da imigração italiana. Segundo o autor, a “Pia Sociedade das Missões, orientada pelo ultramontanismo e alinhada ao processo de reforma do episcopado brasileiro, romanizou Santa Maria e fez da cidade um centro católico na região”⁵⁴ (2005, p. 15).

⁵⁴ O ultramontanismo designa a subordinação ao Papa e o respeito à hierarquia católica segundo AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

A estrutura da cidade também vai se constituindo: o nascimento da ferrovia, a transformação da cidade num centro urbano, a imigração e as crescentes manifestações religiosas, a chegada de congregações religiosas, a universidade federal, a Base Aérea, a ampliação do número de unidades militares federais, os Caixeiros Viajantes, entre outros eventos.

Esse poder da Igreja Católica que foi se instituindo no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, fez com que do ponto de vista da religiosidade, Santa Maria deixasse de ser uma simples cidade do interior do estado. A partir disso, Santa Maria passou a ser “uma verdadeira cidadela católica, abrigando, nas décadas seguintes, uma das maiores festas religiosas da região: a romaria de N.S. Medianeira”, afirma Biasoli (2005, p. 15-16).

Não foi por acaso que a Igreja Católica de Santa Maria conseguiu concretizar o pedido da realização da *feira* oficial à Medianeira. O contexto sócio-cultural, político e econômico também propiciou a emergência da cidade como um pólo católico que, com seu poder constituído, pôde fazer os procedimentos necessários para a permissão da *feira*.

Para compreender como a *feira* se concretizou, deve-se levar em conta também, segundo Borin (2006), o contexto sócio-histórico do Brasil, em que circulavam no país idéias anarquistas e socialistas entre as classes trabalhadoras. Frente a isso, uma das estratégias da Igreja Católica, foi, de acordo com a autora, catequizar e cristanizar a classe operária introduzindo a devoção à Medianeira em Santa Maria.

Meses após o pedido ao Papa para a concessão da festa oficial de Medianeira, em novembro de 1929, chega a resposta afirmativa. “A Sagrada Congregação dos Ritos (...) concedeu que a festa da Santíssima Virgem Maria, sob o título de Medianeira de todas as graças, seja inserida no Calendario e Próprio da Diocese de Santa Maria, no Brasil para o dia 31 de Maio”, publicou a revista Rainha dos Apóstolos (1930, p.5)

Logo após a confirmação, padre Germano Middeldof escreve uma carta a Malinas, na Bélgica, solicitando santinhos⁵⁵, que é um dos primeiros registros de processos de midiatização. “Nós nem sabíamos como se representava a imagem de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Enviaram-nos da Bélgica três santinhos, dos quais se refizeram muitas cópias e muitos altos-relevos, que se espalharam por muitos lugares” relata Valle (1980, p.13). Disso decorre ressaltar que a imagem por meio dos santinhos é uma ação de midiatização impressa desenvolvida para representar simbolicamente a Medianeira.

A partir disso, para que a devoção fosse anunciada, era necessário um dispositivo que o fizesse. Para tanto, a apresentação da imagem de Medianeira através de cópias impressas significa um primeiro indício da presença de dispositivos que engendram histórica e socialmente a constituição da própria Romaria.

A anunciabilidade de Medianeira é logo ampliada através da procura de alguém para criar um hino. Padre Valle pede para Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá e conhecido poeta, escrever a letra do hino oficial (reprodução abaixo). Em 1930, chega a Santa Maria o hino oficial: “Mãe de Deus, Virgem Mãe Pura e Bela”, que é outra manifestação de midiatização.

⁵⁵ Medianeira era representada e ainda é hoje por meio desse tipo de motivos impressos nos quais está de braços abertos, “os raios que passam da Santíssima Trindade à cabeça de Maria, estendendo-se por seus braços e suas mãos” (SCHNEIDER e BARBIERI, 1976, p.60). Depois de quase um século de novas reimpressões, a representação da imagem de Medianeira sofreu pequenas alterações por meio de efeitos gráficos.

HINO⁵⁶ À NOSSA MEDIANEIRA DE TODAS AS
GRAÇAS

1- Mãe de Deus, virgem Mãe, pura e bela,
Toda cheia de graça e de luz!
És nosso íris em meio à procela,
Tu que enlaças nossa alma a Jesus.
**Medianeira de todas as Graças,
que na terra ,derramam os céus.
/:Esperamos em ti que nos faças,
Ó Maria , subir até Deus!:/**

2- Sobre as noites fatais da nossa alma,
Com a Lua no céu tu sorris;
Refletindo esta luz doce e calma
Com que Deus chama a si o infeliz.

3- Esperança de quem desespera,
Mãe de quem agoniza na Cruz.
Tu consolas na morte mais fera,
Pois és tu que nos mostra Jesus.

4- Tu és vida ,doçura e esperança,
És a porta e a chave do céu.
Quem por ti vai a Deus tudo alcança,
Pois Deus mesmo esta glória te deu.

QUADRO 1 - Letra do hino à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças

A composição da música foi feita por padre Jorge Zanchi. Para essas concretizações, “Padre Valle pediu ao famoso bispo orador do Brasil, Aquino Corrêa, que compusesse dentro desse título um hino à Nossa Senhora Medianeira. Ele fez o hino que hoje nós cantamos e dentro desse grande hino a música foi feita por um padre palotino daqui”.⁵⁷

Já há dispositivos para anunciar Medianeira, os santinhos, um hino e uma música, porém falta uma imagem que seja suntuosa e que possa ser colocada no altar da capela do Seminário São José para que seja venerada pelos seminaristas e pela comunidade. Decidiu-se, então, pedir a Ida Stefani, que mais tarde seria irmã franciscana, que pintasse o quadro de Medianeira. Ela foi escolhida para esta tarefa por ser irmã de um dos seminaristas do Seminário São José, Roberto Stefani.

O quadro foi pintado a partir da gravura de um dos três santinhos da Bélgica em preto e branco, que traziam os dizeres em francês (“ *la volonté de Dieu est que Nous ayons tout par*

⁵⁶ Belmonte (1999).

⁵⁷ Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria de 1974 a 2004 e, atualmente, bispo emérito de Santa Maria, em entrevista concedida à autora no dia 27 de abril de 2004, Santa Maria, RS.

Marie”, reprodução abaixo). O trabalho de Ida foi difícil, pois teve de ampliar a pintura e criar as cores a partir de uma interpretação própria só para depois poder iniciar o quadro, que foi pintado na sua residência, em Passo Fundo, chegando a Santa Maria no dia 24 de maio de 1930, quando Padre Ignácio Valle SJ, segundo Paixão (2003), o recebeu na estação Ferroviária.

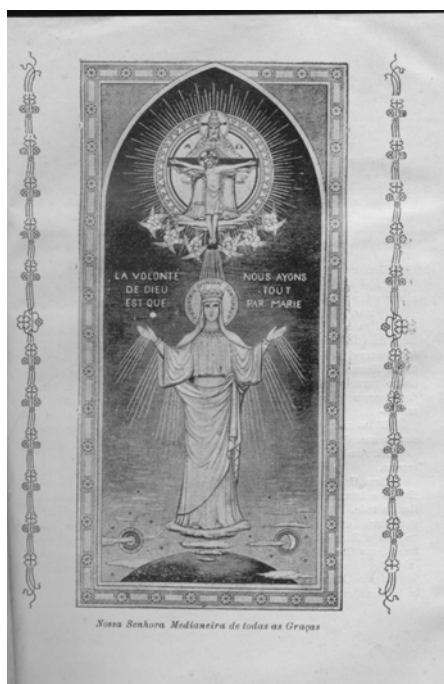


FIGURA 2 – Revista Rainha reproduz santinho vindo da Bélgica

A partir desses contextos, observa-se que a preocupação em sociabilizar Medianeira por meio de simbólicas acompanha todo o processo histórico - do início da devoção até a constituição da Romaria. A anunciabilidade é uma estratégia para envolver o público para a concretização da *feira* que é comunitária, mas que tem também um fundo comunicacional. Através do desenvolvimento desses dispositivos, a Igreja Católica cria um mercado discursivo devocional.

Para tal, a campanha oficial de divulgação só se instala após vários processos de comunicação: os contatos, os pedidos, a produção dos santinhos, do hino e do quadro. “Então temos um **quadro, um hino, uma música** e foi assim que o Padre Valle começou a fazer

propaganda de encantar os seminaristas. Começou a propor ao Bispo daqui de Santa Maria que pudesse **organizar pequenas romarias** na capela do Seminário”⁵⁸.

Iniciam-se alguns processos de mediação comunitários, mais limitados em termos de alcance e distintos dos que concebemos atualmente como ‘massivos’. A técnica ainda limita esse processo, pois a comunicação ocorre de forma direta: principalmente aos seminaristas, mas também para a população de Santa Maria para que participasse dessas pequenas romarias iniciais.

Em função disso, os processos de comunicação são comunitários e se realizam tanto de forma direta quanto por meio de dispositivos, que são fundamentais para que a fé em Medianeira se difunda e para que se concretize a Romaria, que é também um processo de comunicação fundado em demandas devocionais. É preciso propagar Medianeira para que a *feira* se realize. Observa-se que essa preocupação em anunciar tem um fundo comunicacional e também comunitário, pois é no chão da sociedade que o fenômeno religioso se realiza e, para tal, é necessário se fazer conhecer e ver.

Percebem-se os primeiros passos das simbólicas da Romaria, que são caracterizadas pelo alcance imediato: os santinhos, o quadro pintado, a produção do hino, da letra e da música, as procissões, além da comunicação direta, de ordem comunitária. Essas estratégias simbólicas marcam o início de um processo de mediação da Romaria que tem seqüência e evolui com a utilização de alto-falantes, de carros de som, da cobertura na mídia impressa, da transmissão ‘ao vivo’ pelo rádio, televisão e também pela internet, em 2001 e 2002.

Fazem parte ainda desse processo de mediação, como vai ser detalhado no capítulo seguinte, a criação de mídias próprias por parte da Diocese de Santa Maria, como a Rádio Medianeira, em 1960, e o jornal O Santuário, em 1977, além da visibilidade garantida por mídias católicas, como a revista Rainha dos Apóstolos, criada em 1923. A criação dessas mídias pelo campo religioso remete a marcas de uma ampliação da mediação em que faz parte de sua estratégia como campo o desenvolvimento de mecanismos com intenção de dar visibilidade e legitimidade às suas atividades por meio de operações midiáticas.

⁵⁸ Idem.

A *feira* cria os seus símbolos e também dispositivos mais simples, em que o quadro, os santinhos e a letra do hino não são só um suporte material, mas, sobretudo, formas de geração de significação da simbólica da Romaria. Eles representam os primeiros movimentos em que operações técnicas e discursivas têm importância numa religião que é de alcance imediato.

A Romaria cria a sua primeira iconicidade, havendo um nicho representativo para a criação da simbólica da Romaria. Neste princípio, as manifestações de fé à Medianeira têm uma divulgação mais direta, de abrangência limitada, mas, aos poucos, vão ganhando outros espaços por meio de processos de comunicação que se realizam através de mecanismos de mediação mais complexos.

1.2 Do templo para a rua

Como foi visto, o desenvolvimento dos dispositivos de apresentação e de anunciabilidade de Medianeira é uma ação estratégica para fazer não só que a devoção se espalhe, mas também para que a *feira* seja oficializada e, com isso, ganhe cada vez mais adeptos.

A primeira *feira* de Medianeira em âmbito diocesano data de dia 31 de maio de 1930, quando era festejado o dia de Nossa Senhora. No mesmo dia, aconteceu a inauguração do quadro de Medianeira após realização, segundo Rabuske (2001, p.17), “de novena pública com missa diária em honra de Medianeira”. Observa-se que a cerimônia principal só se efetiva a partir do desenvolvimento de um conjunto de rituais públicos que a precedem: as novenas e as missas.

Naquela data, de acordo com Valle (1949, p.62), “modesta e humilde foi a festa de inauguração. Poucas pessoas a assistiram. Mas já na primeira semana a Imagem começou a atrair devotos”. A cerimônia religiosa atraiu poucas pessoas, mas, após instalação do quadro na Capela do Seminário São José, o dispositivo que apresenta a imagem de Medianeira começa a atrair o olhar da comunidade. Aos poucos, a fé se alastra pela comunidade e deixa

os limites institucionais. Atualmente, esse quadro original permanece no Santuário Basílica e é transportado durante a procissão.

Constata-se que o *sagrado* e o *profano* estão misturados desde a primeira *feira* de Medianeira, em que ao fim da missa oficial, foram oferecidos café com doces e soltados balões, o que mostra que o acontecimento não se detém apenas à cerimônia religiosa havendo relações entre o religioso e o civil. Nesse caso, há relações múltiplas e complexas entre esses mundos, pois há trocas que caracterizam níveis de interações sociais e o próprio fenômeno religioso.

Uma semana após a *feira* da Medianeira, aparecem duas velas junto ao quadro de Medianeira, na Capela do Seminário Menor São José (na imagem abaixo, o quadro original, ainda quando estava exposto na Capela do Seminário). Logo após sua instalação, os receptores já começam a deixar suas próprias inscrições, o que demonstra que a fé começa a deixar o seminário para espalhar-se pela comunidade.



FIGURA 3 – Foto do quadro original quando exposto no Seminário

A devoção a Nossa Senhora Medianeira crescia cada dia mais. Em setembro de 1930, inicia-se a Novena da Natividade de Nossa Senhora, em que os pedidos eram de que a Capela se tornasse Santuário de Peregrinações e que Nossa Senhora velasse pelo Brasil, que atravessava momentos difíceis com a proximidade de uma guerra.

Durante a novena, 23 mulheres rezam diante da imagem de Medianeira, na capela do Seminário São José, pedindo proteção à cidade em função dos possíveis efeitos da Revolução

prestes a ocorrer. Essa pequena manifestação de fé fica conhecida na cidade, fazendo com que “pessoas influentes”, relata Valle (1980, p.15), peçam ao vigário capitular, Dom Luiz Scortegagna, que organize uma romaria oficial, que ocorre em 14 de setembro de 1930, quando aproximadamente mil romeiros percorrem o trajeto da Catedral, caminhando, cantando e rezando até o Seminário São José.

Em edição especial à *feira* oficial de Medianeira, a revista Rainha dos Apóstolos (1930), explica o que é considerado romaria⁵⁹: o “grupo de fiéis, que em romaria visita um santuário, deve ter o seu regulamento, embora não seja escripto, determinando as rezas e os cantos religiosos que devem encher o tempo do trajecto” (p.42). Disso decorre que esse ritual específico tem regras que devem ser cumpridas pelos participantes. Os rituais religiosos só são cumpridos num tempo e num espaço definidos, pois se deve percorrer um trajeto proferindo as rezas, os cantos e os hinos litúrgicos que compõem a cerimônia.

Nota-se que a Romaria só se concretiza após uma manifestação fechada, em que mulheres rezam na capela, no território da Igreja, em que há um pedido por parte da comunidade para que ocorra um ato público, fora da instância religiosa. Mesmo que o objetivo maior permaneça: pedir proteção à cidade - é interessante ressaltar que ocorre um deslocamento de dentro para fora. Antes a manifestação ocorria dentro da Igreja e, de repente, irrompe esse limite e atinge as ruas, o espaço público.

A partir dessa reflexão, nota-se que a primeira celebração em grupo à Medianeira não ‘nasce’ como romaria ou peregrinação, já que os rituais religiosos são realizados em frente à imagem, num lugar fechado e institucionalizado. Porém, vale destacar que a iniciativa parte dos imaginários sociais, do mundo dos fiéis e não de uma ação ligada diretamente ao campo religioso. Depois, a partir de demandas sociais, representantes da comunidade pedem ao campo religioso para que organize uma romaria, uma manifestação pública, passando a ser um fenômeno de rua, urbano, e não mais fechado e institucionalizado, mesmo que ainda continue a ser controlado pelo campo religioso.

⁵⁹ Ao se referir ao conceito geral de romaria que não especificamente a santa-mariense, padroniza-se escrever assim, toda em letras minúsculas.

Há outras práticas e mediações presentes na constituição da Romaria que não apenas as relativas ao religioso. É através de um conjunto de ações empreendidas pelos vários campos sociais que a *feira* se concretiza e são essas várias mediações que demandam e fazem emergir a Romaria. Como foi discutido na 1ª Parte, especialmente a partir de Martín-Barbero (2003) e Silverstone (2002), as mediações sociais se constituem através da circulação de sentidos, de trocas, de ações agregadas e de vínculos que os sujeitos mobilizam.

O envolvimento da comunidade para que a Romaria aconteça faz com que ela seja não só um ritual religioso, mas também um ato comunitário, pois é histórico, político, religioso, cultural e comunicacional. Como foi discutido anteriormente, especialmente a partir do conceito de ritual, a cerimônia da Romaria enquanto um conjunto de rituais, é uma prática social eleita pela sociedade como um mecanismo singular de celebração.

Em maior ou menor grau, esse tipo de *feira* não se restringe à cultura física da cidade, pois se realiza também através de processos comunicacionais mistos - seja de alcance mais limitado ou via dispositivos midiáticos de maior abrangência. Disso decorre afirmar que a realização dessa cerimônia religiosa acaba afetando os próprios modos com que a comunidade se organiza e se apresenta.

Em suma, as razões que fazem com que a Romaria ocorra, se misturam: a devoção, a guerra, os imaginários. O acontecimento religioso não nasce da devoção pela devoção, pois os motivos ultrapassam a religião, já que há perigos iminentes de uma guerra, de um temor que atormenta e mobiliza os imaginários sociais e impulsiona o pedido por parte da comunidade para o campo religioso.

No dia 3 de outubro de 1930, irrompe a Revolução. Santa Maria está localizada no centro do estado, sendo ponto estratégico tanto geograficamente, quanto em função da estrada de ferro e da existência de forças federais (o 5º Regimento de Artilharia e o 7º Regimento de Infantaria) e estaduais (Brigada Militar-BM-1º Regimento de Polícia Rural Montada). Nesse contexto, a expectativa era de que a cidade pudesse ser alvo de combates entre as forças estaduais e federais. No dia 3, a BM toma conta da cidade, exigindo que os dois quartéis federais se entreguem, o que acontece no dia 4.

A Revolução termina no dia 24 de outubro sem que fosse preciso utilizar força armada. Como não houve combates na cidade, a notícia de que a Medianeira protegeu os santa-marienses espalhou-se rapidamente. Popularmente, o fato de Santa Maria não ser atingida foi atribuído à Medianeira. O povo clamava “A Virgem Medianeira salvou a cidade!” (VALLE, 1980, p.15).

A partir de então, organizaram-se algumas romarias em honra à Medianeira, mas a *feira* só se tornou regular a partir de 1937. Os Círculos Operários, que nasceram no Rio Grande do Sul e se espalharam pelo Brasil, também têm papel importante na divulgação da devoção à Medianeira no estado e em âmbito nacional. Na década de 30, a Igreja Católica adota o movimento circulista e o integra à Ação Católica⁶⁰ como um meio estratégico de educação moral cristã dos operários e de suas famílias. Como Santa Maria possuía muitos ferroviários, a cidade era um importante pólo de mobilização social, de acordo com Borin (2006).

A entidade dos Círculos Operários constitui-se em um importante operador de engendramento, de apresentação e de difusão da fé em Medianeira, pois nesse primeiro período de realização da Romaria, o movimento foi um dispositivo organizador do próprio ritual religioso.

Em 1937, padre Valle foi trabalhar junto aos Círculos Operários em Porto Alegre, passando a difundir lá também a devoção à Medianeira que, em 1939, foi consagrada a Padroeira da Confederação dos Círculos Operários do Brasil a partir de pedido de padre Leopoldo Brentano. Na época, cópias do quadro de Medianeira foram levadas aos lugares onde eram fundadas novas organizações. A partir de então, o movimento dos operários passou a co-divulgar a devoção a Medianeira, sendo um de seus dispositivos geradores. Na década de 40, a entidade, com sede no Rio de Janeiro, lança em âmbito nacional um cartão postal de Medianeira com os créditos “Edição da Confederação Nacional dos Círculos Operários” (imagem abaixo).

⁶⁰ Segundo BORIN (2006), a Ação Católica nasce na década de 1920 e se firma na Itália, durante o pontificado de Pio XI, quando também surge na Bélgica em torno da classe operária. A Ação Católica significa a ação apostólica dos leigos cristãos, que organizam e integram movimentos reconhecidos oficialmente pela Igreja.

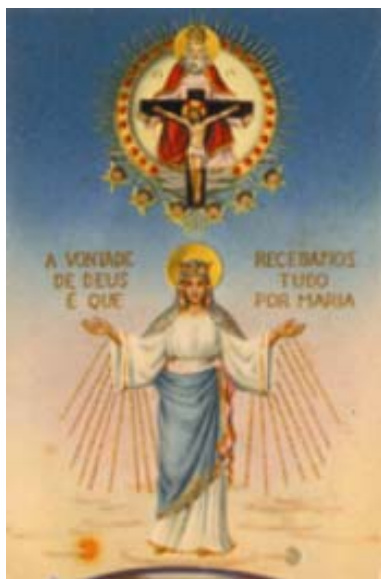


FIGURA 4 – Cartão postal editado pelos Círculos Operários

Os motivos que fazem com que a Romaria aconteça não pertencem apenas à ordem religiosa, mas a ações empreendidas por agentes dos campos que se julgam em perigo (mulheres que possam perder os maridos em combates), por pessoas influentes (autoridades civis) e, finalmente, pelos círculos operários (os trabalhadores) que também são co-gestores e co-organizadores das romarias na primeira década.

A tradição em celebrar e comemorar seus santos e divindades através de romarias nasce na Europa e, aos poucos, espalha-se pelo mundo. No Rio Grande do Sul, a Romaria de Medianeira é a mais antiga e tradicional⁶¹, pois é precursora nesse tipo de ritual litúrgico. Segundo a revista Rainha dos Apóstolos (1930). “(...) nos santuários europeus as romarias têm dias determinados pela praxe e desfilam com cruz hasteada e bandeiras. Oxalá que no Rio Grande do Sul entre finalmente este uso tão genuinamente catholico, que dará um poderoso impulso aos sentimentos religiosos do povo gaúcho” (p.42).

Essa tradição de homenagear seus santos e os vários títulos marianos inicia em Santa Maria de forma embrionária e logo se espalha. A Diocese local foi uma das primeiras a solicitar um dia de *feira* especial para celebrar rituais litúrgicos em forma de romaria.

⁶¹ Segundo a Diocese de Santa Maria, a Romaria é a mais antiga e também a que reúne maior número de participantes. In: http://www.diocesasantamaria.org.br/_in/basilica/basilica.htm . Consulta em 24 de outubro de 2006.

Em 1942, representantes da Ação Católica pedem oficialmente para as Autoridades Eclesiásticas consagrarem o Rio Grande do Sul a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, o que ocorreu em 25 de outubro. A primeira Romaria estadual ocorreu em 12 de dezembro de 1943 e, desde então, se repete todos os anos, no segundo domingo de novembro. A Igreja contabiliza as edições apenas depois de sua oficialização, então, em 2006, por exemplo, realizou-se a 63^a edição. Houve interrupções apenas nos anos de 1947 e 1948, que segundo Schneider e Barbieri (1976), ocorreu por causa da realização do V Congresso Eucarístico Nacional, na capital gaúcha.

Até 1942, as romarias aconteceram em nível diocesano e já celebravam uma intenção especial, o que segue até os anos 70, quando passa-se a ter um lema, que deve apontar para a intenção principal da *festa*, e também a ter a participação de uma ‘convidada’⁶², seja imagem de santo ou de Nossa Senhora (sob diferentes títulos) junto ao quadro de Medianeira.

À medida que as romarias vão se realizando, transformam-se e agregam-se processos de significação. A criação de uma intenção ou de um tema específico para referir na Romaria reflete um modo de operar singular do campo religioso para celebrar seus rituais litúrgicos e também uma forma de simbolizar e de expressar intenções e pontos de vista da própria Igreja. O campo religioso se expressa através de operações simbólicas em que ter um tema para celebrar e referir a cada edição significa edificar uma marca própria, institucional, que vise, ainda, atingir seus públicos e conquistar mais adeptos.

A *festa* oficial, que tem mais de meio século de existência, constitui-se numa forma singular de celebração, de manifestação da fé e de expectativas. É por meio de práticas sociais como a Romaria que a sociedade se expressa e esses momentos especiais são organizados para que se possa celebrar suas culturas, suas motivações, seus valores.

Como foi mostrado, o movimento religioso pela Mediação de Maria iniciou-se na Bélgica, mas a devoção à Medianeira se proliferou a partir de Santa Maria, alcançando dioceses do estado e do país. Para isso, de acordo com Belmonte (1999, p.59), “foi aqui, no

⁶² Cada ano, a Diocese convida um bispo para presidir a missa principal que traz uma imagem do padroeiro (a) de sua paróquia.

“Coração do Rio Grande”, como é cognominada a cidade de Santa Maria, que essa devoção se implantou, se firmou e produziu frutos que agora ultrapassam as fronteiras do Estado”.

Constata-se que essa expansão se deve a uma série de estratégias comunicacionais em que a Romaria vai se instituindo por meio de simbólicas específicas, seja pelos dispositivos de anunciabilidade mais informais ou via comunicação midiática e, ainda, através da sua fixação no espaço santa-mariense, com a construção de um grande complexo, o Parque e o Santuário Basílica da Medianeira.

1.3 Simbólicas instalam-se na cidade

O fenômeno religioso institui-se não só através de processos de comunicação mistos, mas também com demarcações no território. Para tal, a construção do Santuário Basílica é uma forma de as simbólicas da devoção à Medianeira e da Romaria fixarem-se na própria simbólica da cidade.

A devoção à Medianeira espalhou-se como um fenômeno urbano. Inicialmente, o ritual de peregrinação (caminhada) do centro da cidade à Capela do Seminário São José integrava a Romaria. Mais tarde, o Seminário deu lugar ao Santuário, elevado ao título de Basílica Menor por Decreto Papal, em 31 de maio de 1987.

As obras do Santuário da Medianeira iniciaram em 1935, quando foi colocada a pedra fundamental, em 15 de agosto. Após, durante três anos foram coletados recursos para obra, e, no dia 30 de maio de 1938, véspera da *feira* de Medianeira, foi colocada a primeira pedra de granito.

Entretanto, o projeto foi paralisado por alguns anos em função da II Guerra Mundial, por falta de recursos e por problemas na estrutura, quando foi necessário repensar a obra e iniciar uma campanha de divulgação do projeto junto às mídias locais e às paróquias e dioceses da região para arrecadação de fundos. A obra foi retomada apenas em 1941. No ano

seguinte, um folheto foi produzido e espalhado pela Diocese de Santa Maria, em que o bispo Dom Antonio Reis pedia doações para a obra do Santuário de Medianeira, destacando que se tratava do “primeiro a erguer-se no mundo inteiro” (SCHNEIDER e BARBIERI, 1976, p. 79).

Assim, constata-se que o campo religioso lança mão de estratégias midiáticas para arrecadar recursos que possam garantir a obra. Mesmo se tratando de uma cidade de porte pequeno na época, para atingir a comunidade é preciso fazer uso de processos midiáticos que possuem um alcance e uma simbólica capazes de agregar valor à intenção.

Observa-se que, novamente, as operações de comunicação são determinantes para atingir as pretensões religiosas: construir um lugar que seja um centro de peregrinações e que tenha a marca institucional da Igreja Católica junto à cidade.

Na década de 50, já com a cripta concluída, a discussão em torno do projeto do restante do prédio do Santuário prossegue. O aumento no número de romeiros é o principal motivo para se repensar o projeto inicial, em que o prédio, apesar de ser muito grande, não poderia abrigar a todos. A “experiência dos anos, com suas magníficas romarias estaduais, atingindo de 25 a 30 mil romeiros, demonstrou que uma igreja, por grande que seja, não pode conter êste número. Seria então sempre necessária uma santa missa campal” (REIS, 1958).

Em função disso, nota-se que o crescimento da Romaria como festa popular obriga o campo religioso a repensar o projeto do Santuário, já que parte do ritual litúrgico passa a ser realizado do lado de fora do templo. Por isso, mais tarde, passa-se a pensar numa estrutura maior que abrigue os romeiros, o Parque da Medianeira, fazendo com que o Seminário São José seja deslocado do local⁶³.

O projeto inicial do Santuário foi revisto também por fatores que dizem respeito aos próprios modos de operar do campo religioso. A estrutura não só simbolizava a grandiosidade de um Santuário, mas também representava o lugar em que os rituais religiosos deveriam ser

⁶³ O Seminário São José, inaugurado em 1926, passou a funcionar no Parque Dom Antônio Reis, região Sul de Santa Maria, a cerca de 3 quilômetros do centro da cidade, no ano de 1966. “Onde hoje está o Santuário, aquilo tudo era um grande pátio, a horta do São José” (Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria de 1974 a 2004 e, atualmente, bispo emérito de Santa Maria, em entrevista concedida à autora no dia 27 de abril de 2004, Santa Maria, RS).

realizados, por isso, deveria agradar aos especialistas do campo religioso, o que não aconteceu. “Quando cheguei, estava toda aquela batalha da Igreja sobre o projeto (...) não tinha funcionalidade litúrgica por dentro, era grandioso por fora e bonito. Então, criamos uma comissão central, com diversas reuniões para rever o projeto”⁶⁴.

Constata-se que o campo religioso, que quase exclusivamente desenvolvia as ações para a concretização do Santuário da Medianeira, num dado momento, passa a dividir e a compartilhar essa atribuição com outros campos, como o político, o econômico, o midiático, o cultural e o comunitário.

Após várias reuniões, a Prefeitura entrega um estudo sobre a construção do Santuário, em que ficou decidido que seriam feitas mais “escavações para aumentar a cripta e ter mais recursos porque os ossários eram vendidos”⁶⁵. Para isso, uma das estratégias para arrecadar dinheiro foi alterar o projeto e co-responsabilizar a comunidade para que a construção se efetivasse.

Para que a Igreja pudesse fixar-se no território da cidade teve de contar com o apoio e a agregação de outros campos. Em 1972, editou-se um folder sobre a devoção à Medianeira e o processo de construção do Santuário. A publicação integra uma campanha de divulgação maior junto às mídias locais para a venda de ossários com objetivo de arrecadar recursos e efetivar a construção do complexo da Medianeira. Os processos midiáticos tiveram papel central para a efetivação das ações do campo religioso, pois, por meio de operações de comunicação, o projeto e a devoção à Medianeira eram anunciados. “Foi feita toda uma campanha – e aí começa a mídia – no sentido de recuperar a credibilidade do projeto, de apresentar o projeto, de ter uma prestação de conta objetiva.”⁶⁶

⁶⁴ Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria de 1974 a 2004 e, atualmente, bispo emérito de Santa Maria, em entrevista concedida à autora no dia 27 de abril de 2004, Santa Maria, RS.

⁶⁵ João Trevisan, empresário e historiador santa-mariense, diretor da Rádio Medianeira de 1970 a 1985, que também participou da campanha de construção do Santuário, especialmente através de contatos comerciais e produção de materiais informativos. Em entrevista concedida no dia 14 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

⁶⁶ Máximo Trevisan, historiador e advogado santa-mariense, fez parte da comissão pró-construção do Santuário que integra o Conselho Municipal de Cultura nos anos 2000. Em entrevista concedida no dia 19 de novembro de 2004, Santa Maria, RS.

Com a arrecadação de recursos, o Altar Monumento foi, então, concluído em 1975 e inaugurado durante a 32ª romaria estadual. Paralelamente ao Santuário, foi construído o Parque “porque se tinha necessidade de acolher os romeiros e a própria cidade”.⁶⁷

Dez anos depois da conclusão do Altar Monumento, foi inaugurado o Santuário, em agosto de 1985. “Se constitui em importante centro não apenas religioso, mas também turístico, pela qualidade artística de seu altar e vitrais” (A Razão, 15/08/1985, p.16). A inauguração fez parte das comemorações do jubileu da Diocese.

O Santuário de Medianeira é um símbolo que se integra à comunidade, pois representa o lugar físico que atrai fiéis, o destino de muitas peregrinações. A construção de uma estrutura física representa a inclusão da simbólica da Igreja Católica na simbólica da cidade, que se mesclam. Nesse sentido, observa-se a sua representação simbólica para a cidade: não é apenas um lugar sagrado, mas turístico e econômico, pois não atrai somente fiéis, mas pessoas interessadas na cultura e em arte. O Santuário ‘casa’ com a cidade, passando a misturar-se com a estrutura urbana santa-mariense.

O título de Basílica veio após solicitação ao Papa: “quando estava mais ou menos concluída, eu fiz um pedido (...) ao Papa para que declarasse essa nossa Igreja como Basílica”⁶⁸. E assim ocorreu, como já foi dito, sendo a primeira Basílica do Rio Grande do Sul e também o primeiro Santuário de Medianeira no mundo.

Para tanto, nota-se que a concretização da construção do Santuário Basílica, Altar Monumento e Parque da Medianeira deu-se através de vários mecanismos desenvolvidos por agenciamentos por parte dos campos sociais. Os dispositivos co-engendraram esses fatos, pois por meio de processos midiáticos, deram visibilidade ao projeto, cooperando com a intenção do campo religioso de arrecadar fundos e de efetivar a construção. Para atingir um objetivo, o campo religioso faz uso de processos de comunicação midiática.

⁶⁷ Idem

⁶⁸ Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria de 1974 a 2004 e, atualmente, bispo emérito de Santa Maria, em entrevista concedida à autora no dia 27 de abril de 2004, Santa Maria, RS.

A Romaria não fica limitada a sua ocorrência, uma vez por ano, pois se desdobra em ações, como as construções de seus complexos, dos trâmites em busca pelo título de Basílica, o desenvolvimento de eventos paralelos, as negociações para sua própria constituição. Para que esses processos se concretizassem, houve co-determinações por parte de outros campos e ainda um trabalho conjunto de agenciamentos através de dispositivos *tecno-simbólicos*, como os folhetos, a publicidade e a própria divulgação pelas mídias locais para divulgar os projetos do campo religioso e efetivá-los.

Historicamente, o acontecimento sócio-religioso desloca-se de seu *habitat*, pois há outros mecanismos que fazem com que ele tenha também um enraizamento na história, na cultura, na sociabilidade e no imaginário da cidade de Santa Maria.

A partir dessa reflexão, entende-se que, embora tenha nascido no campo religioso, a gestão sobre a Romaria acaba sofrendo interferências que provêm de outros campos: comunitário, econômico, político, cultural e midiático. Assim, o campo institucional religioso não se impõe sozinho sobre a Romaria, pois há relações, interferências e demandas providas de outras ordens: a política (guerra), a tradição (ato de fé, rezar), o imaginário social, os representantes da comunidade (comércio), os trabalhadores (círculos operários), os dispositivos *tecno-simbólicos* que apresentam, anunciam e divulgam a fé em Medianeira e os projetos institucionais da Igreja para que se fixe no território da cidade.

Essa série de especificidades aponta para o fato de que a Romaria vai midiaticizando-se e atualizando seus processos de funcionamento da midiaticização. Esses dados sócio-históricos da constituição da Romaria mostram a sua singularidade e, para melhor compreendê-la, também é preciso levar em conta que ela é atravessada e constituída por alguns conceitos e por estratégias simbólicas, o que será refletido no capítulo a seguir.

2 Romaria: algumas caracterizações de suas simbólicas

A Romaria é um ato de comunicação complexo, pois envolve simbólicas e rituais de diferentes campos sociais. Nesse sentido, serão mostradas algumas caracterizações do fenômeno religioso que carrega suas simbólicas e também de outras ordens, como cultural, social, econômica, política e midiática, que lhe constituem.

A Romaria não pode ser analisada apenas como um acontecimento midiático, já que sua ocorrência tem incidência sobre os modos próprios de fazer da mídia. Ao debruçar-se sobre esses aspectos mais relativos ao campo da religião, à realização da *feira* presencial, não se nega o foco do estudo – a comunicação, mas se reconhece que um olhar mais direcionado ao contexto da própria manifestação religiosa, representa possibilidade de uma melhor compreensão dos vários processos de significação que estruturam a sua existência.

Para tanto, descrevem-se e mostram-se algumas simbólicas a partir de observações diretas em relação às operações empreendidas pelos sujeitos e seus campos no que diz respeito às manifestações e às práticas sociais que permeiam a preparação e a efetivação. Compreende-se as simbólicas como um conjunto de procedimentos e processos comunicacionais que são desenvolvidos por meio de operações discursivas como estratégia singular de expressão e de apresentação dos sujeitos, seus campos, seus emblemas, suas ações, seus rituais, seus pontos de vista.

Essas leituras e descrições são elaboradas através de um ‘olhar etnográfico’ da Romaria dentro do que se considera suas simbólicas. O sentido de ‘etnografia’ não é o empregado pela Antropologia, que a faz por meio de uma sistematização metodológica tendo como foco a cultura em sua essência, os modos de existência e a ação dos sujeitos. Esse ‘olhar etnográfico’ refere-se a um modo singular de observar, descrever e mostrar como os campos sociais expressam-se através de relações e de práticas que geram simbólicas e constituem a Romaria.

Procura-se registrar e descrever algumas manifestações simbólicas desenvolvidas pelos campos através de operações discursivas, seja durante os rituais religiosos, seus entornos ou atividades paralelas. Com essa descrição, pretende-se mostrar como a cidade se transforma e se estrutura para a Romaria, seja através das manifestações dos fiéis, do

comércio, da Igreja Católica, da Prefeitura, das mídias, etc. Mostra-se, com isso, as operações, os processos e as práticas sociais empreendidas pelos sujeitos de vários campos sociais para a constituição do próprio acontecimento religioso.

Ao lado disso, procura-se explicar alguns conceitos recorrentes, como de festa, romaria, procissão, celebração, uma vez que eles trazem consigo precisões que são dadas pelos próprios campos em que são realizados.

2.1 A constituição da *festa*

A Romaria é uma cerimônia complexa que integra vários rituais. Como já foi dito, é um acontecimento religioso que carrega consigo também marcas de outros campos sociais que o constituem enquanto uma prática social singular.

O termo romaria refere e designa o grande número de pessoas reunidas que realizam uma caminhada, uma procissão de fé, até um lugar sagrado. Os objetivos podem ser os mais variados (pagar promessa, agradecer, pedir, rezar, etc) e as formas também (em grupo de pessoas conhecidas, familiares, sozinho, de joelhos, de pé descalços, com vestimentas que expressem sentimentos relacionados à fé, etc).

Romaria é, portanto, o nome atribuído ao evento como um todo. Já o termo peregrinação é usado para designar a caminhada e o deslocamento. Nesse sentido, não há como separar a romaria e a peregrinação, pois o “primeiro tem a ver com o acontecimento em si, isto é, o objetivo da peregrinação. O segundo indica a ação dos que saem à romaria”, propõe Rigo (2003, p.16).

Mesmo sendo integrados, os conceitos de romaria e de peregrinação designam ações distintas, já que o ato de peregrinar refere-se a caminhar, a deslocar-se de um ponto a outro, enquanto que a romaria é compreendida como algo mais amplo, é a *festa* em sua completude, em que a peregrinação é apenas um de seus rituais.

No estudo, os termos são usados de forma distinta, pois a Romaria é a cerimônia como um todo, a procissão, as missas, as festividades gerais; já a peregrinação refere-se ao ato de deslocar-se da Catedral (centro de Santa Maria) em procissão até o Santuário-Basilica (Bairro Medianeira).

A celebração é também uma prática comunicacional, pois se configura num “espaço de comunicação, político e festivo” segundo Hartmann (1987, p.18), que considera algumas práticas da Igreja Católica, como seus rituais, as missas e as celebrações um espaço de comunicação singular. Dito isso, compreende-se que o termo celebração não tem o caráter restrito dado pelo campo religioso (celebração litúrgica, a missa, por exemplo), mas um sentido mais amplo, em que celebrar significa festejar, comemorar, expressar e pôr em prática os rituais.

Em função disso, a Romaria é uma prática sócio-cultural e também um ato de comunicação específico que se realiza por meio de operações simbólicas mistas, seja de forma direta ou através de mediações específicas, a *tecno-interação*, desenvolvida pelos dispositivos *tecno-simbólicos*.

Nesse contexto, detendo-se em descrever e compreender como os participantes da romaria do Divino Pai Eterno (GO) estabelecem laços de comunicação, Nascimento (2002) observa que a romaria é também um lugar de encontro, pois “para além do seu aspecto religioso, conforma uma ampla rede de sociabilidade e comunicação entre seus atores” (p.93). Para a autora, ela é também um momento singular que propicia trocas culturais por meio de processos comunicacionais que se realizam de forma direta.

Disso resulta afirmar que esse ato de comunicação constitui-se numa forma singular de celebrar valores humanos, desejos, expectativas, realizações, pedidos, entre outras motivações. A partir dessas reflexões, compreende-se celebração não como um ato reduzido ao aspecto litúrgico da *festa*, mas também às várias manifestações simbólicas que permeiam os imaginários populares.

Dito isso, há que se considerar que, mesmo tendo momentos mais introspectivos e menos espontâneos, a Romaria é um tipo de festa porque proporciona uma quebra de rotina e

possibilita o senso de comunidade, o ‘estar junto’, vivenciando uma experiência individual e coletiva, ao mesmo tempo.

O sentido atribuído para romaria e festa é o mesmo: um espaço e um lugar específico de manifestação dos anseios, desejos, expectativas e os mais variados sentimentos por parte de um grupo que compartilha, divide e vive por um determinado momento emoções semelhantes, praticando determinadas ações de forma conjunta, sejam de ordem extrínseca (responder a um canto, caminhar, acenar, por exemplo) ou intrínseca (pedir, agradecer, participar, etc).

Na literatura, há vários conceitos para o termo festa, como a compreensão de que essa prática social tem apropriações econômicas, políticas e midiáticas. Historicamente, as sociedades são constituídas por regras e por contratos sociais que são observados pelos seus integrantes e essa regulação incide sobre a festa enquanto manifestação aparentemente espontânea. Exemplo disso é a definição, referida no capítulo anterior, para que a *festa* de Medianeira pudesse ser considerada romaria: é necessário ter e seguir regras internas que orientem os participantes, ou seja, é preciso observar seus rituais.

Aqueles que participam da *festa* seguem regras preestabelecidas e que já são conhecidas de antemão. Porém, cada vez mais, há dispositivos que co-regulam as festas. Um exemplo é a realização inicial da Romaria, regulada exclusivamente pelo campo religioso, mas que foi sendo, como foi mostrado anteriormente, aos poucos, co-produzida pelos representantes da comunidade e de outros campos, como o político, o econômico, o cultural e o midiático.

O termo festa está associado a um encontro alegre, em que há “uma associação entre pessoas que se querem e, ainda, a ruído, música, dança, confusão e outros sentimentos denotativos da igualdade de posições sociais” diz Da Matta (1977, p.6). Nesse contexto, a festa é um momento de extravasamento de emoções em que algumas diferenças sociais se apagam ainda que momentaneamente.

Compreende-se que a Romaria é uma prática social cerimonial que engloba vários momentos em que são observadas regras específicas para seu funcionamento. Ela é, por

natureza, uma festa e, como tal, intrinsecamente, possui poder de reunir um grande número de pessoas. Esse tipo específico de cerimônia, como já foi visto a partir de Dayan e Katz (1984 e 1995), constitui-se numa ocasião especial de celebração dos rituais da sociedade que se organiza para tal, seguindo normas já pré-determinadas.

As festas, as cerimônias, são eventos extraordinários e, portanto, rituais, pois fogem à rotina. Porém, segundo Da Matta (1977, p.24), mesmo sendo momentos “especiais de convivência social”, os rituais não podem ser vistos como “momentos essencialmente diferentes” daqueles constitutivos da rotina, pois “utilizam mecanismos sociais cotidianos”, seja de inversão, de reforço ou de neutralização.

Desse modo, pode-se afirmar que a Romaria é uma cerimônia que engloba momentos especiais rituais que fogem à rotina, mas que, ao mesmo tempo, continua a ter características desse dia-a-dia, em que alguns elementos são mais destacados que outros, pois estão presentes “*discursos* sobre a estrutura social”, segundo Da Matta (1977, p.20). Em função disso, ao colocarem num mesmo espaço santos e pecadores, sadios e doentes, povo e autoridades, as festas religiosas acabam realizando uma *neutralização* dessas categorias sociais, destaca o autor. Ao unir sujeitos de diferentes campos sociais, a cerimônia mistura e mescla temporariamente suas características.

No entanto, é importante destacar, novamente, que o próprio ritual possui regras que pré-determinam as posições e os atos a serem desenvolvidos. Há pré-estruturas de hierarquias sociais. No ritual religioso da procissão da Romaria, por exemplo, as autoridades seguem à frente, junto à Medianeira, onde representantes dos campos político, religioso, econômico e midiático têm um certo *status* se comparado aos demais romeiros que aguardam o início da procissão, que só podem fazer sua caminhada depois que a imagem passar e a polícia militar liberar.

A partir dessa reflexão, observa-se que o conceito de Da Matta (1977) é um pouco diverso da concepção de que a festa é um momento de imersão total, em que as marcas do dia-a-dia são apagadas. Para esse outro posicionamento, as “festas oferecem a ocasião de subtrair-se à realidade cotidiana ordinária, muitas vezes dolorosa, para entrar por alguns

instantes num outro mundo, em que freqüentemente as convenções e os valores habituais não contam”, avalia Rigo (2003, p.24).

É importante destacar que fazer parte da Romaria significa compartilhar com outras pessoas esse momento reservado e preparado previamente como um espaço para extravasar as emoções, para sair da rotina e participar de um ritual. Porém, compreende-se que, mesmo participando dessa manifestação coletiva, os integrantes carregam seus valores singulares, vivendo, por alguns instantes num mundo coletivo, mas que é marcado por diferenças, seja de ordem moral, econômica, social ou cultural, e também por individualidades, seus sofrimentos, pedidos, desejos, expectativas. Pela própria complexidade da *festa*, os sujeitos vivenciam essas experiências de forma ambígua, ora são ressaltadas categorias coletivas, ora individuais.

Esse apagamento ou, segundo Da Matta (1977), neutralização das categorias sociais é momentâneo e só ocorre a partir de elementos já preestabelecidos, ou seja, participar da festa significa sair da rotina por algum tempo. Mas esse ‘participar’ está carregado de características e de estruturas fortes, que não podem desvincular-se do participante. Nesse sentido, há um destaque da coletividade sem que sejam dissolvidas as simbólicas individuais.

Outra característica forte desse tipo de acontecimento, é que o *profano* e o *sagrado* lhe constituem. Em função disso, seria impossível “conceituar as procissões que não seriam *sagradas* nem *profanas*, nem *formais* nem *informais*. E não estariam engendrando nem uma *communitas* e nem acentuando a *estrutura*, mas teriam todas essas facetas ao mesmo tempo”⁶⁹ (DA MATTA, 1977, p.16).

A partir dessa reflexão, concebe-se que os rituais têm simbólicas relativas tanto ao mundo do *sagrado* quanto ao do *profano*, ficando difícil separar um do outro já que há correlações e co-determinações em que alguns elementos são destacados num dado momento e, em outros, podem ser dissimulados e/ou misturados.

Nesse contexto, deve-se lembrar que as apropriações da *festa* não se limitam apenas a seu caráter simbólico, pois incidem sobre ela aspectos de ordem econômica. Nessa

⁶⁹ Grifos do original.

perspectiva, segundo Hartmann (1987), algumas festas tipicamente brasileiras, como o carnaval, o futebol, as “grandes romarias, a festa do padroeiro, etc, atraem os olhos ávidos do lucro de grandes empresários” (1987, p.60-61).

Essas festas são, portanto, uma oportunidade ímpar para que haja uma rentabilidade maior para as mídias, os empresários, o campo religioso e o poder público. No entanto, esse fato aparentemente simples, tem uma problemática de fundo mais complexa. Para alguns pensadores da sociologia das religiões, como Peter Berger, o fato de a Igreja ter de agir a partir de uma lógica de mercado se deve, principalmente, à secularização, pois “a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*”⁷⁰ (BERGER, 1985, p. 149). Para tal, é preciso anunciar-se por meio de estratégias e de produtos simbólicos.

Devem ser levadas em conta as demandas dos públicos consumidores dessa nova forma de fazer religião, pois, de acordo com Guerra (2002, p.160), não se pode entender “a constituição de produtos religiosos e das estratégias pelas quais eles vão ser propostos no mercado separadamente do perfil da demanda dos consumidores aos quais se dirigem”. De igual maneira, pondera o autor, deve-se considerar as competições entre instituições religiosas e também de outras instâncias sociabilizadoras.

A lógica mercadológica orienta o funcionamento dos campos sociais e, com o religioso, não é diferente, pois nas últimas décadas, observa-se que uma série de produtos é desenvolvida para atingir os seus fiéis, por meio da indústria fonográfica (CDs, DVDs), impressa (calendários, agendas, revistas históricas e turísticas), de artesanato produzido a partir de ligação com santos e Nossa Senhora (objetos de decoração, ornamentações e para uso pessoal em geral), artigos sacros (rosários, cruz, bíblias, imagens de santos, capelinhas). Há empresas especializadas em produzir objetos religiosos que são comercializados tanto no âmbito institucional quanto nas ocasiões em que há festas.

Assim, Hoover (1998) corrobora com a problemática ao afirmar que os símbolos e os valores da religiosidade são, cada vez mais, apropriados por esferas seculares e comerciais.

⁷⁰ Idem.

Disso, decorre afirmar que por meio do trabalho técnico e discursivo dos dispositivos midiáticos os próprios sentidos do religioso são re-construídos.

Em relação a isso, observa-se que a Romaria atrai o olhar midiático em função do grande número de pessoas que reúne e por possuir uma simbólica forte, com uma plasticidade marcante. Há também uma ação estratégica por parte do campo religioso local para fazer-se presente junto aos seus públicos, seja pelo poder da Igreja Católica ou pela própria representatividade dessa *feira* para o Brasil, pois é uma das mais tradicionais e também uma das que mais reúne pessoas.

Outro fator a destacar é que o viés econômico perpassa a *feira* em várias escalas, em que o campo religioso comercializa artigos religiosos e gêneros alimentícios, o que assinala para o fato de que a religião também se faz através de um *mercado simbólico*, segundo Hoover (1998).

Desse modo, o fenômeno sócio-religioso acaba incorporando elementos da cidade. Além disso, para a concretização da *feira* há co-determinações por parte dos setores de prestação de serviço (hotéis, pousadas, empresas de transporte, restaurantes, etc), há ainda incidência sobre a economia do próprio município pelo retorno lucrativo que alavanca, seja através do comércio formal ou do informal.

Além de ser constituída por diferentes rituais religiosos, a Romaria também é um espaço específico de consumo. É uma característica intrínseca às próprias festas religiosas: possuir atividades relativas ao mundo do *sagrado* (os vários rituais religiosos) e também ao *profano*, através do comércio ambulante-informal por meio de instalação provisória de barracas após compra de lote para comercialização, as diversões, os jogos, apresentações artísticas, consumo em bares, restaurantes, etc.

É uma tradição não só prestar homenagem e fazer sacrifícios aos seus santos, mas também adquirir objetos que simbolizem e que expressem a participação na festa. Desse modo, não há como pensar numa festa puramente sagrada, pois o *profano* também a constitui.

Nesse sentido, Nascimento (2002) observa que em relação à romaria do Divino Pai Eterno (GO), “uma das maiores atrações são as barraquinhas” (p.106) que transformam a

cidade num grande camelódromo. O comércio é um dos aspectos que integra um conjunto de atividades que são as festividades do mundo *profano*, conforme será descrito a seguir, em que durante a Romaria, parece haver um deslocamento do camelódromo instalado no centro da cidade para a avenida Medianeira, nas proximidades do Santuário Basílica.

Analisando algumas procissões em Portugal, Sanchis (1983) questiona-se sobre o fato de elas serem manifestações da religião oficial ou popular. Nesses estudos, o autor observa que, historicamente, as romarias passam de festas litúrgicas para manifestações mais populares, em que o sagrado “se associa estreitamente à cidade dos homens⁷¹” (p.22). Há relações de mão dupla: da mesma forma que a simbólica do religioso instala-se e fixa-se no território da cidade, a própria sociedade produz ações que acabam sendo captadas e agregadas à cerimônia religiosa.

Dito isso, nota-se que a sociedade, aos poucos, junta elementos simbólicos às festas religiosas, o que incide sobre sua constituição e as tornam mais complexas por mesclar e agregar valores de outras ordens que não apenas a religiosa.

Posicionamento semelhante explicita que as festas, aos poucos, deixam de ter um caráter mais sagrado para serem marcadas pelo comércio e outras atividades profanas, segundo observou Zaluar (1982) ao comparar a descrição de duas festas brasileiras, uma em Cruz das Almas (SP) e outra em Minas Velhas (BA). Em cerimônias religiosas como as romarias, o *profano* e o *sagrado* estão lado a lado, misturados, o que denota a complexidade constitutiva desses rituais.

A partir dessas perspectivas, infere-se que o fato de ter regras instituídas pelo campo religioso não é garantia de que as cerimônias religiosas não se transformem, pois ela acaba misturando-se com outros aspectos sócio-culturais e agregando valores e simbólicas que não dizem respeito apenas ao campo religioso, mas também a outras esferas que a co-determinam.

Exemplo dessas ligações e co-associações foi explicitado no capítulo anterior, quando detalhou-se como a Romaria sofreu deslocamentos de seu *habitat*, o religioso, para outros

⁷¹ O autor analisa as romarias em Portugal, mas as observações podem ser aplicadas às festas brasileiras também.

campos. À cerimônia religiosa são agregados outros valores que integram o imaginário popular e também características de outros campos sociais, como o econômico, o cultural, o político e o midiático.

Prova de que a Romaria se constitui como festa desde a sua origem é o registro em livro histórico e também em jornais de que após a primeira festa oficial, em 1930, foram servidos doces e soltados balões, elementos que fogem ao caráter estrito do ritual litúrgico.

Outra questão que mostra como o fenômeno religioso vai se expressando, se convertendo e se aproximando dos modos de funcionamento do mundo secular é o fato de que o comércio de artigos religiosos torna-se um *mercado simbólico* expressivo nos últimos anos.

Alguns desses elementos estão presentes na ocorrência da Romaria e denotam a complexidade que lhe é constitutiva e, por isso, a manifestação presencial da *festa* merece uma certa atenção mesmo que não seja o foco do trabalho.

Os posicionamentos teóricos são distintos, mas, em todos, há noções que apontam para o fato de a Romaria estar envolta em perspectivas simbólicas. Na parte que segue, descreve-se algumas simbólicas que constituem a Romaria da Medianeira como acontecimento sócio-cultural-religioso. Essas simbólicas não são as estritamente midiáticas, objeto da última parte, mas sim descrições das várias manifestações captadas a partir de observações diretas em relação ao fenômeno religioso.

2.2 Simbólicas da Romaria

As simbólicas são desenvolvidas por meio de processos comunicacionais e denotam os próprios modos de constituição tanto dos sujeitos quanto de seus campos. Dessa forma, as simbólicas estruturam-se em torno de um determinado conjunto de signos criados e subordinados aos interesses, às finalidades estabelecidas e aos sentidos definidos por campos sociais, enquanto seus produtores. A produção de simbólicas tem como meta um fim

específico: fazer com que ela tenha um resultado positivo, que ela seja eficaz em seus objetivos⁷². Portanto, quanto maior for a inteligibilidade de uma simbólica, maior poderá ser seu efeito e também há mais garantias de que vai funcionar. E o que assegura sua eficácia são os processos e os *contratos* através dos quais os rituais são efetivados.

Para que tenha um efeito de sentido produtivo, as simbólicas devem ser reconhecidas pelos sujeitos na especificidade de suas práticas e de seus rituais. Para tanto, como já foi dito na 1ª Parte, cada campo social possui as suas simbólicas que são garantia de existência e de visibilidade pública e, é através delas, que se busca um efeito de reconhecimento. É por meio da sua simbólica que os campos não só tematizam suas ações como também buscam legitimar-se enquanto tal.

Uma vez que existem relações, misturas, imbricamentos e contaminações de simbólicas, estas se mesclam em diferentes momentos e também em distintos níveis, deixando marcas de cruzamentos, junções, permeabilidades e pontos de contágio.

Ressalta-se que cada campo tem uma simbólica própria para expressar seus interesses, expectativas, ações e é através de processos discursivos que os sujeitos demarcam os seus âmbitos de atuação, as suas competências, as suas abrangências e os seus limites. Essas marcas simbólicas denotam, como será descrito na seqüência, não só pontos de contato e de contágio, mas também níveis e papéis hierárquicos, que revelam distinções.

É através de operações discursivas produzidas pelos sujeitos que os campos relacionam-se e mostram-se uns aos outros e, ainda, anunciam suas intenções, seus valores, suas motivações.

Disso decorre que os sujeitos e seus campos produzem simbólicas como estratégia de sobrevivência, de permanência e também de ampliação de seus modos de expressão. A partir da noção de comunicação, pode-se afirmar que os sujeitos produzem os seus próprios rituais

⁷² Toma-se como inspiração idéias desenvolvidas no texto “Eficácia Simbólica” In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, onde o autor reflete sobre algumas estratégias e mecanismos desenvolvidos por experiências e práticas sociais para que se consiga “um funcionamento ordenado” (p. 218).

como um modo de permanecer integrados e de expressar referências sobre a sociedade em que vivem.

Nesse sentido, as simbólicas são construídas por meio de processos de comunicação e podem ser percebidas e reconhecidas pelos sujeitos sociais como elementos significantes, integrantes e constituintes do mundo. A comunicação, segundo Correia (2004, p. 80), “assegura a estruturação de contextos de significado objetivos que são tomados por independentes da experiência subjectiva dos agentes sociais”.

Para dar conta de observar, ler e descrever algumas simbólicas da Romaria, aproxima-se de algumas técnicas empregadas pela etnografia para explicar fenômenos sociais, como a observação direta, a realização de entrevistas, a descrição de ambientes, sujeitos e atividades, além da captura de imagens. Porém, diferentemente da Antropologia, que, classicamente, toma a etnografia como objeto de sua preocupação epistemológica, busca-se lançar um olhar interessado sobre esse fenômeno religioso para melhor compreender alguns de seus processos comunicacionais, não só os tradicionalmente midiáticos (via mídias televisiva, radiofônica ou impressa).

Em função das especificidades dos objetos e dos propósitos da pesquisa, são lançados sobre a Romaria olhares que visem compreender como os campos e os sujeitos manifestam-se por meio de diferentes simbólicas. Para essas descrições, foram realizadas observações nos ambientes específicos da celebração, como no trajeto percorrido pela procissão, nas missas, nos espaços da cidade, em locais de consumo, entre outros, durante o período de quatro anos. Com objetivo de mostrar esse olhar singular, utiliza-se a entrevista e a fotografia como técnicas de coleta de dados. As imagens e as falas dos sujeitos expressam algumas manifestações simbólicas e compõem o texto, por isso são inseridas nele.

O centro de Santa Maria passa por transformações em função da *feira* e é intenção descrever como os sujeitos, seus campos e a própria cidade estrutura, prepara e vive a própria Romaria. Nos trabalhos de campo, realizou-se movimentos metodológicos buscando afinar e direcionar o olhar para os vários modos com que sujeitos e seus campos expressavam-se em relação ao acontecimento. Para tanto, utilizou-se ainda como principais técnicas de pesquisa a

observação direta, em que eram anotadas e descritas ações, a entrevista por meio de conversas mais livres com alguns sujeitos e a fotografia para captar fragmentos imagéticos da *feira*.

As várias idas a campo possibilitaram que os procedimentos fossem aprimorados e também fossem apreendidos elementos que remetessem a alterações nos rituais. Nesse sentido, segundo Becker (1997), as evidências de campo mais significativas podem escapar se houver limitadas observações.

Também procurou-se escutar para poder apreender as formas de expressão, as motivações e as relações que os romeiros expressam e estabelecem. Essas ações foram realizadas por meio de inspirações em Winkin (1998), para quem o pesquisador de campo deve saber ver, saber estar com e saber escrever. Mesmo não sendo um trabalho etnográfico em sua essência, os principais procedimentos durante o trabalho de campo foram a observação, a conversa e a fotografia que é um modo também de prolongar o tempo de observação.

Nestas condições, o olhar é direcionado para esse fim, em que segundo análise de Oliveira (1996, p.15), “o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo”. Em função disso, a própria forma de observar já carrega marcas das intenções e dos objetivos, em que essas ações metodológicas são necessárias para que o olhar seja direcionado de acordo com os objetivos. Para que esse processo se efetive, descreve-se e compreende-se algumas formas de produção de sentidos, mediante registros e signos que definem a Romaria como fenômeno simbólico complexo, pois é religioso, histórico, social, cultural e de comunicação.

O processo de estruturação e de vivenciamento, passa por processos e etapas que fazem parte da sua matriz constitutiva. Nessa conjugação de fatores, são estabelecidos laços e vínculos de comunicação não só com aqueles que já fazem parte da vida cotidiana, mas também com desconhecidos com quem se compartilha esse momento de quebra de rotina – a *feira*. Para tal, é através de relações singulares num espaço e tempo determinados, que cada um relaciona-se com o mundo ao seu redor numa reciprocidade que implica constituir-se como sujeito e também como grupo.

A comunicação é uma categoria central para pensar nessas relações. Correia (2004), que fez uma reflexão sobre a noção de comunicação a partir de Alfred Schütz, explica que o processo de relações interdependentes entre a sociedade e o sistema de símbolos faz com que alguns deles sejam originados na sociedade “e uma vez estabelecidos, influenciem por sua vez a estrutura social” (SCHÜTZ apud CORREIA, p.79).

Por seu caráter social e relacional, a comunicação garante a objetivação do mundo real através de significados partilhados por aqueles que o vivem e estão nele. É por meio de processos comunicacionais que os participantes da Romaria estabelecem vínculos entre si, com o mundo que os cerca e, claro, com o fenômeno religioso. A sobrevivência da própria existência humana depende da criação e do desenvolvimento de rituais através dos quais é possível expressar-se, anunciar-se, contatar-se com outros sujeitos e outras sociedades.

Mesmo que cada um atribua um sentido singular ao acontecimento, pois a experiência de vivenciá-la é particular, há, entretanto, simbólicas comuns que os unem. Nesse sentido, as diferentes manifestações resultantes das culturas dos campos sociais podem ser um elemento aglutinador e que garanta o estabelecimento de redes de sociabilidade entre os que vivenciam a Romaria. Os vários processos comunicacionais empreendidos pelos sujeitos são elementos agregadores e também dão subsídios para que haja conexões, pontos de vinculação e de integração entre si e deles com o acontecimento.

Conforme já foi destacado anteriormente, os processos de comunicação são, segundo Samain (2001) fatos culturais expressos por meio de dinâmicas sociais executadas pelos sujeitos. Segundo essa perspectiva, em que o autor retoma e faz uma releitura de alguns conceitos desenvolvidos pela Escola de Palo Alto, o sujeito estaria num sistema de relações, em que a comunicação não está enraizada na singularidade do eu, mas em algo que está nas relações entre – em nós (eu e os outros). A comunicação é, portanto, por natureza relacional, constituída por uma conjugação de processos e de relações.

Nestes termos, a intenção principal desse olhar mais dirigido para a cerimônia religiosa é mostrar como os sujeitos e os campos manifestam e expressam seus valores, motivações e pontos de vista por meio de operações discursivas. Para compreender o funcionamento da cerimônia religiosa, suas regras e características, é necessário capturar

alguns de seus processos expressos através de simbólicas. Dessa forma, esses vários momentos de observação foram bem particulares na sua realização espaço-temporal e que procura-se descrever a seguir.

2.2.1 Transformações na cidade

A realização da Romaria ocasiona mudanças na estrutura física e simbólica da cidade, enquanto um ambiente que se transforma já nas vésperas para receber a imagem de Medianeira. A preparação da cidade para a *feira* se dá através de ornamentações e de adequações de espaço para os negócios que ela gera.

A estrutura física das ruas por onde passa a procissão e do interior do Parque é reorganizada para comportar o comércio informal e também os estabelecimentos tradicionais. São feitos mutirões de limpeza nas ruas centrais e o trânsito é redefinido.

A uma semana da Romaria, ainda observa-se muita sujeira pelo chão, há pouca sinalização e as ruas ainda têm problemas no asfaltamento, o que é a rotina da cidade. Porém, um ou dois dias antes, ocorre uma transformação empreendida pelo poder público, os empresários, os voluntários, a Diocese. Buracos são tapados, as ruas são pintadas, funcionários da Prefeitura Municipal dão os últimos retoques na pintura dos meio-fios nas calçadas, empresas de telefonia limpam os telefones públicos, comerciantes arrumam as vitrines, mudam a fachada e colocam faixas com saudações à Medianeira e aos devotos.

Representantes dos campos sociais executam atividades para receber a *feira* e poder celebrar a Medianeira que em função dos rituais que compõem a cerimônia 'pede' uma adequação da rotina da cidade a esse momento especial de celebração.

Essas transformações evidenciam que, à medida em que se aproxima o dia da *feira*, a Romaria se tece em meio a um trabalho material e simbólico, o qual se mescla à própria simbólica da cidade.

Já num outro ambiente, o prédio do Santuário-Basilica e o complexo do Parque da Medianeira modificam-se com a limpeza e a organização de espaços para acomodação de romeiros, comercialização de produtos e prestação de serviços aos que participam da *feira*. “Pintamos na frente do Santuário e o Altar Monumento. Também cortamos a grama”⁷³.

A preparação da *feira* no Parque da Medianeira envolve cerca de 400 voluntários para organização do local para receber os visitantes. Eles trabalham na produção de alimentos, em corte de grama, limpeza da Basilica, ornamentação do Altar Monumento, divisão do espaço para venda de objetos religiosos e alimentos, posicionamento das estruturas para o televisionamento, como a colocação dos praticáveis⁷⁴ para as câmeras e mesa de som. Todas ações são realizadas para que no dia da *feira* tudo esteja pronto.

Na véspera da Romaria, parte da avenida Medianeira se transforma e mais parece um acampamento de futuras relações comerciais (fotos abaixo). Aqueles que compraram lotes para o comércio informal começam a instalar suas barraquinhas. Além disso, no local, há uma espécie de balcão de negócios, onde funcionários da Prefeitura fazem plantão para vender o restante dos espaços para o comércio informal.



FIGURA 5 – Fotos da instalação dos camelôs

No dia da *feira*, a maioria dos estabelecimentos comerciais das redondezas mantém a tradição de, pelo menos, uma década: atender aos clientes na calçada e não permitir a entrada para evitar furtos e o uso de banheiros. Pouco antes da saída da procissão, milhares de fiéis

⁷³ Padre Deonilson Nogueira, Reitor do Santuário/Basilica, em entrevista concedida à autora no dia 30 de outubro de 2003, Santa Maria, RS.

⁷⁴ Espécie de estrutura feita em madeira, com cerca de 2 x 2 e 2,5 metros de altura, onde ficam os operadores de câmera e os equipamentos.

ocupam os lugares dos carros nas vias centrais, o comércio informal está em plena atuação e já tenta conquistar os fiéis.

2.2.2 A singularidade de Medianeira

As simbólicas geradas na e pela sociedade podem ser um elo, um elemento aglutinador, fazendo com que, por exemplo, os participantes da Romaria estabeleçam laços, conexões, vinculações por meio de processos relacionais de determinadas modalidades de comunicação. As relações sociais são estruturadas e estruturam a própria *festa* através de um conjunto de processos sócio-discursivos.

É importante descrever essas práticas no que diz respeito à singularidade da *festa* santa-mariense, mas também que pontos de enlace possuem em relação a outras cerimônias religiosas. A Romaria é diferente de outros movimentos religiosos, como de Aparecida (SP), que reúne milhares de pessoas não só no dia 12 de outubro, mas o ano todo; do Círio de Nazaré (Belém, PA), em que as multidões percorrem quilômetros tocando a corda, no segundo domingo de outubro, sendo que, na véspera, há um traslado e, ainda, há, a exemplo da Romaria do Divino Pai Eterno, pequenas romarias nas cidades do interior que antecedem a festa; de outras festas gaúchas, como de Navegantes, em fevereiro, onde os fiéis navegam pelas águas do rio Guaíba; de Nossa Senhora do Caravágio (Farroupilha, RS), em que o Santuário recebe milhares de pessoas durante o ano. No caso da Romaria de Medianeira, o Santuário é visitado durante todo o ano, mas não há peregrinações de multidões que não seja no dia da Romaria, o que difere de Aparecida, por exemplo.

Outro fator comum que perpassa a realização dessas festas é a mediação destas cerimônias. Nessas festas, há rituais religiosos similares, como procissão e missa, e também atividades paralelas, como música, atrações culturais, comércio de variedades, almoços, bebidas, lanches.

A Romaria é uma das mais antigas do Brasil e a mais tradicional do estado, ocorrendo todos os anos, no segundo domingo de novembro. A *feira* possui elementos similares a outros fenômenos religiosos de mesma ordem, mas também é singular em relação aos rituais litúrgicos, à preparação e à organização.

Em relação a sua singularidade, há rituais específicos de preparação, pois a *feira* abrange momentos anteriores, não compreendendo apenas a peregrinação junto ao quadro⁷⁵ que é transportado na procissão e, durante o ano, permanece do Santuário Basílica. Dez dias antes da *feira*, ocorre uma procissão com a imagem de Medianeira que, juntamente com veículos automotores, percorre as principais ruas da cidade, quando inicia-se a “Novena Móvel”. Essa novena é uma preparação para a cerimônia principal, quando a imagem percorre as paróquias da cidade com missa à noite.

No dia da *feira*, às 8h30, inicia-se a procissão da Catedral (centro) ao Santuário-Basílica em que o quadro é transportado pelo carro da Brigada Militar, o qual faz um cordão de isolamento, permitindo que apenas algumas ‘autoridades’ ocupem esse espaço predisposto que denota a hierarquização do ritual. Alguns representantes dos campos religioso, político, cultural, midiático e econômico posicionam-se nesse espaço privilegiado, ficando separados dos demais romeiros. Na seqüência, será detalhado como é formado o cortejo.

Como já foi dito, uma singularidade da procissão é seu modo de organização, em que a equipe de animadores e puxadores não caminha junto à imagem, orientando o ritual litúrgico por meio de dispositivos integrados – o sistema de som e a Rádio Medianeira, como será detalhado no próximo capítulo.

Há também uma missa principal, que acontece num lugar aberto, no Parque da Medianeira, por volta das 10h, quando da chegada da imagem. Além desse ritual litúrgico, há missa com bênção aos doentes, às 15h; missas de hora em hora das 5h às 17h (no Santuário) e das 5h às 7h (Catedral), confissões na Cripta. Todos esses rituais religiosos constituem a matriz de funcionamento da Romaria. Após encerrada a missa principal, os devotos formam

⁷⁵ Como foi dito na Introdução, utilizam-se indiscriminadamente as expressões quadro e imagem para referir a representação original de Medianeira.

filas para tocar a imagem com a mão ou por meio de flores ou outros objetos, como velas, rosário, bíblia, fotos de familiares.

Já em relação às outras atividades mais ligadas ao lazer, entretenimento e consumo, há passeios, atrações culturais, barraquinhas de comércio instaladas em via pública. O campo religioso organiza também outras ações que integram a programação oficial da Romaria, como apresentações artísticas; comércio durante todo o dia de artigos religiosos, de alimentos e bebidas (lanches, almoço, guloseimas, etc), havendo também comércio dentro do próprio território da Igreja, no interior do Parque da Medianeira.

A Romaria resulta de uma conjugação de processos e de ações que ocorrem não só no âmbito institucionalizado da Igreja, mas no território da cidade com uma temporalidade que é negociada pelos sujeitos. Os modos de vivenciar a procissão são distintos, pois o percurso de um templo a outro ocorre num tempo que se cristaliza no espaço, mas que é cumprido em temporalidades distintas. O espaço a ser vencido na procissão – num total de aproximadamente 3 quilômetros - é o mesmo para todos, mas os devotos empregam um ritmo e uma forma singular, constituindo, assim, ‘a sua Romaria’.

Um desses modos específicos de cumprir o ritual da procissão é fazer o trajeto antes da saída de Medianeira e, a partir daí, ocupar um lugar na avenida para ver a passagem da imagem ou mesmo chegar mais cedo para reservar um espaço no Parque para poder ter uma melhor visão da missa principal. Ou assistir com mais comodidade alguma missa na Basílica e, ainda, fazer o percurso e voltar para casa para assistir a missa pela Rede Vida. Milhares de pessoas peregrinam da Catedral até o Santuário antes do início da procissão.

O fato de muitos fazerem ‘a sua própria Romaria’ realizando o percurso do trajeto de forma isolada ou mesmo em grupos, mas sem estar junto à Medianeira se deve a dois fatores principais: do grande número de romeiros e pelo fato de que o ritual é orientado por dispositivos integrados. Para tanto, motivações de várias ordens fazem com que o percurso seja vencido antes: é mais cômodo, pois não é preciso disputar excessivamente espaços uns com os outros; é mais seguro, pois não há grandes aglomerados de pessoas; pode-se andar em grupos de familiares e de conhecidos sem risco de perderem-se; pode-se vivenciar a

experiência da caminhada de forma introspecta sem atropelos e sem possíveis inconvenientes que podem ser gerados quando há multidões.

Esses fatos fazem com que alguns evitem a multidão e participem apenas de um dos vários rituais que integram a cerimônia, como a missa da bênção da saúde, pela tarde. “Sempre vou na Romaria para pagar uma promessa que fez meu filho nascer, mas não vou de manhã porque há muita gente que vai e isso me cansa muito”, diz a paulista, que mora em Santa Maria há 30 anos e que pela manhã fica em casa para assistir pela televisão. Mesmo que se limite a participar apenas de um dos rituais, diz que prefere participar da Romaria. “Lá, a atenção é maior, a gente entra no clima e fica envolvido”.

Alguns santa-marienses preferem participar dos rituais de preparação para a Romaria e, no dia, por motivações distintas, não fazem a procissão. “Durante uma semana eu e minhas irmãs acompanhamos as missas que se realizam cedo da manhã. Hoje, prefiro ver alguma coisa pela televisão e também observar de longe, pois ficar na rua é bastante cansativo”. A devota observa a movimentação dos romeiros de um local privilegiado, um estabelecimento comercial que fica em frente ao Santuário, mas quando a imagem se aproxima deixa de executar as tarefas habituais para ver Medianeira passar.

Outros procuram adequar a sua rotina ao acontecimento. A obrigatoriedade do trabalho faz com que devotos sejam receptores da Romaria, fragmentando os contatos, como é o caso de uma camareira que organizou seu horário, fazendo, em 2003, o trajeto antes das 8h para poder voltar ao trabalho e, ainda, ver alguns momentos pela televisão. “Vou na Romaria por devoção à Medianeira desde os 12 anos e há uns 40 faço a procissão, sem falhar um ano sequer. Então, não ia ser agora que eu ia deixar de ir”.

Algumas pessoas fazem apenas o trajeto da procissão e voltam para suas casas ou mesmo param em restaurantes ou hotéis onde estão hospedados para assistir a missa pela televisão. “A Romaria na rua é muito mais emocionante, pois posso sentir o clima e a energia, mas estou cansada e resolvi fazer só a caminhada”, diz uma romeira de Pelotas que por volta das 11h ocupou uma mesa num restaurante localizado nas imediações da avenida Medianeira, em 2003.

Esse emprego de um ritmo singular à procissão tem incidência sobre a própria constituição de um conceito de Romaria, que prevê a caminhada em conjunto, seguindo-se regras que orientam o ritual litúrgico que toma o tempo da procissão durante o trajeto. Há normas a serem cumpridas e a caminhada continua sendo em grupo, o que muda é que esse percurso é permeado por dispositivos e que vão gerando, por suas regras, a processualidade do acontecimento.

Cada romeiro ‘edita’ a sua própria Romaria, pois muitos fazem o trajeto mais cedo, ou mesmo no dia anterior, outros apenas assistem à missa principal, no Altar Monumento, ou alguma missa no Santuário ou, ainda, participam apenas da bênção aos doentes, às 15h. Há vários tipos de romeiros: o que faz o trajeto no dia anterior, aquele que não peregrina, o que caminha com seu grupo de conhecidos, aquele que se junta à multidão desconhecida chegando antes ao Altar-Monumento.

Durante o passar dos anos, o costume de caminhar e cumprir o ritual litúrgico em conjunto foi se transformando. Alguns fiéis mais antigos dizem que antes o povo caminhava e cantava junto e, nos últimos anos, isso não ocorre mais. Como foi dito, um fator determinante dessas mudanças na própria *feira* é o aumento do número de participantes – de mil nos anos 30 e 40, para cem mil na década de 70 e nas últimas edições, para quase trezentos mil.

Prova dessas ‘várias romarias’ é a discordância que ocorre todos os anos entre os números de fiéis contabilizados pela Igreja e pela Brigada Militar: “para nós, a Romaria não é só o trajeto, pois muitos fazem sua caminhada cedo, lá pelas 5h, e depois vão embora”⁷⁶.

A movimentação de fiéis que iniciam o trajeto antes da saída da imagem da Catedral, às 8h30, é muito grande. Muitos se deslocam já a partir das 7h, quando o caminho a ser percorrido é tomado pela multidão, que peregrina bem antes da imagem de Medianeira passar.

Aqueles que iniciam o trajeto antes da saída da imagem de Medianeira da Catedral Diocesana não têm como acompanhar o ritual litúrgico específico da Romaria, pois das 7h às 8h30 o sistema de som reproduz a liturgia da missa que é realizada na Catedral. Desse modo,

⁷⁶ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS.

o ato de peregrinar não é realizado em sua completude do ponto de vista religioso já que as orações, as rezas e os cantos não são dirigidos a quem está caminhando, mas sim para quem está preparando-se para sair em caminhada.

O fato de fazer ‘a sua própria Romaria’ em que se segue em caminhada antes da saída da imagem, representa uma quebra de regras do ritual e, em função disso, há conseqüências. Quem faz o percurso antes não é contemplado pelo ritual litúrgico que é direcionado aos que estão esperando a saída da imagem para só depois caminhar. Outra regra instituída, e que é quebrada, é o fato de que os romeiros devem seguir em peregrinação junto à imagem ou após sua passagem.

Essas quebras de normas de alguns aspectos do ritual religioso remetem ao que foi discutido no capítulo anterior em relação ao fato de que os sujeitos também vão impondo as suas regras às formalidades instituídas pela cerimônia. Da mesma forma que o campo religioso impõe o seu ritual, as próprias práticas sociais estruturam e empregam novos modos de execução e de cumprimento dessas regras, em que os sujeitos constituem também a sua cerimônia singular.

As variadas formas de participar e de vivenciar a Romaria têm repercussão sobre as representações simbólicas que cada um empreende sobre a *feira*: compartilhar com os outros esse momento cumprindo as regras do ritual religioso; estar junto fisicamente, mas distante do grupo a partir de uma reflexão introspectiva; deslocar-se do grupo para vivenciar uma experiência mais particular não seguindo o ritual formal ou empregando um outro ritmo a ele.

Como foi mencionado, existem vários movimentos simbólicos por parte dos romeiros, em que os sentidos de participar das ações são únicos, pois, a exemplo do que Nascimento (2002) constatou, há redes de sociabilidades e de comunicação que são estabelecidas, havendo várias formas de participar da *feira*.

Esses modos de vivenciar a Romaria não são apenas singulares em relação ao ritual litúrgico, mas também a todas as atividades que integram a *feira*. Para alguns, a Romaria é apenas sinônimo de venda, de comércio, em que se pode comprar um espaço na via pública (lote) para comercializar seus produtos em algum lugar próximo ao Santuário. Para outros, as

atividades da tarde, em que ocorrem shows, jogos, passeios, etc, são a ‘sua Romaria’, o que fica mais afastado da questão religiosa, que tem sua programação centrada na parte da manhã.

Como vai ser descrito na seqüência, o próprio conjunto de processos que compõe a Romaria trata de unir e de mesclar características relativas ao *sagrado* e ao *profano* já que a *festa* dispõe-se em torno de simbólicas dessas duas ordens.

2.2.3 A organização do ritual religioso

Como foi referido, uma das formas de fazer a procissão da Romaria é realizar o percurso a partir das 7h, uma hora e meia antes da saída da imagem, em que o trajeto da Catedral até o Altar Monumento é quase uma caminhada silenciosa, pois poucos repetem os hinos, cantos e rezas que integram o ritual litúrgico.

Quem guia o ritual litúrgico são os alto-falantes e os carros de som instalados ao longo do percurso e que formam o sistema de som, mas não são todos os romeiros que cumprem a liturgia sugerida por este dispositivo. Ouve-se um grupo cantar “Maria, mãe dos caminhantes” (60ª Romaria, em 2003), mas ao lado, dezenas de outros romeiros parecem alheios aos rituais religiosos. Observa-se que alguns olham de longe a procissão e outros até caminham, mas não respondem ao roteiro litúrgico.

Os animadores e puxadores estimulam os romeiros a se preparar para a procissão por meio do sistema de som: “romeiros, vamos todos **nos preparar para essa caminhada**, vamos refletir, vamos pedir, vamos agradecer (...)” (Romaria de 2003); “saudamos também a todos aqueles romeiros que pelas ruas de nossa cidade estão **se aproximando para juntos caminharmos**”; “**Continuemos caminhando com Maria**, com nossa mãe, para agradecer, pedir”; “Nos sentimos irmãos, independente de raça, sexo (...), **estamos caminhando todos na mesma direção**”; “a avenida está totalmente tomada de guarda-chuvas, são os filhos **caminhando com Maria** rumo ao Santuário Basílica” (Romaria de 2002). Mesmo que o ritual oriente em vários momentos para que a caminhada seja coletiva e junto à Medianeira,

para muitos, não há mais como se preparar e estar próximo da imagem, pois a caminhada já está se desenvolvendo.

Mesmo que os animadores, que puxam o ritual litúrgico durante a caminhada por meio do sistema de som, tentem estimular a participação, isso nem sempre acontece. Os peregrinos participam mais do ritual quando há algum refrão mais conhecido para cantar, como o lema da Romaria: “Maria, ensina-nos a ser discípulos e missionários de Jesus” (Romaria de 2006). O lema cantado é uma das partes integrantes da liturgia em que há mais participação dos fiéis, pois é um refrão repetido inúmeras vezes e é também muito breve: “Ser Igreja do jeito de Maria” (Romaria de 2001).

O lema é uma operação de sentido criada para anunciar e para divulgar uma idéia em torno do que o campo religioso espera dos devotos. Por meio de operações discursivas, o lema traduz um pedido da Igreja Católica aos seus fiéis e, uma forma de fazê-lo, é apresentá-lo em forma de música.

Boa parte das pessoas faz a sua caminhada silenciosa em pequenos grupos que, em alguns momentos, se comunicam, como o caso da mulher que pede aos filhos para ficarem próximos: “não saiam de perto de mim” (Romaria de 2003).

Muitas vezes, o ritual é organizado de tal forma que não estimula a participação, fazendo com que os devotos se coloquem no papel estrito de ouvintes: “Queremos continuar apresentando nossos pedidos e intenções a nossa querida mãe Medianeira de Todas as Graças” (Romaria de 2001), que é ouvido por meio do sistema de som e estimula apenas a reflexão.

O oposto acontece quando a equipe de animadores e puxadores inicia as orações tradicionais, como Pai Nosso e Ave Maria, quando se observa que os devotos as repetem em voz alta: “Rezemos **amados romeiros** essa **bonita oração**, Ave Maria, cheia de graça ...”. O uso de adjetivações para referir tanto aos romeiros quanto ao ritual litúrgico é uma estratégia de aproximação e também de motivação para que os participantes sintam-se próximos dos rituais.

Os devotos que fazem a caminhada antes da partida da imagem de Medianeira protagonizam no mesmo espaço daqueles que aguardam a saída da imagem da Catedral e posicionam-se atrás do carro que a transporta, mas a temporalidade em que a procissão acontece é outra.

Integram o ritual litúrgico não só orações, rezas e cantos estritamente litúrgicos, mas também saudações para motivar a caminhada e, ainda, referências ao contexto, que são ouvidas através do sistema de som: “Estimados e amados romeiros que **apesar do mau tempo** se colocam a caminho nesta multidão que caminha em direção ao Santuário da nossa mãe Medianeira” (Romaria 2002).

Após o término da missa na Catedral, começam os preparativos para o ritual de traslado da imagem de Medianeira, quando milhares de pessoas aglomeram-se na avenida Rio Branco (Catedral) e nas imediações da rua do Acampamento por onde segue a procissão. O quadro é carregado para fora da igreja por pessoas que representem entidades, grupos, associações que têm algum vínculo com o tema e o lema, o que muda a cada ano. O quadro é colocado no carro da Brigada Militar que por meio de seus agentes faz um cordão de isolamento, permitindo apenas que autoridades, como políticos, religiosos e grupos referidos pelo cerimonial, permaneçam nesse espaço privilegiado.

Os rituais impõem hierarquias e distinções sociais através da criação de micro espaços. Depois de colocada a imagem, inicia-se a procissão que tem regras em sua formação. A hierarquia é rígida e os vários representantes dos campos têm funções distintas na formação do cortejo (fotos a seguir). Junto à imagem, estão apenas alguns dos guardiões da Medianeira, grupo formado por homens que se revezam nos cuidados à imagem durante todo o ano e, em especial, no dia da *feira*. Ao lado do quadro de Medianeira, seguem representantes do campo religioso, como o bispo de Santa Maria, o bispo convidado e que preside a missa principal, além de outros bispos, padres, freiras, ministros da eucaristia. Alguns representantes do campo religioso carregam estandartes, bandeiras, capelinhas.

Ocupam, ainda, esse ambiente a ‘imagem convidada’, representantes do campo político, como vereadores, prefeitos da região, deputados, governador, do econômico, como os patrocinadores ou grandes empresários locais, do cultural, como artistas locais; do

mediático, em que os especialistas de várias mídias movimentam-se não só entre a multidão, mas também nesse espaço privilegiado procurando captar momentos e colher depoimentos.



FIGURA 6 - Fotos do início da procissão que denotam a hierarquia do ritual

Também seguem à frente, alguns representantes do Círculo dos Operários do RS, que, como foi visto no início desse capítulo, até a década de 50 co-organizaram a Romaria. Hoje, a representatividade da entidade resume-se a participação de alguns integrantes que carregam a bandeira com a sua marca. Ainda ocupam esse espaço, um público específico e que é determinado pelo ritual litúrgico e que depende do tema e do lema. Em 2006, por exemplo, um grupo de cadeirantes deslocou-se junto à Medianeira.



FIGURA 7 - Fotos que mostram as hierarquias do ritual da procissão

Essa hierarquia constitutiva do ritual da procissão não pode ser quebrada e a garantia de que a ordem será respeitada é a presença de policiais militares da Brigada Militar gaúcha que faz um rígido cordão de isolamento (foto acima, à direita). Não há como quebrar essa barreira. Todos os anos, devotos tentam fazê-lo, muitas vezes, emocionados e de forma desesperada, mas sem sucesso. Em 2006, por exemplo, uma senhora idosa, tentava em vão

convencer os policiais a deixá-la se aproximar da imagem: “por favor, eu preciso tocar na santa”, repetia. Porém, os policiais só repetiam: “se afastem, vamos dar uma recuada aí pessoal”. Os responsáveis pela segurança cumprem papel não só de mantenedores da ordem, mas também de observância da própria regra do ritual.

Mesmo que haja a barreira rígida da Brigada Militar, os devotos criam modos singulares de aproximação da imagem. Uma estratégia para tentar ficar mais próximo de Medianeira é encurtar caminho entrando em ruas paralelas para evitar a multidão e chegar mais próximo da imagem.

Como já foi dito anteriormente, especialmente a partir de conceito de Turner (1974), o ritual é um momento único que oportuniza a troca de estado social. Nesse sentido, os menos privilegiados na hierarquia da procissão almejam integrar-se à simbólica central da *festa*. Porém, os rituais têm regras a serem respeitadas e, para tanto, as funções são distribuídas entre os vários sujeitos que constituem a *festa*. Cada um tem um papel definido pela normatização do ritual e a sua própria execução depende do cumprimento dessas tarefas.

A formação do cortejo denota algumas simbólicas dos campos e expressa distinções entre as simbólicas dos campos sociais. Observa-se que os representantes dos campos religioso e militar são os que carregam e expressam uma *simbólica formal* por meio do uso de suas vestimentas específicas: as vestes litúrgicas e a farda. Já em relação aos demais, a simbólica está diluída nos vários modos de expressão que não remetem a uma rigidez específica de algum campo, pois apontam para contaminações e misturas.

Um dos lugares em que a procissão fica mais lenta é durante a passagem por um túnel, que faz a divisão entre a avenida Rio Branco (Catedral) e a rua do Acampamento. Atrasos excessivos na procissão fizeram com que a Diocese de Santa Maria pedisse à Brigada Militar que reforçasse o cordão de isolamento, só permitindo o acesso de pessoas na procissão após a passagem de Medianeira.

Aos devotos que se colocam pelo caminho à espera da imagem, iniciando a procissão só depois da passagem das autoridades, resta manifestar-se de longe, sem poder tocar no quadro. As saudações podem ser de algumas formas: erguer a mão direita em direção à

imagem (fotos abaixo) ou bater palmas. À medida que o contato com Medianeira não é permitido nesse momento pelas regras do ritual, os devotos lançam mão de outros modos e de estratégias, como acenar, bater palmas, estender o braço ou jogar flores. As pessoas fazem outros tipos de reverência, como se ajoelhar, abaixar a cabeça, fazer o sinal da cruz, ações que denotam veneração e respeito à Medianeira. Assim que a imagem é retirada do carro que a conduziu até próximo ao Altar Monumento, fiéis avançam rapidamente sobre o veículo para pegar flores, papéis ou outros objetos ali deixados e que possam, assim, levar para casa um objeto sagrado como lembrança da Romaria.



FIGURA 8 - Fotos das manifestações e saudações à Medianeira

Já os que fizeram o percurso mais cedo, geralmente, já ocupam um lugar nas imediações do Santuário ou no interior do Parque, aguardando o início da missa principal. Esse momento de espera é marcado pela ansiedade, em que a todo o momento, o olhar das pessoas dirige-se para o alto para verificar se a imagem pode ser avistada. As pessoas conferem o relógio e comentam umas com as outras: “a procissão está atrasada!”, “a santa está demorando”, “será que teve algum problema?”.

A imprevisibilidade no que se refere à temporalidade do ritual suscita elaborações próprias que tentam explicar o que está acontecendo. Esse é um dos momentos dos rituais em que há, talvez, mais interação e processos de troca entre os participantes. Como o sistema de som só refere a localização quando a imagem já está bem próxima da Basílica, os devotos passam a comunicar-se, estabelecendo e formando redes de sociabilidades e de trocas.

Por meio desses contatos, criam outras estratégias de comunicação para saber o que está acontecendo. Exemplo disso foi observado na Romaria de 2006, quando um senhor de meia idade, acompanhado da filha adolescente, fez o trajeto mais cedo e posicionou-se em frente ao Santuário para esperar o restante da família e a passagem da imagem. Em função do atraso da chegada da imagem, resolve ligar pelo celular para a esposa que caminhará depois da imagem: “onde é que vocês estão?”, indaga e, após a conversa, desliga o celular e repassa a informação: “a procissão ficou um pouco parada na descida da avenida, mas agora estão quase chegando”. Por meio dessas redes informais de comunicação, a informação logo se dissemina entre os romeiros e aquele fiel se tornou, por alguns instantes uma espécie de ‘narrador’ do próprio ritual. Como vai ser discutido na seqüência, o uso de dispositivos como o celular faz com que a técnica seja um recurso utilitário e também um elemento integrador.

Quando a imagem se aproxima do Santuário, os sinos da Basílica tocam para anunciar a chegada de Medianeira, que é saudada pelos devotos através de gestos e hinos. Quando o carro que transporta a imagem chega até próximo do Altar Monumento, os animadores e puxadores conclamam a multidão para saudar Medianeira: “Viva, Nossa Senhora Medianeira” e o povo acena com as mãos, flores ou os folhetos da missa.

2.2.4 Ornamentações, decorações e mensagens

A Romaria é uma cerimônia singular que é constituída por rituais religiosos e também por outros que provêm da própria sociedade. Os participantes organizam-se para demonstrar a fé em Medianeira por meio de um conjunto de signos. A comunidade manifesta-se através de mensagens visuais durante a Romaria no corpo da procissão ou no próprio corpo, como será descrito a seguir.

São criadas micro-simbólicas e situações singulares. Os moradores da cidade constroem um conjunto de simbólicas específicas que se mescla à própria estrutura da cidade, seja montando altares, colocando imagem da Medianeira (fotos abaixo) nas sacadas dos

apartamentos e nas fachadas das casas, acendendo vela ou colorindo prédios com mantos e balões azuis e brancos, que são as cores da Medianeira.



FIGURA 9 - Fotos de ornamentações no trajeto da procissão

Há também participantes que se manifestam na *feira* através de informações estampadas no próprio corpo. Na procissão, os romeiros utilizam as mais variadas formas de linguagens para se expressar (fotos abaixo): envolvem-se em mantos, vestem o branco, carregam flores, velas, crianças são vestidas de anjo.



FIGURA 10 - Fotos da diversidade de modos de expressão

Algumas pessoas vestem roupas que contêm mensagens que remetem à fé, como camisetas da Medianeira (“Nossa Senhora Medianeira – Padroeira do Rio Grande do Sul abençoai-nos, Santa Maria, RS”), de Nossa Senhora (“Nossa Senhora Rainha da Paz”), de

Jesus Cristo (“Conto contigo”- estampa de Jesus Cristo na camiseta) ou mesmo de familiares (“Que Deus te abençoe e te proteja” -estampa da camiseta é uma foto de um homem).

É uma estratégia singular de comunicação para dizer ao outro (pode ser alguém que está próximo ou mesmo as lentes da televisão ou de máquinas fotográficas) que está presente e qual grupo integra. Esse coro de mensagens dos sujeitos remete especialmente à Medianeira.

Ao falarem de seus ambientes, os participantes desse ritual acabam constituindo este contexto específico. A Romaria é uma prática social realizada como forma de expressão, de permanência e mesmo de garantia de existência do “mundo da vida”, como destaca Correia (2004), a partir de conceito de Alfred Schütz. Dentro dessa cerimônia, há uma série de outros rituais desenvolvidos pela sociedade que se mostra e se constitui por meio desses vários processos sócio-simbólicos.

A principal forma de enunciar o seu micro-ambiente é usar camisetas que identificam os participantes como integrante do campo religioso denotando o lugar específico a que pertencem: “Igreja Nossa Senhora das Dores”, “Igreja Nossa Senhora das Graças” ou mesmo anunciando a sua procedência: “Paróquia São José – Cachoeira do Sul”, “ACC de São Borja”. Alguns se identificam através de referência ao grupo a que pertencem, como entidades ligadas a clubes de oração, de idosos, jovens (“Infância missionária”, “Adolescentes sem fronteira”) além de faixas, capelinhas, brasão, crachás, entre outros acessórios.

Anunciar à multidão que se pertence a um grupo, é uma forma de dizer ao outro ‘quem eu sou’. Para tanto, o ritual é um momento singular para destacar o seu lugar como elemento de referência integrador de um grupo. Nesse processo de expressão da própria sociedade, os sujeitos elaboram simbólicas que dêem inteligibilidade aos seus rituais, buscando um efeito de reconhecimento.

Essas manifestações simbólicas são intrínsecas à própria *feira*, em que os participantes elaboram modos de sentir-se integrados ao ambiente, de manterem e de construir formas de contato. São vários processos de comunicação na ocorrência da *feira* (fotos abaixo), como cartazes, vestimentas (camisetas, véus, mantos), o uso e a exibição de símbolos religiosos.



FIGURA 11 - Fotos de distintas simbólicas

A inserção e o trabalho simbólico dos peregrinos (fotos abaixo) é a mais diversa possível: alguns fazem o percurso descalços ou de joelhos, outros carregam seus filhos vestidos de anjo, alguns portam velas, flores, imagens e fotos de Medianeira, cruz, rosários, entre outros símbolos representativos da fé católica. Essas manifestações parecem ‘puras’ durante parte do trajeto: são visualizados predominantemente aspectos do mundo sagrado.



FIGURA 12 - Fotos de várias formas de comunicação

Pagadores de promessa, pessoas que pedem pela saúde de familiares, devotos que agradecem por graças alcançadas (seja em favor de si, de amigos, de familiares, de projetos e mesmo de seu time de futebol). São diferentes motivações que levam as pessoas a

participarem da Romaria (fotos abaixo). Escrever mensagens de apelo é uma estratégia utilizada por parte de pedintes que aproveitam a ocasião para solicitar ajuda financeira: “Amigo, não tenha preconceito. SOU FELIZ. Porque você me faz feliz. COLABORE” (Romaria de 2006).



FIGURA 13 - Fotos de outros modos de expressão

Muitos romeiros sabem que podem ser fotografados e/ou filmados e o fato de haver dispositivos que mostrem o acontecimento a outras sociedades engrandece não só a cerimônia, como destacam Dayan e Katz (1995), mas também dá notabilidade aos participantes dos rituais.

A partir da pré-concepção de que estão sendo filmados ou fotografados, os romeiros produzem simbólicas, como se vestir de anjo, usar mantos, andar descalços, carregar velas, cruzes, para que possam ser captadas pelos dispositivos midiáticos. Os sujeitos também produzem essas simbólicas com intuito de obter um resultado, efeitos de reconhecimento junto aos outros.

Os representantes dos campos político, religioso, econômico e midiático também se manifestam, especialmente através de faixas e de cartazes, seja saudando os fiéis, a cidade ou a Medianeira. Nas mensagens descritas, o que aparece são algumas simbólicas de representantes do campo social referido, uma parte do todo que o constitui, já que são autorizados a se mostrar/falar em nome dele.

As manifestações visuais através de faixas são formas de comunicação que fazem parte da simbólica da Romaria. São alguns tipos de dispositivos midiáticos não massivos, mas que denotam a lógica de diferentes processos de mediatização como recurso para mostrar, conectar pessoas e ‘estar junto’ aos outros.

A manifestação simbólica através de faixas é um pretexto utilizado por grupos para referir aspectos relativos às ações que desempenham e ainda servem para expressar intenções e ser, também, um espaço utilitário. A faixa é um dispositivo através do qual é possível anunciar e agendar encontros, funcionando com um meio de prestação de serviço: “**Legião de Maria:** encontro dos legionários romeiros Escola Medianeira – Hoje, às 13h30 min (Av. Medianeira, 415)”. É através desse tipo de simbólica que são produzidas intenções e a Romaria não é só um espaço para manifestação da fé, mas também se apresenta como um lugar que oportuniza um fim publicitário, um objetivo específico que não diz respeito diretamente à cerimônia religiosa.

Na saída da Catedral, na avenida Rio Branco, início do percurso, vê-se o cartaz “Romeiros, façam seus lanches no **salão paroquial**”, que é uma manifestação própria do campo religioso que age sobre a *feira* não só a partir da simbólica ligada ao mundo sagrado, mas também a aspectos relativos aos cuidados que envolvem a presença de romeiros que têm de alimentar-se. O campo religioso também disputa espaço com o comércio local, já que não incide apenas sobre os rituais litúrgicos.

Pelo caminho que passa a procissão, destacam-se faixas institucionais⁷⁷ (fotos na seqüência) que remetem à co-participação de diversos campos que procuram deixar marcas simbólicas de sua presencialidade no acontecimento religioso.

F1: “**Tevah** saúda a mais essa manifestação de fé em Nossa Senhora Medianeira”

F2: “**Manlec** saúda romeiros da Medianeira”

F3: “**Jornal A Cidade** está com a Medianeira”,

⁷⁷ Utiliza-se para a transcrição das mensagens das faixas a abreviação F 1, F2, etc.

F4: “**Becker Engenharia** saúda os romeiros”

F5: “O **cartão tri** saúda os fiéis da 60ª Romaria de N. Sra. da Medianeira”

F6: “As **irmãs franciscanas** saúdam a Medianeira”

F7: **Vera Cruz** saúda os romeiros

F8: **Eletrônica Fleig** saúda os romeiros

F9: **Legião de Maria** saúda Nossa Senhora Medianeira

F10: **Legião de Maria** Regia Nossa Senhora da Conceição saúda os romeiros

F11: **Colégio Fátima** saúda os romeiros.

F12: Nossa cidade te recebe. Medianeira te abençoa. Bem-vindos a Romaria de Nossa Senhora Medianeira (**Farinha Maria Inês**).

F13: **Mãe Medianeira**. Rogai Por Nós. (**Madeiraira Medianeira**)

F14: “**Madeiraira Medianeira** saúda os romeiros”

F15: **Mãezinha do Céu**. Abençoa-nos. (**Dente de Leite-Educação Infantil**)

Esse conjunto de processos comunicacionais mostra que a Romaria é perpassada por vários campos que se expressam por meio desse tipo de dispositivo. Há, dessa forma, misturas do *sagrado* com o *profano*.



FIGURA 14 - Faixas institucionais expostas pelo trajeto da procissão

É uma estratégia dos campos, especialmente o econômico, deixar marcas simbólicas no espaço em que acontece a Romaria para que possa ser lembrado e referido por potenciais clientes/romeiros. É uma forma de dizer ao cliente que está presente na simbólica da cidade não só com intuito meramente comercial, mas também que está integrado às práticas sociais e aos rituais que a sociedade cria e realiza. De outro lado, esse conjunto de mensagens denota que a Romaria não possui apenas uma simbólica restrita ao religioso, pois é atravessada por marcas de outros campos. Há contaminações entre o *sagrado* e o *profano*.



FIGURA 15 – Mensagens institucionais pelo trajeto

Observa-se que empresas comerciais de vários segmentos anunciam-se através de faixas: vestuário (F1), eletrodomésticos e bazar (F2), construção (F4, F13 e F14), prestação de serviços (F5, F8), educação (F11, F 15), alimentício (F7 e F12), midiático (F3). Além disso, entidades integrantes do próprio campo religioso expressam-se por meio de faixas: F6, F9, F10. Os enunciados contêm marcas dos distintos enunciadorees dos vários campos.

Esse conjunto de mensagens dos campos sociais remete aos romeiros, aos devotos, à própria Medianeira e também ao acontecimento religioso. A principal estratégia das mensagens é cumprimentar os fiéis por meio de saudações: F2, F4, F5, F7, F8, F10, F11 e F14. Os devotos são nomeados principalmente como romeiros (F2, F4, F7, F8, F10, F11 e F14), uma forma de especificar e delimitar mais a quem se refere, mas também são designados de forma mais abrangente, fiéis (F5), ou de forma indireta (F12). As manifestações simbólicas por meio de faixas também celebram a própria Medianeira (F6, F9, F13) e ainda a cerimônia como um todo: F1.

Os campos também produzem suas simbólicas a partir de marcas do próprio campo religioso, fazendo com que haja interdiscursividades: F12, F13, F15. Essas construções polifônicas remetem ao campo produtor utilizando como meio para atingir o receptor a própria fala do campo religioso (F 12, Medianeira **te abençoa** (...) Farinha Maria Inês; F13, **Rogai Por Nós** - Madeireira Medianeira e F15, **Abençoa-nos** (...) Educação Infantil). Através de processos de comunicação, faz-se esses pedidos que remetem à interlocução de Medianeira.

A simbólica da religião católica é parte integrante e constitutiva de entidades e de empresas locais, em que elas têm como marca própria uma referência a algum título mariano: F9 e F10 (Maria), F11 (Fátima), F12 (Maria Inês), F13 e F14 (Medianeira) e F15 (Mãezinha do Céu).

Esse conjunto de processos comunicacionais produzidos ao longo da procissão denota que a *festa* não se desenvolve apenas em meio às simbólicas relativas ao campo religioso, pois expressa a complexidade de ações e o conjunto de co-determinações de outras simbólicas que a integram.

2.2.5 O sagrado e o profano

Como já foi dito, a *festa* constitui-se não só numa manifestação celebrativa em si, mas também numa prática de consumo, pois o próprio campo religioso é atravessado por lógicas do campo econômico.

No caso da Romaria observa-se um outro modo de fazer religião que não é mais centrada na instituição, na medida em que ela está vinculada também a um *mercado simbólico*, em que o *profano* constitui-se numa espécie de *bazar*, segundo a metáfora de Hoover (1998), em que estão expostos produtos para comercialização dos mais variados tipos. Esse bazar reúne produtos com temas religiosos e também uma variedade de outros objetos que procuram motivar os devotos para o consumo.

Nota-se que quando a procissão se aproxima do Santuário-Basilica, onde ficam os espaços vendidos pela Prefeitura para instalação do comércio informal, o ambiente é outro e parece estar deslocado do anterior, em que se realiza a processualidade da celebração.

O comércio informal já integra a própria simbólica da Romaria. Vendedores gritam e os tons de vozes disputam suas mensagens com as do sistema de som que orienta a procissão, eles se misturam aos fiéis, tentando vender seus produtos, cruzam entre os romeiros com caixas térmicas oferecendo bebidas, inclusive alcoólicas, como caipirinha, “samba” e cerveja, artigos religiosos, gêneros alimentícios, brinquedos, etc.

As estratégias para venda são bem variadas: desde passar pela multidão, fazer barulho com assopro em apitos, ou mesmo gritar. Há também manifestações que, enquanto metáforas, remetem a marcas do campo religioso: “olha a chave do céu na minha mão” (e o vendedor mostra rosários); elaboração de versos que rimam: “compre sua água mineral, pra você não passar mal e pague só um real”; por meio de dicas para o público-alvo: “chora, chora que a mamãe te dá” (e o vendedor mostra aquelas bolinhas que batem umas nas outras).

A cerca de 500 metros da entrada do Parque da Medianeira, há um estreitamento da pista por causa da instalação das barracas de comércio, o que retarda o ritmo da procissão pela interferência dos vendedores ou mesmo pela parada que os fiéis fazem para observar algum produto e/ou comprar o que lhe interessa.

Há barraquinhas de ambulantes até o limite da entrada do Parque da Medianeira e tem-se a impressão de que o camelódromo, localizado em frente à Catedral, no centro de Santa Maria, é ampliado e deslocado para as proximidades do Santuário-Basilica.

Nesses últimos metros antes de ingressar no Parque da Medianeira, o *profano* e o *sagrado* disputam não só espaço físico, mas também estratégias de sentidos junto aos que participam da *feira*. Há características dos dois mundos, em que o *sagrado* vai cedendo cada vez mais espaço para o *profano* à medida que a procissão avança em direção ao Santuário, o que é um paradoxo, pois deveria ser justamente o contrário.

Artigos religiosos disputam espaço com comida, brinquedos, roupas íntimas, artigos de decoração, eletrônicos, CDs. Em 2003, observou-se vendedores colocando CDs para os

clientes ouvirem em meio às orações e cantos à Medianeira. Os estilos e títulos são os mais diversos: música gaúcha, pagode, sertaneja, MPB, rock e os preços variam de R\$ 2,00 a R\$10,00. Há também venda de CDs religiosos, mas são minoria, se comparados às variedades de temas.

Outra estratégia de venda é fazer cartazes e instalá-los junto ao próprio corpo: “Poesias, lembranças da Romaria. Colabore com a arte, levando uma poesia e ajudando um artista de Santa Maria”.

Os vendedores abordam as pessoas (fotos a seguir) em meio à procissão, não se limitando aos espaços destinados exclusivamente à venda. Eles ficam misturados aos fiéis e tentam estratégias que se aproxime do mundo sagrado: “Leva uma lembrancinha...” (e o ambulante oferece um santinho da ‘concorrente’, Nossa Senhora Aparecida, e duas fitinhas, pedindo uma ajuda em dinheiro. O fato de ele tentar vender a “santa concorrente” mostra que está alheio à própria cerimônia religiosa, pois logo em seguida outro vendedor oferece santinhos e lembrancinhas similares, só que da Medianeira.

O *profano* e o *sagrado* produzem sentidos que estão muito próximos e entrelaçados. Esses bazares a céu aberto expressam uma mistura grande de produtos (fotos na seqüência). Entre artigos à venda, destacam-se garrafas coloridas com oração e imagem de santos ao lado de cocadas e maçãs com chocolate; artigos religiosos junto a capas de colchão e brinquedos; banca com artigos religiosos ao lado de banca com camisetas; quadros de santos ao lado de lembranças do Rio Grande do Sul e bebidas; quadros da Medianeira junto a postais de Santa Maria; quadros de santos com bolsas e roupas infantis; calendário de Nossa Senhora Medianeira ao lado de pães; roupas íntimas, peixes em aquários e saquinhos, cortador/ralador de legumes com demonstração do vendedor e, ao lado, quadros de santos e altares de madeira com cestinhas e artigos de Natal; imagens de santos junto a bolsas para meninas (Barbie, Rebeldes) trabalhos de crochê, churrasquinho, banca com berrantes.



FIGURA 16 - Fotos desse grande *bazar a céu aberto*



FIGURA 17 - Fotos do comércio ambulante nas proximidades do Santuário-Basilica

A peregrinação que se inicia num espaço mais regido pelos rituais religiosos e, portanto, com marcas dominantes do campo religioso, vai se transformando aos poucos noutras manifestações que mesclam referências da cidade, dos fiéis e do comércio. Ao se aproximar do Santuário-Basilica, observa-se uma outra Romaria com poucas marcas que lembram o *sagrado* e com muitas incidências das simbólicas do mundo *profano*.

À medida em que se avança na temporalidade da procissão, as alterações no espaço demonstram que as representações da *feira* são de múltiplas ordens: religiosa, social, cultural, política, econômica. A complexidade que marca os processos simbólicos com que a Romaria se expressa, denota que a regulação sobre a *feira* não é atividade restrita do campo religioso, pois outros campos também incidem sobre ela, segundo várias estratégias e finalidades.

Nesse sentido, há outros rituais que se desenvolvem lado a lado com e na própria cerimônia religiosa. E esses rituais desenvolvidos na e pela sociedade são uma forma de expressão dos sujeitos e de seus campos informando a existência de pontos de contágio, de singularidades e também de ambigüidades. É por meio desse conjunto amplo de simbólicas que cada campo demonstra interesses, intenções e pontos de vista.

Esses movimentos desenvolvidos pelos campos e seus agentes integram a Romaria, que serve de inspiração para que a sociedade se expresse e se mostre às demais, como ressaltam Dayan e Katz (1984), através de vários processos comunicacionais que são criados para esta ocasião especial.

2.2.6 A festa integrada por dispositivos

Uma outra forma de manifestação simbólica presente na Romaria se dá através do uso e da operação de dispositivos. Os sujeitos utilizam processos técnicos de várias naturezas, com fins diversos, através do desenvolvimento de um conjunto de processos de comunicação e de estratégias de sentidos.

Os dispositivos são utilizados com duas intenções principais as quais a técnica é um recurso que integra e que possibilita trocas ou serve como apoio e guia. Especialmente através de câmeras filmadoras e fotográficas e/ou o celular, pode-se criar e editar momentos particulares da Romaria e, inclusive, repassar a outros e trocar informações por meio de processos singulares de apropriação da *festa*. Já o uso do rádio com ou sem fone de ouvido, os alto-falantes, os carros de som e os materiais impressos com roteiro da missa são recursos de apoio, um suporte para acompanhar o ritual litúrgico.

Como foi visto na primeira Parte, especialmente a partir de Martín-Barbero (2004), os processos técnicos e discursivos possibilitam a construção de novas redes de sociabilidades e os dispositivos acabam gerando, como o autor lembra, uma nova racionalidade sócio-técnica.

É por meio desse novo modo de vivenciar as experiências, que os sujeitos captam momentos e produzem a sua própria cerimônia através de fragmentos e de condensações. Dispositivos como o celular, a filmadora e as máquinas fotográficas, possibilitam a criação de pequenas romarias midiáticas, em que cada sujeito se apropria do ritual e gera outros.

A técnica permite construções de micro-interações com fins utilitários. O celular (fotos na seqüência) é um dispositivo que se converte em mecanismo de vivenciar a Romaria. É por meio dele que são construídas redes de sociabilidades e de trocas. Modernamente, tornou-se um hábito comum entre grupos orientar-se e localizar-se através do telefone móvel. Como são milhares de pessoas que participam da Romaria, é comum haver desencontros e aí o celular serve como meio de localização, seja de familiares, amigos ou mesmo de Medianeira, como foi exemplificado no início deste capítulo.

A partir desses contatos instantâneos que a técnica permite, acabam se formando redes de comunicação, seja entre sujeitos que estão participando da *festa* neste espaço específico ou à distância.

Outra função do aparelho celular é utilizá-lo para comunicar-se com alguém que não esteja presente, dando indicações testemunhais sobre o acontecimento. Dessa forma, o receptor vira também um micro-narrador da própria Romaria, editando, a sua própria maneira, os rituais aos quais está vivenciando, observando e captando.

Registrar momentos da *festa* é uma ação muito comum, seja através de telefones celulares, câmeras fotográficas ou filmadoras. E, para tanto, os participantes fazem registros do acontecimento com um todo, ou de si mesmo, para poder provar que estiveram naquele acontecimento. Essa produção de comunicação particular é uma forma de cada sujeito apropriar-se da Romaria para constuir a sua própria cerimônia.

Disso resulta que essas micro-cerimônias constituem também a própria cerimônia. Assim, a produção das simbólicas específicas produzidas pelos sujeitos acaba também gerando a Romaria.

Além de a técnica ser um mecanismo integrador, é também um recurso e um apoio para se vivenciar essa experiência. Destaca-se, ao lado da televisão, o rádio que, como já foi

dito e será melhor detalhado no capítulo a seguir, é um dispositivo que orienta o próprio ritual e que se integra ao sistema de som da Romaria retransmitindo o áudio local através de alto-falantes e de carros de som.

O rádio constrói a própria *festa* por meio de outra forma: colado ao ouvido, seja através de um rádio portátil com ou sem fone de ouvido, em que os fiéis sintonizam na frequência da Rádio Medianeira. Às vezes, há dissonâncias entre esses dois dispositivos, pois, quem carrega um rádio à pilha, pode acabar tendo interferências do sistema de som, que, às vezes, recebe o sinal da Rádio com certo atraso. Essas ações fazem com que haja sobre a própria *festa* um caráter de *hiperdispositivo*, segundo destaca CARLÓN (2004), em que outros dispositivos atravessam o funcionamento e os modos de operação de um determinado dispositivo e que está estruturando o acontecimento, ‘ao vivo’.

Como durante a procissão não há possibilidade de se ouvir o áudio local de forma direta, os romeiros valem-se do sistema montado pela organização do ritual, em que há pontos de som pelo trajeto, ou desenvolvem uma estratégia particular, carregando consigo um rádio à pilha.

A partir disso, pode-se afirmar que o suporte rádio é colado ao ouvido do fiel durante a procissão e, conseqüentemente, há uma presença do dispositivo midiático, do seu discurso, das informações repassadas e de toda sua complexidade.

Isso foi mais acentuado há alguns anos, pessoas caminhando, participando da procissão com um radinho porque esta era a referência, por aí elas estariam acompanhando toda a reza. O Rádio não era usado por elas para buscar uma informação de utilidade pública (...) queriam o rádio como instrumento de reprodução da reza⁷⁸.

Atualmente, muitos romeiros ainda usam esse recurso para orientar-se em relação ao ritual religioso, não ficando reféns e nem restritos ao sistema de som. O rádio tem destacada

⁷⁸ Radialista Vicente Paulo Bisogno, que ficou na Rádio Imembuí de 1970 a 1997 e, desde então, está na Santamariense, em entrevista concedida no dia 17 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

participação na transformação da *feira*: como guia, colado ao ouvido, ou através dos alto-falantes que, num sistema híbrido, reproduzem o áudio local por meio da Rádio Medianeira.

Constata-se que o rádio cumpre uma função central: é escutado para que se possa participar da procissão, seguir as orientações do ritual religioso sem as interferências do ambiente, os murmurinhos dos vendedores ambulantes e a voz dos outros devotos.

Além desses dispositivos eletrônicos e digitais (fotos abaixo), há ainda um outro mecanismo que orienta e guia a cerimônia, folhetos que ‘atuam’ de modo presencial e que são roteiro da missa. Além disso, os dois jornais diários de Santa Maria, *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, publicam nas edições do final de semana da Romaria, encartes que preparam a cerimônia e que são também uma espécie de ‘guia’ para que se possa acompanhar o ritual religioso. Durante a procissão e a missa, a Diocese de Santa Maria também distribui o seu próprio folheto para a missa.



FIGURA 18 - Fotos da presença de dispositivos na procissão

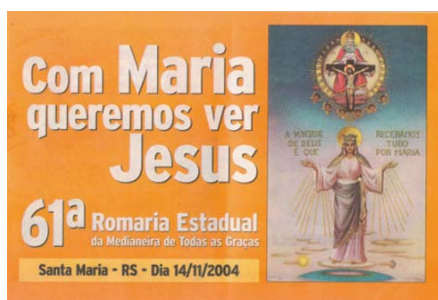


FIGURA 19 - Folheto oficial da *Romaria* de 2004

É mais um dispositivo midiático presente na *feira*. Como são publicadas por empresas concorrentes e em variados formatos, nota-se efeitos de sentidos distintos entre essas publicações dos folhetos e dos guias. Como o material é pago por anunciantes, muitas vezes, há mais publicidades que informações litúrgicas. Torna-se uma estratégia interessante por parte dos campos, seja religioso, econômico ou midiático, apostar que atingirá o maior número de clientes/fiéis.

A partir dessas descrições, nota-se que são vários os dispositivos que estruturam a *feira*, operando de forma direta sobre o desenrolar da Romaria, mas o que mudam são as suas formas, os processos e as suas simbólicas.

Como foi mostrado, esse conjunto de processos comunicacionais, que são desenvolvidos pelos sujeitos e seus campos, estruturam a própria *feira* de perspectivas discursivas. As observações aqui desenvolvidas ajudam a construir, no capítulo seguinte, registros de caráter histórico sobre a mediação da Romaria.

3 Aspectos históricos sobre a midiática da Romaria

Ao longo da história, os processos de midiática estruturam a Romaria pelas suas formas, lógicas, simbólicas, em suma, pelo trabalho da enunciação. Nesse sentido, antes de analisar as lógicas de funcionamento das estratégias de midiática da Romaria por parte da Rede Vida, faz-se necessário descrever, historicamente, a importância dos dispositivos midiáticos que constituem e co-determinam o acontecimento, ao longo do tempo.

Como foi mostrado no primeiro capítulo, desde a sua gênese, a Romaria é constituída por mecanismos singulares de midiática. A organização da *feira* passa e, cada vez mais, se complexifica em meio ao funcionamento de processos midiáticos em diferentes estágios, processos e tecnologias.

A entrada da televisão na cobertura do acontecimento ‘ao vivo’ representa o ápice de um conjunto de operações de dispositivos midiáticos que operam ao longo do tempo sobre a Romaria. Há, portanto, ações midiáticas precedentes à televisão e que devem ser descritas porque também participam da estruturação do fenômeno religioso.

Como já foi mostrado no primeiro capítulo dessa segunda Parte, no início da devoção à Medianeira, ainda nos anos 30, já existiam dispositivos midiáticos de alcance mais limitado, como o quadro que foi pintado a partir de um santinho vindo da Bélgica, o hino e a música. Nos anos seguintes, reproduziram-se santinhos de Medianeira que foram postos em circulação pela cidade e também em outros municípios da região, faixas eram confeccionados, panfletos, folders, cartazes feitos à mão e mesmo o cartaz oficial da *feira* que é distribuído para todo o estado. Essa série de processos midiáticos desenvolve a produção da Romaria como manifestação de sentido.

Dando seqüência a preocupação de mostrar como em diferentes momentos, os processos de midiática estruturam, juntamente com outras práticas sociais, a própria Romaria, nesse terceiro capítulo, faz-se um mapeamento de alguns registros da inserção das

mídias neste acontecimento. Os dispositivos midiáticos desenvolvem distintas funções ao longo de uma temporalidade, como de tematização⁷⁹ e de co-determinação da própria *feira*.

Como a Romaria é re-semantizada pela ação de várias formas de dispositivos midiáticos desde o seu início, é importante verificar como esses antecedentes televisivos vão co-determinar a *feira*, com o passar dos anos. Deve-se ressaltar que a Rede Vida é a última mídia a operar sobre a *feira*, transmitindo o acontecimento desde 1996. Como a emissora não integra o contexto sócio-cultural da cidade, é necessário compreender como as mídias locais operam sobre a Romaria constituindo-a discursivamente para a própria comunidade.

Para mostrar que a Romaria ao longo de sua historicidade é também instituída pelas ações e lógicas midiáticas, foram realizadas pesquisas em arquivos históricos⁸⁰. Porém, em função da debilidade de algumas fontes bibliográficas em que os materiais midiáticos estavam incompletos, avaliou-se que poderia se conseguir informações importantes a partir de fontes primárias, como de historiadores, de jornalistas e de profissionais das mídias locais⁸¹.

Os dispositivos possuem características singulares e procura-se mostrar suas ações, segundo uma perspectiva cronológica em que se apresentam, inicialmente, os meios impressos – do próprio campo religioso e também de Santa Maria -, que iniciam sua atuação nos anos 30. Após, apresentam-se as estratégias radiofônicas como primeiro meio a transmitir ‘ao vivo’ o acontecimento sócio-religioso, nos anos 40.

Depois, na década de 50, há instalação no percurso da procissão de um sistema de alto-falantes, enquanto uma mídia específica, cuja função é orientar os fiéis que participam da

⁷⁹ O conceito de tematização é utilizado através de Luhmann para quem os temas ligam os sistemas através da comunicação social. Dito de outra forma, os temas fazem as conexões entre os campos através do trabalho tecnodiscursivo dos dispositivos midiáticos. A tematização pode ser compreendida como “o processo de seleção e valoração de determinados temas de interesse introduzidos de forma contingente na opinião pública” (Saperas, 1987, p.94).

⁸⁰ Como da Casa de Cultura, dos Irmãos Palotinos, do Museu da Catedral, do Jornal A Razão, do Bispado de Santa Maria e do Santuário da Medianeira, todos arquivos localizados em Santa Maria.

⁸¹ Atualmente, Santa Maria, localizada no interior do Rio Grande do Sul, possui um número significativo de mídias: seis emissoras de rádio FM: Itapema, Atlântida, Medianeira, Pampa, Nativa e CDN; cinco AM: Imembuí (1942), Santamariense (1954), Guarathan (1960), Medianeira (1960) e Universidade (1968); duas televisões locais afiliadas: TV Pampa (1991) e RBS TV (1969, que surgiu com o nome de TV Imembuí), dois jornais diários (A Razão, fundado em 1934 e Diário de Santa Maria, em 2002) e um bimensual (A Cidade, criado em 1998).

Romaria de forma presencial. A partir dos anos 70, a Rádio Medianeira co-associa-se a esse sistema de som da *feira* e, num processo híbrido e complexo, passa a transmitir o áudio que orienta o ritual litúrgico. Por fim, mostra-se como mais modernamente as mídias locais tematizam o acontecimento.

3.1 Campo religioso produzindo suas próprias mídias

Além de dispositivos de menor alcance, como o quadro de Medianeira, o hino, a música, santinhos, faixas, o cartaz oficial e panfletos que reproduzem o ritual litúrgico e trazem alguns aspectos da história da Romaria, o campo religioso possui algumas mídias⁸² de maior abrangência e de características específicas.

Contemporâneo ao início dos movimentos de devoção à Medianeira, o campo religioso já possuía suas próprias mídias de alcance mais amplo, como a revista *Regina Apostolorum* desde 1923, editada, inicialmente, em Vale Vêneto, na Quarta Colônia Italiana, a 40 quilômetros de Santa Maria, pelos Irmãos Palotinos.

A revista era publicada em P&B, tendo circulação principalmente no RS, mas que chegava a outros estados também. Eram publicadas cinco edições anuais e a linha editorial principal da revista era divulgar aspectos devocionais.

No início dos anos 30, o nome da revista muda para Rainha dos Apóstolos e, partir de 1934, ela passa a ser impressa em Santa Maria. Nos anos 60, a revista passa a ter capa em cor e amplia seu *contrato de leitura*, publicando temas mais abrangentes. Em 1978, o parque gráfico e a direção da revista passam para Porto Alegre. Nos anos 90, faz-se uma reforma no projeto gráfico e na identidade visual, passando a se chamar apenas Rainha. Porém, em 1998,

⁸² Por seu papel estratégico na constituição do próprio acontecimento religioso, os modos de operar da Rádio Medianeira, criada em 1960, serão detalhados na seqüência, em um capítulo específico.

“para efeito de patente, a revista Rainha volta a usar o nome que já era seu: Rainha dos Apóstolos”⁸³.

Em maio de 1930, a Revista publica edição especial (reprodução da capa abaixo) à primeira festa de Medianeira, abordando aspectos relativos à história, à devoção e ao sentido da mediação de Maria. “A idéia da Medianeira de todas as graças é e deve ser a idéia central de todo o catholico” (RAINHA DOS APÓSTOLOS, 1930, p.27).



FIGURA 20 - Capa da revista Rainha em edição especial à Romaria

O principal *contrato de leitura* desta edição era ampliar a devoção à Medianeira e também divulgar a fé em Nossa Senhora. Este número traz o hino, a história da devoção à Medianeira e, ainda, as negociações empreendidas pelo campo religioso para a concretização da festa oficial.

Desde o início, dispositivos midiáticos co-constituem o próprio acontecimento religioso. Mesmo no começo do movimento religioso, o sentido da devoção à Medianeira é tematizado como estratégia de anunciabilidade para que sejam conquistados adeptos e para que as informações percorram também outros campos.

⁸³ In: <http://www.pallotti.com.br>. Site oficial da gráfica Pallotti. Consultado em 04 de janeiro de 2007.

Em função disso, a mídia é, neste momento inicial, essencialmente, um meio de divulgação que é usado pelo campo religioso para estabelecer vínculos e fazer-se presente junto aos seus mercados.

Além disso, havia também edição de documentos que circulavam entre o campo religioso, como as cartas pastorais, ou ainda edições especiais em formato revista como a “A Eucaristia e a Sociedade”, uma lembrança do Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria, que ocorreu em 1935 e que comemorou também 25 anos de ordenação sacerdotal do bispo Dom Antonio Reis. Nesta edição, foram detalhadas as atividades realizadas no encontro, havendo transcrição de discursos, reprodução de fotos com ângulos de alguns rituais, como de cerimônias religiosas na Praça Saldanha Marinho, no centro da cidade. O principal objetivo da publicação foi homenagear Dom Antonio Reis, que mais tarde ficou conhecido como o bispo da Medianeira.

Em 1931, para comemorar o 15º centenário da proclamação do dogma mariano, a “Congregação Medianeira de Todas as Graças” do Seminário São José publica a *Deiparae Praeconia* que circulou nas Dioceses do estado, trazendo, na primeira página interna, a imagem de Medianeira. A revista mostra como historicamente é construída a fé em Nossa Senhora, apresentando templos (inclusive com fotos) dedicados a ela no Brasil e no mundo.

A edição de um dispositivo próprio para anunciar Medianeira representa um modo específico de o campo religioso expressar-se por meio de simbólicas que têm marcas formais, como a logomarca da fé católica e a imagem de Nossa Senhora, mas também informais, pois sua produção passa por um processo de construção editorial e por operações de enunciação, mesclando-se, transformando-se e contaminando-se com marcas de outros campos.

Historicamente, a Revista Rainha dos Apóstolos publiciza informações sobre Medianeira desde o início da oficialização da festa em âmbito diocesano, em 1930. Com o passar dos tempos em que a Romaria passa a ser estadual e a atrair um expressivo número de fiéis, a Rainha publica, em algumas edições, um suplemento especial intitulado “Rainha Turismo Medianeira”, como em 1973.

A publicação desse caderno especial ocorre no período em que a Diocese de Santa Maria empreende uma série de ações para divulgar a obra do Santuário com intuito principal de conseguir finanças para a construção. A publicação do suplemento especial sobre Medianeira num meio de circulação nacional é uma estratégia para tornar o projeto da Diocese conhecido e para vender a idéia de que é necessário arrecadar recursos para a construção do templo religioso católico na cidade.

A função desse encarte é ainda chamar atenção para a *feira* de Medianeira que não é só um acontecimento religioso, mas também econômico, turístico e cultural. Por meio dessa publicação especial, a Revista Rainha dá um *status* diferenciado à Romaria em relação aos demais temas que publica, o que denota o valor noticioso da *feira* e também o poder que a Diocese local tinha para vender o seu projeto por meio de estratégias enunciativas.

O dispositivo midiático torna-se um elemento essencial para que o objetivo do campo religioso se concretize. O papel do dispositivo é central para efetivação da própria simbólica da Igreja, pois os processos midiáticos acabam estruturando, pelo seu trabalho enunciativo e tematização, não só a Romaria em si, mas também ações paralelas, como o projeto de construção do Santuário.

Para tal, o dispositivo midiático é avaliado pelo campo religioso como uma instância central e estratégica para que seus objetivos sejam alcançados. É por meio de operações midiáticas que algumas ações do campo religioso são afetadas, transformadas e efetivadas.

Constata-se que, como o campo religioso não consegue sozinho dar conta de atingir os seus objetivos, vale-se de outros modos e de outras práticas que envolvem mecanismos que não dizem respeito ao seu domínio específico, como a visibilização, a tematização e a produção de outras simbólicas que não só as estritamente religiosas.

Num âmbito mais restrito, também circulavam publicações, como as cartas pastorais que abordavam temas devocionais. Em 1939, o bispo Dom Antonio Reis elabora uma carta pastoral com objetivo de difundir a devoção à Medianeira. “Para incentivar sempre mais a devoção à Virgem Medianeira, entre os fiéis da Nossa Diocese, resolvemos escrever essa

Carta Pastoral sobre a doutrina da Mediação Universal da Santíssima Virgem” (REIS, 1939, p.6).

Até então, o intuito principal era fazer com que a devoção crescesse em Santa Maria e região e, para isso, lançava-se mão de estratégias próprias de comunicação midiática, mesmo que de menor circulação.

Sabendo da importância dos processos midiáticos para a sua constituição, enquanto campo e também para a realização de projetos e da própria Romaria, a Diocese de Santa Maria tentou efetivar uma mídia institucional ao longo de sua criação. Além das publicações ocasionais já referidas, houve, em 1969, a publicação da Revistinha Informativa com circulação estadual e distribuição dirigida, às vésperas de mais uma Romaria, em 9 de novembro. Além de informações sobre a cerimônia religiosa, a publicação destacou o fato de que a Rádio Medianeira transmitiria a Romaria e organizaria uma cadeia de emissoras radiofônicas, disponibilizando o sinal para rádios locais e do estado. O fato de a mídia enunciar a própria midiática, denota a importância dos processos midiáticos para a constituição do acontecimento religioso.

A Diocese sempre editou um boletim diocesano e, mais tarde, publicou algumas edições de uma revista chamada *Miles Cristi* com o intuito de informar e de formar os santamarienses em relação ao catolicismo. Porém, nunca houve uma publicação com periodicidade e formatos definidos, havendo sempre mudanças. Esse quadro só mudou com a designação do jornal O Santuário como dispositivo oficial da Diocese, a partir dos anos 80.

Porém, O Santuário só passou a ser a mídia oficial da Igreja após ser um jornal de natureza comunitária fundado por integrantes da Basílica da Medianeira. Em 1977, um grupo de religiosos que atuava no Santuário Basílica da Medianeira criou uma mídia própria com intuito de veicular informações sobre a Romaria, a comunidade do bairro Medianeira e também da Diocese. O jornal O Santuário publicava não só temas relativos ao campo religioso, mas também de caráter voltado a movimentos sociais, como a reforma agrária.

Entretanto, o jornal que até meados dos anos 80 era considerado do bairro Medianeira, passa a ser, por pedido do bispo local, Dom Ivo Lorscheiter, a mídia oficial da Diocese de Santa Maria, o que permanece até hoje.

A instituição de uma mídia própria por parte do campo religioso local simboliza uma necessidade atual de tematizar assuntos de seu interesse junto ao mercado religioso, ganhando visibilidade social e também tendo um meio estratégico para legitimar suas ações.

A seguir, serão mostrados alguns fragmentos de como a mídia impressa local desenvolve sua cobertura em relação à Romaria. Por ser a única mídia convencional a operar na constituição inicial do acontecimento, serão utilizadas para fazer esses registros algumas edições mais antigas dos jornais.

3.2 Anos 30: a midiaticização jornalística

Nesta parte específica, a intenção é descrever a evolução do processo de cobertura do acontecimento religioso a partir de alguns registros midiáticos dos jornais *Diário do Interior* e *A Razão*⁸⁴, que são contemporâneos ao início das manifestações de fé à Medianeira. A única mídia de massa existente no início das primeiras manifestações de fé à Medianeira foi o *Diário do Interior*⁸⁵, que circulou na cidade de 1911 a 1939. Já *A Razão* foi criada em outubro de 1934 e se mantém até hoje.

O primeiro registro encontrado no *Diário do Interior* à festa de Medianeira data de 31 de maio de 1934. As pequenas notas geralmente eram publicadas após uma espécie de editoria intitulada “Vida Religiosa” (reprodução abaixo). “Hoje às 19h30min, na Catedral terá começo

⁸⁴ Pela dificuldade em recuperar registros de outras mídias e também de fontes orais, deu-se enfoque a esse jornal.

⁸⁵ Ressalta-se que o único lugar que possui arquivo do jornal é a Casa de Cultura em Santa Maria. Buscou-se junto aos historiadores locais e moradores antigos da cidade informações sobre o jornal, o que resultou em insucesso. O arquivo público está incompleto e entre os anos de 1928 a 1939 faltam muitos exemplares, não podendo ser afirmado quando iniciou a publicização da festa de Medianeira.

o Solene tríduo em preparação à Festa da Nossa Senhora Medianeira que se realizará no próximo domingo. O ato será presidido pelo exmo.Sr.Bispo D. Antônio Reis” (Diário do Interior, 31/05/1934, p.2).



FIGURA 21 - Reprodução de nota no Diário do Interior

No início da Romaria, para o jornal, os únicos fatos que merecem um *status* noticioso são a agenda da *festa* e que será coordenada por uma autoridade religiosa. Essa tematização enxuta é reflexo também do próprio projeto gráfico do jornal que publicava muitas notas e enunciava as notícias de forma resumida.

Em 1935, menos de um ano após o início de sua circulação, o jornal *A Razão*⁸⁶, passa a publicar informações em que aparecem comemorações relativas à Medianeira. A primeira notícia⁸⁷ publicada em *A Razão* data de 31 de maio de 1935. (reprodução abaixo) Após referir à realização do tríduo, o jornal publica a programação do dia da *festa* de Medianeira: “Às 9 horas terá lugar a romaria ao Seminário onde será celebrada imponente Missa Campal” e, ao final, divulga os valores e os nomes das pessoas que “fizeram donativos para a festa de N.S. Medianeira” (AR, 31/05/1935, s/r).

⁸⁶ Pertencendo inicialmente aos Diários Associados, o jornal *A Razão* foi fundado em outubro de 1934. Ao longo de sua história, passou por várias reformulações. É um periódico tradicional, pertencente a uma empresa familiar (De Grandi), sendo considerado mais conservador em relação a texto, projeto gráfico, imagens em preto e branco. Até a instalação do Diário de Santa Maria (Grupo RBS), em 2002, era o único jornal a receber as publicações oficiais. Desde a chegada do Diário, agravou-se a situação financeira do jornal *A Razão*. Inclusive em setembro de 2006, um grupo de jornalistas entrou em greve pelo não recebimento de salários e direitos trabalhistas. A situação só foi estabilizada após negociação entre os grevistas, o jornal, o Sindicato dos jornalistas do RS e o Ministério do Trabalho.

⁸⁷ Não serão referidos todos os anos, mas apenas alguns marcos históricos já que se trata de alguns registros midiáticos com intuito de mostrar como a mídia impressa, que é contemporânea à Romaria, a tematizou.

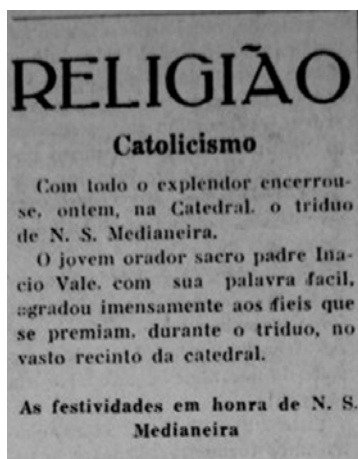


FIGURA 22 - Reprodução da primeira nota em A Razão

Já no início do processo de cobertura da Romaria, para A Razão, a *feira* de Medianeira tem um *status* maior. Além de tematizar a agenda do acontecimento, o jornal considera notícia as doações feitas pelas pessoas da comunidade, explicitando seus nomes e os valores concedidos à Igreja Católica. As doações são consideradas um fato público e denotam que o campo religioso, já no início da *feira*, dividia com outras instâncias a organização do acontecimento religioso, que possui também marcas de outros campos.

É por meio de operações midiáticas que o campo religioso consegue atingir alguns fins, como as doações da comunidade, já que, como foi visto, a própria estrutura física do Santuário e o complexo do Parque da Medianeira só foram concretizados com ações desenvolvidas junto à comunidade por meio de estratégias discursivas.

Além de noticiar a Romaria, o jornal A Razão tematizava alguns eventos co-associados à *feira*, como a inauguração da imagem de Medianeira de dois metros e meio de altura que fora doada e que, a partir de então, ficaria exposta numa sala do Seminário São José para ser venerada: “será a imagem definitiva do Santuário” (AR, 14/08/1935, p. 5). O jornal estabelece um *contrato de leitura* claro com seu leitor – de que a imagem vai ser exposta para visitação pública e que deve ser reverenciada.

Na edição do dia seguinte, em 15 de agosto de 1935, o jornal publica que haverá nesta data solenidade comemorativa aos 25 anos de sede episcopal, com lançamento da pedra fundamental do Santuário. Na mesma edição, ao fazer o resgate histórico sobre a Diocese, A Razão fez referência ao Diário do Interior: “o primeiro bispo desta diocese foi eleito por

decreto de 6 de fevereiro de 1911 (...). O matutino local “Diário do Interior”, em sua edição de 9 de janeiro de 1912 assim se referiu ao ato” (AR, 15/08/1935, p. 2).

A própria mídia é fonte para suas operações discursivas. Ao recorrer à outra fonte midiática para poder fazer tais referências históricas, o jornal A Razão está chancelando as ações de seus concorrentes e estabelecendo um vínculo de confiança já que não testemunhou tais fatos. A mídia busca e encontra em seu ‘concorrente’ uma base e um alicerce para poder construir sua própria enunciação, reconhecendo a autoridade de outro tipo de discurso midiático.

À medida que passam os anos, observa-se que as mídias ampliam os temas relativos à Romaria, em que não são apenas a agenda e o nome de alguns doadores que são publicados (“enviaram ainda ofertas”, AR, 27/05/1936, s/r), mas também o número de participantes do ritual. “Realisou-se⁸⁸ domingo na Catedral, a festa de Nossa Senhora Medianeira (...) com 270 pessoas” (AR, 26/05/1936, s/r).

Desde os primeiros anos da Romaria, as mídias consideram um valor-notícia importante o número de participantes da cerimônia. “Devido ao tempo chuvoso não saiu a procissão para o seminário. Na Catedral houve mais de 1000 comunhões, indo centenas de peregrinos ao futuro santuário da Medianeira” (Diário do Interior, 31/05/1938, p. 3).

Neste ano, já há referência de que o Seminário dará lugar ao futuro Santuário. Na mesma edição, o jornal publica: “Um fato consolador e muito edificante registrou nos anais da Paróquia da Catedral. No intuito de servir sempre melhor a Deus pela devoção a Virgem Santíssima foi erecta a Congregação Mariana de Homens, sob o título ‘Maria Medianeira’”(Diário do Interior, 31/05/1938, p. 3).

Começam a surgir na sociedade santa-mariense grupos e associações marianas com o título de Medianeira. O movimento, que tem um objetivo designado, definido e legitimado pelo próprio campo midiático (‘servir melhor a Deus’), ultrapassa o campo religioso que tem também o cuidado de registrar esses fatos (‘anais da Paróquia’).

⁸⁸ Todas as passagens das publicações serão transcritas de acordo com sua escrita literal.

A mídia também é um dispositivo que orienta, designa e norteia as ações relativas aos outros campos: “A população santamariense (...) se dirigirá à capela do Seminário São José, onde se venera a milagrosa imagem de Nossa Senhora Medianeira (...) milhares de fiéis se ajoelharão, suplicando graças e paz para o mundo inteiro” (AR, 28/05/1939, p. 5). O dispositivo midiático não só diz o que o campo da recepção deve fazer (‘se dirigirá’, ‘ajoelharão’), como antecipa os modos de vinculação com o acontecimento religioso, instituindo previamente quais devem ser as intenções e as funções das preces (‘suplicando graças e paz’). As motivações para o acontecimento religioso não devem ser apenas de ordem pessoal (‘graças’), mas também políticas e coletivas (‘paz’), já que o mundo vive a 2ª Guerra Mundial.

À medida que a cobertura é ampliada, observa-se que os jornais vão encontrando dificuldades em precisar o número de participantes, optando a referir um número indeterminado. Esse fato denota que o acontecimento religioso vai sendo avaliado como importante fato noticioso à proporção que aumenta o número de fiéis. “Milhares de pessoas seguiram piedosamente ao Santuário rezando e cantando com respeito humano” (Diário do Interior, 31/05/1939, p.3).

Observa-se que o modo de cobrir o acontecimento é co-determinado por aspectos das estratégias simbólicas do campo religioso, pelo uso de modalizações específicas da própria cerimônia religiosa (‘piedosamente’, ‘respeito humano’).

Nota-se que desde o seu início, a mídia anuncia publicamente os nomes daqueles que doam dinheiro para a *feira* de Medianeira por considerar um fato noticiável. Essa tematização é uma forma de dar prestígio à comunidade que também é co-gestora da Romaria. Em 1939, o Diário publicou, novamente, os valores e os nomes daqueles que fizeram “OFERTAS PARA A MEDIANEIRA” (Diário do Interior, 31/05/1939, p.3).

A tematização nos jornais, como a própria característica do meio permite, foi sendo ampliada à medida que a Romaria foi aumentando e que os recursos de impressão foram se aprimorando. Constata-se que depois de ser considerada padroeira do estado e passar a acontecer as Romarias estaduais, em 1943, a *feira* ganha maior espaço no jornal A Razão. Esse fato demonstra que ela passa a ser avaliada como valor-notícia de maior expressividade à

medida que ganha esse *status* oficial e, principalmente, por ampliar sua área de atuação – de local para estadual.

A ampliação de temas não se deve apenas às características do acontecimento religioso que vai mudando de patamar, pois a centralidade do campo midiático em relação aos demais faz com que ele opere como dinamizador das relações sociais dos sujeitos e de seus campos por meio de processos enunciativos. Para tanto, é através da tematização pública engendrada por meio de operações técnicas e discursivas que os dispositivos vão, cada vez mais, constituindo a Romaria.

Disso decorre afirmar que os jornais enunciam através de construções singulares as várias funções da Romaria, que não são apenas de ordem religiosa, pois sofre interferências das práticas sociais, dos imaginários dos sujeitos e de problemas sociais e políticos.

Na edição de 2 de novembro de 1943, o jornal *A Razão* relata que a Romaria havia sido realizada para rezar pelo Papa Pio XII, que estava em poder dos nazistas, e pelos soldados que estavam lutando na guerra. Além de registrar aspectos relativos a outros campos, a mídia refere-se ao fato estritamente religioso “Revestiu-se de brilhantismo a Romaria realizada ao Santuário da Medianeira” (AR, 02/11/1943, s/r).

Nota-se que o dispositivo promove essa tematização pública através da construção dos mais variados temas, que não necessariamente midiáticos, instituindo vínculos entre os diferentes campos sociais.

É interessante observar que a mídia não se restringe a mostrar o tema, que provém predominantemente do campo religioso, pois acaba promovendo a conexão entre ele e os demais através de outros operadores semânticos da Romaria que não apenas a fé, mas a questão social e política.

A mídia mostra que a Romaria não está restrita ao ritual religioso, pois tem também características culturais, econômicas e sociais, havendo atividades paralelas que a identificam como uma *feira* comunitária. Há compartilhamento não só da fé em Medianeira, mas também de aspectos relativos à preparação da *feira*, em que coexistem o *sagrado* e o *profano*. O jornal *A Razão* destaca aspectos organizacionais da *feira*, procurando ressaltar a competência do

campo que a prepara. “A comissão organizadora local está tomando todas as providências para a acomodação dos romeiros. Haverá, como de costume, tendas de comestíveis, inclusive churrasco” (AR, 04/11/1945, s/r).

O jornal captura algumas simbólicas da Romaria e, por meio de seu trabalho *tecnosimbólico*, condensa marcas discursivas de outros campos, mas a retórica da Romaria é ajustada aos modos e às lógicas de construção do dispositivo midiático: “Milhares de pessoas na imponente parada de fé” (AR, 11/11/1945, s/r). Nesta edição, por meio de uma construção discursiva singular, o jornal utiliza entre aspas uma declaração do bispo Dom Antonio Reis (“Oremos, Pedindo a N.S. Medianeira Que Vele Pelos! Destinos Do Brasil” para explicitar o seu próprio ponto de vista. O dispositivo midiático vale-se de uma fala do representante do campo religioso para buscar um efeito de reconhecimento junto aos seus leitores.

Neste ano, inicia-se também uma tradição que se mantém no jornal até hoje: publicar literalmente as palavras de saudação do bispo diocesano aos fiéis. Com isso, o dispositivo não só tematiza, anuncia e divulga as ações dos outros campos, mas também opera processos de vinculação e conexão dos diferentes campos, uma vez que por meio desse tipo de operação, o campo midiático também acaba chancelando as ações dos outros campos.

Em função disso, a mídia exerce ainda a função de orientadora do próprio ritual religioso, porque antecipa a fala que o representante do campo religioso vai proferir apenas no momento do ritual litúrgico. O jornal é uma espécie de guia para acompanhar a missa, pois quem o compra acaba seguindo o ritual ali descrito.

Para o campo midiático, o acontecimento não é só a Romaria, mas também a ênfase dos próprios processos de midiaticização: “A irradiação das solenidades da romaria foi feita, em cadeia, pela Rádio Imembuí, de Santa Maria, e Rádio Sociedade Gaúcha, de Porto Alegre” (AR, 13/11/1945, s/r). Pela primeira vez, há referência a uma transmissão de rádio da Romaria, feita pela Imembuí, inaugurada três anos antes. Disso resulta que o fato de a Romaria ser transmitida por emissoras de rádio também passa a constituir um acontecimento.

O dispositivo midiático constrói outras tematizações da Romaria que têm repercussão sobre a rotina da cidade e que não se referem especificamente apenas a aspectos da cerimônia

religiosa: “Dois Acidentes De Tráfego, Ante-Ontem” (AR, 13/11/1945, s/r). Pode estar, aí, um marco da simbólica da cidade, que se transforma em função da *feira*. A mídia também tematiza questões mais relacionadas à estrutura da cidade, como hospedagem e alimentação: “todos os hotéis e pensões se tornarão pequenos e poucos para atender aos inúmeros pedidos de hospedagem” (AR, 04/11/1949, p. 5).

A mídia anuncia também os eventos associados à Romaria: “será servido também café nos salões da Ação Católica (...) ao meio-dia, nos amplos pátios do Seminário será servido o almoço aos peregrinos” (AR, 04/11/1949, p. 5). A referência a atividades paralelas à cerimônia religiosa demonstra que a *feira*, já na primeira década de sua realização, tem elementos do mundo *profano*.

A partir da década de 50 aumenta o número de matérias sobre a Romaria. No dia 31 de outubro de 1950, há referência à “procissão noturna” (AR, 31/10/1950, p. 8), que é uma das formas de preparação ao dia principal, e também é publicada a escala dos “Guardas de Honra à Nossa Senhora Medianeira”, atualmente chamados de guardiões. No dia 7 de novembro, nova referência ao uso da rádio como meio de evangelização: “a Consagração das Famílias à Mãe de Deus (...) pela onda da Rádio Imembuí” (AR, 07/11/1950, p. 2).

A partir disso, nota-se que o acontecimento não é apenas a realização da Romaria, mas também a própria mídia. Ao tematizar e dar destaque a processos midiáticos via rádio, o jornal acaba mostrando operações e procedimentos que dizem respeito ao próprio funcionamento do campo midiático.

O dispositivo não promove apenas as relações entre os campos, mas também se auto-referencia. Reiteradas vezes, o jornal publica que vai haver cobertura radiofônica. O campo midiático realiza um dos vários mecanismos que constitui o trabalho de mediação, que não se restringe apenas a mostrar os temas dos outros campos, estabelecendo diálogo entre eles, pois ele promove também uma operação de temas relativos a si mesmo.

Mesmo que as regras da cerimônia religiosa digam respeito ao funcionamento do campo religioso, elas são enunciadas pelo midiático. “A massa humana que formou a compacta multidão de fiéis, chegou ao Santuário, ocupando, delegação a delegação, seus

postos previamente determinados” (AR, 07/11/1950, p. 2). A tematização aponta para o fato de o ritual religioso possuir uma organização rígida que é predeterminada pelo campo religioso, em que os lugares são marcados com antecedência, havendo uma hierarquia que deve ser respeitada. Constatou-se que, ao enunciar as regras da procissão e mostrar a hierarquia do cortejo, o jornal converte-se num dispositivo regulador da própria cerimônia midiática.

Essas regras fundadas para o funcionamento do ritual litúrgico devem ser seguidas para que o acontecimento se concretize, como foi visto no capítulo anterior, e uma das estratégias de garantia de que as normas serão cumpridas é anuncia-las por meio de processos midiáticos.

Aspectos simbólicos da Romaria também são destacados como um acontecimento: “As ruas por onde desfilou a massa humana (...) apresentavam aspecto festivo, estando as fachadas dos prédios enfeitadas” (AR, 07/11/1950, p. 2). Observa-se que a preparação da cidade para a *feira*, com ornamentações construídas pelos santa-marienses, é um fato que merece ser destacado e só é tematizado porque é um elemento constitutivo da Romaria.

Nesta mesma edição, são publicadas, pela primeira vez, fotografias da *feira*, já que antes havia apenas reprodução de símbolos, como brasão e a própria imagem de Medianeira. A apresentação da *feira* a partir de um dispositivo imagético representa não só a contextualização e o factualismo da Romaria, mas também um modo de expressar e de comprovar momentos mostrando que o jornal é uma testemunha da realidade.

Se para o campo religioso a cerimônia religiosa é o acontecimento central, para a mídia há uma série de outros acontecimentos, como os meios de transporte utilizados pelos romeiros. “Santa Maria foi invadida por centenas de automóveis (...) Numerosos contingentes que chegaram através dos mais variados meios de transporte. (...) Pela via aérea também aportaram a nossa cidade dois aviões especiais” AR (09/11/1952, p.4).

Desde o início da divulgação da fé em Medianeira, o transporte ferroviário constitui-se em referência para seu desenvolvimento e, por isso, também é tematizado: “uma composição especial com 21 carros puxados pela nova locomotiva Diesel” (AR, 06/11/1953, p.4). Até mesmo a possibilidade de os fiéis santa-marienses usarem caminhões como meio de

transporte era considerado um fato noticioso, em que o jornal didatizava o seu uso, repassando as regras que deveriam ser respeitadas: “devendo vir sentados e com a lotação máxima de 30 pessoas” (AR, 04/11/1954, s/r).

O crescente número de pessoas que participam da Romaria faz com que a mídia passe, cada vez mais, a ser também um guia com informações não só sobre a cerimônia, mas também sobre a cidade, os preparativos e os serviços, como de transporte. Em função disso, o jornal passa a ser não só um dispositivo de tematização, mas também de organização, como uma espécie de ‘cartilha do romeiro’.

Além de orientar os devotos em relação aos eventos paralelos, a mídia também diz a eles que o ritual religioso tem regras e que elas devem ser seguidas. O fato de o jornal dizer como o ritual deve ser organizado aponta para uma outra função do dispositivo: o de regulador e de estruturador da própria cerimônia religiosa.

O ritual religioso é organizado por regras que são lembradas e anunciadas pelo dispositivo midiático, que é um dispositivo normativo que orienta, por meio de seu *contrato discursivo*, aqueles que terão de cumprir essas normas. Para tanto, o jornal orienta a organização da procissão: “em duas filas de quatro de cada lado” (AR, 07/11/1954, s/r).

A partir do final dos anos 50, a cobertura segue algumas prescrições que se mantém até a atualidade. A alguns dias da *festa*, publica-se a preparação através das novenas: “A Novena Preparatória à XX Romaria Estadual ao Santuário da Medianeira, vem alcançando magníficas repercussões no seio da comunidade santamariense” (AR, 01/11/1964, s/r); são listadas as caravanas confirmadas para a *festa*; na edição do dia da Romaria são publicados um breve histórico do início da devoção; a saudação do bispo e transcrição do ritual da missa.

A partir dessa reflexão, nota-se que as mídias desenvolvem estratégias para mostrar o acontecimento e, por meio de sua tematização, acabam estruturando os próprios modos de constituição da Romaria. Nesse sentido, os processos de midiatização são utilizados pelo campo religioso como meio de anunciabilidade de seus rituais e, para além da tematização jornalística, há a transmissão direta.

3.3 Anos 40: transmissões radiofônicas ‘ao vivo’

A radiofonização da Romaria é um processo complexo que começa nos anos 40 logo após a oficialização de Medianeira como padroeira do Rio Grande do Sul e o início da realização das Romarias estaduais. O rádio é o primeiro meio a operar na própria temporalidade da Romaria fazendo transmissões diretas, a partir de 1945, a ouvintes de Santa Maria, região e a vários lugares do estado, incluindo a capital.

Nota-se que o rádio apresenta-se como um dispositivo que agrega, conecta e une, propondo-se a promover distintos vínculos entre os campos, conforme o enunciado: “a emissora Imembuí punha o interior do Estado em ligação com todas as solenidades” (AR, 06/11/1951, s/r). A midiaticização é destacada através de notícia, em que os registros jornalísticos anotam a presença da mídia radiofônica na cobertura da Romaria.

O rádio mostra a Romaria para fora e também opera sobre o próprio ritual litúrgico, já que seu aparato *tecno-simbólico* é utilizado e gerido não só por representantes do campo midiático, mas também pelo próprio campo religioso para anunciar a enunciação do próprio ritual litúrgico. “D. Cláudio Colling, Bispo Auxiliar de Santa Maria, no instante em que, ao microfone da Rádio Imembuí, por ocasião do Evangelho” (AR, 07/11/1950, p.2).

Nos anos 50, já é possível observar a crescente presença desse dispositivo de midiaticização, pois o rádio guia, orienta, diz como deve ser seguido o ritual: “Cada família reunir-se-á em seu lar, diante do quadro de N.S.Medianeira, *ouvirá o rádio a fórmula da consagração, repetindo em voz alta, estando todos de joelhos*. A irradiação será feita às 20h, na hora do terço, pela Rádio Imembuí” (AR, 10/11/1956, p.1).

Aos poucos, o rádio constitui-se num meio propagador dos discursos do campo religioso, integrando não só a vida das pessoas, mas também agindo sobre as ações de outros campos, como o religioso. Há marcas de co-determinações midiáticas, pois o jornal temática ações do rádio, havendo autoreferência de elementos do próprio campo.

Como o rádio tem presença forte na vida comunitária, integrando a dinâmica da cidade, ainda na década de 50, o campo religioso faz uso dele para estar próximo de seus públicos. Já há um novo modo de constituição do ritual religioso que não se realiza só de forma presencial, no espaço do templo, mas por meio de operações e de processos de midiaticização.

Numa escala crescente, os processos midiáticos vão estruturando a Romaria em diferentes estágios e por distintos meios tecnológicos. O fenômeno religioso é estruturado por estratégias de enunciação e complexifica-se pelo atravessamento de outras práticas sociais, culturais e simbólicas.

A tradição do rádio transmitir ‘ao vivo’ as solenidades religiosas da Romaria se mantém até hoje. O que muda com o passar dos tempos são as estratégias pela presença de outras tecnologias, como será detalhado a seguir.

3.4 Anos 50: alto-falantes guiam a cerimônia

Como foi dito na Introdução, um diferencial da *feira* santa-mariense é que, historicamente, o ritual religioso não é orientado de forma direta, com uma equipe de animadores e puxadores que caminham junto com o povo, mas apenas através de mediações *tecno-simbólicas*. A orientação através de um dispositivo midiático é uma característica muito particular da Romaria, já que tantas outras festas utilizam um sistema direto.

No final da década de 30, instala-se no Parque da Medianeira o primeiro dispositivo midiático específico a operar diretamente sobre o funcionamento da *feira*, os alto-falantes, que orientam, guiam os fiéis segundo uma série de regras. A partir de então, um conjunto de meios e de mecanismos sócio-técnicos vão sendo aperfeiçoados, especialmente em relação a tecnologias, meios, alcance e estratégias, fazendo com que, após os anos 50, sejam colocados pontos de transmissão de som ao longo do trajeto da procissão. Na década de 70, esse sistema de som conjuga-se ao Rádio, que num sistema híbrido conduz a própria procissão. As

características e os modos singulares de funcionamento desse sistema serão descritos na seqüência.

Desde 1939, a Diocese local usa alto-falantes como possibilidade de mediar a cerimônia religiosa, como foi o caso da missa campal realizada no Parque da Medianeira segundo referência do jornal Diário do Interior: “a cerimônia foi irradiada por um poderoso alto-falante” (31/05/1939, p.3). Porém, esse uso restrito de microfones e amplificadores no lugar onde a cerimônia acontece é distinto do sistema integrado de alto-falantes, instalado posteriormente, em que os romeiros são orientados da Catedral ao Santuário.

Em meados dos anos 50 são instalados alguns pontos de som no percurso da procissão para orientar não somente a missa, mas uma parte maior do ritual litúrgico. “Dos altos da esplanada do Santuário, poderosos alto-falantes foram anunciando a chegada interminável dos romeiros” (AR, 06/11/1951, s/r).

Nesse contexto, os alto-falantes são considerados um dos primeiros mecanismos de midiáticação que incidem sobre a estruturação do cerimonial religioso. Mesmo que de menor alcance se comparado ao Rádio, os alto-falantes atuam diretamente sobre o ritual litúrgico sendo um guia para os participantes.

A partir do áudio gerado no local da cerimônia por meio de microfones, uma mesa de som capta esse áudio e, por meio de fios normais faz com que esse som chegue até os alto-falantes, que são pontos de reprodução e da transmissão que ficam espalhados em parte do trajeto da procissão.

Os alto-falantes constituem-se em importante dispositivo que orienta o ritual da procissão. A existência desse sistema é referida pelo jornal, que destaca o seu uso para orientação dos romeiros na “formação do cortejo” (AR, 09/11/1952, p. 4). O ritual religioso já é orientado e guiado por este sistema de som e necessita de operações de dispositivos para a constituição da *feira*.

O funcionamento desse dispositivo de alcance mais imediato e direto é aperfeiçoado a partir da amplificação do som e essa mudança constitui um fato a ser referido, novamente,

pelo jornal que destaca os entrelaçamentos entre o religioso e o midiático, considerando uma inovação: “excelente sistema de auto-falantes, com amplificadores” (AR, 09/11/1954, s/r).

O jornal refere esse dispositivo por considerar que é importante para realização da festa, já que os alto-falantes operam na constituição da Romaria, orientando, guiando e regravando o ritual religioso. Aperfeiçoar o sistema de amplificação (fotos abaixo) do som constitui-se em estratégia singular do campo religioso para que a cerimônia possa ser acompanhada através desse dispositivo sem que seja necessário que seus agentes estejam junto daqueles que participam da cerimônia.

Dos anos 50 até os 70, eram colocados apenas alto-falantes em alguns postes de luz que ficavam no trajeto da procissão e que reproduziam o áudio gerado por meio de microfones na Catedral ou no Altar-Monumento, funcionando de forma direta. Esse sistema funcionou até os anos 70, quando a Rádio Medianeira passa a disponibilizar a sua tecnologia para integrar esse sistema.



FIGURA 23 - Fotos de alto-falantes e carro de som posicionados no trajeto da procissão

Historicamente, o sistema de som sofre mudanças, especialmente em relação aos meios tecnológicos – da fiação direta à transmissão do áudio pelo rádio. “Só depois que foram

colocadas linhas para a transmissão de rádio. Começou com a rádio Medianeira, que era colocada uma linha na Catedral e no Santuário e linhas para transmissão”⁸⁹.

Esse novo sistema permite que os participantes acompanhem continuamente o que está sendo transmitido pela rádio, diferentemente de quando a Romaria era transmitida diretamente pelos alto-falantes, pois em determinado período do trajeto, dependendo da posição, não se podia ouvir o áudio em função da limitação técnica e da distância entre os aparelhos receptores.

A seguir, descreve-se um outro estágio de midiaticização por meio de dispositivos específicos, no qual a Rádio Medianeira co-determina o acontecimento religioso, já que é responsável pela transmissão do áudio local que os fiéis ouvem ao participarem da *feira*. Tal dispositivo tem um papel singular na construção dos processos midiáticos que operam sobre o acontecimento.

3.5 Rádio Medianeira, guia da *feira*

Em função da importância que a Rádio Medianeira, ligada à Diocese de Santa Maria, adquire na constituição da Romaria, vai-se fazer um breve histórico de sua instalação antes de mostrar como funciona o sistema em que ela se torna o dispositivo orientador da própria *feira*.

A Rádio Medianeira foi fundada em 1960, por iniciativa do bispo Dom Luis Vitor Sartori, que resolveu instalar uma rádio em Santa Maria semelhante a que ele havia visto na Colômbia⁹⁰, durante realização de um congresso religioso.

⁸⁹ Neusa Teresinha Costa da Silva, aposentada da CRT que trabalhava na companhia telefônica que fazia a transmissão do áudio para os pontos instalados pelo percurso da procissão, em entrevista concedida no dia 8 de novembro de 2004, em Santa Maria, RS.

⁹⁰ O objetivo era ter como base a experiência da Rádio Sutatenza, fundada em 1947 pelo padre José Joaquín Salcedo, que tinha como foco dar educação fundamental aos camponeses da Colômbia, pretendendo-se, “através da comunicação e da educação fazer do camponês analfabeto, marginado e in-comunicado, um agente social”, de acordo com Gutiérrez (2006).

Ao regressar a Santa Maria, o bispo solicitou o canal e, tendo sido aprovado o pedido, distribuiu alguns aparelhos pela Diocese. “Eu estava em Cachoeira e me lembro que lá na Paróquia da Conceição (...) em 1960 e foi o primeiro ano de trabalho – ali chegaram uns aparelhos e nós depois entregamos para algumas famílias, era a título de experiência”⁹¹.

Porém, logo apareceram os problemas de manutenção de equipamentos e de funcionários e a rádio teve de passar a ser comercial. “ele pensou que o povo iria contribuir assim à mão beijada, o povo sustentaria, mas não (...) então, ele se obrigou a transformá-la numa rádio comercial, numa rádio igual as outras, para poder se sustentar”.⁹²

A idéia inicial de ter uma rádio da Igreja Católica que abordasse temas mais relativos à educação, formação e valores religiosos, deu espaço a um projeto sustentável, de uma rádio comercial, que tivesse uma programação semelhante às demais. Porém, mesmo funcionando como qualquer outra emissora comercial, a Rádio Medianeira tem uma programação mais voltada a temas devocionais. A emissora cobre com exclusividade, ‘ao vivo’, todos os rituais da Romaria.

A Rádio liga as enunciações originais dos rituais religiosos a outras mídias e também aos receptores, disponibilizando o seu sinal a emissoras de rádio interessadas em transmitir ‘ao vivo’ a Romaria. A Rádio Medianeira procura compensar a não presencialidade de quem está em casa, fazendo essas conexões mais amplas.

Para tal, a Rádio Medianeira abre o sinal para as emissoras que solicitaram o serviço, formando ‘cadeias azul e branca de rádio’, nomeação que remete a manifestação simbólica dessa *feira*, pois se refere às cores que dão significado à Medianeira, sendo outra forma de representação.

É a partir da década de 70 que a Rádio Medianeira começa a disponibilizar o sinal para as emissoras interessadas em entrar em cadeia. “Algumas rádios pediram para transmitir, certamente dado a grande movimentação da romaria, que chamava a atenção propriamente de

⁹¹ Padre Antonio Bonini, pároco da Catedral e diretor da Rádio Medianeira desde 1990, em entrevista concedida no dia 14 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

⁹² Idem.

toda a população do estado, então as outras rádios também sentiram a necessidade de entrar em sintonia com a Rádio Medianeira”⁹³.

Deve-se destacar que a iniciativa de requisitar o sinal partiu de uma necessidade das próprias emissoras em função do valor noticioso do acontecimento. Assim, a Romaria passa a ser avaliada como *valor-notícia*, sendo midiaticizada ‘ao vivo’ por outros meios que não apenas o institucional.

O papel desempenhado pela Rádio Medianeira na constituição da Romaria é um marco forte de midiaticização, pois ela também transmite o som que vai orientar os fiéis que participam da *feira* a partir de um sistema de som integrado. O rádio é mais que um canal, pois é um agente que liga e conecta, garantindo que o próprio ritual religioso vai ser cumprido. A Rádio Medianeira converte-se num dispositivo que determina e que estrutura o próprio acontecimento.

Nesse processo de orientar o ritual, a Rádio Medianeira promove mediações entre os campos, estabelecendo conexões entre os sentidos produzidos pelos campos religioso e da recepção. Em suma, o rádio age como um protagonista.

A rádio faz o trajeto da Romaria. As outras romarias não são assim, **a rádio puxa a romaria**. O pessoal que faz a leitura das coisas fica lá na Basílica e a rádio transmite lá pra dentro da rádio e da rádio para os caminhões de som que puxam as romarias. (...) Tudo é falado não do local onde está sendo a Romaria e sim é **uma transmissão ao vivo da Romaria**. Essa é a diferença da nossa para as outras. (...) Então **a romaria é montada**, o trajeto, o percurso da romaria é montado **em cima da rádio**.⁹⁴

Como se sabe, a Romaria é montada a partir de lógicas dos processos midiáticos. E, no caso do rádio, ele puxa a Romaria, ligando ações de um campo para outro por meio de operações técnicas e discursivas.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Luis Ademir Oliveira, diretor comercial da Rádio Medianeira e responsável pela geração e transmissão do sinal da Romaria, em entrevista concedida no dia 8 de novembro de 2004, Santa Maria, RS.

Nesse sentido, convém ressaltar que a Romaria é marcada não só por processos de mediação, em que os participantes geram os mais variados sentidos a partir de vínculos, expectativas, investimentos de ordem pessoal e social, mas também pela midiatização exercida pela Rádio Medianeira, que orienta o ritual religioso através de um sistema integrado.

O rádio opera mecanismos para constituir o corpo e o funcionamento da Romaria: sua estrutura básica, o seu desenrolar presencial, falando ‘para dentro’ da procissão, orientando, guiando e repassando as instruções do ritual através dos dezenas de pontos de som espalhados pelos quase 3 quilômetros do percurso entre a Catedral e o Santuário-Basílica.

Este outro estágio dos processos de midiatização da Romaria inicia-se no final dos anos 70, quando a Rádio Medianeira passa a captar o áudio gerado pela equipe de animadores e puxadores através de uma mesa de som instalada junto aos microfones e, a partir de seu aparato técnico e discursivo, distribui o áudio para os pontos de som instalados ao longo do percurso.

A partir desses processos técnicos, a Rádio Medianeira transmite o áudio da própria Romaria por meio de um sistema misto. A Rádio puxa a própria Medianeira e esse fato é um diferencial em relação a outras festas religiosas, em que a imagem do santo ou de Nossa Senhora acompanha a comissão de animadores e puxadores, através de todo ritual litúrgico: cantos, orações, hinos, etc.

O áudio que orienta os fiéis provém de um processo híbrido: o sistema de som e da Rádio Medianeira. Esses mecanismos são singulares na medida em que os animadores e puxadores do ritual religioso não participam da procissão de forma presencial, mas através do dispositivo midiático. Essa equipe está num ponto fixo e, a partir de uma série de procedimentos e operações técnicas, o som é captado e retransmitido aos fiéis através de sintonia entre o sistema de som da *feira* e a Rádio Medianeira.

Esse sistema representa ação semelhante entre aquele que está participando da procissão na rua, que ouve o ritual litúrgico pelos carros de som e alto-falantes, ou em relação àquele que está em casa, sintonizado no rádio. Os processos midiáticos são similares, mas o

que muda são os vínculos, as projeções, as expectativas, as representações e as simbólicas geradas pelo ato de peregrinar da Catedral ao Santuário-Basílica, onde cada participante lança mão de diferentes formas de vivência dessa experiência.

Esse complexo processo técnico e simbólico não é exercido apenas pela rádio, mas também por uma empresa especializada em sonorizações, que é responsável pela instalação de som no Altar-Monumento, de onde a equipe de animadores e puxadores exerce seu papel de orientar à distância os romeiros após a saída da procissão. Na seqüência, descreve-se um diagrama que ilustra o funcionamento desse complexo dispositivo responsável pela geração do áudio local da *festa*.

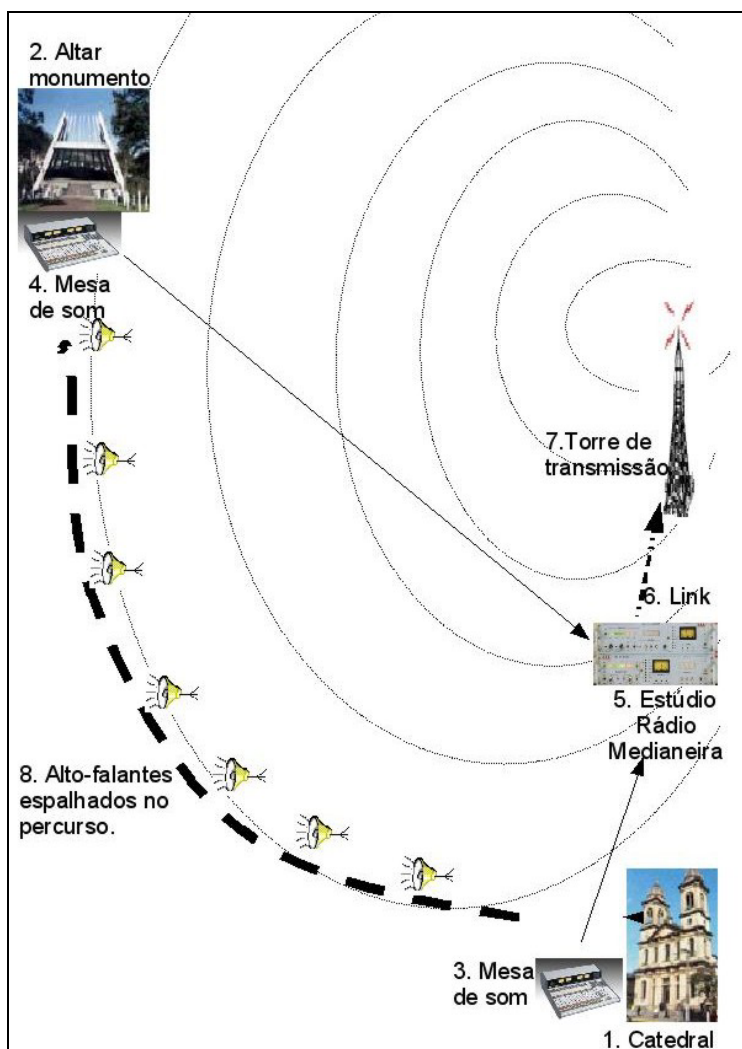


FIGURA 24 – Geração do sistema de áudio da *festa*

O funcionamento do dispositivo compreende uma série de operações específicas: durante a missa, o áudio é gerado pelos microfones a partir do que a equipe de puxadores enuncia da Catedral (1) ou, após o início da procissão, do Altar Monumento (2) e captado por uma mesa de som (3 e 4) na qual se conecta a Rádio Medianeira (5), que repassa esse áudio através de um *link* (6) para a torre de transmissão (7) a qual irradia o áudio para os alto-falantes instalados ao longo do percurso (8).

Essas operações formam uma rede complexa de ações, em que são necessárias conexões precisas para que a Romaria se efetive. Essa série de mecanismos deve estar integrada para que o dispositivo funcione.

A partir do som que é gerado no Altar Monumento pela equipe de animadores, através da conexão com uma linha que sai da mesa de mixagem, **manda-se o sinal para a Rádio Medianeira**, (...) que passa por linha de telefone para o estúdio no centro. Lá, eles mandam o sinal de volta por antena. Nesse retorno de geração do som, a partir de receptores de rádio nos 23 pontos instalados ao longo do trajeto, **coloco o som para todos através de sistema de amplificação de som.**⁹⁵

O dispositivo só funciona em sua completude após retransmissão do áudio para os alto-falantes e carros de som espalhados pelo trajeto. Esses pontos de som representam a ligação da própria Romaria. Até 2005, havia 23 pontos ao longo do trajeto, por meio de carros de som e também aparelhos de amplificação do som instalados em postes de energia elétrica, em estabelecimentos comerciais ou residências.

Entretanto, a partir de 2006, o número de pontos passou para 48 (sendo 46 alto-falantes e dois carros de som) e, nos últimos anos, a empresa responsável pela sonorização e que é também um componente do dispositivo, tem substituído os pontos residenciais e comerciais por instalações de alto-falantes independentes em postes, onde há mais controle sobre o funcionamento do sistema. “Muitos esqueciam e não ligavam o equipamento e aí nós

95 José Rogério Marchi, proprietário da Marchi Produções e Sonorizações, que há 25 anos é responsável pela sonorização da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 23 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

ficávamos sem um ponto, tendo de recorrer a um sistema de emergência com aparelhos portáteis à bateria”⁹⁶.

Em sua complexidade, o dispositivo só funciona a partir de operações de seus vários componentes. Esse ‘casamento’ entre a empresa responsável pela sonorização no Altar-Monumento e a Rádio Medianeira acontece desde o início dos anos 80. Esses processos midiáticos são muito específicos da Romaria, uma vez que o dispositivo opera para estruturar, orientar e conduzir o ritual religioso.

Nessa cadeia complexa, o rádio e os alto-falantes são os últimos componentes do dispositivo e responsáveis pela normatização do ritual, co-organizando a própria enunciação do ritual religioso, o que permite afirmar que, se a Rádio Medianeira sair do ar, por exemplo, os romeiros ficarão sem poder acompanhar o áudio. “Há risco de se ter uma romaria muda se a Rádio sair do ar. O que acontece muito é que, como o rádio é suscetível a interferências, os romeiros ouvem roncões que não são do equipamento, mas do rádio”⁹⁷.

Por instantes, em alguns pontos do trajeto, se tem uma ‘Romaria muda’, como em 2005, quando não houve as conexões necessárias entre os componentes do dispositivo, havendo por alguns minutos uma cerimônia sem regras e, portanto, sem os elementos constitutivos de seus rituais.

Se a Rádio tiver algum problema técnico, o ritual religioso se esvazia e a Romaria como é concebida e organizada hoje através de alguns processos midiáticos, não ocorre, havendo ressonâncias e uma outra Romaria – muda. Isso se reflete diretamente na geração do som, das falas, dos cantos, enfim, de toda a liturgia da procissão, já que quem faz o trabalho enunciativo para a Romaria é a emissora. Em função desses elementos constituintes do dispositivo, a atenção daqueles que trabalham no setor técnico aumenta.

Se der um probleminha, acabou a romaria, fica aquela coisa assim, que já aconteceu, teve alguns anos que choveu na hora (...) e a romaria ficou uma romaria meio muda. O povo se perde, porque ele já tá acostumado. Então, quem reza a romaria, na realidade, é a rádio. Então, é aquela preocupação,

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Idem.

tem que ficar atento. A gente, ao invés de pedir uma linha, pede duas. Mas, se dá um problema, assim, se a rádio sair do ar, acabou a romaria. Se faltar luz lá na Basílica, não tem como ficar falando, transmitindo a romaria, não tem.⁹⁸

Desses mecanismos conclui-se que quem reza não é o campo religioso, mas o dispositivo, pois a rádio Medianeira opera no corpo orgânico e funcional da Romaria, estruturando, orientando, explicando, guiando os fiéis. Em suma, a *feira* depende de sua enunciação, posto que, se não há transmissão de som pela Rádio, a Romaria é muda; se a Rádio não ‘reza’, os receptores ficam sem guia e sem orientação em relação ao ritual religioso.

O fato de o ritual religioso ser construído para os participantes presenciais da Romaria através de operações midiáticas faz com que o cerimonial não seja o religioso. Nestes termos, é que a Romaria é também um acontecimento radiofônico, pois é através desse dispositivo midiático que os fiéis constroem seus vínculos com o ritual religioso.

A Romaria é a própria enunciação gerada, captada e transmitida pelo conjunto de dispositivos sobre sua realização porque não há falas que orientem o ritual litúrgico por parte dos animadores e puxadores de forma direta.

No decorrer dos últimos 30 anos, o funcionamento desse meio vem sendo aperfeiçoado principalmente no que se refere a alcance, potência e qualidade do som. Em 2006, ampliou-se o número de alto-falantes e, na última década, eliminou-se os pontos não fixos que eram instalados em residências e estabelecimentos comerciais. Além disso, nos últimos anos, a Rádio Medianeira FM também entra em sintonia com a AM.

Ao longo da realização da Romaria, ocorreram distintos estágios de processos radiofônicos que operavam sobre a *feira* por meio de diferentes formatos, tecnologias e estratégias. Para finalizar esse capítulo, resume-se, como atualmente as mídias locais operam os sentidos sobre a *feira*.

⁹⁸ Luis Ademir Oliveira, diretor comercial da Rádio Medianeira e responsável pela geração e transmissão do sinal da Romaria, em entrevista concedida no dia 8 de novembro de 2004, Santa Maria, RS.

3.6 A tematização atual pelas mídias locais

Apresenta-se de forma sucinta algumas estratégias das mídias locais na tematização atual da Romaria para compreender outros movimentos que também co-determinam a constituição da *feira* para além dos processos midiáticos já descritos e também da midiaticização da Rede Vida.

3.6.1 A Razão e Diário de Santa Maria: Romarias singulares

Como foi mostrado, A Razão e o Diário do Interior (extinto em 1939) eram as únicas mídias tradicionais contemporâneas à Romaria. Como A Razão ainda existe é possível fazer algumas comparações sucintas entre a tematização atual e a realizada no passado. Porém, será dado mais destaque aos modos de cobrir dos atuais jornais diários locais, A Razão (criado em 1934) e Diário de Santa Maria (criado em 2002), que seguem uma rotina de cobertura que se repete há alguns anos.

Na edição conjunta do final de semana (sábado e domingo) em que acontece a Romaria, os dois jornais publicam de duas a seis páginas sobre a *feira*, com informações de prestação de serviço – mudança dos itinerários de ônibus, excursões previstas para chegar à cidade, história de devotos que vêm de longe, casos de ‘pagadores de promessa’, o início da devoção à Medianeira, entre outros temas.

Os jornais criam vários micro-acontecimentos fazendo com que a Romaria não seja estritamente uma cerimônia religiosa, pois são tematizados os vários momentos que integram a *feira* e também as ações dos campos. Através de seu *contrato discursivo*, o jornal mostra que está por dentro do próprio acontecimento tendo competência para dizer ao receptor tudo sobre ele.

Em relação às coberturas de *A Razão*, nota-se que a partir dos anos 60 há uma certa regularidade de temas, em que mudam os formatos em função do aperfeiçoamento do projeto gráfico e também é ampliado o espaço dado ao tema.

A forma de anunciar a Romaria faz com que o jornal mescle a sua simbólica com a do campo religioso. O midiático desenvolve estratégias para intervir sobre o religioso. Exemplo desse processo foi verificado em 2004, quando o Diário distribuiu na edição de final de semana uma fita vermelha da Medianeira com o logotipo do jornal, havendo mistura das simbólicas dos dois campos. É uma estratégia do jornal vincular sua marca às simbólicas da Romaria, o que possibilita anunciabilidade e também ampliação de seus públicos.

O dispositivo impresso, a exemplo do radiofônico, é também um guia do ritual. Isso ocorre porque os dois jornais publicam também o roteiro da missa principal, a partir de informações fornecidas pela equipe litúrgica da Diocese. É comum observar durante a missa principal alguns fiéis utilizando os encartes dos jornais Diário ou *A Razão* para acompanhar o ritual religioso.

Mesmo havendo publicação de matérias durante o ano todo, a maior tematização da Romaria ocorre nas semanas que a antecedem. Os jornais procuram agendar os vários aspectos do acontecimento: a agenda dos rituais religiosos e os eventos associados, sendo também um prestador de serviço para o receptor. Publicam informações sobre os preparativos – o tema em si, o lema, os convidados do campo religioso, as novidades na estrutura, como aumento dos espaços no Santuário-Basílica, entre outros aspectos.

Na semana que antecede a Romaria, publica-se o roteiro seguido pela Novena Móvel nas paróquias da cidade e são produzidas matérias especiais sobre o trabalho das equipes de voluntários, resgatando-se a história da fé em Medianeira. A seguir, alguns enunciados (E) dos jornais do ano de 2002 para dar exemplos sobre a cobertura:

E 1 – “*A Medianeira entra em cena*” – título - DSM – (02 e 03/11/2002, p.1)

E 2 – “*Começa a visita da Medianeira às paróquias*” – título DSM (02 e 03/11/2002, p.9)

E 3 – “*Santa Maria já está vivendo o clima da 59ª Romaria*” – texto matéria DSM (02 e 03/11/2002, p.9)

- E 4 – “*Fé e orações à Mãe Medianeira*” – título AR (04/11/2002, p.6)
- E 5 – “*Noites de oração unem devotos da Medianeira*” – título DSM (04/11/2002, p.10)
- E 6 – “*A fome é o tema abordado pela diocese na novena*” – subtítulo DSM (04/11/2002, p.10)
- E 7 – “*O caminho da Fé*” – título DSM (04/11/2002, p.10)
- E 8 – “*Os 62 que zelam por Nossa Senhora*” – título DSM (04/11/2002, p.10)
- E 9 – “*A santa da cidade*” – título DSM (04/11/2002, p.20)
- E 10 – “*25 mil doces na Romaria*” – título AR (05/11/2002, p.16)
- E 11 – “*400 pessoas trabalham nos preparativos da Romaria*” – título AR (05/11/2002, p.6)
- E 12 – “*Basilica se torna templo de arte*” – título DSM (06/11/2002, p.6)
- E 13 – “*Religião e festa esperam fiéis*” – título AR (07/11/2002, p.16)
- E 14 – “*SM em clima de Romaria*” – título AR (07/11/2002, p.11)
- E 15 – “*Operários do bem*” – título DSM (08/11/2002, p. 20)
- E 16 – “*Voluntários somam esforços e boa-vontade na confecção de alimentos e na montagem da estrutura do parque*” – subtítulo DSM (08/11/2002, p. 20)
- E 17 – “*Amor e fé movem romeiros*” – título AR (09 e 10/11/2002, p. 12)
- E 18 – “*O Dia da Medianeira*” – manchete DSM 09 e 10/11/2002, p.1)
- E 19 – “*Romaria altera rotina da cidade no domingo*” - título DSM (09 e 10/11/2002, p. 11)
- E 20 – “*Elas têm Medianeira até no nome*” - título DSM (09 e 10/11/2002, p. 13)
- E 21 – “*As 27 Marias do Santuário-Basilica*” - título DSM (09 e 10/11/2002, p. 12)
- E 22 – “*Família se mantém unida na fé*” - título DSM (09 e 10/11/2002, p. 13)
- E 23 – “*Cidade espera 300 ônibus*” - título DSM (09 e 10/11/2002, p. 14)
- E 24 – “*Santuário abriga fé retratada em atrações*” – título DSM (09 e 10/11/2002, p. 15)

O acontecimento religioso entra na rotina dos dois jornais locais, que avaliam a Romaria como valor noticioso de forma distinta: enquanto AR faz uma cobertura com matérias ocupando espaços similares durante uma semana, o DSM extrapola essa condição, tematizando a Romaria na edição do final de semana em seis páginas (AR tematiza em duas). A Romaria para o DSM está quase todos os dias na capa e contracapa, ao contrário de AR, que o faz apenas em duas edições na pré-agenda.

A expressão ‘clima da Romaria’ aparece nos dois jornais em dias diferentes. Enquanto que para o *DSM* a cidade está em clima de Romaria no dia 2 (oito dias antes, E 2), para *AR* esse clima ocorre apenas no dia 7 (três dias antes - E 8). A tematização mostra que cada jornal produz a ‘sua Romaria’, tendo-se uma ‘Romaria AR’ e uma ‘Romaria DSM’.

Conforme já dito, a Romaria não é só um acontecimento religioso, pois outros fatores entram em cena na sua co-gestão, relativizando a marca institucional da Igreja, como ações do campo político no trabalho de organização estrutural da cidade (enunciados 19 e 23) e as operações empreendidas pelo campo da recepção.

O dispositivo procura produzir o acontecimento valendo-se de marcas do campo da recepção e tematizando casos, como os atores anônimos e os voluntários que prestam serviços à Igreja Católica (enunciados 8, 10, 11, 15 e 16) e a personificação através de construções sobre histórias de vida de romeiros (enunciados 20 e 22).

O valor da religião enquanto fator que alavanca o turismo, como arte e aspecto cultural da cidade, é explicitado nos enunciados 12 e 23. O título 1 é interessante, pois remete à ‘entrada em cena’ de um personagem, havendo interdiscursividades com o campo da cultura, pois fica implícito que a Medianeira é uma atriz que ‘entra em cena para sua performance’. O enunciado 18 (O dia da Medianeira) também é significativo, na medida em que explicita que a atriz principal é Nossa Senhora Medianeira, pois a ela está sendo dedicado um dia, categoria relativa a santidades.

O acontecimento é tematizado a partir de várias construções de sentido. A referência à religião é enunciada das mais variadas formas, especialmente a partir de substantivos como fé, devoção, oração e amor, como nos enunciados 4, ‘fé e orações’; 5, ‘noites de oração’; 7 e 24 ,

‘fé’; 8, ‘zela’; 17, ‘amor e fé’. Além disso, a Romaria não é apenas uma procissão religiosa, mas também uma festa (enunciado 13) que tem atrações (enunciado 24), em que a personagem principal é nomeada de várias maneiras: ‘Mãe Medianeira’ (4), ‘Nossa Senhora’ (8), ‘Santa’ (9), ‘Marias’ (21).

Em relação à cobertura pela mídia impressa no passado, observa-se que, cada vez mais, o campo midiático desenvolve estratégias singulares de construção de sentidos. Há uma variedade de temas enunciados e são gerados, com aumento gradativo, micro-acontecimentos. A Romaria, que é um acontecimento amplo e complexo, é fragmentada por operações de enunciação via mídia impressa.

A seguir, alguns registros sobre a tematização atual pelo rádio.

3.6.2 Rádio: sintonia com o campo religioso

Atualmente, as rádios AM tematizam a Romaria por meio de várias estratégias, algumas similares e outras singulares. As que operam de forma distinta são a Medianeira que, como foi visto, é o dispositivo enunciativo do próprio acontecimento; a Imembuí (1942), que em alguns anos também realizou uma cobertura diferenciada e é, hoje, uma das rádios que mais produz programas e informações da Romaria. Já a Universidade (1968) é a que tem uma cobertura mais limitada enquanto que as rádios Santamariense (criada em 1954) e Guarathan (1960) tematizam a Romaria de forma semelhante.

Atualmente, as Rádios Medianeira, Santamariense, Guarathan e Imembuí veiculam, nas semanas que antecedem a Romaria, pequenas chamadas sobre a *festa* com pagamento de anunciantes locais, como Prefeitura Municipal e setores de comércio e prestação de serviços. Essas chamadas padrão são financiadas pelos anunciantes, para os quais a Romaria é um acontecimento que se paga em termos publicitários. Além dessas matérias pagas, em alguns programas noticiosos, são produzidas pequenas notas sobre os preparativos para a *festa*, tematizando-se aspectos relativos à cerimônia religiosa, como a programação da Novena

Móvel, o tema e o lema da Romaria, o nome do bispo convidado, além dos eventos paralelos, como a comercialização de gêneros alimentícios dentro do Parque, o comércio ambulante, o trabalho dos voluntários.

Nos dias seguintes, todas as emissoras tematizam algumas ressonâncias da *feira*, como o número de fiéis que participaram, o saldo de vendas de almoço e de produtos comercializados dentro do Santuário-Basílica, além de notícias policiais (furtos, roubos, assaltos, arrombamentos, etc).

No dia da *feira*, só a Rádio Universidade isenta-se da transmissão ‘ao vivo’, enquanto as rádios Santamariense, Guarathan e Imembuí entram em cadeia com a Rádio Medianeira durante a procissão, geralmente das 8h30 às 10h. Às vezes, durante a missa (10h às 12h), as rádios produzem alguma informação geral, como número de fiéis, furtos, pessoas que passam mal, curiosidades sobre os fiéis, seus lugares de origem, etc, mas essa cobertura pós-procissão é muito imprevisível, mudando a cada ano. O tempo total de transmissão é oscilante, já que em alguns anos elas transmitem ‘ao vivo’ apenas a procissão e, em outros, o início e, depois, a missa na íntegra.

É a grade de programação que determina a forma de cobrir e o tempo em que vai ser retransmitido ‘ao vivo’ o sinal da Rádio Medianeira. Algumas emissoras fazem uma cobertura antes das 8h, com entradas diretas e também com material ‘gravado’ em que são tematizados o início da devoção, a previsão do tempo, o tema e o lema da Romaria, a expectativa dos fiéis e também da Igreja em relação ao número de participantes, as normas e o encaminhamento da procissão.

No momento que antecede a partida da imagem da Medianeira da Catedral ao Santuário, são dadas informações sobre a devoção e a cidade, são entrevistados representantes dos campos sociais envolvidos no acontecimento, como bispos, políticos, autoridades, historiadores e devotos. Depois, quando inicia a procissão, as emissoras passam a reproduzir o

ritual religioso. “A procissão tem que ter **um clima de oração e não de jornalismo**, (...) muito menos propagandas comerciais”⁹⁹.

Há a compreensão de que o dispositivo midiático não deve interferir nas ações do campo religioso, avaliando-se que a simbólica do campo religioso deve ser preservada por meio da enunciação de seus rituais. Porém, o fato de passar por um dispositivo midiático já implica em mudanças e também em investimentos de novas representações simbólicas por parte daqueles que participam desse processo.

Ao longo da tematização da Romaria pelas rádios locais, apenas a Imembuí, a primeira da cidade, trata o acontecimento de forma distinta das demais emissoras ao longo de sua história, produzindo, na semana seguinte à *feira*, um programa especial em que é ‘avaliado’ o evento, quando participam da mesa-redonda, ‘ao vivo’, pessoas ligadas à organização geral (como o presidente da comunidade Santuário-Basilica) e da Igreja (reitor do Santuário, bispo de Santa Maria e o padre responsável pelo Setor de Comunicação).

Neste programa de aproximadamente uma hora, o produtor/apresentador faz o que intitula de ‘balanço da Romaria’, quando são levantados e discutidos temas gerais (funcionamento do sistema de som, tema e lema da romaria, estrutura para os romeiros, chegada de fiéis de longe, entre outros) e polêmicos (comércio informal, a participação ou a falta de engajamento de órgãos e entidades locais).

Os processos de midiatização pretendem intervir de forma direta sobre a *feira*. O rádio acaba estruturando não só o acontecimento religioso, mas também dizendo ações que devem ser realizadas pelos outros campos sociais.

A decoração da Romaria, que a gente tem batido nos últimos anos, nesses programas aí que **a Rádio faz há três anos e não tem mudado a decoração** (...); dá para colocar umas decorações por parte **das entidades ou do poder público ou da própria Romaria** (...). Mas famílias mais religiosas fazem umas decorações que já chamam atenção nas suas sacadas (...), **isso é fruto desse tipo de programa**. (...) Outra questão também que é debatida e,

⁹⁹ Padre Antonio Bonini, pároco da Catedral e diretor da Rádio Medianeira desde 1990, em entrevista concedida no dia 14 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

infelizmente, não foi resolvida, a questão dos camelôs. (...) **Algumas modificações da Romaria se devem ao trabalho do jornalismo**¹⁰⁰.

Por meio de operações discursivas, o rádio promove um debate público em torno de questões referentes ao funcionamento da cerimônia religiosa. Através de processos de enunciação, o rádio converte-se num dispositivo que não só tematiza, mas também que pretende estruturar e gestionar a própria simbólica da Romaria. Nesse sentido, através de estratégias discursivas singulares, ele determina que ações os outros campos devem cumprir: enuncia o que o poder público, entidades civis/sociais e o próprio campo religioso devem fazer.

A mídia atribui ainda mudanças na Romaria em decorrência de suas operações enquanto campo, o que é uma forma de autorreferenciar-se e de demonstrar que tem competência para agir não só sobre o acontecimento, mas também sobre as ações de outros campos.

Constata-se que o rádio não opera apenas na gestão da procissão, orientando o ritual religioso, mas também avalia e produz os sentidos sobre a *feira*, apontando, nessa avaliação, os erros, os acertos, e determinando as mudanças que devem ser empreendidas. Trata-se, portanto, de um exemplo de afetação dos processos de mediação sobre a Romaria.

Em decorrência disso, postula-se que os dispositivos midiáticos determinam e estruturam o próprio acontecimento e, além disso, estabelecem conexões e vínculos entre os campos, ditando que ações devem desenvolver como co-gestores da Romaria.

Além de criar estratégias distintas para enunciar a Romaria, o rádio avalia o seu próprio processo, reestruturando seus modos de cobrir o acontecimento. Nos anos 90, no dia da *feira*, a Rádio Imembuí fez uma cobertura diferenciada, com sinal próprio, sem entrar em cadeia com a Medianeira. Porém, segundo os organizadores, a experiência não foi válida pelo fato de que “chegamos à conclusão de que o espírito da cobertura era agregar informações,

¹⁰⁰ Alcides Zappe, radialista e diretor da Rádio Imembuí, desde 1997, com atuação há 40 anos no radiojornalismo santa-mariense, em entrevista concedida no dia 17 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

respeitando o ritual, sem interferências, pois muitas pessoas acompanham pelo rádio, por exemplo, e querem ouvir o ritual religioso”¹⁰¹.

O discurso midiático tenta ter uma certa independência do fenômeno que está transmitindo, mas não há como continuar, pois acaba tendo de ficar em sintonia com o discurso religioso. Há uma construção midiática que deseja ser independente, mas a complexidade do fenômeno em si e dos próprios processos de midiaticização acaba impondo regras que fazem com que o campo midiático reavalie as suas estratégias.

Na mesma época, a Imembuí realizou uma pré-tematização diferenciada, quando durante a semana que antecedeu a Romaria produziu programas diretamente do Santuário/Basilica, não veiculando só as chamadas comerciais. “O retorno foi bom, pois nos damos conta de que a romaria tem uma boa repercussão jornalística, além de ser um evento religioso”¹⁰². Porém, essa forma de cobrir não se repetiu por problemas financeiros e também pela mudança de alguns profissionais que deixaram a emissora.

As duas experiências diferenciadas da Rádio Imembuí denotam a complexidade dos processos midiáticos, que sofrem interferências de fatores do próprio campo e também daqueles com os quais se relaciona.

Como foi referido, a televisão é a mídia de massa mais recente a desenvolver estratégias de cobertura sobre a *feira*. A seguir, passa-se às relações das emissoras locais com a Romaria, detalhando as estratégias da Rede Vida em capítulos específicos.

¹⁰¹ Vicente Paulo Bisogno, radialista que ficou na Rádio Imembuí de 1970 a 1997 e, desde então, está na Santamariense, em entrevista concedida no dia 17 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

¹⁰² Idem.

3.6.3 TVs locais: a preparação para a *feira*

Em relação às emissoras de televisão, atualmente há registros por parte de dois canais locais – RBS TV (afiliada da Rede Globo) e TV Pampa (vinculada à Record), além de eventualmente haver produções por parte de canais da TV fechada, como da TV Câmara e TV UFSM.

Nas semanas que antecedem a *feira*, além de inserir o tema da Romaria em sua agenda, a RBS TV publica *teasers*, que são pequenas chamadas pagas com a programação da Novena Móvel e também para a Romaria. Essa forma de tematização é realizada pelo Departamento Comercial que negocia o espaço diretamente com os anunciantes.

O acontecimento se auto-sustenta e, por isso, são inseridas notas pagas: “Participe da 59ª Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira. Domingo, dia 10 de novembro. Saída da Catedral Diocesana, às 8h30 e missa às 10h, na Basílica da Medianeira. Um convite **RBS TV, Assembléia Gaúcha e Farinha de Trigo Maria Inês**” (chamada veiculada de 25/10 a dia 9/11 de 2002 na RBS TV Santa Maria). Os apoiadores são dos campos político (Assembléia Gaúcha), econômico (Farinha Maria Inês) e midiático (RBS TV). Junto à chamada, há uma espécie de auto-referencialidade midiática - ‘um **convite RBS TV**’. A chamada é enunciada num tom retórico que mais parece um convite, um comunicado, do que propriamente uma relação comercial de patrocínio.

Nesse sentido, a *feira* é co-gestionada por vários campos, pois o discurso religioso se confunde com enunciados da mídia e dessas empresas. Os patrocinadores aparecem juntos, misturados, havendo um cruzamento de sentidos que os coloca no mesmo patamar.

Na semana que antecede a *feira*, são realizadas matérias especiais sobre a mudança na estrutura da cidade e do Parque da Medianeira que se preparam para receber os quase 300 mil fiéis, de aspectos da religiosidade como o início da devoção ou a história de vida de devotos,

além de aspectos de ordem econômica, como da procura por setores de prestação de serviços (hotéis, transporte, restaurantes), a venda de espaço para o comércio informal e mesmo o trabalho de voluntários na preparação de alimentos e artigos religiosos que serão comercializados no dia da *feira*.

Para exemplificar, no sábado que antecedeu a Romaria de 2002, a RBS TV fez uma matéria especial sobre os últimos preparativos para a *feira*:

O trabalho está acelerado. Agora **faltam apenas os detalhes** para receber os devotos à padroeira do Rio Grande do Sul. (...) Domingo, em barracas no Santuário, vão ser **servidos lanches e comida** de panela para cerca de 30 mil pessoas. Na Basílica, **missas de hora em hora**. Segundo a Secretaria de Indústria e Comércio, **250 lotes foram colocados à disposição dos comerciantes** de Santa Maria e região (matéria veiculada no RBS Notícias de 09/11/2002).

Essa matéria mescla os vários ângulos: preparativos, serviços, programação da cerimônia religiosa e também de eventos associados. A reportagem produzida pela RBS TV aponta a complexidade que constitui o acontecimento em relação a sua efetivação, pois há movimentos por parte de vários campos, como o religioso (missa, Basílica), o comunitário (trabalho voluntário na organização da estrutura), o político (prefeitura que gerencia a venda de lotes e organiza a venda para manter a ordem), o econômico (comerciantes que têm possibilidade de vender seus produtos, servir comida aos romeiros), o da recepção (romeiros esperados).

A exemplo da RBS TV, a TV Pampa também realiza uma série de matérias sobre vários aspectos na semana que antecede a *feira*. Como a emissora tem mais espaço dedicado à região, geralmente, é entrevistado no estúdio um representante do campo religioso que fala sobre o tema da Romaria e a estrutura que está sendo organizada para receber os fiéis.

As emissoras locais fazem-se presentes na *feira* de forma direta apenas antes e após a ocorrência da Romaria, posto que não transmitem 'ao vivo'. Esse fato faz com que a mídia televisiva local opere sobre o acontecimento numa temporalidade distinta da *feira*.

Para compensar a não presencialidade no momento do acontecimento, os dispositivos televisivos locais desenvolvem outras estratégias para mostrar a Romaria: seja tematizando alguns aspectos preparativos para sua realização ou através da enunciação de detalhes da *feira* após a sua ocorrência.

Na temporalidade do acontecimento religioso, os dispositivos televisivos locais fazem apenas captações para posteriores registros, apagando-se durante a sua ocorrência e deixando espaço para a entrada da Rede Vida, que sendo uma emissora externa ‘intervém’ sobre o acontecimento de um modo distinto, conforme será mostrado a seguir, na 3ª Parte.

PARTE 3 - A MIDIATIZAÇÃO DA ROMARIA DA MEDIANEIRA: O CASO REDE VIDA

Nesta parte, analisam-se os processos, as estratégias e o trabalho de midiatização da Romaria da Medianeira desenvolvidos pela Rede Vida na produção da *Teleromaria*.

Através da análise das transmissões dos anos de 2001, 2002, 2003, 2004 e 2006 são identificadas marcas específicas, convergências e distinções em relação à concepção e aos modelos de midiatização. Mesmo que a análise se detenha sobre os cinco anos, tomam-se como referência algumas transmissões de anos anteriores para verificar como o processo de midiatização evolui e se consolida através das operações *tecno-simbólicas* do dispositivo televisivo.

Numa conjugação de elaboração teórica e trabalho empírico, examinam-se diferentes estratégias de midiatização a partir de alguns procedimentos de pesquisa, como observação, entrevista e análise.

No primeiro capítulo, apresenta-se um histórico sobre motivos, relações e fatores que marcaram a entrada da Rede Vida na cobertura da Romaria, cujo objetivo principal é mostrar como os formatos de transmissão direta foram alterando-se no período de 1996 a 2006.

No segundo capítulo, contextualiza-se o processo de midiatização da Romaria em relação a sua organização temporal e espacial, procurando mostrar que a presença dos dispositivos, especialmente o televisivo, tem ocasionado alterações nas regras e nos modos de organização dos rituais religiosos que são adequados às suas lógicas.

No terceiro capítulo, são mostradas as dinâmicas que constituem a *ante-sala* da Romaria, um conjunto de procedimentos e ações realizadas pelos campos sociais através de seus representantes para a constituição da Romaria. Dá-se destaque às negociações que marcam o planejamento para a midiatização.

Finalmente, no quarto capítulo, descrevem-se os cinco modelos de transmissão da Rede Vida – 2001, 2002, 2003, 2004 e 2006, comparando e estabelecendo as singularidades e

as convergências entre os modos de construção, mostrando-se transformações e, de modo especial, o papel do dispositivo televisivo neste processo.

1 Histórico da *telemidiatização* da Romaria

Antes da análise da midiática da Rede Vida, faz-se um pequeno registro da razão de ser da Rede Vida, mostrando-se um breve histórico da midiática da Romaria através da emissora, visando compreender como os processos midiáticos vão compondo e estruturando a *feira*.

Na constituição da Romaria há desenvolvimento e convergência de processos midiáticos, em que a Rede Vida é o mais recente dispositivo midiático a intervir sobre a *feira*, o que ocorre apenas na segunda metade dos anos 90. Num primeiro momento, a mídia impressa e a radiofônica constroem os sentidos da Romaria para um público local, repercutindo e ressemantizando as questões que envolvem a *feira* em si. Enquanto isso, o sistema de som e a Rádio Medianeira funcionam de forma integrada como co-gestores da *feira*, operando em sua simetria e construindo os sentidos dos rituais religiosos.

Neste contexto crescente de incidência de dispositivos midiáticos, a Rede Vida transmite ‘ao vivo’, desde 1996, a Romaria para um público que não é só local, atuando em rede nacional e mostrando-a num contexto mais amplo. A seguir, mostra-se um pouco da história da emissora para compreender os modos com que age sobre o acontecimento religioso.

A Rede Vida tem onze anos de existência e configura-se numa emissora católica, que transmite os mais variados tipos de programas devocionais. A Igreja Católica possui alguns programas definidos, mas a emissora não mostra exclusivamente o catolicismo.

Quando se começou a montar uma grade de programação para a Rede Vida estipulava-se que, mesmo sendo uma rede de televisão católica, a educação religiosa deveria ser feita com “menos evangelização direta – “anúncio” e mais apresentação de modos de vida – o “testemunho”¹⁰³. Neste aspecto, entram, portanto, as transmissões de festas religiosas, em que são mostrados os valores e a fé, a religiosidade de cada um em meio a manifestações de milhares de pessoas.

¹⁰³ Segundo relatório do “workshop sobre Teleducção” realizado num encontro em que se discutia a criação de uma emissora católica com fins de formação, que aconteceu em São Paulo, em 26 de abril de 1994. Texto avulso.

No início, a estratégia principal da Rede Vida era mostrar os vários aspectos devocionais e também temas voltados à educação e à cidadania, mas, com sua expansão, abandona esse foco e passa a inserir em sua grade de programação outros formatos. Atualmente, a emissora opera como qualquer outra televisão comercial, possuindo telejornais, programas de debates, infantis, shoptime, transmissão de futebol, entre outros.

A Romaria da Medianeira foi uma das primeiras a ser transmitidas ‘ao vivo’ pela Rede Vida seja pelo significado do acontecimento em si, porque estava começando a organizar sua grade de programação, necessitando de materiais para serem veiculados ou, ainda, pela iniciativa dos representantes locais do campo religioso.

O início da midiática da Romaria está vinculado a negociações empreendidas pelos campos religioso e midiático. A Diocese local, através da representatividade pessoal e da ingerência dos seus especialistas, consegue espaço e visibilidade nacional através da Rede Vida, que decide mostrar o acontecimento por ser um dos maiores de expressão religiosa da região sul e também por celebrar a padroeira do estado.

O princípio da midiática da Romaria está ligado também à adequação do evento aos temas de interesse da emissora, que, recém-inaugurada, tinha sua grade de programação em construção e, ainda, por ser, naquele momento, o único canal católico no Brasil. “Como a Rede Vida é uma emissora católica, há sempre esse interesse em transmitir, pois todo evento religioso é bem-vindo à comunidade católica”¹⁰⁴.

No Rio Grande do Sul, Santa Maria foi a primeira diocese a ter repetidora da Rede Vida porque as autoridades religiosas locais tinham, desde o início, intuito em participar do projeto nacional de uma rede de televisão católica. Além disso, a emissora tem interesse em conquistar o público e ampliar sua audiência e alcance, mantendo a retransmissora local e investindo em estúdios regionais, como o de Porto Alegre, instalado em 2002.

Nesses 11 anos de midiática ‘ao vivo’, ocorreram mudanças de estrutura, de formato e do tempo de transmissão direta, que passou de quase 3 horas para menos de 5

¹⁰⁴ Ivan Cunha, gerente operacional da Rede Vida de Televisão, em entrevista concedida à autora no dia 18 de maio de 2006, por telefone.

minutos, como será mostrado no Capítulo 3, quando da descrição detalhada dos diferentes modelos. Como os formatos e as estratégias serão descritos posteriormente, a seguir, mostra-se de forma geral alguns elementos da estruturação da mídiatização desde o seu início.

1.1 Diferentes formatos em 11 anos

Desde o início das coberturas televisivas, são várias as formas de mostrar a Romaria: a partir de processos mistos, em que a produção ‘ao vivo’ era local e a geração de sinal nacional; num formato produzido exclusivamente pela equipe da Rede Vida de São Paulo, por um outro sistema misto numa cooperação entre a equipe da emissora de Porto Alegre e a de São Paulo, e, ainda, num sistema integrado de produção ‘ao vivo’ pela Rede Vida Porto Alegre e canais regionais e em cooperação com São Paulo.

Em 1996 e 1997, a ênfase da transmissão visava destacar o próprio contexto onde a Romaria se passava. Esse olhar mais voltado a mostrar aspectos locais deve-se também ao fato de o trabalho de mídiatização ser realizado por uma produtora de Santa Maria num sistema integrado com a Rede Vida em São Paulo. Nesses dois primeiros anos, a Diocese de Santa Maria pagou as despesas da transmissão ‘ao vivo’.

Mesmo que os aspectos sócio-culturais fossem mostrados, a falta de patrocinadores inviabilizava a transmissão, fazendo com que ocorresse substituição desse modelo. Como o valor cobrado pela produtora local foi considerado alto, a Diocese de Santa Maria buscou, a partir de 1998, outras estratégias para garantir a mídiatização. Além de contatar empresas locais para conseguir patrocinadores, optou pela mudança de formato: passou a ser realizado apenas pela equipe da Rede Vida de São Paulo.

De 1998 a 2002, a cobertura teve um sistema similar: uma equipe da Rede Vida de São Paulo se deslocava a Santa Maria, locando alguns equipamentos no Paraná ou Porto

Alegre e trazendo de São José do Rio Preto a unidade externa¹⁰⁵ da emissora, além de equipamentos próprios, como câmeras. Operadores de câmera, diretores de imagem e de som integram a equipe.

Nesses cinco anos, a midiaticização procurava mostrar os vários momentos dos rituais religiosos e, em alguns anos, exibia-se também aspectos do contexto local através da inserção de matérias sobre Santa Maria produzido pela TV universitária local. A Rede Vida, por meio de seu aparato técnico e discursivo, realizava todo o trabalho de midiaticização, mas não deixava de apreender alguns fragmentos do contexto local que eram produzidos por canais de Santa Maria.

A transmissão durava quase três horas e era mostrado todo o trajeto da procissão, além da missa, no Altar-Monumento. Para isso, a equipe técnica disponibilizava nove câmeras: algumas móveis, que cobriam a procissão, e outras fixas, no Parque da Medianeira, que captavam as imagens da chegada de Medianeira, dos devotos e ainda cobria a missa.

A partir de 1998, a Diocese de Santa Maria passou a contar com patrocinadores, alguns fixos outros variáveis: duas empresas locais da área de transporte, Expresso Mercúrio e Planalto Transportes, o Governo do Estado (através do executivo, Bannisul ou Assembléia Legislativa), Prefeitura Municipal e, eventualmente, o plano de saúde da Unimed. Não há um custo¹⁰⁶ fixo para que a transmissão ocorra, mas, desde 1998, arrecadam-se, pelo menos, R\$ 30 mil e o valor máximo recolhido chegou a R\$ 45 mil, em 2002.

Depois de cinco anos, em 2003, o formato foi novamente mudado e o principal motivador é outra vez o custo de transmissão. Com o objetivo de reduzir gastos, a Diocese de Santa Maria e a Rede Vida passaram a negociar um outro formato: não cobrindo mais toda a Romaria, diminuindo a qualidade técnica, com menos equipamento e profissionais e reduzindo o tempo de transmissão.

¹⁰⁵ A unidade externa é uma espécie de mini estação de televisão com antena de microondas que envia ao vivo para a sede da emissora as imagens captadas pelas câmeras e editadas no *switch* pelo editor de imagem e o diretor da transmissão, também há uma ilha de edição de áudio.

¹⁰⁶ Encontrou-se muita dificuldade para saber o custo preciso da transmissão da Romaria. Nem a Diocese e nem a Rede Vida divulgam os custos de transmissão e também não precisam os valores arrecadados ano a ano com os patrocinadores. Sabe-se apenas que os valores provenientes de patrocínio variam de R\$ 30 mil a R\$ 45 mil.

A questão financeira é um determinante na diminuição do tempo de transmissão da Romaria, já que mais espaço e tempo de exposição midiática significam também mais custos de cobertura. “Os **valores** cobrados pelo pessoal que vinha de São Paulo **eram altíssimos**, mas a cobertura era completa, tinha câmeras **em todo o trajeto**”¹⁰⁷.

Como a Rede Vida estava ampliando sua atuação fora do Sudeste, com instalação de estúdio e ampliação de sucursais, a partir de 2003, a Diocese passou a fazer a transmissão com a equipe porto-alegrense da emissora, o que reduziu custos.

Ao longo de sua existência, a Rede Vida passa por um processo de ampliação, procurando descentralizar ações e conquistar novos telespectadores através da regionalização de coberturas e da tematização de outros acontecimentos que não só os do eixo Rio-São Paulo. “**Pela distância**, não tem sentido ter de sair de São Paulo para Santa Maria para poder transmitir a Romaria. Como foi montado estúdio em Porto Alegre, hoje eles têm estrutura completa para fazer isso”¹⁰⁸.

Por ser um dos maiores acontecimentos religiosos da região Sul e Medianeira é a padroeira do Rio Grande do Sul, passa-se a construir os sentidos da *feira* a partir de um olhar mais próximo do contexto do acontecimento. Como a Rede Vida opera em âmbito nacional, busca expandir-se junto a vários contextos locais como estratégia de poder cobrir mais temas.

São, portanto, vários os fatores que fizeram com que o formato de transmissão mudasse a partir de 2003: a expansão e a regionalização da Rede Vida; a redução de custos para os principais organizadores – a Diocese e, ainda, a necessidade de adequação do evento ao tempo da televisão. “No início, a emissora tinha pouca programação, mas hoje está muito mais definida, ficando mais **difícil de mexer na grade**”¹⁰⁹.

Depois de 10 anos no mercado, a Rede Vida tem uma programação mais ampla, fixa e seletiva, fazendo com que seja repensado o modo de cobrir alguns eventos regionais, como a

¹⁰⁷ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em entrevista concedida à autora no dia 16 de maio de 2006, Santa Maria, RS.

¹⁰⁸ Ivan Cunha, gerente operacional da Rede Vida de Televisão, em entrevista concedida à autora no dia 18 de maio de 2006, por telefone.

¹⁰⁹ Idem.

Romaria. Como a emissora tem abrangência nacional e não está inserida na cultura a que faz parte a *feira*, alguns rituais da Romaria são mudados, como será detalhado nos capítulos seguintes, para adequarem-se ao formato e às lógicas da televisão sob o risco de ficarem de fora de sua agenda.

O tempo da televisão é que dita o novo formato: menos tempo de transmissão, em que a temporalidade deve ser alterada em função da grade de programação e também da avaliação do acontecimento. Além da questão do tempo, outro fator característico das mídias é posto em xeque – a audiência: “Havia um período até que se transmitia toda a Romaria. Em 2002, começou às 9h. Teve um ano inclusive que iniciou às 8h, faziam 4 horas de transmissão. Não há quem consiga **segurar a audiência** por 4 horas, **nem as megaestrelas** conseguem fazer isso”¹¹⁰.

As negociações para a redução do tempo de transmissão ocorreram entre os campos midiático, representado pelos agentes da Rede Vida em São Paulo e a equipe de Porto Alegre, e o campo religioso através da Diocese de Santa Maria.

De 2003 até 2005, a Rede Vida de Porto Alegre, integrada à sede da emissora, fez a transmissão direta, sendo que o tempo passou de quase três horas para menos de duas horas, o que representou redução de custos. Portanto, todo esse processo de enxugamento de gastos representa também condensação de tempo, formato, ângulos, enquadramentos e estratégias. Os recursos técnicos disponibilizados para a transmissão são reduzidos, utilizando-se seis câmeras para a cobertura, que fica centralizada no Parque da Medianeira. A procissão não é mais mostrada ‘ao vivo’, apenas são feitos alguns registros através da gravação, da edição e da veiculação de boletins seja antes ou durante a transmissão direta.

As lógicas do campo midiático impõem-se sobre o fenômeno religioso. “Como as **distâncias** (entre a Catedral e o Altar Monumento) são muito **grandes** teríamos de ter pares de microondas, o que oneraria o **custo**. Não tem sentido **gastar uma fábula de dinheiro**

¹¹⁰ Elton Bozzetto, repórter da Rede Vida, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, na véspera da midiatização, Santa Maria, RS.

nesse tipo de cobertura”¹¹¹. A midiaticização da Romaria não comporta, segundo representantes do campo midiático, tamanho gasto, por isso reduz-se a procissão a boletins que conferem ao acontecimento apenas registros.

Nota-se que os modos de funcionamento do campo midiático repercutem sobre o formato clássico de midiaticização que vinha sendo realizado há cinco anos. Além de diminuir o tempo de transmissão na Rede Vida, o que representa redução do espaço de visibilidade televisiva, a partir de 2003, passa-se a trabalhar com uma equipe menor, havendo economia em dois aspectos imprescindíveis na midiaticização – o tempo da televisão e os recursos técnicos necessários para que ela se realize.

Mesmo que desde 2003 a Rede Vida venha fechando os contatos publicitários para a transmissão, o trabalho de contatar potenciais patrocinadores e de negociar cotas de patrocínio é realizado por representantes dos campos religioso e político que tratam de visitar instituições, mídias locais e estaduais, empresas e órgãos públicos, como Prefeitura e Governo do Estado. Nesse processo de negociação, há alguns agentes ‘cativos’: “O **dr. Farret sempre ajudou**, desde o primeiro ano em que buscamos patrocínio”¹¹². O representante do campo político é, portanto, um agente negociador para que o processo de midiaticização se realize. Mesmo sendo função do campo midiático alavancar parceiros e recursos, ele não consegue fazê-lo sem cooperação de outros campos.

A cota de patrocinadores determina os modos e o formato da midiaticização. A transmissão direta é organizada do ponto de vista técnico de acordo com os recursos arrecadados: “Dependendo do que se consegue, há mais incremento na transmissão”¹¹³. Em função disso, observa-se que não há muita preocupação estética e nem a busca de construção de uma identidade ao formato produzido, já que muda em função da questão financeira, que passa a ser o carro-chefe da midiaticização.

¹¹¹ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, véspera da Romaria, Santa Maria, RS.

¹¹² Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em entrevista concedida à autora no dia 16 de maio de 2006, Santa Maria, RS.

¹¹³ Idem.

Em 2004 e 2005, a Rede Vida passou a se unir a outra emissora de televisão, a TVE-RS, para a co-produção da midiatização ‘ao vivo’. Até 2003, a emissora havia trabalhado em cooperação com outras, como a UFSM, mas essa co-produção dava-se apenas em relação a matérias pré-produzidas (gravadas e editadas anteriormente), já que a Rede Vida fazia sozinha a transmissão direta.

Nesses processos, o campo midiático passa a impor ao campo religioso suas regras e normas sendo inflexível na questão do tempo midiático, pois a Rede Vida possui uma grade de programação mais estruturada e fixa, ficando difícil mexer na sua agenda pré-planejada. Essa imposição do midiático faz com que os organizadores da Romaria mudem suas estratégias para continuar tendo visibilidade e legitimidade. Aqui faz-se apenas alguns comentários pontuais porque essas injunções do midiático sobre o religioso serão detalhadas nos capítulos seguintes.

Exemplo dessa imposição do campo midiático ao religioso ocorreu nas negociações para a midiatização de 2005, quando a TV Aparecida tinha uma hora de espaço na grade de programação aos domingos de manhã. Como a TV Aparecida ocupava parte do horário previsto para a midiatização da Romaria (das 10h às 12h), gerou-se um impasse entre os campos religioso e midiático, obrigando a Diocese de Santa Maria a buscar estratégias para que a midiatização ‘ao vivo’ da Romaria se realizasse.

Como a emissora não pode mexer em sua grade de programação, restou aos representantes do campo religioso empreender negociações não com a Rede Vida, mas com outros setores do campo religioso. Para tal, as negociações aconteceram entre a Diocese de Santa Maria e a de Aparecida, em que a Diocese de São Paulo acabou cedendo espaço à midiatização da Romaria.

Porém, em 2006, a imposição do midiático sobre o religioso foi mais radical. A Rede Vida, que vinha transmitindo diretamente alguns rituais da cerimônia religiosa, seja a procissão e a missa (até 2002) ou apenas a missa (2003-2005), em 2006 passa a transmitir ‘ao vivo’ apenas registros durante 5 minutos. Esse fato ocorreu em função de a grade de programação estar fechada no domingo pela manhã com programas religiosos (8h às 9h, missa) e das 9h às 10h (TV Aparecida) e esportivo (das 10h às 11h55, campeonato da Série B

de São Paulo). Como o horário em que tradicionalmente ocorria a transmissão ‘ao vivo’ estava de antemão fechado com contrato de cobertura do campeonato de futebol, houve uma supressão da Romaria.

Mais uma vez, a temporalidade midiática impõe-se sobre a cerimônia religiosa. Disso, resulta que, em 2006, a Rede Vida fez com que as suas lógicas de funcionamento apagassem a própria cerimônia. Nesse sentido, o tempo e o espaço da Romaria acabam sofrendo afetações das operações *tecno-simbólicas* do dispositivo televisivo que reconfiguram os sentidos do religioso através de espacialidades e temporalidades próprias, como será mostrado a seguir.

2 Tempo e espaço: a mediação da Romaria

A Romaria ocorre num espaço e num tempo singulares que constituem o seu *status* enquanto acontecimento religioso que está na agenda dos campos que o co-determinam. Porém, as lógicas e os processos de mediação estruturam e reconfiguram as temporalidades e as espacialidades¹¹⁴ do fenómeno religioso.

Disso afirma-se que, até pouco tempo, as práticas sociais realizadas na e pela sociedade aconteciam num lugar e num tempo determinados pelo campo que as organizavam e pelas regras de funcionamento de seus rituais. Porém, nos últimos anos, a Romaria tem sofrido co-determinações dos vários dispositivos midiáticos – seja a televisão, o rádio ou o sistema de som.

As espacialidades e as temporalidades do acontecimento religioso sofrem adequações, deslocamentos e transformações em função dos processos de mediação. Os dispositivos, especialmente o televisivo, acabam afetando e contaminando os modos de funcionamento de alguns rituais que integram a cerimônia religiosa, como a procissão, especialmente no fluxo de sua organização, como será detalhado neste capítulo.

À medida que se observam as relações entre os campos religioso – que é o organizador principal da Romaria – e o midiático através da Rede Vida, que televisa esse acontecimento midiático ‘ao vivo’, nota-se que há negociações em relação ao espaço e ao tempo visando dar inteligibilidade ao fenómeno religioso.

Como foi mostrado na Parte 2, a Romaria é composta por vários rituais: procissão, missa, eventos paralelos que ocorrem não no espaço institucional restrito, mas no ‘chão’ da própria sociedade. Mesmo que os vários campos, em especial o religioso, organizem a cerimônia segundo certas normas, protocolos e regras, os modos de vivenciar essa experiência são únicos.

Há regras que orientam a realização dos rituais em tempo e espaços definidos, mas não há garantia de que essas normas serão cumpridas nos formatos esperados. A procissão, por

¹¹⁴ Usamos indiscriminadamente as variantes tempo/temporalidade e espaço/espacialidade, pois as formas adjetivadas e substantivadas mantêm relações entre si e são co-associadas.

exemplo, que tem temporalidades e espacialidades definidas pelas regras de seu cerimonial, é realizada de distintas maneiras nas quais os receptores desenvolvem estratégias singulares de cumprir o percurso da Catedral ao Santuário-Basilica da Medianeira.

O trajeto da procissão e o espaço do Altar Monumento, onde se realiza um dos principais rituais da Romaria, a missa, demarcam uma temporalidade específica para execução dessas ações e uma espacialidade onde se realizam. O tempo e o espaço pré-determinam os modos com que a *feira* vai ser vivenciada. Porém, há uma série de motivações de ordem interna ou externa que acabam co-produzindo a realização dos rituais por parte dos receptores.

Se há um modo singular de vivenciar a cerimônia religiosa, há também outro tempo, diferentes lógicas, modos e simbólicas que orientam o cerimonial midiático. A Rede Vida capta por meio de ângulos, enquadramentos e pontos de vista alguns fragmentos desses contextos onde os rituais se realizam e, a partir do trabalho e da operação de seu dispositivo *tecnosimbólico*, constrói sentidos num tempo próprio acerca dessas espacialidades.

Essas operações do aparato técnico-significante televisivo serão mostradas e descritas no capítulo 4, onde serão apontadas as singularidades e as convergências entre os cinco modelos de midiatização da Rede Vida. A seguir, mostram-se algumas mudanças ocorridas na espacialidade da *feira* em decorrência, especialmente, da temporalidade da televisão.

2.1 Tempo da TV altera espacialidade da *feira*

A Romaria ocorre num espaço demarcado e é inserida num tempo televisivo pré-determinado. Historicamente, à medida que a Romaria se desenvolve, são alteradas algumas regras que regem o espaço da *feira* e, após mais de 50 anos de tradição, o percurso da procissão é mudado para adequar o acontecimento ao tempo da televisão.

Essas mudanças foram empreendidas a partir de negociações entre os campos midiático, religioso, da recepção, político, empresarial, público, segurança e demais órgãos que atuam na organização do espaço da cidade.

O aumento no número de fiéis, os modos de organização do ritual da procissão no espaço da cidade e o fato de haver uma agenda televisiva a ser cumprida, fizeram com que houvesse mudanças no contexto espacial da *feira*. Em 2000 e 2001, a procissão foi mais lenta, principalmente, por causa do grande número de romeiros, quando a imagem de Medianeira chegou ao Altar-Monumento por volta das 10h30, o que acabou atrasando o início da missa, marcada para as 10h. Isso gerou também mudanças de estratégias na transmissão, já que, no final, a missa continua e a cobertura é encerrada.

O atraso em 2001 ocorreu, principalmente, em função de congestionamentos. A demora se deu no início do percurso, no qual já era tradição a Brigada Militar gerenciar a passagem dos fiéis, que podiam posicionar-se no centro da rua antes de a imagem passar. Porém, depois do atraso do início da missa e da transmissão pela Rede Vida, mudou-se essa regra: a partir de 2002, a BM passou a liberar o caminho para os fiéis apenas depois da passagem de Medianeira.

Essa mudança de regras do ritual e re-organização espacial da procissão por parte de um dos campos que é co-gestor da *feira*, o poder público através da polícia, responde a duas questões específicas: ao aumento do número de fiéis, que a partir do novo século numa escala crescente se aproxima dos 300 mil, e ao fato de a missa ser televisionada.

Em função disso, além de mudar as regras de organização do ritual da procissão, a sua espacialidade como um todo foi alterada. Em 2002, também ocorre a mudança do trajeto após mais de 50 anos de tradição.

As regras de funcionamento do ritual religioso só são mudadas porque a própria organização da cerimônia demanda ajustes e novas estratégias para que o acontecimento continue se concretizando dentro de normas previstas. Além de ocorrer a mudança para que a sociedade continue se expressando por meio de práticas e de culturas específicas, o fato de

linha reta, mas era necessário fazer duas conversões à direita e uma à esquerda. No antigo trajeto, dobrava-se uma vez à direita, na rua Pinheiro Machado, depois à esquerda na rua Floriano Peixoto e, novamente, à direita na avenida Medianeira para só depois continuar em linha reta até o Santuário.

Essas várias ‘quebras’ que integram a própria malha da cidade faziam com que o ritmo da caminhada diminuísse nestes pontos. A temporalidade da procissão era afetada pela organização do espaço geográfico da cidade. Com o novo trajeto, isso muda. Na seqüência, o mapa da cidade com o novo trajeto.

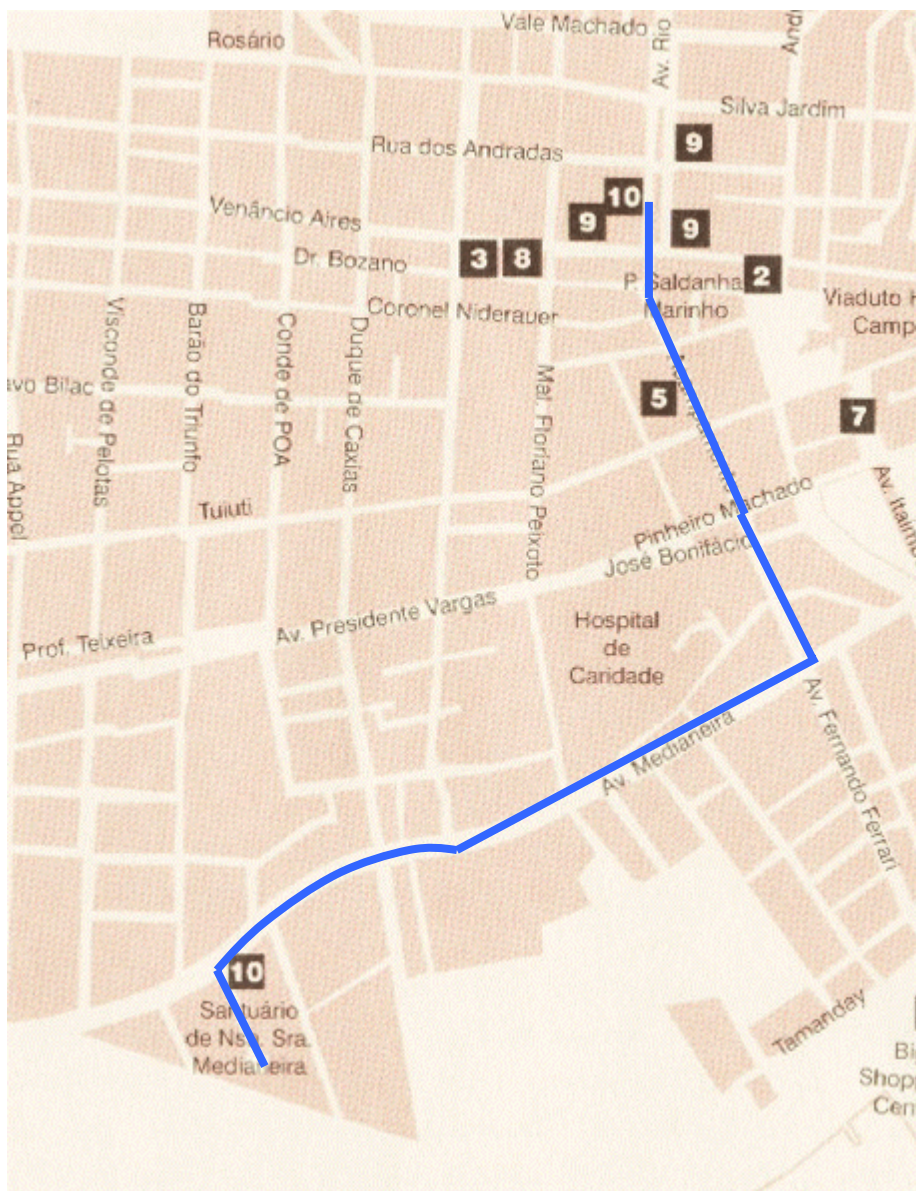


FIGURA 26 – Novo trajeto da procissão

Com a mudança de trajeto, a procissão passa a seguir em linha reta pela rua do Acampamento, convertendo apenas uma vez à direita, quando da entrada na avenida Medianeira, e seguindo, novamente, apenas em linha reta. Um trajeto mais linear e fluído implica em mais agilidade na procissão. Mesmo que o número de fiéis cresça a cada ano, aumentam as chances de se chegar ao Altar Monumento no horário previsto.

A distância percorrida pela procissão pouco mudou: o percurso antigo era de três quilômetros e o atual é inferior - de dois quilômetros e 700 metros. As alterações são mais significativas do ponto de vista do espaço que antes não favorecia uma fluidez por obrigar o

fluxo a fazer várias conversões. Agora, o espaço é organizado em linha reta, possibilitando agilidade na caminhada. Passou-se de um percurso com constantes ‘quebras’ para um que segue basicamente em linha reta com apenas uma conversão. Há, portanto, uma mudança significativa na fluidez da procissão.

Ao mesmo tempo em que a Romaria presencial cresce, sua midiatização é fator importante na estruturação de sua organicidade. Como o novo trajeto passa a ser em linha reta, com apenas uma conversão e não mais três, há incidência sobre uma procissão mais ágil e fluída.

Com a alteração do trajeto, a possibilidade de atraso da missa é reduzida e, conseqüentemente, para a transmissão ‘ao vivo’ pela Rede Vida também. A organização da *feira* nessa nova espacialidade favorece e atende ao tempo da televisão. Essas mudanças nas regras e nos modos de organização do ritual da procissão são efeitos da midiatização televisiva, a qual imprime um novo modo de funcionamento da cerimônia religiosa, que tem de adequar-se à exigência midiática.

A espacialidade e a temporalidade da Romaria sofrem afetações das lógicas e dos modos de funcionamento da Rede Vida. Se antes da midiatização direta a procissão poderia ser mais lenta e atrasar o início e o encerramento da missa, após a transmissão ‘ao vivo’ para todo o Brasil isso não é mais permitido, pois há uma grade de programação e um contrato a serem cumpridos.

É necessário, pois, destacar que a decisão de alterar o trajeto ocorreu após uma tematização pública engendrada pelas mídias locais, que tomam para si temas que dizem respeito a outros campos construindo sentidos sobre os modos de funcionamento da Romaria.

Em um programa especial da Rádio Imembuí realizado para discutir a Romaria de 2001, o tema do atraso da procissão e da missa entrou em pauta. O programa se propôs a ser um espaço de avaliação geral da *feira*, apontando aspectos positivos e negativos. Após uma semana, o canal de televisão local, RBS, organizou uma enquete para ouvir os telespectadores sobre a mudança do trajeto da procissão.

A mídia regula, assim, o próprio acontecimento, pois é através desse tipo de ações que os dispositivos acabam gerenciando questões que dizem respeito a outros campos. Os processos midiáticos geram novos modos de reger as práticas e os rituais realizados pelos sujeitos e seus campos. A midiaticização é uma nova maneira de ser, constituindo, como conceitua Gomes (2006), uma nova *ambiência* que altera, transforma e afeta os fenômenos sociais, como o religioso.

Por meio de processos específicos de mediação, a mídia promove conexões e opera negociações entre os vários campos. Os dispositivos de midiaticização gerenciaram temas pertencentes ao religioso (organizador principal da Romaria), ao político (que é patrocinador da transmissão e envolve a regulação do poder público sobre a estrutura física da cidade), turístico e econômico (que é patrocinador da transmissão e em que muitos comerciantes vêem no acontecimento uma oportunidade de prestar serviço e vender seu produto) e público (segurança, trânsito).

Disso decorre que a mídia desenvolve estratégias para regular ações e práticas de outras culturas impondo novas regras de funcionamento dos seus rituais. Mesmo que cada campo possua legitimidade própria para manter, criar ou alterar as suas regras, por vezes, essa competência é co-determinada ou mesmo realizada por outras instâncias, como o midiático.

Em suma, a mídia é um agente normativo e regrador dos rituais desenvolvidos pelas práticas sociais. Os processos de midiaticização convertem-se em operações de legitimação das ações dos próprios campos.

Em função disso, a mudança nas normas da procissão se deu a partir de ações desenvolvidas fora da instância institucional religiosa. Essa alteração foi concretizada após debate público organizado pela mídia, em que o fator desencadeador foi o atraso na missa, que fez com que as mídias locais passassem a anunciar a possibilidade de alterar o trajeto e, a partir dessa tematização pública, a Diocese local tomou a decisão de alterar as regras do ritual.

“Foi feita uma enquete pelos veículos de comunicação de Santa Maria, onde a maioria das pessoas posicionou-se a favor da mudança. A partir daí, Dom Ivo decidiu alterar”¹¹⁵.

Dessa forma, o campo religioso tomou a decisão de alterar uma tradição quase secular através de um fato produzido pelas mídias, que tomaram para si ações referentes ao principal campo organizador da Romaria. A tematização pública em torno da mudança do trajeto foi realizada a partir de uma constatação do olhar das mídias sobre os modos de organização espacial e temporal da procissão.

Como a mídia depende da oferta de temas de outros campos para seu funcionamento, extrai alguns elementos das culturas, dos rituais e dos fenômenos que observa, empreendendo leituras e construindo o seu próprio acontecimento. Assim, constata-se que a mídia não foi apenas o motivador da mudança de trajeto, mas o engendrador desse fato, deixando o campo religioso, que tem autoridade para regular as ações relativas ao seu funcionamento, cancelar a ação empreendida pelo midiático.

Depois de reverenciar a decisão tecida pelo campo midiático, os especialistas do campo religioso tratam de explicar os porquês da alteração das regras de funcionamento do ritual. Para que isso se concretize, é por meio da midiaticização que o campo religioso o faz. Nesse sentido, promover a mudança no trajeto através de processos midiáticos é uma estratégia singular não só para dar visibilidade ao fato, mas também para legitimar o novo modo de organização do ritual religioso. “Muda-se o trajeto e essa caminhada será **melhor sonorizada**. (...) A procissão será melhor”¹¹⁶.

A presença de dispositivos é referida como um dos motivadores para a alteração da espacialidade, em que haverá uma melhor performance estética e, conseqüentemente, também maior visibilização dos rituais. Outro fator a destacar é que, em alguns momentos, a televisão se agrega ao áudio local da *feira*, com a mudança na espacialidade do ritual, há possibilidade de uma melhor sonorização porque o trajeto será em linha reta e não terá tantos obstáculos

¹¹⁵ Padre Silvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS.

¹¹⁶ Padre Walmir Piccinin, Reitor do Santuário/Basilica, em programa na *Rádio Medianeira AM*, realizado no dia 03 de novembro de 2002, Santa Maria, RS.

geográficos a serem quebrados. Se haverá melhor qualidade do som, conseqüentemente, a televisão poderá captar melhor esse sinal.

A questão do tempo também é central na organização do evento, pois há um horário determinado para iniciar a missa e também uma programação televisiva que deve ser cumprida. A mudança no trajeto ocorre “para agilizar o fluxo das pessoas, para **chegar mais rápido** ao Altar-Monumento”¹¹⁷.

A temporalidade da *feira* e, conseqüentemente, da televisão é referida como preocupação por parte do campo religioso: “Um ano tivemos um **atraso de 40 minutos**, de 35 minutos em 2000. A missa começou então às 10h35, isso começa a nos preocupar, então por isso decidimos (...). Vai agilizar bem mais. **Às 10h em ponto** estaremos iniciando a missa”¹¹⁸. Com a mudança no trajeto, as chances de atraso na missa são menores, o que garantiria a transmissão direta até o final do ritual.

O tempo da televisão é um fator importante na organização da cerimônia, pois deve ser observado em função de uma programação que foge ao controle do campo religioso local, que está submetido às regras da Rede Vida que vem para transmitir e não está inserida na cultura local. “Se tem um **horário, deve ser seguido** (...), pois quando atrasou teve de ser cortado antes de encerrar, pois se tem uma **grade de programação**”¹¹⁹.

Disso postula-se que o campo midiático condiciona o funcionamento dos rituais dos outros campos, ditando as suas regras. A procissão é obrigada a organizar-se a partir de lógicas da midiaticização, pois há um tempo previsto para a transmissão, deve-se obedecer a uma grade de programação que é nacional e não local, há um *script* e deve-se seguir as normas que integram as *rotinas produtivas*. Em síntese, a Rede Vida acaba operando mecanismos de transformação das lógicas de funcionamento da *feira*.

¹¹⁷ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em programa na *Rádio Medianeira AM*, realizado no dia 03 de novembro de 2002, Santa Maria, RS.

¹¹⁸ Padre Walmir Piccinin, Reitor do Santuário/Basilica, em programa na *Rádio Medianeira AM*, realizado no dia 03 de novembro de 2002, Santa Maria, RS.

¹¹⁹ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em entrevista concedida à autora, no dia 13 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

Nota-se que o fato de a Rede Vida não estar vinculada ao campo cultural e identitário local institui alguns condicionamentos e restrições. Se a Romaria fosse televisionada por uma rede local, como o caso da midiática do Círio de Nazaré (Fausto Neto, 2001, e Alves, 2002) talvez fosse possível uma negociação de outra ordem que não apenas ter de encaixar-se à temporalidade midiática.

A procissão passa, então, a ser organizada em função das regras da midiática:

Já aconteceu um ano que atrasou quase meia hora e a televisão no ar (...) isso é horrível na transmissão, é péssimo (...) **é terrível numa transmissão em rede nacional** (...), pois tu tem todo um esquema montado, de entrevistas, de acompanhamento até a hora de começar a missa (...) **daí chegou a hora e não chegou a imagem, nem começou a missa**. Aí tem que **arrumar gente para ficar falando** e tal¹²⁰.

O espaço no qual a procissão se faz é alterado para que as regras da televisão sejam observadas. O tempo televisivo impõe suas normas, fazendo com que os modos de funcionamento do ritual mudem, uma vez que isso assegure a sua midiática. Ou seja, o campo religioso não se preocupa apenas em fazer funcionar o ritual ao qual é organizador principal, mas também em dar garantias para que a própria cerimônia midiática seja concretizada. Ele age para que os seus rituais sejam visibilizados como uma forma de expressão para que suas simbólicas sejam preservadas para estar junto aos seus públicos, visando um modo singular de exibição de suas práticas junto a outros campos e, portanto, com um propósito de legitimar publicamente suas ações.

Como já foi discutido, da perspectiva de Dayan e Katz (1984 e 1995), a cerimônia midiática é uma ocasião especial para que as sociedades mostrem-se umas às outras. Para tanto, alteram-se as próprias regras de funcionamento dos seus rituais e de suas culturas, mesmo que isso signifique negociações e embates com outros campos.

Na época da mudança de trajeto, o Hospital de Caridade, divulgou nota contrária à alteração, já que era tradição a procissão passar em frente ao prédio. A transmissão ‘ao vivo’

¹²⁰ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida no dia 13 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

pela televisão é ressaltada como outro fator que motiva e justifica a decisão de alterar o percurso. “O argumento do Hospital de Caridade de que é uma tradição passar por lá não é tão válido, pois **não são muitos** doentes que vêm à janela para olhar, mas **muitos acompanham pela televisão** do seu quarto a Romaria”¹²¹. Contudo, certamente a reação do hospital em pedir a manutenção do roteiro tem a ver com o fato simbólico: sua imagem e de suas instalações poderiam continuar sendo captadas pela transmissão, algo que lhe conferiria certa distinção.

Constata-se que as operações *tecno-simbólicas* desenvolvidas e estruturadas pelos dispositivos midiáticos mostram que há contaminação, afetação e co-determinações por parte dos processos midiáticos nesses dois aspectos fortes: a temporalidade e a espacialidade.

As mudanças nos modos de organização da espacialidade e da temporalidade da procissão são efeitos dos processos de mediação sobre o ritual religioso que tem regras seculares alteradas. Elaborou-se uma ilustração para mostrar que as operações dos dispositivos sobre a cerimônia religiosa fazem com que resulte uma outra Romaria.

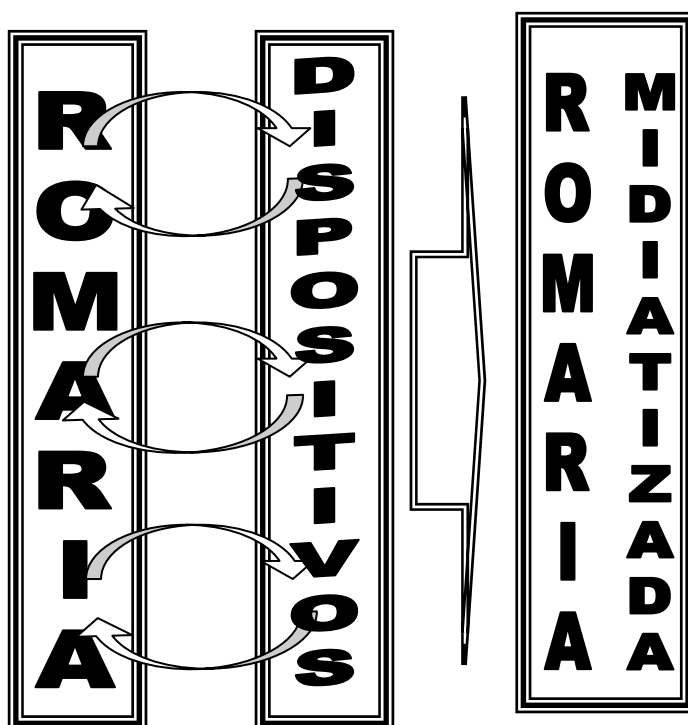


FIGURA 27 – Diagrama ilustra a geração de uma outra Romaria

¹²¹ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS.

Há duas Romarias: a Romaria 1 - que carrega seus próprios formatos, rituais, marcas e simbólicas predominantes do campo religioso - e a Romaria 2, que é atravessada pelo trabalho dos dispositivos midiáticos o que projeta sobre o fenômeno religioso suas próprias regras, lógicas, *gramáticas* e modos de agir. Para a construção dessa cerimônia, os dispositivos tomam como base e inspiração, segundo concebem Dayan e Katz (1995), esses rituais das práticas sociais. Essa outra cerimônia é a *Romaria midiaticizada*, que resulta de intervenções, de desdobramentos e de afetações produzidas por operações *tecno-simbólicas* dos dispositivos midiáticos.

Os rituais religiosos não têm como operar apenas por leis próprias do seu campo, já que eles são atravessados por valores e regras dos demais campos sociais que co-gestionam a Romaria. Esses atravessamentos fazem com que a Romaria tenha marcas não só do campo religioso, mas também daqueles que acabam incidindo sobre os seus modos de significar.

Em função disso, deve-se lembrar que a cerimônia religiosa ocorre no espaço e tempo como uma conseqüência de vários campos sociais, desaparecendo algumas especificidades que emanam do discurso religioso.

A partir dessa reflexão, a Romaria resulta, portanto, da transação e de processualidades de dispositivos de vários campos. E, para compreender as ações, os processos e as estratégias desenvolvidas pelos campos para a realização da Romaria, é necessário descrever os vários momentos que antecedem a sua ocorrência. Nesses momentos precedentes, uma série de operações são desenvolvidas para a estruturação das cerimônias religiosa e midiática, co-determinando a midiaticização da Romaria e o que resulta desses processos, a *Romaria midiaticizada*.

3 *Ante-sala*: dinâmicas e pré-operações

Como já foi dito, é nos momentos anteriores da cerimônia religiosa em si e também da sua mediação, que são desenvolvidas ações que visam a estruturação da Romaria. É na *ante-sala*¹²² do acontecimento que são mobilizados mecanismos e elaboradas estratégias por parte dos campos sociais e de seus dispositivos.

A *ante-sala*, enquanto um dispositivo de pré-figuração, compreende os vários atos desenvolvidos nos ‘bastidores da festa’ e diz respeito aos processos e às estratégias que antecedem a realização da Romaria.

O termo *ante-sala* é uma metáfora para poder descrever as ações que produzem um conceito do acontecimento em si. Não se trata de uma *ante-sala* no sentido topográfico e físico, mas de agenciamentos, operações e dinâmicas empreendidas pelos campos na organização da festa visando a sua existência.

A *ante-sala* é constituída por fluxos e dinâmicas que decorrem das relações entre campos. É nesse momento que já se desenvolvem interações e negociações entre os campos sociais. No diagrama abaixo, pode-se ilustrar os fluxos dos campos na *ante-sala* da Romaria que denotam a complexidade que permeia os modos de constituição do acontecimento.

¹²² Padronizamos o uso do termo em itálico por ser uma metáfora que procura descrever as ações que antecedem a cerimônia religiosa.

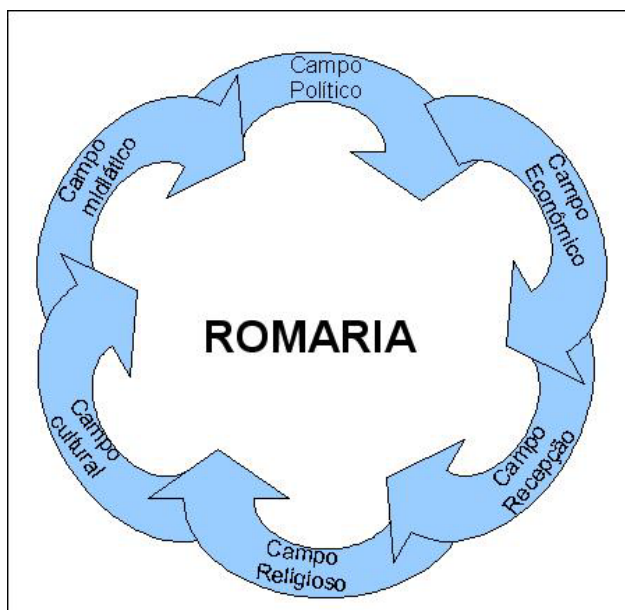


FIGURA 28 - Fluxos e dinâmicas dos campos na *ante-sala*

Empreendem movimentos para a concretização da Romaria os campos religioso, político, econômico, cultural, midiático e da recepção. Esse momento preparatório envolve ações de sujeitos e de lugares, que são esses diferentes campos que operam com o propósito de garantir a constituição da Romaria, a partir de suas lógicas.

Os movimentos desenvolvidos visam descrever os trabalhos de midiática da Romaria pela Rede Vida que serão pensados a partir de ações específicas às relações com o campo midiático voltadas para a produção da cerimônia.

Compreende-se que esses momentos anteriores que envolvem as ações relacionadas à estruturação da cerimônia em si e também os preparativos para a midiática televisiva são determinantes no que se refere às negociações travadas entre os campos sociais para a gestão da *feira*.

Abordam-se aspectos que se referem à organização da *feira* em vários ângulos: a produção dos rituais religiosos, a gestão econômica e a gestão comunitária. Depois, mostram-se e discutem-se algumas negociações para a midiática. Os dados resultam de trabalho de campo realizado de 2002 a 2006.

A Romaria é perpassada por ações de vários campos sociais, os quais o religioso tem uma supremacia na organização do evento; o midiático produz a visibilidade do

acontecimento; há aspectos econômicos, pois move o setor comercial formal e informal, e também de ordem política, já que envolve a participação dos poderes públicos; além da atuação dos voluntários.

A interação entre esses campos mostra que essa cerimônia é heterogênea e que incidem sobre ela referências e marcas de cada um, denotando, ainda, que um acontecimento como a Romaria tem um gestor principal, mas que ele não se realiza sem ação de outros campos.

Inúmeras ações que ocorrem na *ante-sala* antecedem a Romaria, como a organização dos rituais religiosos, definição de formato e tempo de transmissão, a captação de recursos, a organização da cidade e da estrutura da Igreja para receber e acomodar os fiéis. Por exemplo, no período anterior à Romaria há a Novena Móvel, são definidos o tema e o lema, a liturgia é organizada, há contato, propostas e negociações publicitárias, há vendas de lugares para comercialização, há preparação da estrutura física da cidade para atender aos romeiros, etc.

É nestas condições que a Romaria não é apenas um acontecimento religioso, pois há ações de outros campos sociais que congregam e/ou disputam os sentidos na sua efetivação. Para examinar essas operações, foram feitas observações diretas, consulta aos materiais publicados nas mídias, especialmente as santa-marienses, e entrevistas com seus agentes envolvidos.

3.1. *Ante-sala*: a organização do ritual religioso

Na *ante-sala*, há a gestão da produção do ritual, que compreende, especialmente, a organização de etapas, como a escolha do tema e do lema, a organização da Novena Móvel, o contato e a definição das equipes e dos grupos que vão dirigir ou participar da liturgia.

Mesmo que o ritual litúrgico tenha a marca dominante da Igreja, ele é também engendrado por operações de sentidos de outros setores, como escolas e creches que

participam através das crianças e professores em encenações; de grupos de jovens e instituições de ensino que colaboram com o texto e ainda com interpretantes de leituras e de passagens da liturgia que são dramatizadas. Esses vários grupos comunitários participam da preparação do ritual religioso, co-determinando-o. A ilustração mostra algumas dessas atividades.

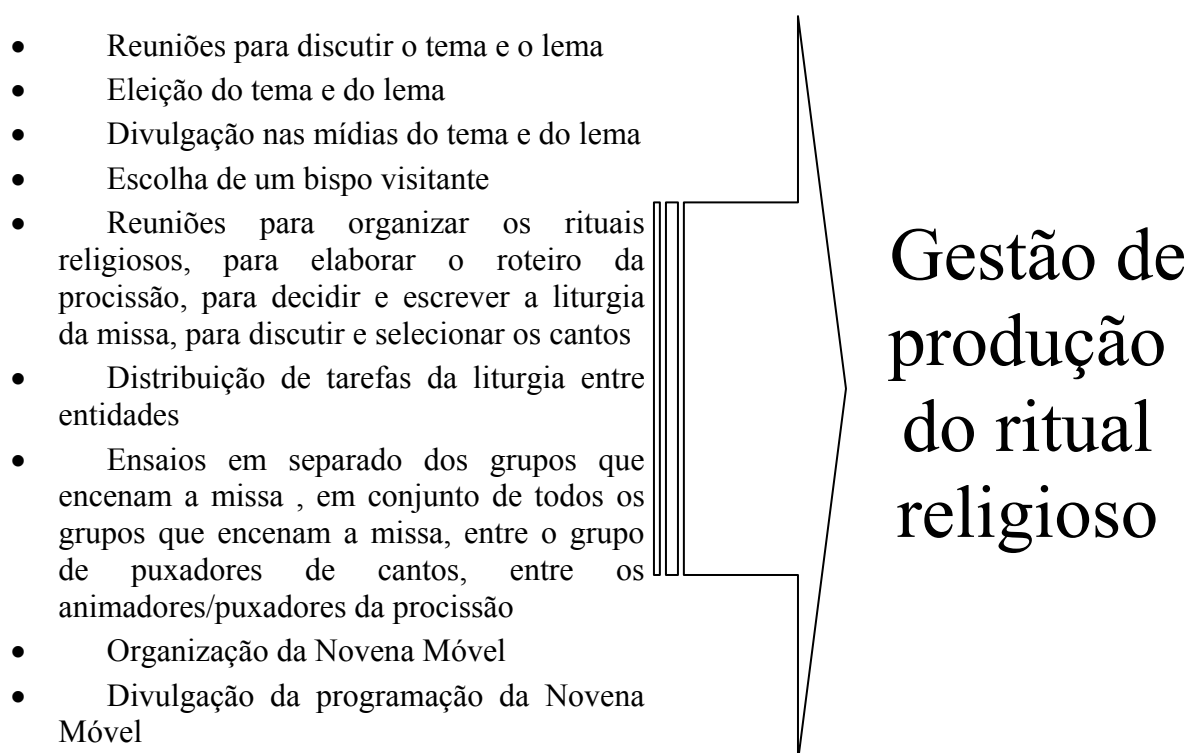


FIGURA 29 – Resumo da gestão de produção do ritual religioso

Para que os rituais religiosos que integram a Romaria se realizem, é necessário desenvolver uma série de ações que sejam executadas pelos agentes de vários campos. Essas marcas simbólicas acabam sendo expressadas durante a cerimônia religiosa e são também captadas pelos processos de midiatização.

O trabalho de organização da liturgia inicia seis meses antes da Romaria e reúne pessoas de várias entidades de Santa Maria e região. “Começamos a pensar a liturgia em

maio. É sempre um processo de costura, de reuniões, de encontros de idéias, mas normalmente o pessoal se dispõe a ajudar, os núcleos, as escolas, comunidades”¹²³.

Mesmo sendo uma ação intrínseca e característica, a liturgia da Romaria só se concretiza com o trabalho auxiliar de outros campos que operam sobre o ritual, transformando-o num momento que agrega várias vozes e que institui outras simbólicas que não apenas a religiosa.

Um dos efeitos do trabalho realizado na *ante-sala* é publicizar e tematizar. O campo religioso procura tematizar por meio de seus próprios dispositivos as ações que antecedem a efetivação do ritual religioso. Através de uma espécie de didatização da produção do ritual, procura-se mostrar que essa etapa anterior de preparação é complexa e constitui-se a partir de várias ações. Para isso, são expostos os passos da organização do ritual, como uma forma de valorizar o trabalho de bastidores, coordenado pelo campo religioso.

“Deu-se conta que tal evento requer um **conjunto de atitudes comuns e um trabalho de equipe?**” (...) “Talvez, lhes interessa **conhecer antecipadamente os bastidores da liturgia** que acontece no dia da romaria”. (...) - “A primeira reunião aconteceu no mês de maio”¹²⁴ (O Santuário, jornal oficial da Diocese de Santa Maria, de outubro de 2002).

Constitui-se numa estratégia singular de visibilidade e de anunciabilidade de ações empreendidas para a gestão da produção do ritual mostrar o processo de construção do ritual religioso e os bastidores. É também uma forma de valorização do trabalho e de geração de expectativas em relação ao que vai acontecer no dia da *feira*.

Os passos e as decisões que integram a preparação do ritual religioso constituem-se num acontecimento que é noticiado pelas mídias locais que, assim, vão tecendo a cerimônia, em termos de sentidos. Alguns aspectos da Romaria começam a ser tematizados pelos dispositivos midiáticos na fase que a antecede, sendo um mecanismo importante de preparação da cerimônia religiosa, pois isso gera a constituição e o ambiente. As mídias

¹²³ Padre Enio Rigo, responsável pela liturgia da Romaria, em entrevista concedida à autora, no dia 18 dezembro de 2003, Santa Maria, RS.

¹²⁴ Grifos nosso.

antecipam e destacam o tema e o lema, os preparativos e os rituais que antecedem a Romaria: “este ano, o tema da romaria, que acontece no dia 10 de novembro, é “Mãe Medianeira, Teus Filhos Passam Fome” (Diário de Santa Maria, de 29/08/02) ¹²⁵.

O lema e o tema são escolhidos a partir do contexto mundial, nacional, regional e diocesano. Em 2002, justamente quando iniciava no Brasil um forte debate sobre a fome, a Diocese elegeu a temática: “Mutirão de superação da miséria e da fome”, mas a escolha do assunto para a Romaria de 2002 fez com que surgissem distintos efeitos de sentidos, como comentários de que ele seria muito político, já que o governo Lula iniciava o projeto “Fome Zero”.

As decisões que constituem a preparação do ritual religioso são tematizadas pelos dispositivos midiáticos que não só as anunciam, mas também as questionam. Na semana passada, alguém comentou numa **outra emissora** que esse **lema da Romaria seria muito negativo**, mas ele não é pessimista, mas sim realista”¹²⁶.

Para amenizar a repercussão negativa, o campo religioso faz uso da visibilidade midiática para justificar suas escolhas valendo-se de dados e de informações publicadas pelas mídias. “Ontem **no jornal A Razão vimos** aqueles dados do IBGE, que em Santa Maria mais de 38 mil pessoas vivem numa situação de fome e miséria. Às vezes a gente pensa que essa não é nossa realidade, mas **Santa Maria vive esta realidade**”.¹²⁷

Além de justificar as escolhas relativas ao ritual religioso via dispositivos midiáticos, os representantes do campo religioso utilizam o espaço e a visibilidade midiática como estratégia para mostrar e para anunciar suas iniciativas. “Hoje, um grande sinal positivo nessa caminhada é a **nossa entidade** - o Banco da Esperança, (...) uma organização a nível de

¹²⁵ Não vamos analisar o fato de que o *DSM* confundiu lema e tema, pois o que eles intitulam tema, na verdade, foi o lema.

¹²⁶ Padre Sílvio Weber, responsável pelo setor de Comunicação Social da Diocese, em programa transmitido no dia 3 de novembro de 2002 pela Rádio Medianeira AM, Santa Maria, RS.

¹²⁷ Padre Waldir Piccinin, Reitor do Santuário/Basilica, em programa na *Rádio Medianeira AM*, realizado no dia 03 de novembro de 2002, Santa Maria, RS.

Igreja Católica, de nossa Igreja, e que muitas vezes isso não é visto, não é recordado, tanta fome aí suprida”¹²⁸.

Os representantes do campo religioso utilizam várias estratégias para contextualizar e justificar o tema e o lema: a partir de dados oficiais (IBGE), por informações via mídias (A Razão, outra emissora), de valores comunitários representados pelo trabalho realizado por um setor da Diocese de Santa Maria (Banco da Esperança).

A apresentação desses aspectos via dispositivo radiofônico representou não só uma tentativa de justificar o tema e o lema, exaltando o trabalho institucional, mas também uma possibilidade de ampliação dos valores e das ações do campo religioso, que dialoga com os campos político e cultural no que se refere à definição dessas etapas.

Como vem sendo mostrado, as operações dos dispositivos midiáticos têm gerado, em diferentes formas e estágios, algumas mudanças na cerimônia religiosa ao longo da realização da Romaria. Os processos de midiatização têm afetado, contaminado e provocado reestruturações por parte dos rituais religiosos, em que, como foi mostrado anteriormente, o espaço e o tempo da procissão sofreram alterações como mecanismo de adaptação à temporalidade da televisão.

Não só a espacialidade da procissão é adequada ao tempo da televisão, mas também a forma de se organizar um dos rituais mais caros à Igreja Católica, a missa. Nesse contexto, outros rituais religiosos têm também tido seus modos de apresentação mudados em função das determinações midiáticas.

O conceito de missa é distinto: uma é aquela organizada para ser rezada nos templos em dias normais e outra é a elaborada para ocasiões especiais como a festa da Medianeira. A missa deve ter **símbolos que falem por si** porque a televisão é muito de **imagem**. (...) **A**

¹²⁸ Idem.

missa de eventos grandes deve ser diferente (...) com **dinamização** das coreografias, dos símbolos e dos cantos e músicas que vão tocar o coração do **telespectador**”¹²⁹.

Disso conclui-se que as linguagens específicas e as *gramáticas* televisivas são levadas em conta no processo de organização dos rituais. Como lembram Dayan e Katz (1995), um dos efeitos da transmissão direta sobre a cerimônia em si é que ela passa a ser reorganizada na direção de ter uma narratividade específica, aproximando-se de um espetáculo.

O *status* e o conceito de missa são distintos: para ser midiaticizada é necessário que ela tenha elementos que sejam atrativos esteticamente para a televisão. O ritual litúrgico deve ser elaborado através de marcas não só religiosas, mas também estéticas, devendo gerar e fornecer elementos para serem captados pela televisão.

Constata-se que, desde que os processos midiáticos constituem e co-determinam a Romaria, a missa principal passa a ser construída de forma distinta: agora ela é organizada para ser midiaticizada. Nessas condições, o ritual litúrgico é pensado, elaborado e organizado em função não só do público presencial, mas também do televisivo, pois deve-se atingir quem está em casa. “A liturgia é preparada pensando nos romeiros e na **televisão**”¹³⁰.

Nesse sentido, os processos de midiaticização alavancam mudanças nas formas e nos modos de organização dos rituais, pois, como referem Dayan e Katz (1995), a cerimônia é reorganizada para que seja transmitida ‘ao vivo’. A partir da ‘presença’ dos processos midiáticos, a missa não é para ser rezada apenas por quem está no espaço do Parque da Medianeira, mas também por aqueles que estão em suas casas e que constituem a comunidade midiática. “Tem dois elementos que se leva em conta na missa que é fato de ter uma assembléia de 300 mil fiéis ali na frente, mas, ao mesmo tempo, o fato de ter **tantos outros milhares que não estão ali e precisam ser atingidos**”¹³¹. E a função do dispositivo midiático é constituir esta comunidade.

¹²⁹ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em entrevista concedida à autora, no dia 13 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Padre Enio Rigo, responsável pela liturgia da Romaria, em entrevista concedida à autora, no dia 18 dezembro de 2003, Santa Maria, RS.

Alterar elementos dos seus rituais representa uma nova forma de se fazer religião. A cerimônia religiosa é mudada em função da necessidade de serem atingidos e contatados os novos públicos da Igreja Católica, de se fazer constituir este novo ajuntamento. A mudança no ritual da missa remete também aos efeitos de uma *Romaria midiaticizada*.

Além de mudar a missa adequando-a à plasticidade e à temporalidade da televisão, o campo religioso local vem discutindo também a possibilidade de adequar o ritual litúrgico da procissão ao da missa, havendo uma antecipação de alguns momentos como estratégia para que ela seja televisionada às 10h, sem atrasos. “Tem-se discutido e uma das alternativas é que pode-se seguir a partir da homilia, **deixando fora essa liturgia da palavra que pode ser colocada dentro da procissão** (...). Há uma série de idéias e avaliações e questionamentos (...), inclusive o fato de **pré-determinar o tempo do sermão**, por exemplo, que em alguns anos têm sido muito extenso”¹³². Cada vez mais, os processos de midiaticização proporcionam re-estruturações por parte dos rituais dos campos.

Essas mudanças provocadas pelas lógicas da midiaticização têm repercussão sobre as ações desenvolvidas na *ante-sala*, pois é preciso orientar os grupos, as entidades e as comunidades que participam da liturgia para que dramatizem não só para quem está no local, mas também para a televisão. É preciso produzir simbólicas que possam ser captadas pelos ângulos, enquadramentos e pontos de vista do dispositivo televisivo.

Na produção dessas simbólicas, os representantes do campo religioso ensaiam com quem participa do ritual religioso, orientando-os para que se expressem ao olho das câmeras e que, assim, consigam passar sua mensagem a um outro público: “a gente sempre diz que **não tem só aquele povo ali, tem outros tantos** que de casa vêem essas imagens melhor”¹³³. Mudam-se as regras de organização do ritual religioso e, ainda, os modos de engendrar essas normas perante os que a executam.

¹³² Padre Silvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 12 de dezembro de 2006, Santa Maria, RS.

¹³³ Padre Enio Rigo, responsável pela liturgia da Romaria, em entrevista concedida à autora, no dia 18 de dezembro de 2003, Santa Maria, RS.

Esse novo modo de organizar a missa faz com que o campo religioso passe a dividir com outros campos a produção das simbólicas da Romaria. Se antes a missa era predominantemente construída sob as regras e as marcas do religioso, agora há associações e agenciamentos com outros campos que passam a produzir outras simbólicas que são mescladas a aspectos religiosos. “Não basta ter um padre e um bispo falando, **é preciso agora ter imagens para a televisão**, é preciso criar cenário. É preciso que imagens sejam dinâmicas, (...) se faz por isso todas aquelas encenações”¹³⁴.

Em função dos processos de midiatização, os representantes do campo religioso não dominam mais a simbólica da missa, que é elaborada na *ante-sala* a partir de interações com outros campos. Nesse sentido, a missa da Romaria, que antes tinha a predominância de uma *simbólica formal*, após a midiatização televisiva e, cada vez de forma mais expressiva, é constituída por simbólicas heterogêneas e, portanto, mais complexas.

A seguir, detalha-se aspectos preparativos que dizem respeito a fatores de ordem econômica.

3.2 *Ante-sala*: a gestão econômica da *festa*

Além da gestão de organização do ritual religioso, há uma gestão econômica da Romaria, em que estão envolvidos setores prestadores de serviço como o comercial, de transporte, turístico e alimentício. Ocorrem mudanças no comércio local: há calendário de inscrições para compra de espaços para comercialização no dia da *festa* e também disputas entre o comércio tradicional e o informal. A ilustração abaixo mostra algumas dessas atividades.

¹³⁴ Idem.

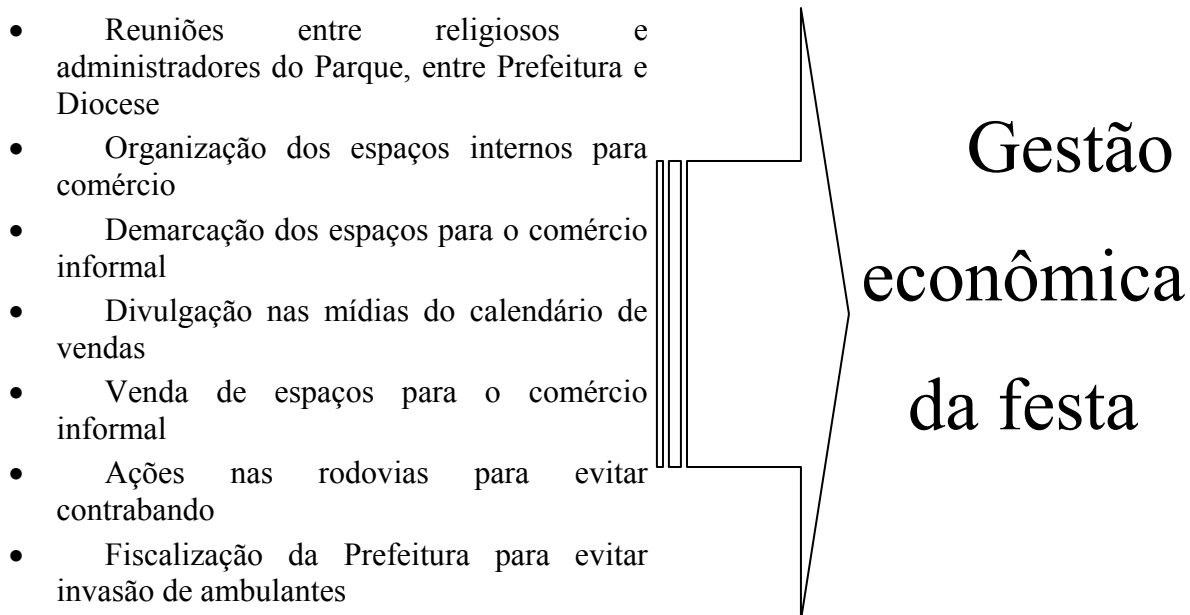


FIGURA 30 – Resumo da gestão econômica da festa.

A Romaria não sendo apenas uma *festa* religiosa, é também uma oportunidade de comercializar e de render recursos, já que é também perpassada pelo viés econômico. “Ela é uma festa comercial (..) para muitas pessoas é um momento de faturar um pouco mais no orçamento econômico¹³⁵.

Como foi discutido na 2ª Parte, esse novo modo de se constituir o mercado religioso representa uma estratégia do campo religioso para permanecer e ampliar seus espaços e contatos junto aos seus públicos. Atualmente, a Igreja, como foi referido a partir de Berger (1985), não consegue mais atingir seus fiéis através da autoridade, mas a partir da criação de bens, estratégias e produtos simbólicos que devem ser colocados no mercado.

A constituição desse *mercado simbólico*, como conceitua Hoover (1998), é uma forma de a religião continuar atingindo seus públicos, seja por meio de dispositivos midiáticos ou a partir da criação de produtos que carreguem marcas e símbolos do religioso.

O mercado religioso não se realiza apenas de forma simbólica – procurando-se vender uma forma de crença – mas também através do comércio de bens materiais que não

¹³⁵ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS.

necessariamente, de objetos religiosos. Dentro do Parque da Medianeira há relações de comércio através de venda de artigos religiosos ou de gêneros alimentícios. “Neste ano, a grande novidade no Parque da Medianeira é almoço para quem quiser almoçar no Parque (...) O preço é bastante acessível: R\$ 5,00, com buffet livre”¹³⁶. Para a Igreja Católica, é também um momento de arrecadar recursos.

Cada campo desenvolve estratégias próprias em relação aos modos de funcionamento e de execução de suas práticas, visando sempre ampliar seu alcance e conquistar mais clientes. Uma das estratégias do campo religioso é divulgar via mídias que vende produtos.

O campo religioso pede às pessoas que façam suas compras nos espaços administrados pelo Santuário como uma forma de retribuir e também de colaborar com a estrutura e o patrimônio religioso. “a gente diz, se você quer levar uma lembrancinha, leve daquelas de **dentro do Parque da Medianeira, das tendas do Santuário**, daí você está ajudando a manter também o Santuário, fazer com que possamos melhorar a estrutura, as condições do Parque”¹³⁷. Dizer ao futuro cliente que ele ajuda e faz parte do patrimônio, é uma estratégia singular para vender a idéia e ter o retorno esperado.

A orientação do campo religioso é muito clara: deve-se adquirir lembranças da Romaria, das ‘barraquinhas’ instaladas dentro do Parque (fotos abaixo) e não daquelas localizadas na rua, que são de responsabilidade da Prefeitura Municipal. “O que é comercializado dentro do Parque, almoços, imagens, é revertido para o Santuário da Medianeira”. (...) **Fora do Parque, a Igreja não tem nada que ver**, é tudo com a prefeitura, que também fatura”¹³⁸.

¹³⁶ Padre Valmir Piccinin, Reitor do Santuário/Basilica da Medianeira, em entrevista à Rádio Medianeira AM, no dia 03 de novembro de 2002, Santa Maria, RS.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS.



FIGURA 31 – Fotos do comércio no Parque

A discussão sobre a venda de espaços para o comércio informal se repete todos os anos. Há disputas de sentidos entre a Prefeitura, a Diocese, os vendedores ambulantes, o comércio tradicional e a administração do Santuário.

A tensão é um elemento constitutivo dos campos sociais, em que cada um procura demarcar seu território de atuação através das suas próprias simbólicas e das marcas que garantem gerência sobre um domínio específico da experiência. “No Parque, não está permitido que outra pessoa comercialize nada, mas **eles sempre tentam**”¹³⁹.

Os limites são anunciados para que não haja invasão de função e de território. Mesmo que cada campo ‘fature’ com a *feira*, cada um deles procura estabelecer e ressaltar as regras do seu próprio jogo, como destaca Bourdieu (1990), defendendo seus interesses e suas características constitutivas, como uma forma de manutenção e de ampliação de seu poder, enquanto sentido.

Em relação a essa preparação, um mês antes da Romaria, a Prefeitura Municipal disponibiliza aos vendedores ambulantes espaços de dois metros e meio para comercialização em parte do percurso da procissão. O valor de ocupação do solo é de R\$ 73,44 para cada lote, além de um valor variável de R\$ 54,65 a R\$ 85,39 referente a alvará¹⁴⁰.

¹³⁹ Padre Deonilson Nogueira, Reitor do Santuário/Basilica, em entrevista concedida à autora no dia 30 de outubro de 2003, Santa Maria, RS.

¹⁴⁰ Valores relativos ao ano de 2006.

Nota-se que há relações tensas entre o comércio formal e tradicional de Santa Maria e o informal que atua, apenas, na véspera e no dia da Romaria. Os proprietários de estabelecimentos comerciais localizados nas áreas em que são instaladas tendas para os ambulantes acabam comprando os lotes em frente aos seus prédios se quiserem funcionar no dia da Romaria.

Disso resulta que algumas ações desenvolvidas para que aspectos econômicos se realizem acabam incidindo sobre o ritual religioso. A presença dos vendedores ambulantes é tida como algo que interfere de forma negativa na preparação e no próprio funcionamento da Romaria. “Por mais que a gente cuide e fiscalize, eles (os ambulantes) **desviam energia elétrica** para suas bancas, **provocando falhas em alguns alto-falantes** daquele trecho o que gera problema para quem está participando da procissão”¹⁴¹.

O campo religioso tenta intervir sobre ações que dizem respeito a outros campos como uma forma de preservar algumas regras da cerimônia em si. “**A prefeitura deveria tomar uma posição** e criar uma área, uma feira dos vendedores ambulantes para que eles pudessem expor e vender seus produtos de forma ordenada **sem prejudicar a procissão**”¹⁴². Representantes locais da Diocese pedem uma ação mais contundente da Prefeitura Municipal no que se refere à comercialização dos ambulantes no dia da Romaria para que o *profano* não contamine tanto o *sagrado*.

O espaço em que acontece a Romaria é objeto de disputa entre os campos, circunstância em que a Diocese procura ter controle sobre o comércio realizado dentro do Parque da Medianeira, mas que não domina as transações empreendidas do lado de fora, por onde passa a procissão.

Em 2004, a Prefeitura Municipal fez um trabalho fiscalizatório mais contundente para evitar que os vendedores ambulantes se instalassem nos canteiros centrais da avenida Medianeira, o que teve sucesso apenas até a madrugada de domingo já que poucas horas antes

¹⁴¹ José Rogério Marchi, proprietário da Marchi Produções e Sonorizações, que há 25 anos é responsável pela sonorização da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 23 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

¹⁴² Padre Deonilson Nogueira, Reitor do Santuário/Basílica, em entrevista concedida à autora no dia 30 de outubro de 2003, Santa Maria, RS.

de iniciar a Romaria, muitos camelôs tomaram conta daqueles lugares não disponibilizados para venda.

Outro fator que ocorre na *ante-sala* é o controle e a fiscalização por parte da Receita, Polícia Federal e polícias rodoviárias estadual e federal para que não cheguem à cidade mercadorias contrabandeadas. Em 2004, muitos vendedores que haviam comprado lotes tiveram suas encomendas de origem não comprovada – especialmente aparelhos eletrônicos – barradas pelas polícias.

O cerco a esse tipo de transgressão durou apenas até o início da manhã de domingo, quando as barracas expostas vendiam apenas artesanato, gêneros alimentícios e artigos religiosos. Mas, momentos antes da procissão, ‘surgiram’ muitas mercadorias de procedência duvidosa. O mesmo ocorreu com bebidas alcoólicas, quando na tarde do dia anterior à *feira* nenhum espaço as disponibilizava, mas, durante a procissão, vários vendedores as ofereciam.

A seguir, descreve-se alguns movimentos realizados pela comunidade para a concretização da Romaria.

3.3 *Ante-sala*: a gestão comunitária

Há também a gestão comunitária da *feira*, ou seja, os movimentos organizacionais empreendidos para sua efetivação, como a preparação do Parque, a limpeza da cidade, a organização do trânsito, das vias de acesso à cidade, dos pontos estratégicos, como Rodoviária, das ruas por onde passa a procissão, etc.

Para que a Romaria se concretize do ponto de vista estrutural e funcional é necessário uma conjunção de fatores por parte dos campos sociais envolvidos, seja por parte do poder público, como as polícias (rodoviárias, civil e militar) e o executivo municipal; pela própria Diocese e também pela comunidade através de ações de voluntários.

Nesta gestão, há o papel de órgãos públicos como o campo político e da polícia que atua decisivamente na organização da cidade, seja no que se refere a transporte, segurança, trânsito, seja na organização visual.

O trânsito é reorganizado pela Guarda Municipal e também pela Brigada Militar e são colocadas placas sinalizadoras do evento nas rodovias de acesso à cidade. Grupos de militares e escoteiros atuam em vias na cidade para orientar e dirigir os fiéis para o local da *feira*.

Voluntários trabalham no Parque da Medianeira preparando o local para receber os romeiros. São feitos retoques e revitalização da pintura do Santuário e do Altar Monumento, a grama é cortada, algumas árvores são podadas. São organizados os espaços internos no Parque: restaurante, tendas para venda de artigos religiosos, de alimentos e bebidas; unidade móvel. Também são colocadas as estruturas necessárias para a transmissão pela Rede Vida, como os praticáveis para as câmeras e a adequação da fiação elétrica para o funcionamento do sistema de som. A ilustração mostra algumas dessas atividades.

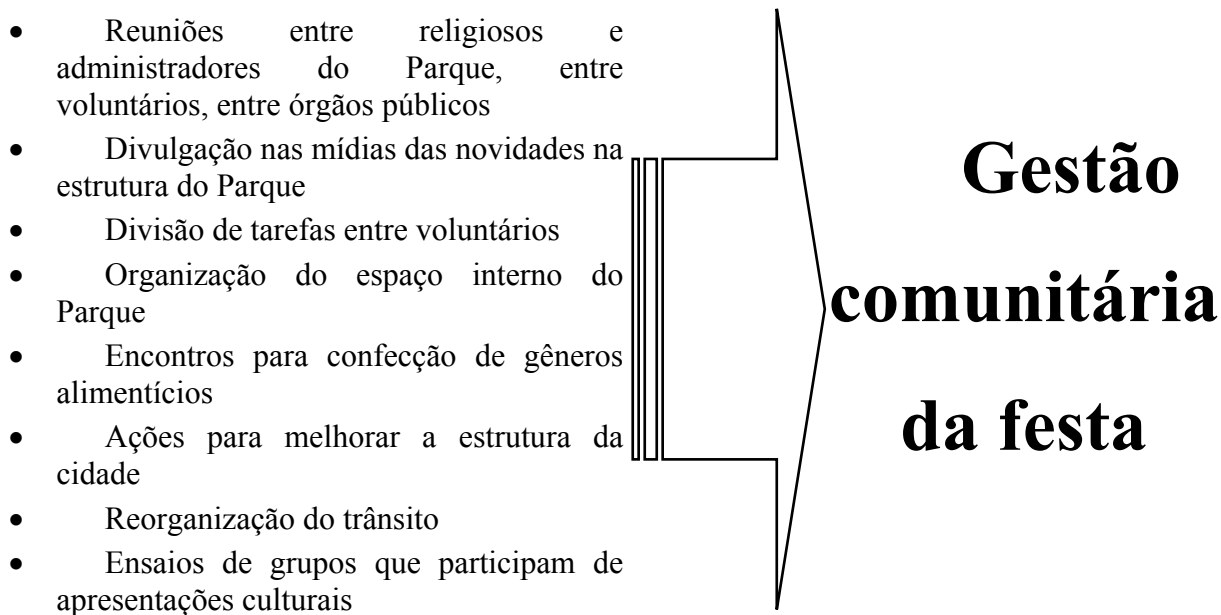


FIGURA 32 – Resumo da gestão comunitária da festa.

Há equipes de voluntários específicas para confecção de alimentos, como doces, risoto, churrasco, lanches, etc, e que são gerenciadas por uma comissão que administra o Parque juntamente com representantes do campo religioso.

A *festa* é também um evento que faz parte do calendário oficial-cultural da cidade. Grupos de dança, de teatro e escolinhas, fazem ensaios antecipadamente para se apresentarem em momentos culturais. Durante a tarde, o Altar Monumento deixa de ser palco de uma prática estritamente religiosa para ser um espaço também de manifestações artísticas e culturais. Pela manhã, há encenações que se integram ao ritual religioso. Já pela tarde, essas atividades estão mais próximas do mundo *profano*.

3.4 *Ante-sala*: negociações para a midiática

São várias ações desenvolvidas na *ante-sala* para que a midiática se concretize: o campo religioso é o organizador principal do evento que busca recursos junto a patrocinadores de forma direta ou através de mediadores, negociando com o midiático a estrutura de geração e os materiais necessários para tal. Nessa rede de ações, o midiático age sobre outros na preparação da transmissão e gera os sentidos da *festa*; o político é intermediador e patrocinador e o econômico é também patrocinador e viabiliza a transmissão como um todo.

Os preparativos para a transmissão pela Rede Vida abrangem contato com patrocinadores, contratação de empresa e profissionais para fazer a geração, definição da equipe jornalística e de câmeras, preparação de roteiro e negociação com o setor de programação em São José do Rio Preto, sede da emissora. A ilustração mostra algumas dessas atividades.

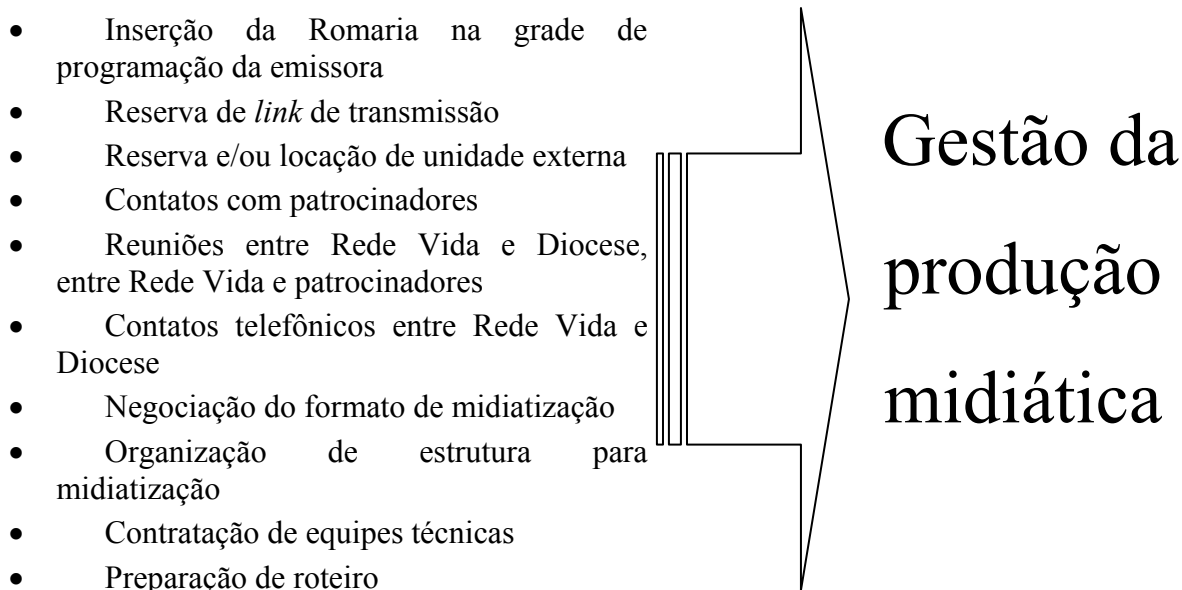


FIGURA 33 – Resumo da gestão da produção midiática

Para que a midiatização se realize, são necessários recursos financeiros que provêm de aportes de órgãos públicos, de políticos ou de empresas tradicionais da cidade. A efetivação do patrocínio passa por um trabalho de negociações entre o campo religioso, midiático e potenciais patrocinadores. Na *ante-sala* da midiatização, as ações iniciam em junho: “visitamos várias empresas, mas como o custo é alto, é difícil. (...) Estamos na semana da Novena Móvel e **ainda não fechamos as cotas de patrocínio**. É uma via-sacra de meses...”

143

Como foi referido anteriormente, esse trabalho de busca de patrocinadores era realizado por representantes da Diocese até 2002. A partir de 2003, quando a transmissão passou a ser realizada pela equipe da Rede Vida de Porto Alegre, o contato com patrocinadores deixou de ser tarefa direta da Diocese e é um trabalho de responsabilidade dos integrantes da equipe porto-alegrense da emissora. Porém, essa atividade continua sendo mediada por religiosos e políticos.

A fidelidade dos patrocinadores é outro fator que fez com que, a partir de 2003, o trabalho de busca de verbas para a midiatização fosse menos intenso e inseguro. Nos últimos

¹⁴³ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS.

três anos, há uma certa previsibilidade, em que cada anunciante colabora com cerca de R\$ 10 mil.

Os recursos arrecadados acabam determinando os modos e o formato de transmissão. Como foi mostrado, historicamente, a Diocese procurou as melhores alternativas em termos de custos, a midiática já teve vários formatos, em que essa oscilação acaba tendo ressonâncias não só na cerimônia midiática, mas também nas negociações para que ela se concretize.

As negociações entre os campos midiático e religioso são marcadas por incertezas e tensões, em que apenas na véspera da midiática as ações são resolvidas e determinadas. Para melhor compreender como funciona o processo de negociação entre campos para a midiática, reporta-se às operações desenvolvidas na *ante-sala* da Romaria de 2003, quando ocorreu justamente uma mudança de formato.

Em 2003, a idéia inicial era gerar as imagens a partir de uma associação com a TV da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que as repassaria para a Rede Vida, incluindo informações e produções locais, o que representaria uma outra forma de mostrar a Romaria.

Seguindo essa perspectiva, no dia 28 de outubro de 2003, quando faltavam 12 dias para a transmissão, ela seria realizada por um sistema misto, em que a TV Universitária entraria com câmeras, mesa de corte, monitores e profissionais para que fosse reduzido o custo da transmissão, limitando a vinda de apenas uma pessoa da Rede Vida de São Paulo para Santa Maria. A TVE alugaria a unidade externa. Essa negociação deu-se entre Diocese (campo religioso através de um representante autorizado a fazê-lo), a UFSM (campo da educação, através do seu reitor) e mídia televisiva pública (TVE) através de seus produtores.

Como o modelo de transmissão de 2003 seria distinto dos anos anteriores, houve incertezas e mudanças a poucos dias da transmissão, como no dia 31/10/03, em que ocorreram novas alterações: a TV UFSM faria toda a transmissão gerando o sinal para a Rede Vida, que apenas retransmitiria tudo, e o canal local faria também reportagens com seus profissionais.

Seria a primeira vez na história que a direção não estaria sob responsabilidade de alguém da Rede Vida. Porém, essa perspectiva não se realizou porque a TV local não tinha

condições técnicas de fazer a transmissão. “Aguardamos **manifestação da Diocese** sobre equipamentos a serem locados para viabilizar o trabalho”¹⁴⁴.

Se essas previsões se confirmassem, a transmissão teria marcas locais num formato diferenciado dos anos anteriores (1998-2002), em que a equipe vinha de São Paulo para a geração e co-associava-se a um repórter de rádio local, transmitindo cerca de três horas de Romaria (procissão e missa).

Porém, as negociações entre os campos midiático local e religioso não se concretizaram, fazendo com que, novamente, a transmissão não tivesse exclusivamente referências locais. Neste contexto, a cinco dias da transmissão, definiu-se que seria outro formato nunca antes adotado: profissionais do estúdio da Rede Vida em Porto Alegre viriam a Santa Maria para atuar na parte jornalística e uma empresa locaria a unidade externa, câmeras, operadores e diretores de imagem e de som.

As negociações iniciais entre os campos religioso e midiático demonstram o quanto são complexas as relações entre essas instâncias, nas quais há especificidades, distintos modos de operar e de dizer envolvendo uma série de ações que devem ser realizadas para que a transmissão direta se realize.

A mudança no formato televisivo faz com que não se tenha mais o trabalho da equipe da Rede Vida de São Paulo, como ocorria nos últimos 6 anos, mas de profissionais que trabalham em Porto Alegre, na Sucursal da Rede Vida, que passariam a assumir a cobertura. Mesmo assim, seriam utilizados os materiais produzidos por profissionais locais. A definição desse formato, que seria exclusivamente produzido por profissionais gaúchos da emissora, ocorreu após negociações entre a Diocese de Santa Maria e a Rede Vida (com a central em São Paulo e também com a equipe do estúdio em Porto Alegre).

Essas constantes transformações, em que há idas e vindas, denotam a instabilidade de uma concepção de transmissão em função de o dispositivo ser um agente externo ao campo cultural e comunicacional ao qual o evento está inserido. Não há um formato definido para a

¹⁴⁴ Diretor da TV UFSM, Sérgio Assis Brasil, em entrevista concedida por telefone no dia 31/10/03.

estrutura da transmissão e os vários movimentos para engendrar a midiaticização denotam uma subordinação do acontecimento às lógicas midiáticas, que são marcadas por imprevisibilidades e mutações.

Estabelecido o novo formato – com atuação do corpo técnico que trabalha junto ao estúdio do Rio Grande do Sul - a negociação de colocar pessoas de Santa Maria no trabalho ficou reduzido à participação de uma repórter da TV UFSM que acompanharia do helicóptero da Unimed/RS a movimentação de fiéis. Também estava prevista a inserção, durante a programação normal da Rede Vida, de matérias feitas pela TV UFSM sobre Santa Maria e projetos ligados à Diocese.

Segundo o diretor da TV UFSM, Sérgio Assis Brasil, seriam produzidas matérias com temas locais, como a recuperação de dependentes químicos, o projeto Esperança-Cooesperança, que serve de modelo para o projeto Fome Zero do governo federal e sobre o lançamento de um livro que conta a história de padre jesuíta Ignácio Valle, que difundiu a fé em Medianeira. Porém, em função de lógicas midiáticas, o fato de a Rede Vida abranger um público nacional e a TV UFSM uma comunidade específica, as produções locais não foram veiculadas.

A anunciabilidade do acontecimento não ocorre como o esperado e restringe-se a *teasers*, quando, nos 10 dias que antecedem a Romaria, a Rede Vida veicula essas chamadas comerciais, que têm sido quase que exclusivamente a única forma de tematização do acontecimento religioso via televisão.

Essas chamadas são veiculadas segundo um contrato de patrocínio que abrange não só a inserção dos nomes dos anunciantes na transmissão direta, mas também no seu momento anterior, sendo elaboradas num formato padrão, como mostram os exemplos a seguir.

“Neste domingo, 9h, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, acontece a 59^a Romaria Estadual em honra a Nossa Medianeira de Todas as Graças. Missa co-celebrada no Altar Monumento do Santuário Basílica da Medianeira, sob a presidência do arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom Dadeus Grings. **Transmissão ao vivo pela Rede Vida**, a TV da boa notícia, o canal da família. Apoio **Mercúrio, Banrisul, Planalto e Governo do**

Estado do Rio Grande do Sul” (Chamada publicitária veiculada em 2002, para a 59ª edição da Romaria de Medianeira).

“Neste domingo, a partir das 10h, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, acontece a 60ª Romaria Estadual de Nossa Medianeira de Todas as Graças. **Transmissão ao vivo** pela Rede Vida. Apoio **Unimed SM, Expresso Mercúrio, Viação Planalto e Governo do Estado do RS**” (Chamada publicitária veiculada em 2003, para a 60ª edição da Romaria de Medianeira).

O formato da chamada é o mesmo, diferindo apenas a sua duração e as informações principais, como os patrocinadores e as referências ao acontecimento (edição da *feira*, nome das autoridades). Como já foi referido, a partir de 2003, a transmissão foi reduzida em uma hora e essa diminuição do tempo da televisão também ocorreu em relação à própria chamada publicitária, que também enxugou.

A chamada comercial foi inserida aproximadamente 50 vezes nos 10 dias que antecederam a transmissão, o que demonstra que a Romaria tem seu valor mais expressivo como espaço pago do que como valor jornalístico, pois foi dada apenas uma breve nota num telejornal.

Dentro do próprio campo midiático há elementos de tensão. Como foi dito, as matérias produzidas pela TV UFSM não foram veiculadas e a equipe responsável pelo setor de jornalismo da Rede Vida acabou inserindo, três dias antes do evento, uma breve nota construída a partir da chamada comercial:

Coloquei pela minha vontade. Ninguém pediu ou mandou. Quem tem interesse que saia, deveria se preocupar e passar um release, mas não tive contato com ninguém. Poderia mostrar no domingo essas matérias especiais **se alguém tivesse entrado em contato**, pedido ou passado antes. E não vai sair nada na segunda se não me passarem pelo menos o número de participantes, como foi a Romaria. **Nossa TV é uma rede nacional e é interessante que tivesse matérias locais** também, coisas diferentes, mas o pessoal do sul **não participa muito**.¹⁴⁵

¹⁴⁵ Da responsável pelo setor de jornalismo da Rede Vida, Andréia Bonatelli, em entrevista concedida à autora no dia 7 de novembro de 2003. Grifos da autora.

A produção de agenda acaba sendo motivada mais por uma ação pessoal, já que a própria editora do telejornal publicou a informação a partir de uma chamada publicitária sem que tivesse recebido informações sobre a Romaria por parte do campo religioso ou representantes da emissora em Porto Alegre. A inserção de informações sobre a Romaria não ocorreu por pedido de algum representante da Diocese ou da Rede Vida-Porto Alegre, mas pelo espaço que a agenda proporcionou.

Disso resulta a constatação de que os processos de midiaticização também estão envoltos em ruídos gerados pelos agentes do campo midiático ou por suas estruturas e lógicas. Como o papel decisório e controlador se realiza longe do contexto do acontecimento, há falhas de comunicação e mesmo incongruências de funções que não estão suficientemente claras.

Nota-se que a concepção midiática de dar visibilidade à Romaria passa mais por ações dos seus representantes de campo do que por processos de avaliação jornalística. Entretanto, prevalece a questão midiática porque a visibilização passa também por aspectos de ordem comercial.

Nessas condições, o dispositivo midiático opera numa racionalidade própria que, em alguns momentos, também gera ruídos entre os seus agentes. Ainda que na *ante-sala*, o campo religioso negocie com o midiático a transmissão da Romaria, ele desconhece os fluxos e as lógicas da midiaticização.

Mesmo que seja anunciada com muito mais intensidade a partir do espaço publicitário que o noticioso, a Romaria é um acontecimento midiático pré-planejado que é construído segundo lógicas da midiaticização. Esses modos de anunciar a Romaria têm reflexos sobre as formas e os formatos de mostrá-la, como será detalhado na seqüência, em que, na transmissão ‘ao vivo’, os anunciantes e os mediadores no processo de captação de recursos ganham visibilidade numa relação simbólica de troca.

Na *ante-sala*, há uma tensão intrínseca ao campo midiático, onde as lógicas não são lineares. Observa-se que a central da Rede Vida não consegue estabelecer vínculos mais fortes com as sucursais, com suas redes menores. Como o campo é formado por agentes que

ocupam diferentes espaços e escalas de atuação, as avaliações e os modos de operação são distintos mesmo que as formas de operar sejam similares, ou seja, se segue uma lógica midiática.

Não há só negociações, instabilidades e discordâncias entre os campos sociais pela visibilidade da Romaria, mas também dentro do próprio campo midiático, no qual as diferenças aparecem entre seus agentes através de processos tensos.

O campo midiático constitui-se num *ambiente* que é perpassado por tensões externas e também internas. O funcionamento do dispositivo aponta para ações divergentes e tensas que são ocasionados por operações que são ‘de fora’, o que diz respeito aos outros campos, e ainda, ‘de dentro’, denotando uma racionalidade própria.

A partir do acompanhamento e da observação das ações que integram a midiatização e que se desenvolvem na *ante-sala*, pode-se verificar que há vários sujeitos e campos envolvidos neste processo de preparação e que há mutações e indefinições inclusive na véspera do acontecimento. Esses fatos demonstram o quanto complexos são esses processos de negociação entre os campos e que o trabalho de produção de sentidos é constituído também por esses momentos anteriores que exprimem o ‘lado duro’ da midiatização.

A partir dessa reflexão, aponta-se que as transações e as negociações travadas na *ante-sala* evidenciam as lógicas e as regras específicas de cada. Porém, mesmo operando de forma distinta, as ações empreendidas pelos campos convergem para a concretização da Romaria, em que a força do acontecimento religioso cataliza para si os sentidos no que se refere aos movimentos desenvolvidos pelos campos para a sua efetivação. Mas, se há um interesse comum nas operações desenvolvidas na *ante-sala*, o mesmo não ocorre durante o processo de midiatização, em que, muitas vezes, cada campo procura tirar proveito em causa própria, como será mostrado na seqüência.

4 Teleromaria: estratégias de produção de sentidos

A midiática da Romaria resulta de operações técnicas e sócio-discursivas desenvolvidas pelos dispositivos. Neste capítulo, serão descritos os formatos e os modos de produção da midiática da Romaria pela Rede Vida a partir de articulação das estratégias de sentidos e segundo conceitos apontados, como o de campos sociais, midiática e construção do cerimonial televisivo, na primeira Parte.

Como propósito visa-se, especialmente, nesta última Parte, mostrar que a Romaria é afetada estruturalmente pelos processos de midiáticos que co-determinam os seus modos de organização e a constituição da própria cerimônia religiosa.

A inserção dos dispositivos midiáticos produz ressonâncias sobre as formas e as representações simbólicas da Romaria e, para compreender esse processo, descreve-se as mudanças e as singularidades dos formatos televisivos que têm incidência sobre o processo de midiática da Romaria e o que resulta dele – a *Romaria midiaticizada*.

Com as descrições dos mecanismos de cobertura, discute-se o funcionamento das diferentes estratégias de produção de sentidos. Para isso, os modelos serão descritos a partir de suas filosofias, conceitos e pedagogias que determinam a midiática pela Rede Vida. A escolha das emissões de 2001, 2002, 2003, 2004 e 2006 visa mostrar as estratégias e as alterações nos formatos que representam tendências sobre a concepção e a existência de um determinado acontecimento.

Mostra-se aqui as especificidades dos cinco modelos, em que cada um corresponde ao formato de um ano, traçando as características de cada um, de forma separada. Depois, a constituição dos modelos será aprofundada através de comparações e de análises mais detalhadas da midiática da Romaria ao longo dos anos visando mostrar diferenças e convergências entre os formatos.

4.1 Modelo 1: Romaria em *off*

Em 2001, a transmissão ‘ao vivo’ assemelha-se a uma cobertura radiofônica, já que todas as falas, seja do apresentador, do comentarista ou dos entrevistados são inseridas sem que apareçam suas imagens. Toda a transmissão é em *off*. A transmissão direta teve duração de duas horas e 50 minutos, havendo imagens ‘ao vivo’ da procissão e da missa. Ao total, nove câmeras davam conta de mostrar os rituais religiosos. Antes da entrada direta, foram inseridas reportagens pré-produzidas sobre aspectos de Santa Maria.

Não houve patrocinadores formais que ganharam espaço publicitário nas chamadas para a transmissão ‘ao vivo’. Porém, em meio à transmissão, faz-se uma referência ao apoio financeiro recebido: “Queremos **agradecer ao município** de Santa Maria que **viabilizou os trabalhos da Rede Vida** aqui na romaria, e **ao estado, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul**” (Do apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). A referência aos anunciantes ocorre no meio da transmissão como forma de agradecimento, em que os dois patrocinadores do campo político são entrevistados posteriormente. **Abaixo, um resumo das operações desse modelo.**

| Elementos integrantes da transmissão: |
|---|
| 1 boletim ‘gravado’ e inserido antes do ‘ao vivo’ (Repórter da UFSM) |
| 1 apresentador (mídia radiofônica local) |
| 1 comentarista (campo religioso local) |
| 4 entrevistados em boletins inseridos antes do ‘ao vivo’ |
| 5 entrevistados na transmissão direta |
| Vozes dos campos religioso (Dom Jayme (em boletim ‘gravado’ e inserido antes); Dom Ivo (<i>off</i>), padre Walmir (<i>off</i>)); político (deputado Farret (em <i>off</i>), prefeito Valdeci (<i>off</i>)); cultural (historiador e empresário João Trevisan (<i>off</i>)); |
| Patrocinadores: Assembléia Legislativa e Prefeitura Municipal |

QUADRO 2 - Elementos da transmissão do modelo 1

Neste ano, a Rede Vida realizou a midiática através de um sistema misto, contando com matérias pré-produzidas que foram inseridas antes da entrada ‘ao vivo’ e também com o apresentador local. A emissora deslocou parte de seus profissionais para a transmissão: técnicos de imagem, som e câmeras e, ainda o diretor geral. Porém, as falas do campo midiático não são de profissionais ‘originalmente’ da Rede Vida, mas do apresentador que atua na Rádio Medianeira e de uma repórter do canal local da TV Universitária.

Numa parceria com emissora local, uma repórter do canal fez reportagens que tematizam aspectos identitários de Santa Maria, que foram veiculadas no início da transmissão. Há uma preocupação em contextualizar o lugar do acontecimento para que o telespectador possa se localizar, se preparar e se projetar à cerimônia midiática que começaria a ser construída nos próximos instantes.

A matéria, que totalizou nove minutos, inclui reportagem sobre a importância da ferrovia para a história da cidade, o papel da Universidade Federal de Santa Maria no contexto da educação nacional e a devoção à Nossa Senhora Medianeira. Todas as matérias

foram gravadas e editadas nos dias que antecederam a Romaria e foram construídas em *off*, com passagem e entrevistas com empresários, intelectuais, historiadores e religiosos.

Inicialmente, há a preocupação em contextualizar o lugar de onde acontece a *feira* através de uma apresentação de aspectos de Santa Maria para o resto do Brasil. “A história da ferrovia confunde-se com a história de Santa Maria que foi um **centro ferroviário** no início do século passado”. (...) “Outra instituição importante para Santa Maria é a UFSM, **primeira instituição de ensino superior** do interior do país” (...) “Santa Maria possui vários sítios paleontológicos, onde foram encontrados fósseis de animais que viveram há 220 milhões de anos” (Repórter da TV Campus, Miele Rodrigues, em reportagem gravada e inserida antes da transmissão ‘ao vivo’).

Só depois de anunciar alguns elementos característicos da cidade é que a Romaria é referida: “A **religiosidade também faz parte de Santa Maria**, com a devoção a Nossa Senhora Medianeira, que teve início em 1928 através do padre Ignácio Valle, no Seminário São José, onde hoje se encontra o Parque da Medianeira, que inclui o Santuário e o Altar Monumento” (Repórter da TV Campus, Miele Rodrigues, em reportagem gravada e inserida antes da transmissão ‘ao vivo’).

Santa Maria é mostrada para todo o país não só a partir da religiosidade, mas também de outros localizadores que indicam a sua existência, como a UFSM, a ferrovia e por ter um dos sítios paleontológicos mais significativos do Brasil. O dispositivo midiático só visibiliza o acontecimento religioso depois de tematizar outros aspectos locais, encarregando-se de construir um conceito não só sobre o religioso, mas também de outros temas que integram o ambiente onde a cerimônia se realiza. Os entornos da Romaria são avaliados como valor noticioso importante e que merece ser destacado.

Mesmo que realize o trabalho de midiaticização através de operações *tecno-simbólicas*, a Rede Vida associa-se a outros dispositivos locais para poder captar alguns elementos do contexto. Para isso, mescla marcas discursivas próprias com as produzidas por outros dispositivos que fazem parte da comunidade aonde se realiza o acontecimento e que conhecem e dominam essas práticas sociais.

Quando a transmissão ‘ao vivo’ é iniciada, há imagens em *take*¹⁴⁶ aberto da saída do quadro de Nossa Senhora Medianeira da Catedral que é colocado no carro que vai transportá-lo durante a procissão. Enquanto aparecem essas imagens, o apresentador fala em *off*: “Bom dia, telespectadores da Rede Vida de Televisão, **neste momento** passamos a transmitir com imagem da **avenida Rio Branco**, da rua do Acampamento, aonde inicia-se a 58ª Romaria de Nossa Senhora Medianeira, a **padroeira do Rio Grande do Sul**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão da Romaria de 2001). Nesta contextualização inicial, o apresentador dá marcas de que a transmissão é direta (‘neste momento’), localizando geografica e simbolicamente o telespectador através da referência ao acontecimento.

Mesmo que já tenham sido inseridas matérias sobre Santa Maria, no início da transmissão ‘ao vivo’, a Rede Vida, novamente, contextualiza o telespectador a respeito do que está mostrando e, especialmente, por meio de referências geográficas e informações sobre o acontecimento para que ele saiba o que vai ser mostrado e de onde ocorre a transmissão ‘ao vivo’. “O sol começa a aparecer, tínhamos forte nebulosidade, ontem tínhamos chuva. **Santa Maria** está localizada geograficamente no **coração do Rio Grande do Sul**, distante aproximadamente **300 km da capital Porto Alegre**, 320 km do Uruguai, de Rivera, **próximo à fronteira com Argentina**. Para que você amigo, família brasileira (...) **possa se situar, você que não conhece ainda Santa Maria**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

As falas em *off* cobrem as imagens ‘ao vivo’ do início da procissão: “Espera-se na **manhã de hoje** em torno de 250 mil peregrinos de vários pontos do estado, de todo o território nacional. Gaúchos e gaúchas dos mais longínquos **rincões** estarão **participando** de uma forma ou de outra, ou presente em Santa Maria ou **através da Rede Vida de Televisão** que leva o som e imagem para todo o território nacional” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Os processos de midiaticização mantêm algumas marcas do religioso, pois o apresentador refere o receptor como um participante ativo da cerimônia religiosa. A

¹⁴⁶ Utiliza-se tanto a expressão *take* quanto plano para referir uma cena ou tomada que é captada pela televisão.

linguagem utilizada pelo apresentador denota marcas do contexto (‘gaúchos e gaúchas dos mais longínquos rincões’). Para tanto, a Rede Vida desloca-se de seu nicho central e agrega ao seu dispositivo um agente local que tem informações sobre o acontecimento que está transmitindo. Essa estratégia é utilizada para compensar a falta de conhecimento e de intimidade com o contexto em que a cerimônia se realiza.

Depois dessas informações mais contextuais, o apresentador, cumprindo seu papel de *mestre de cerimônias*, começa a co-dividir a enunciação, passando a palavra a um representante do campo político. “Nós estamos aqui com o doutor José Haidar Farret, que é deputado estadual, é o representante oficial da Assembléia Legislativa e é um **devoto de Medianeira, ele que é filho de Santa Maria**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

O político, que é o primeiro entrevistado, não é referido apenas como deputado, mas também como fiel. A partir desse modo singular de nomeá-lo, a Rede Vida não está só dando visibilidade ao político, mas colocando-o num outro *status*, o de devoto, servindo como uma espécie de representante do povo, da multidão que participa da *festa*.

A primeira fala após a midiática não é a de um agente do campo religioso, mas do político, que fala também em *off*, por dois minutos. “Uma **saudação especial aos telespectadores da Rede Vida**, uma **saudação especial** aos amigos de Santa Maria. Efetivamente, **desde os 10 anos** participo da Romaria. (...) Quero saudar a diocese, o bispo Dom Ivo, **que Deus o abençoe** pela sua atuação” (Deputado José Haidar Farret, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

O político, que fala imediatamente após o início da transmissão ‘ao vivo’, utiliza-se de simbólicas de outros campos, mesclando marcas discursivas. Ele cumprimenta os telespectadores como se fosse um agente midiático e, depois, sua fala remete ao campo da recepção, supervalorizando sua participação na Romaria não como político, mas como devoto; e, por fim, faz uso de uma fala característica do campo religioso ao abençoar o bispo. Há um cruzamento de sentidos em que o político faz uso do espaço midiático de forma interessada para projetar-se e expressar seu vínculo com a Romaria, mesclando fatores culturais, religiosos e políticos.

Ao iniciar a transmissão e logo passar a palavra a um representante do campo político, a Rede Vida está exaltando e chancelando as ações desse campo em detrimento da representatividade do religioso, que é o principal gestor da *feira*. Como o religioso fala apenas após o político, a televisão acaba por imprimir uma importância maior a este.

O político também usa o espaço midiático para exaltar aspectos positivos de uma celebração e também valores universais, fazendo referência ao contexto mundial, quando acontecia a Guerra no Golfo. “Quero saudar a todos que **buscam nessa romaria algo melhor** (...) a justiça, o **amor, a caridade**, acima de tudo dias melhores para um **mundo sofrido**, para o **fim da guerra**, para que se tenha **paz**”. (Deputado José Haidar Farret, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

O dispositivo televisivo busca em falas de outros campos os elementos para a constituição da sua cerimônia. Para isso, a estratégia é capturar imagens da cerimônia religiosa e se valer de marcas dos rituais que cobre, de suas falas e também de outras instâncias para mostrar que o acontecimento midiático é celebrativo.

A midiática da Romaria está perpassada por aspectos não apenas dos campos midiático e religioso, mas também do político, que ganha visibilidade logo no início da transmissão. Mesmo não aparecendo como patrocinador oficial, o deputado é entrevistado como forma de retribuir o apoio como mediador e/ou patrocinador.

Depois da fala do político, um religioso, que é uma espécie de comentarista, explica por três minutos, também em *off*, o funcionamento da procissão, dando informações gerais para o telespectador: percurso da procissão, previsão de chegada da imagem para início da missa, entre outros aspectos que fazem parte do ritual religioso. Ele se integra a toda transmissão, didatizando o cerimonial midiático, do ponto de vista religioso.

As informações do especialista do campo religioso que co-realiza a transmissão são sobre o funcionamento da procissão: “A **imagem está vindo aí na rua do Acampamento** próxima do túnel, se deslocando ao Altar Monumento”; a respeito do tema que orienta o ritual litúrgico: “Vamos todos nesta Romaria aprendermos a **ser igreja do jeito de Maria**” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). O comentarista é também um

celebrante, pois como lembram Dayan e Katz (1995), ele também engendra e co-estrutura o cerimonial midiático.

Após, outro religioso, na condição de convidado, é entrevistado e fala também em *off* por quatro minutos, explicando aspectos organizacionais da *feira* enquanto a imagem mostra o carro que transporta o quadro de Medianeira. “A cidade pára hoje para acolher os romeiros e ver a imagem de Medianeira e Nossa Senhora Guadalupe que está sendo **transportada ao Altar Monumento**, quando em instantes acontece a **missa principal**” e também sobre a história da devoção à Medianeira: “A **devoção inicia no Seminário São José**, onde está a Basílica, em 1928, quando recebe uma pintura da Bélgica” (Padre Walmir Piccinin, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). O especialista do campo religioso didatiza o acontecimento a partir de um lugar de competência e autoridade.

O tema e o lema da Romaria são destacados, já que o ritual litúrgico é construído em torno dele. Durante a midiatização, explica-se o significado dos rituais religiosos, ressaltando aspectos que estão sendo celebrados. Para falar sobre sua especificidade, convida-se os representantes do campo religioso: “**Lembrando o lema** - ser igreja do jeito de Maria. Vamos todos nesta Romaria aprendermos a ser igreja do jeito de Maria”. (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

A cerimônia midiática é construída através da didatização dos rituais religiosos, como a procissão é organizada, que imagem participa da *feira*, que haverá missa após a caminhada, que há uma celebração especial aos doentes à tarde, que ocorrem confissões ininterruptamente e missas de hora em hora no interior do Santuário, e também aspectos associados, como o contexto e a localização de Santa Maria, o histórico da devoção à Medianeira, o que ela representa por ser a padroeira do estado.

Durante todas as falas em *off*, as imagens em planos gerais são da procissão ‘ao vivo’ e, em *take* mais fechado, enquadra-se o quadro de Medianeira sendo colocado no carro que vai transportá-lo até o Altar Monumento. Outra tomada é do povo que se desloca em caminhada, onde os peregrinos são filmados do alto por uma das câmeras que está fixa no alto de um prédio no centro da cidade. Esse enquadramento em que as pessoas são filmadas de cima chama-se, segundo Aumont (1995), *mergulho*.

A localização dessa câmera fixa é estratégica e possibilita, em planos abertos, uma série de ângulos e de enquadramentos, em que tem-se a imagem de quase todo o percurso – da Catedral até o fim da rua do Acampamento –, dando uma dimensão do grande número de romeiros que faz o trajeto. Além disso, há algumas imagens gerais da cidade e das pessoas que caminham em procissão, só que de costas, pois elas avançam enquanto o equipamento permanece fixo logo na saída do percurso.

A Rede Vida procura mostrar não só a *feira*, mas também os seus entornos como as ruas por onde passa a procissão, características da cidade de onde o acontecimento é transmitido ‘ao vivo’ e, ainda, a organização dos rituais que integram a Romaria, como o transporte do quadro de Medianeira e a saída da Catedral. Faz parte das estratégias de produção midiática mostrar esses aspectos que estão relacionados direta ou indiretamente ao evento para haver a certificação de que se está transmitindo esses fragmentos de real e de que se trata de uma transmissão direta.

Neste momento inicial, as tomadas são mais gerais e focadas no contexto na *feira*, seja nas ruas, nas construções da cidade ou no início do percurso, onde os atores-romeiros são mostrados apenas de longe, nas imagens da multidão, ou de cima, não havendo possibilidade de identificação de suas feições. A imagem de Medianeira é focada, já que é a personagem principal da *feira*. As regras dos rituais e a forma como são organizados são fatores também predominantes no começo da midiática, em que é preciso mostrar o início da procissão e seus aspectos constituintes, como a colocação da imagem no carro que vai conduzi-la durante a caminhada.

Como no centro da cidade há apenas uma câmera, o dispositivo procura mostrar outros elementos que não fazem parte do ritual central, mas que têm também um sentido auxiliar. Para tanto, as câmeras posicionadas no Parque da Medianeira enquadram aspectos mais gerais, com a rua central vazia, posto que a procissão está a caminho, ou alguns *zooms* em pessoas que aguardam a chegada da imagem.

As vozes da recepção também integram a cerimônia midiática, já que o telespectador está incluído no processo de produção de sentidos no qual se busca vínculos com ele através da enunciação de saudações: “queremos mandar **um abraço ao gaúcho, santa-mariense,**

Luiz Antonio Barros que tem em Cristalina, interior de Goiás, sua fazenda, sua estância, com nome de Medianeira” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Esse modelo de mediação também permite que sejam criados laços mais estreitos entre os campos midiático e da recepção, havendo um certo bairrismo por parte daqueles que engendram a cerimônia midiática: “Você que está em outros estados acompanhando pela Rede Vida de Televisão, **você que é gaúcho e está distante de sua terra** e que está acompanhando, o **nosso abraço**”. (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

As marcas identitárias locais são fortes em alguns momentos, fazendo com que o *contrato discursivo* da transmissão ‘ao vivo’ pareça estar direcionado apenas aos gaúchos. O campo midiático, a partir de marcas próprias co-determina os modos com que os representantes dos outros campos devem manifestar-se: “O bispo diocesano de Santa Maria (...) está conosco e **manda sua mensagem a todos gaúchos e gaúchas** espalhados por todo o território nacional” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

O fato de a mediação em alguns momentos destacar aspectos regionais soa estranho pelo fato de se tratar de uma emissora de abrangência nacional e que, portanto, tem um público diverso. O dispositivo age por meio de lógicas ambíguas, pois em alguns momentos a mediação procura destacar aspectos locais e regionais, correndo o risco de limitar seus âmbitos de atuação.

Após vinculação da imagem da Romaria com o áudio local do ritual por três minutos, o apresentador fala sobre a possibilidade de participação dos telespectadores e divulga o telefone para contato: “quem quiser fazer sua manifestação pode **ligar**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). Além da incidência do telefone que atravessa a mediação ‘ao vivo’, o apresentador também destaca o fato de que a Romaria pode ser acompanhada, pela primeira vez na história, via internet.

Os processos de midiatização da Romaria ocorrem por meio de vários mecanismos engendrados por distintos dispositivos. A transmissão televisiva ‘ao vivo’ está articulada a outros dispositivos, como o telefone, a internet e o sistema de som, em que o áudio local da *feira*, por vezes, é apenas retransmitido pela Rede Vida. Essa articulação de distintos dispositivos faz com que a transmissão direta da Romaria tenha um caráter de *hiperdispositivo*, como conceitua Carlón (2004), havendo atravessamentos, co-determinações e contaminações.

A transmissão segue e, novamente, mesclam-se imagens da procissão, pelas quais se capta um ângulo dos romeiros de costas, com o áudio local do ritual por cinco minutos. Após, o apresentador refere o número provável de romeiros, em torno de 250 mil, pedindo ao especialista que fale sobre ‘a convidada’ da procissão juntamente com Medianeira. “Padre Sílvio, senta um pouco aqui, **vamos conversar acompanhando aí as imagens**. A cada ano temos uma imagem convidada e **a réplica permanece na Basílica**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). O apresentador recorre à fala do especialista para reafirmar e dar autoridade à sua fala, já que ele mesmo dá as informações sobre o funcionamento do ritual e de aspectos históricos da *feira*.

Durante a midiatização da Romaria, como lembram Dayan e Katz (1995 e 1984) em relação à transmissão de cerimônias públicas, a televisão raramente intervém e quando o faz é para explicar os símbolos que integram e constituem o acontecimento, ou mesmo para celebrar as regras e as normas que ditam o funcionamento dos rituais. As imagens dizem mais do que as falas e, em muitos momentos, elas procuram justamente explicá-las.

Como não há notas cobertas ou boletins ‘ao vivo’, já que as falas são sempre em *off*, o apresentador usa como estratégia de sentido referir-se ao fato de que as imagens são ‘ao vivo’ enquanto a conversa se desenrola de modo informal (‘vamos conversar acompanhando aí as imagens’), como se fosse nos bastidores.

A cerimônia midiática é engendrada numa alternância de estratégias e mecanismos: há pausas e desaceleramentos nos modos de enunciar que remetem a um tom reverencial e sacerdotal, como ressaltam Dayan e Katz (1995) e Katz (1993), denotando oscilações entre o papel de agente do campo midiático e também do religioso.

Durante essas falas em *off*, a televisão mostra imagens das pessoas caminhando, do quadro de Medianeira – que disputa visibilidade com a imagem convidada - Nossa Senhora Guadalupe, que é também destacada na transmissão. Depois de onze minutos em que só o áudio local do ritual é reproduzido e mesclado a essas imagens, o apresentador entrevista mais um representante do campo religioso, que fala em *off* sobre o ritual litúrgico da Romaria enquanto a imagem foca alguns religiosos que se aproximam em caminhada do Altar Monumento. “Devotos, **logo mais** estaremos no altar na grande missa, **às 10h**” (Bispo Dom Ivo Lorscheiter, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

A cerimônia midiática tem de explicar algumas imagens que são captadas e que mostram elementos importantes dos rituais: “**Neste momento, estamos acompanhando** a chegada da imagem de Nossa Senhora Medianeira, na frente do Altar Monumento” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). Para tanto, a enunciação mescla a voz específica do campo midiático com a do especialista: “**Já estamos avistando** lá em cima a imagem de Medianeira que vem se aproximando e assim que ela chegar aqui teremos o início da missa e vamos todos acompanhando pela Rede Vida, o telespectador vai rezar junto” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Outra estratégia desse formato de midiaticização é anunciar que novos rituais serão realizados como uma forma de agendar e dar tempo para que as pessoas possam se preparar. O acontecimento midiático não é só anunciado nos momentos que o antecedem, mas também durante a sua realização, já que a cerimônia que está sendo engendrada é composta por vários rituais que precisam ser referidos.

O dispositivo anuncia que tem competência para mostrar todos os rituais que integram a Romaria: “A Rede Vida estará **acompanhando toda a missa**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). Essa competência de cumprir com a agenda do acontecimento é ressaltada pelo próprio agente do campo religioso: “A **Rede Vida** estará conosco até 10 para o meio-dia e com certeza **vai conseguir transmitir toda a missa** e o telespectador vai conseguir rezar junto neste momento forte” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). O *contrato discursivo* procura mostrar e dar garantias de que a televisão tem competência para captar todos os rituais religiosos.

Vozes de outros campos que não o religioso são mobilizadas para também agirem sobre os sentidos produzidos. Um empresário e historiador que participou da construção do Altar Monumento, que já fora entrevistado na reportagem inserida antes da entrada ‘ao vivo’, fala novamente, destacando aspectos da cidade de Santa Maria: “Santa Maria está no centro do estado do Rio Grande do Sul é uma cidade **universitária e um centro ferroviário**” (Empresário e historiador João Trevisan, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Durante essa fala, também em *off*, mostra-se a hierarquia do ritual, dando-se um *close* nos religiosos que participam da caminhada, no carro que leva Medianeira e nas pessoas que caminham próximas à imagem. O representante do campo cultural é também convidado a falar para co-explicar o acontecimento midiático nos seus aspectos mais gerais. Os discursos auxiliares para a construção da cerimônia provêm de várias instâncias, seja religiosa, política, econômica ou cultural.

A cerimônia midiática não é só tecida por aqueles que têm autoridade em explicar os símbolos e o funcionamento dos rituais religiosos ou pelos especialistas do campo midiático que operam por meio de lógicas e marcas próprias, mas também por aqueles que realizam o papel auxiliar de co-produção.

O prefeito da cidade é entrevistado num dos principais momentos da *feira*, quando da chegada da imagem de Medianeira ao Altar Monumento: “Vamos **conversar rapidamente** com o prefeito de Santa Maria que está chegando ao Altar Monumento **junto com a imagem de Medianeira**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). O representante do campo político fala também em *off* por 30 segundos enquanto o enquadramento mostra a imagem da multidão e da chegada de Medianeira. “**Estamos aqui** para fortalecer ainda mais nossa presença nesse evento e **junto com os fiéis** construir uma **sociedade diferente**” (Prefeito Valdeci Oliveira, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). A fala interessada do político mescla ações de seu campo com aspectos religiosos e sociais, procurando ressaltar que seu papel no ato não é meramente político.

Assim como ocorrera com o político que falou no início da transmissão, o prefeito é entrevistado como uma forma de agradecer ao apoio financeiro para a transmissão, mesmo que de modo informal, já que os nomes dos patrocinadores não aparecem formalmente, mas o

próprio especialista do campo religioso, em fala anterior fez menção ao apoio financeiro: “**Queremos agradecer** ao município de Santa Maria e ao estado, a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, que possibilitaram e **estão possibilitando os trabalhos aqui**” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). Porém, mesmo que tenham tido visibilidade em momentos cruciais, o espaço dado a ambos difere: enquanto o primeiro falou por dois minutos, abrindo a transmissão; o prefeito falou apenas por 30 segundos.

Depois de decorrida uma hora e dez minutos de transmissão, o comentarista fala que as imagens de Medianeira e de Nossa Senhora de Guadalupe já estão no Altar Monumento para o início da celebração e refere uma regra do cerimonial midiático que pré-determina o tempo do ritual religioso através da enunciação de um horário previsto para encerramento da missa: “Nós **teremos encerramento** da missa em torno de 15 para o meio-dia” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Antes de deixar de ser a fala predominante, já que depois o áudio local é reproduzido sem interferências por mais de uma hora, o apresentador ressalta a data em que acontece a Romaria como uma estratégia de agendar eventos futuros, incluindo o receptor: “**Você que está acompanhando** pela Rede Vida em todo território nacional, é bom saber que a Romaria de Nossa Senhora Medianeira **acontece todos os anos**, sempre **no segundo domingo de novembro**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001). O *contrato de leitura* da transmissão inclui também o agendamento de midiatizações nos próximos anos.

Quando se realiza a missa, há apenas a reprodução do áudio local num total de uma hora e dez minutos. Esse formato de midiatização faz com que haja cruzamentos, co-determinações e co-associações entre os dispositivos que operam sobre a *feira*: as imagens são da Rede Vida, mas o áudio é o gerado pelo sistema de som local.

Esse modo de construção da cerimônia midiática incide sobre o próprio ritual, pois ao seu formato tradicional são agregadas marcas que remetem ao processo de midiatização. Durante a missa, os animadores e puxadores referem-se, por algumas vezes, não só a quem está no Parque da Medianeira, mas também a um público circunstancial que é atingido através de dispositivos: “romeiros, radiouvintes, telespectadores” (Do animador/puxador que fala

durante a missa e que o áudio local é retransmitido pela Rede Vida, na transmissão ‘ao vivo’ de 2001). Em função disso, há um caráter de *hiperdispositivo* nos processos de midiatização da Romaria, que resulta da agregação e da co-determinação de vários dispositivos: a televisão, o rádio, o sistema de som.

A voz da recepção televisiva é também incluída na própria cerimônia religiosa, no qual a maior autoridade local do campo religioso destaca de forma positiva aspectos da midiatização. “Estamos comovidos, pois de todo Rio Grande do Sul vieram peregrinos e, também, no Rio Grande do Sul e no Brasil todo muitos cristãos estão **acompanhando** esses ritos solenes **através dos meios de comunicação social**. Estamos felizes por saber que **em todo Brasil pode chegar as imagens e as vozes aqui de Santa Maria**” (Bispo Dom Ivo Lorscheiter, que fala durante o ritual da missa e que o áudio local é retransmitido pela Rede Vida, na transmissão de 2001).

O representante do campo religioso não fala só para quem está presente no espaço do Parque da Medianeira, mas também para quem é atingido pelos processos de midiatização, denotando que se constitui em estratégia singular incluir a voz da recepção televisiva ao próprio ritual religioso. Essa ação específica mostra ainda que o campo religioso desenvolve esse outro modo de fazer religião para atingir os seus públicos.

O fato de os dispositivos fazerem-se cada vez mais presentes na cerimônia religiosa tem como consequência principal uma mudança nas simbólicas dos rituais que antes eram constituídos apenas pela dominância das marcas do religioso, mas que agora são contaminados e mesclados com simbólicas de outros campos.

Durante a missa, por mais de uma hora, o áudio da Rede Vida apenas retransmite o som local que é mesclado com os ângulos, enquadramentos e cortes de imagem. A televisão opera mais como um dispositivo de imagem do que como dispositivo audiovisual, já que o áudio gerado é o mesmo para quem está em casa assistindo pela televisão, quem ouve pelo Rádio ou para aqueles que estão presencialmente no Altar Monumento.

Para dar conta de cobrir o áudio local durante o ritual da missa, a Rede Vida capta diversas imagens que passam por processos de edição realizados pelo editor de imagens e

pelo diretor geral da transmissão que trabalham numa unidade externa. Os modos de mostrar a cerimônia religiosa são vários e co-determinados pelo posicionamento das nove câmeras que cobrem a missa no Altar Monumento. Elaborou-se um diagrama para ilustrar alguns dos mecanismos que integram a complexidade dos modos de funcionamento do dispositivo.

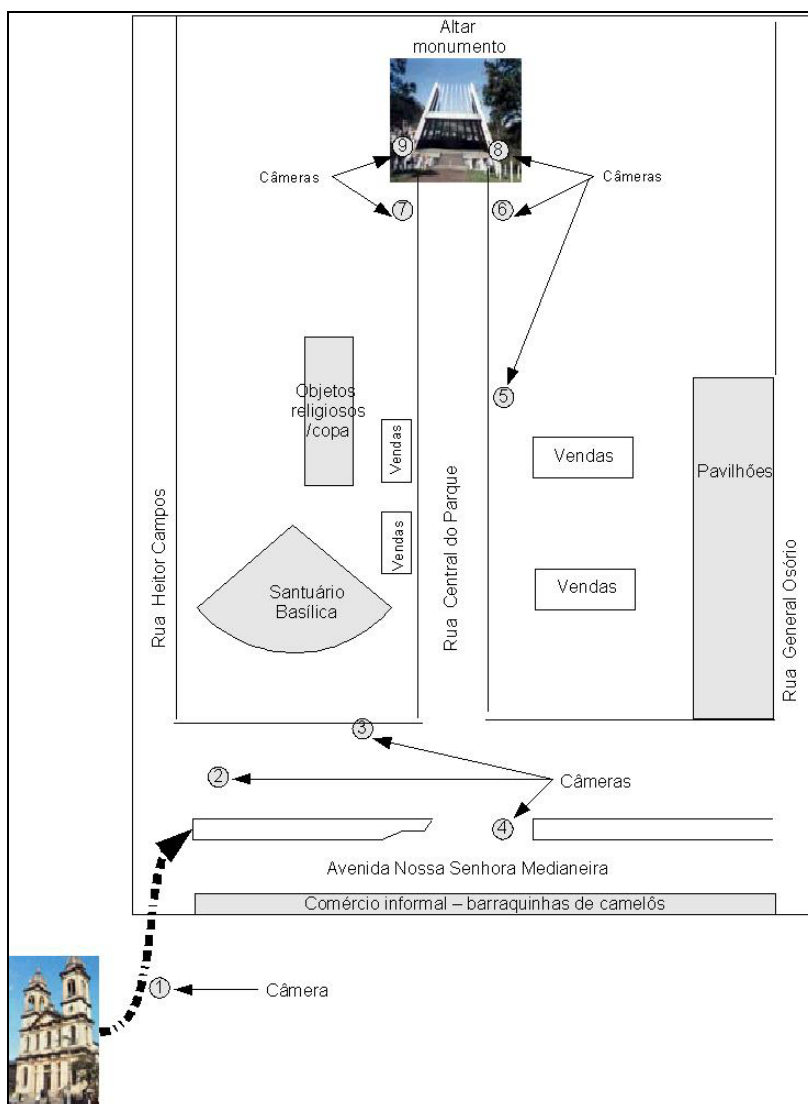


FIGURA 34 - Mecanismos da transmissão do Modelo 1

Do início da procissão até o final, uma câmera está fixa (1) no alto de um prédio localizado na rua do Acampamento, no centro de Santa Maria, e capta a saída da imagem da

Catedral e parte do percurso da procissão. A cerca de 500 metros do Santuário da Medianeira duas câmeras móveis (2 e 3) captam momentos da procissão e acompanham a caminhada das autoridades que andam junto ao quadro de Medianeira. Na entrada do Parque, uma câmera fixa (4) capta o momento em que as pessoas ingressam nele. A cerca de 100 metros da entrada do Parque, uma câmera fixa (5) está posicionada do lado direito da rua central e mais abaixo, a cerca de 15 metros do Altar Monumento, estão fixas mais duas câmeras (6 e 7), uma de cada lado. Por fim, em cima do Altar Monumento, estão duas câmeras (8 e 9) móveis, de ombro.

As imagens captadas pelas câmeras são várias e passam por processos de edição, mas o áudio só é retransmitido, o que remete à afirmação de Dayan e Katz (1995), sobre o fato de a cerimônia midiática ser construída a partir de uma lógica em que a imagem tem maior relevância do que as palavras.

Durante o ritual da missa, as câmeras procuram captar uma série de enquadramentos para passarem pelo crivo e pelo trabalho de edição no *switch*. Os ângulos são intercalados entre planos mais fechados de romeiros que chegam ao Parque, em *take* aberto da multidão que ocupa a rua central do Parque e também em plano mais aberto do Altar Monumento.

A cerimônia midiática mostra a hierarquia de seus rituais, como conceituam Dayan e Katz (1995), através de um plano mais fechado proporcionado pelas duas câmeras de ombro, localizadas em cima do Altar Monumento, focando-se ora os animadores e puxadores, ora as autoridades, como religiosos e políticos. Dá-se alguns *zooms* em Medianeira e Guadalupe, em fragmentos do ritual litúrgico (reprodução de momentos à baixo), em algumas encenações, nos cantores, nas pessoas que fazem a liturgia, em símbolos religiosos que integram o ritual, como velas e cálices.



FIGURA 35 - Distintos ângulos cobrem a transmissão em *off*

A cerimônia midiática mescla o *profano* e o *sagrado*, podendo, em um dado momento, apagar algumas de suas simbólicas, como quando o dispositivo capta imagens de pessoas nos camelôs, afastando-se do que é gerado estritamente pelo ritual.

O fato de ser transmitido ‘ao vivo’ dá outro *status* não só ao acontecimento, mas também aos que estão presentes, que desenvolvem estratégias próprias de visibilidade. Algumas operações simbólicas produzidas pela multidão são captadas, como crianças vestidas de anjo, idosos, pessoas que carregam símbolos religiosos (como cruzes e velas) e ainda aqueles que vestem camisetas de Medianeira.

Os ângulos da televisão também captam fragmentos que carregam marcas não só do religioso, mas também de outros aspectos que fazem parte do entorno da Romaria, como imagens dos morros, de árvores, do sol.

Esses vários pontos de vista produzidos pelo dispositivo televisivo passam por processos de edição que selecionam, cortam, mesclam, destacam e adequam a imagem ao áudio local do ritual da missa.

Quase no final da missa, com duas horas e vinte minutos de transmissão, o apresentador descreve, novamente em *off*, o ritual que se vê: “Estamos no **momento da comunhão**, onde os peregrinos, **quando os romeiros** a partir desse momento **recebem a hóstia**. (...) Padre Sílvio Weber **está aqui** e fala sobre esse momento importante” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão da Romaria de 2001). “É um **momento de fé** do

Rio Grande do Sul, temos aí mais de 200 mil romeiros” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Depois de retransmitir o áudio local por mais de uma hora, o apresentador interrompe apenas para explicar o ritual que está sendo realizado (‘momento da comunhão’). O especialista do campo religioso é mais uma vez convidado para explicar o ritual religioso que está se desenvolvendo, mas, ao invés de detalhar o seu funcionamento, destaca o número de participantes como estratégia de expressar e de mostrar a dimensão do acontecimento.

Se nem sempre as regras dos rituais religiosos são explicadas, o mesmo não ocorre com o midiático, pois os próprios modos de funcionamento dos dispositivos são descritos durante a transmissão: “Estamos ainda com **o som lá da frente da Catedral, o comando é de lá**, mas logo em seguida, **teremos aqui imagens do Altar-Monumento**, para aonde passa o comando da Romaria” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Os modos de construção do cerimonial midiático são detalhados por meio de autorreferências em que se procura demonstrar que o trabalho dos dispositivos *tecnosimbólicos* são realizados com competência: “**Estou acompanhando** o trabalho do Jorge Cunha, **aqui da sua mesa de switch de corte**, nós temos **várias câmeras** espalhadas neste trajeto” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Buscam-se efeitos de sentidos que remetam à testemunhalidade midiática e, como refere Eco (1984), mostrar essas operações técnicas é uma estratégia da televisão para dizer que está presente no contexto do acontecimento. Mostrar os processos de construção e detalhar o funcionamento dos dispositivos constituem-se em estratégias singulares para conquistar o telespectador e destacar mais os modos de enunciação que os próprios conteúdos produzidos.

Não só o campo midiático detalha as operações de construção e de engendramento da sua cerimônia, mas também o campo que é organizador principal do acontecimento: “Como o telespectador deve estar percebendo aí, teremos este ano uma **cobertura inédita em termos de televisão** (...) aqui o Jorge Cunha pela primeira vez em Santa Maria fazendo esta **grande**

cobertura diretamente de Santa Maria para todo o Brasil” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2001).

Destacar os modos com que o dispositivo realiza o seu trabalho é uma forma de valorizar o acontecimento e de mostrar ao telespectador que o campo religioso está preocupado em midiaticizar a Romaria a partir de formatos e de estratégias próprias da mídia.

A transmissão encerra-se com 2h e 48 minutos, sem a mediação do apresentador, pois apenas ouve-se o áudio local do ritual da Romaria enquanto fragmento de real. Ouvem-se as pessoas cantando e vê-se a imagem dos romeiros saindo do Parque. Não há, dessa forma, um fechamento por parte da televisão e a midiaticização encerra-se com efeitos do real através de imagem e de sons captados do próprio ritual religioso.

A cerimônia religiosa possui marcas que são captadas pela televisão e que acabam construindo um sentido de finalização sem a voz direta do campo midiático. O próprio ritual religioso fornece elementos para o fechamento da midiaticização, em que o dispositivo é testemunha desses fatos, conferindo apenas registros. Nessas condições, a televisão estrutura o acontecimento, fazendo com que as simbólicas do religioso falem por si só.

Há uma subordinação das vozes dos campos sociais às imagens do ritual religioso. Mesmo que construam os sentidos em relação à Romaria, esse modelo de midiaticização não insere nenhuma imagem dos entrevistados quando de suas falas, havendo apenas geração do áudio. Esses modos de operar do dispositivo fazem com que a transmissão direta seja uma espécie de transmissão radiofônica, uma produção televisiva restrita ao *off*.

Nesse formato, observa-se que o representante do campo midiático não conduz a cerimônia de forma isolada, pois se apóia sobre a articulação de discursos de outros campos sociais, como o religioso, o político e o cultural, para a construção dos sentidos da Romaria. A Rede Vida cobre a *feira* através de imagens dos rituais e insere falas dos agentes desses campos sem lançar mão de algumas estratégias midiáticas que fazem parte da *gramática* televisiva, como o *close* e o plano americano em quem está sendo entrevistado.

Nota-se que as imagens do próprio acontecimento são aspectos centrais nessa cobertura, no qual as vozes dos campos sociais que constituem a cerimônia midiática são

subordinadas a esse modelo de transmissão em *off*. Em função disso, os representantes dos campos têm voz, mas uma espécie de corporeidade relativa.

Nem mesmo aparece a imagem do apresentador, figura central numa transmissão midiática, em que suas falas limitam-se ao áudio que cobre as imagens. A figura do apresentador se parece mais com a de um locutor de rádio, já que sua imagem não aparece em nenhuma das falas produzidas ao longo da transmissão.

Os rituais que integram a Romaria produzem simbólicas consideradas pelo dispositivo televisivo quase que suficientes para expressar a cerimônia midiática, pois não há inserção de imagens que mostrem os especialistas dos campos no momento em que produzem suas falas. Nesse modelo de midiatização, as falas são subordinadas às imagens, ou apenas o seu pano de fundo.

A seguir, a descrição do modelo 2, quando emergem imagens dos representantes dos campos sociais, no formato da transmissão de 2002.

4.2 Modelo 2: Emergência de imagens

Diferentemente do ano anterior em que houve uma cooperação com a emissora local para produção e exibição de reportagens gravadas antes do ‘ao vivo’, em 2002, a transmissão direta foi realizada apenas pela Rede Vida. Porém, novamente, a emissora conta com um profissional santa-mariense que trabalha na Rádio Medianeira para cumprir a função de apresentador. A Rede Vida não se agrupa a outro dispositivo televisivo, mais captura para si um representante do campo midiático local como estratégia de compensar a sua falta de domínio sobre o contexto em que está operando.

A equipe técnica é comandada pela Rede Vida de São Paulo. Para tanto, aluga alguns equipamentos e desloca outros de sua sede. A transmissão, a exemplo do ano anterior, disponibiliza nove câmeras: uma que cobre a saída da procissão e oito móveis ou fixas no

Parque da Medianeira que captam as imagens da chegada do quadro de Medianeira, dos devotos que participam da caminhada e ainda cobre a missa. **Abaixo, um resumo das operações desse modelo.**

| |
|--|
| Elementos integrantes da transmissão: |
| 1 apresentador (mídia radiofônica local) |
| 1 comentarista (campo religioso local) |
| 6 entrevistados na transmissão direta |
| Vozes dos campos religioso (Dom Ivo, Pe. Walmir (<i>off</i>), Pe. Enio; Dom Dadeus); político (deputado Farret (duas vezes); cultural (empresário e historiador João Trevisan (<i>off</i>)); |
| Patrocinadores: Governo do Estado, Unimed, Planalto e Mercúrio |

QUADRO 3 - Elementos da transmissão do modelo 2

Em 2002, a midiática se realiza com patrocinadores formais que ganham destaque nas chamadas comerciais que antecedem a transmissão ‘ao vivo’ e que foram ao ar na semana anterior por cerca de 50 vezes.

A cerimônia midiática é preparada pela televisão através da inserção de chamadas publicitárias nos dias que antecedem a *feira*. A transmissão ‘ao vivo’ é anunciada com antecedência para que os receptores possam se preparar, o que é um dos modos de constituição do acontecimento midiático.

Durante a transmissão direta, que dura duas horas e 50 minutos, os patrocinadores - duas empresas locais de transporte, Mercúrio e Planalto, o plano de saúde gaúcho Unimed e o Governo do Estado através da Secretaria de Turismo - são citados 7 vezes pelo apresentador. Além disso, há uma visibilidade mais evidente através das logomarcas dos anunciantes, que aparecem cinco vezes na tela. Fazem-se referências também a apoiadores locais, como restaurantes e empresas de som.

Os anunciantes, a partir de 2002, passam a co-integrar a cerimônia midiática de forma oficial, em que o patrocínio passa a ser um importante aspecto da midiaticização da Romaria, ganhando destaque durante a transmissão direta. Fatores de ordem econômica que fazem parte da *ante-sala* e que são engendrados para que a Romaria se efetive têm ressonâncias no momento da midiaticização, especialmente o trabalho de empresas locais que co-gestionam o evento ou de empresas que cobrem os custos para que a *festa* seja televisionada.

A transmissão inicia-se com a fala em *off* do apresentador e imagens da procissão mostrando as pessoas que se agrupam ao redor do quadro de Medianeira e, ao fundo, ouve-se o áudio local que orienta o ritual litúrgico. O apresentador fala sobre aspectos contextuais, como a localização de Santa Maria para que os telespectadores se inteirem do que está ocorrendo: “A Rede Vida de Televisão a partir desse momento passa a **falar diretamente do Rio Grande do Sul, da Santa Maria da Boca do Monte, cidade coração** do Rio Grande, distante aproximadamente 300 km da capital Porto Alegre. Santa Maria que abriga a **padroeira do Rio Grande do Sul,**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

A partir dessas falas, o apresentador procura colocar os telespectadores ‘por dentro’ do acontecimento a ser transmitido, destacando alguns fatores contextuais envolvidos, como a localização geográfica e a designação da cidade. Mostrar ‘o chão’ em que ocorre o acontecimento é um modo de explicar que ele não se realiza de forma pura e nem isolada, pois há uma série de elementos contextuais e culturais que também o constituem.

É atribuição do campo midiático contextualizar o acontecimento que será mostrado e também caracteriza-lo, informando a sua agenda, os rituais que serão desenvolvidos e uma noção básica de seu funcionamento. “**Sempre no segundo** domingo de novembro acontece a grande Romaria de Nossa Senhora Medianeira. (...) Essa Romaria, que **nesse momento começa a sair da Catedral Diocesana, no centro da cidade**, que percorrerá uma **distância de aproximadamente 3 quilômetros até o Altar Monumento**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ de 2002).

A cerimônia midiática é construída a partir de elementos constitutivos do próprio ritual religioso, do qual são captadas suas imagens que são cobertas pelas falas em *off*. Há uma

superposição das imagens da cerimônia religiosa sobre as falas do midiático, que suga, a partir de mecanismos próprios, algumas simbólicas dos rituais que está mostrando.

A exemplo do ano anterior, um religioso é uma espécie de comentarista que vai acompanhando a transmissão do início ao fim, explicando aspectos litúrgicos, como a imagem visitante, quem vai presidir a missa, o tema e o lema, e fatos que fazem parte do funcionamento dos rituais, como a organização e o trajeto da procissão, além de agendar a realização de rituais. “Este ano, **temos uma novidade no trajeto** da Romaria. (...) **os telespectadores vão acompanhar**, vai **seguir reto** a Rua Acampamento, rua central de Santa Maria, depois **descendo a avenida** Medianeira até aqui, o Parque da Medianeira, então onde acontecerá a **missa** principal da 59ª Romaria, **às 10h**” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). O representante do campo religioso didatiza as normas e as regras de funcionamento do ritual religioso para mostrar aos telespectadores que há uma ordem a ser seguida e que a Romaria tem as suas especificidades.

Por não dominar as lógicas de funcionamento do ritual religioso, o campo midiático agrega aos processos de construção do seu cerimonial as falas dos campos que têm competência para tal.

Aos nove minutos de transmissão, o apresentador e o comentarista silenciam e mostra-se o áudio local do ritual, por cinco minutos, sem interrupção. Passados 14 minutos do início da transmissão, o apresentador fala em *off* sobre aspectos gerais – a hora que iniciou a procissão e onde está a imagem de Medianeira, além de anunciar os telefones para contato e o site: “vamos lembrar ao telespectador do Brasil, ou mesmo de fora, pode **fazer seu registro pelo telefone**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ de 2002). Depois, são mostradas as imagens de Medianeira sobre o carro que a transporta e das pessoas que o circundam, que são cobertas pelo áudio do ritual litúrgico, retransmitido sem cortes ou edição por mais 6 minutos.

Há mais incidências de dispositivos sobre a transmissão ‘ao vivo’. A exemplo do ano anterior, disponibiliza-se e anuncia-se um número de telefone para o qual os telespectadores podem ligar e, ainda, há possibilidade de se acompanhar a Romaria pela internet. Esse caráter de *hiperdispositivos* constitui a complexidade com que o acontecimento é construído, pois

além dessas mídias tradicionais e de maior alcance, há ainda a co-determinação do sistema de som da *feira* que, muitas vezes, é apenas retransmitido pela televisão. Nessas condições, o atravessamento de operações de vários mecanismos e de distintos dispositivos midiáticos imprime à transmissão televisiva da Romaria um caráter de *hiperdispositivo*, em que, segundo conceito de Carlón (2004), o dispositivo televisivo articula-se a outros.

As ações integrantes do próprio cerimonial religioso dão conta de mostrar a incidência de dispositivos sobre o funcionamento dos rituais, detalhando os seus modos de operação e de organização. “Aqui da Catedral Diocesana nos despedindo, **passando para transmissão diretamente** do Altar Monumento. (...) Depois, **passaremos a ser dirigidos e acompanhados** a partir do Santuário Basílica” (Fala de um dos animadores/puxadores do ritual da procissão que é gerada da Catedral, sendo repassada pelo sistema de som da *feira* e retransmitida pela Rede Vida, na transmissão ‘ao vivo’ de 2002).

O ritual religioso é contaminado pelos dispositivos e os seus modos de funcionamento acabam sendo detalhados através de um sistema híbrido, em que o mesmo áudio é gerado pelo sistema de som que orienta quem está presencialmente no ritual e que também é retransmitido pela televisão, que atinge uma outra recepção. A *comunidade midiática* é referida pelo áudio da Rede Vida e, ainda, pelo som local: “Saudeiros a todos aqueles romeiros que **nos acompanham através dos meios de comunicação social**” (Fala de um dos animadores/puxadores do ritual da procissão que é gerada do Altar Monumento, sendo repassada pelo sistema de som da *feira* e retransmitida pela Rede Vida, na transmissão ‘ao vivo’ de 2002).

Esse complexo sistema de operação dos dispositivos faz com que haja atravessamentos, contaminações e co-determinações por parte de suas lógicas e processos. O áudio do processo de mediação funciona de forma alternada: ou acopla-se e associa-se ao som local, retransmitindo-o, ou gera um áudio próprio através de um microfone que está conectado à unidade externa. Quando a televisão apenas retransmite o áudio local da *feira*, ele é captado por uma linha conectada à mesa de som que centraliza a produção do áudio dos animadores e puxadores, seja repassando à Rádio Medianeira, ao sistema de som instalado no percurso da procissão ou à Rede Vida.

A exemplo do ano anterior, em 2002, antes da retransmissão sem cortes do áudio da missa foram entrevistados vários representantes do campo religioso que agregam à enunciação midiática sua competência para descrever, esmiuçar e detalhar o acontecimento.

Referir os antecedentes da Romaria é uma estratégia que integra o formato do *contrato discursivo*: “Medianeira foi proclamada **padroeira** do estado **do Rio Grande do Sul** a partir de um pedido dos bispos do estado em 25 de outubro de 1942” (Padre Walmir Piccinin, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Por meio dessa fala em *off*, o campo midiático acaba didatizando aspectos intrínsecos ao campo religioso, mostrando o *status* do acontecimento.

Além disso, a organização e os modos de funcionamento dos vários rituais que integram a *feira* são detalhados para dar visibilidade ao acontecimento, para mostrar que ele é maior que os fragmentos mostrados pela televisão e também como uma forma de legitimar as próprias ações do campo religioso. “**Refletimos** a partir da caminhada da CNBB, com o tema Maria Medianeira teus filhos passam fome e a **feira continua durante todo o dia**. É um dia de **oração, caminhada**, um dia de louvor também” (Padre Walmir Piccinin, na transmissão da Romaria de 2002). A fala do agente do campo religioso foca-se em aspectos religiosos, históricos e nos contornos que constituem o funcionamento do evento.

A exemplo do ano anterior, uma câmera está fixa no centro da cidade e as demais apenas nas proximidades e no Altar Monumento. Esse modo de organização técnica faz com que uma câmera alimente no início da midiatização a maior parte dos ângulos e enquadramentos. Por estar fixa num prédio, a câmera capta os movimentos da multidão, só que de cima, em mergulho. Raros são os momentos em que são mostrados os rostos dos romeiros e, como no início da Romaria chovia, muitas vezes, as tomadas captam apenas os guarda-chuvas, pois o ângulo não permite um enquadramento que mostre diretamente os fiéis.

Diferentemente do ano anterior em que todas as falas foram em *off*, na transmissão de 2002, a Rede Vida mostra as imagens de alguns dos entrevistados. Pela primeira vez, os representantes dos campos sociais ganham visibilidade midiática não só a partir de suas falas em *off*, mas com a associação de cenas da Romaria, de suas falas e de suas imagens. Nesse

sentido, a midiatização não é só construída com fragmentos dos rituais captados, mas também com as marcas simbólicas e a integralidade da corporeidade dos agentes dos campos.

A primeira imagem de um representante de campo é a de um religioso, num enquadramento em *take* fechado (reprodução abaixo). “Nós estamos aqui **com chuva, sem chuva** (...) e queremos fazer nossa **expressão de fé e religiosidade** (...). Está conosco a imagem querida de **Mãe de Deus**, que é padroeira de Porto Alegre (...). É um motivo a mais para rezar e compreender os **vários títulos que Nossa Senhora tem**”. (Bispo Dom Ivo Lorscheiter, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). O representante do campo religioso não se restringe em referir apenas aspectos do ritual, mas também fatores contextuais, como o fato de estar chovendo.

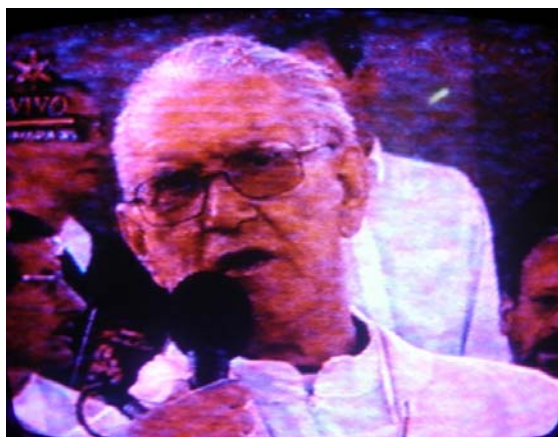


FIGURA 36 - Fragmento mostra emergência de imagens de agentes de campos

Mesmo que o dispositivo agora inclua não só a voz, mas também a imagem dos agentes dos campos, essa visibilidade não acontece durante toda a fala, pois as imagens do representante do campo religioso são mescladas a fragmentos dos rituais que estão sendo captados.

Outro agente do campo religioso é entrevistado por ser o responsável pela liturgia da Romaria, e ele faz referência a elementos que integram a cerimônia religiosa: “A **Igreja de Santa Maria** quer responder com um eco de resposta à opção que a Igreja do Brasil fez pelos **pobres**. Onde diz pelo lema desse ano - Mãe Medianeira teus filhos passam fome - queremos que a nossa **liturgia celebre essa realidade**” (Padre Enio Rigo, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Em sua fala, o religioso destaca o evento regional inserindo-o na temática

nacional lançada pela CNBB como forma de mostrar as ações locais para o telespectador em todo o Brasil.

O religioso é convidado pelo *mestre de cerimônias* para que a sua voz como especialista de campo possa ser agregada à cerimônia midiática, que decorre de marcas e de lógicas próprias da midiaticização e também de simbólicas de outros campos. A imagem do religioso também é mostrada a exemplo do enquadramento construído anteriormente. Disso decorre que a forte presença dos especialistas do campo religioso faz com que eles sejam co-apresentadores da cerimônia midiática.

Após essas agregações de falas dos campos religioso e midiático, o áudio local prevalece sem cortes por oito minutos cobrindo as imagens do povo que caminha em procissão (com ângulos em *take* fechado e em *mergulho*), dos prédios da cidade, da procissão como um todo, de religiosos. A cerimônia midiática mostra a hierarquia do ritual religioso, intercalando tomadas de agentes dos campos religioso e político, que seguem próximo à imagem de Medianeira, com fragmentos dos rituais.

A exemplo do que foi observado em relação ao *Modelo 1*, em 2002, o apresentador e o comentarista procuram didatizar o funcionamento dos rituais religiosos, detalhando as suas normas através de explicação sobre as imagens: “**Neste momento**, padre Sílvio, acreditamos que **a imagem já percorre** o acesso da avenida Medianeira” (...) Aí nós temos parte, estamos **visualizando ainda a rua do Acampamento**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002); “Exatamente, **são imagens ainda** da rua do Acampamento” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002); **Neste momento**, a imagem de Nossa Senhora Medianeira e os romeiros que a acompanham **estão chegando** aqui na Basílica, **é isso** padre Sílvio? (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002)

As falas do especialista e do *mestre da cerimônia* midiática se remetem às imagens para explicar e detalhar alguns localizadores geográficos, em que esses espaços são determinantes na construção dos sentidos sobre a *feira*. O apresentador sempre recorre à fala do especialista para agregar ou confirmar alguma explicação que dê sobre o funcionamento dos rituais.

Questões relativas ao espaço e ao tempo são centrais na ocorrência da Romaria, o que se reflete na cerimônia midiática. Observa-se que as falas denotam uma expectativa em relação ao tempo – à chegada da imagem para que a missa seja iniciada e não ocorra atrasos na transmissão – e também ao espaço por onde a procissão passa, as ruas – do centro da cidade ao Altar Monumento.

Nesse sentido, um elemento de tensão na midiática da Romaria é a imprevisibilidade, já que o ritual da procissão precede a missa, que tem hora marcada para iniciar, mas não há garantias de que isso ocorra. Como foi mostrado anteriormente, o campo religioso mudou, em 2002, o contexto espacial da *feira*, através de alteração no trajeto da procissão e a Brigada Militar mudou sua atuação nos modos de organizar o ritual da procissão como estratégias de amenizar a tensão relativa ao horário de chegada e de início da missa.

Entretanto, mesmo mudando os modos de organização de seus rituais, lançando mão dessas estratégias, a imprevisibilidade persiste: “**Imaginamos** que ela (imagem) esteja **chegando**, descendo, porque **é um trajeto longo**, esse da Avenida Medianeira. **É o maior** (...) até o Parque da Medianeira” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Para compensar a falta de informações sobre a fluidez da procissão, o representante do campo religioso que comenta os rituais, faz suposições (‘imaginamos’) e já justifica de antemão um possível atraso (‘trajeto longo’).

A questão da imprevisibilidade acaba integrando o próprio ritual religioso, pois durante o ato da missa, em sermão, o bispo faz referência à questão do tempo: “Nossa Senhora **se atrasou**” (Dom Dadeus Grings, em sermão da Romaria de 2002, quando da retransmissão do áudio local por parte da transmissão ‘ao vivo’ da Rede Vida). Nota-se que há um horário agendado para serem executados os rituais, mas não há garantias de que ele vai ser cumprido.

Neste modelo de midiática, durante a procissão, o áudio do ritual litúrgico é retransmitido e cobre uma série de enquadramentos que se alternam e se mesclam ao som: imagem de perto de pessoas caminhando, imagem geral do Parque da Medianeira, *take* fechado nos cantores e animadores/puxadores, *zoom* na imagem de Medianeira e na de Mãe de Deus, *zoom* em crianças vestidas de anjo, imagem geral das barracas dos camelôs

circundadas pelos romeiros, imagem da chegada do quadro e das autoridades que puxam a procissão.

Mesmo que o áudio sempre refira o ritual litúrgico, as imagens, muitas vezes, não possuem apenas simbólicas do campo religioso, pois as operações *tecno-simbólicas* do dispositivo tratam de construir enlaçamentos, enquanto associações, entre rituais de distintas culturas e realidades. Receptores têm suas imagens vinculadas não só a Medianeira, mas também aos camelôs; Medianeira tem sua imagem relacionada a agentes dos campos religioso, mas também do político. Nesse sentido, o dispositivo midiático trata de mesclar o *sagrado* e o *profano* por meio de enquadramentos, pontos de vista, cortes e edições.

Passados 51 minutos de transmissão, o apresentador faz uma nova fala para anunciar os patrocinadores e entrevistar, a exemplo do ano anterior, o empresário e historiador que participou da comissão de construção do Santuário, que fala sobre a história e devoção à Medianeira. “Padre Ignácio Valle foi o **grande incentivador** da fé em Medianeira” (Empresário e historiador João Trevisan, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

O ritual litúrgico é mostrado por mais cinco minutos e quando se passa 1 hora de transmissão, os anunciantes são, novamente, mencionados. “Rede Vida de Televisão acompanhando a 59ª romaria (...) **com patrocínio do** Governo do Estado do RS através do Banrisul e Secretaria de Turismo do RS, Expresso Mercúrio e Planalto Transportes. Os nossos agradecimentos também ao deputado estadual doutor José Haidar Farret, deputado estadual Ivar Pavan, ao Restaurante Vera Cruz (...). O doutor José Haidar Farret, **deputado estadual reeleito** agora neste último pleito **foi quem viabilizou a transmissão da Rede Vida para todo o território nacional**. Bom dia, doutor” (Apresentador Norton Cezar na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Tratando-se de um apoiador, a exemplo do ano anterior, o político ganha destaque singular no processo de midiaticização por ter ‘viabilizado a transmissão’, sendo entrevistado no ápice da celebração, momento em que a imagem de Medianeira chega ao Altar Monumento.

Como a fala do político é em *off*, por alguns instantes o dispositivo mescla marcas de simbólicas do *sagrado* com o *profano*, em que a imagem de Medianeira é coberta pelo *off* do político. Disso resulta que o dispositivo cobre a chegada da padroeira, mas o faz com a fala do

político, de modo que os telespectadores vêem um enquadramento singular: a imagem de Medianeira, mas com o *off* de um agente do campo político.

“É uma satisfação estar aqui representando a Assembléia Legislativa numa romaria que **desde os 12 anos eu participo**. Sem dúvida alguma, se eu ajudei e **ajudarei sempre** é porque é o maior evento religioso do sul do país” (...)“Aqui sem dúvida alguma é **um momento de fé**, de religiosidade neste ano onde se coloca a **fome** como tema principal (...). Nós **queremos nos parabenizar e pedir a Deus e Nossa Senhora Medianeira** que auxiliem esse país e esse estado” (Deputado José Haidar Farret, na transmissão da Romaria de 2002). Nesse momento, o dispositivo midiático engendra o acontecimento de uma forma específica e faz com que a voz do político mescle marcas discursivas não só de seu campo, mas também do religioso (‘pedir a Deus’) e do sócio-cultural (‘fome’).

Há espécies de estruturas ‘cativas’ na transmissão pela Rede Vida. Insere-se na cerimônia midiática as mesmas vozes de agentes de campos que têm um lugar pré-determinado dentro da estrutura e do formato de midiatização.

O único representante dos patrocinadores a ser entrevistado é o político, já que os outros ganharam referência apenas através da fala do apresentador e do comentarista do campo religioso. Constitui-se em estratégia singular dar ao político espaço para que tenha visibilidade não só como representante do campo político que conseguiu recursos financeiros para a midiatização, mas também como devoto. Para o apoiador, a visibilidade proporcionada pelo dispositivo é singular na medida em que aproveita o momento para auto-referir-se, exaltando o fato de ter colaborado para que a transmissão se efetivasse.

O cerimonial midiático é organizado de tal forma que o representante do campo político sobressai-se em relação aos aspectos centrais que estão sendo celebrados – a chegada daquela que é festejada, Medianeira. É nessas condições que a cerimônia midiática capta simbólicas dos rituais que está mostrando, mas, a partir de lógicas e *gramáticas* próprias, faz com que essas marcas sejam misturadas, associadas e divididas com outras. A concessão de espaço midiático está diretamente relacionada à questão financeira, em que ganha visibilidade o patrocinador ou aquele que articula e consegue recursos para que a transmissão televisiva aconteça.

Ao dar visibilidade a um representante do campo político justamente num dos momentos de mais destaque da cerimônia religiosa, o dispositivo televisivo está demonstrando o que também avalia como aspecto central na midiatização: a questão dos aportes financeiros e das ações desenvolvidas na *ante-sala* para que a transmissão ‘ao vivo’ se realize.

Nesse sentido, a televisão determina os vários modos de engendrar o acontecimento seja selecionando, angulando, editando, cortando ou destacando. É por meio de operações realizadas por seu aparato técnico-significante, que a Rede Vida não só mescla as vozes dos campos sociais que co-determinam a Romaria, mas também promove disputas simbólicas através de tensões, quando dividem visibilidade a principal personagem da cerimônia religiosa, a imagem de Medianeira, e a fala do representante do campo político.

O dispositivo televisivo não dá só visibilidade ao campo político, mas também legitima a sua fala. Quem abre o ritual litúrgico da missa não é um representante do campo religioso, mas sim do político (foto abaixo, à esquerda), pois logo após sua fala o apresentador agradece e, em seguida, a televisão passa a retransmitir apenas o áudio local, não havendo até o final da missa novas falas do campo midiático ou mesmo outras orquestradas diretamente pelo apresentador. **“Obrigado, deputado estadual José Haidar Farret, vamos acompanhar a imagem que chegou neste momento no Altar Monumento”** (Apresentador Norton Cezar, na transmissão da Romaria de 2002).



FIGURA 37 - Agente político co-produz a midiatização e um fragmento da missa

A cerimônia é comunitária e só se realiza em função de um conjunto de ações convergentes, como foi mostrado anteriormente quando da descrição da *ante-sala*. Entretanto,

a cerimônia midiática é tecida e estruturada pelo dispositivo que dá direito e voz ao campo político, que embora tenha uma hierarquia menor na constituição da *feira*, se faz presente de forma destacada.

Se durante a *ante-sala*, as ações de campos convergem para a preparação da Romaria, no momento da midiaticização cada um tenta vender a sua própria simbólica, não havendo mais um objetivo comum, mas específico a cada campo.

Como foi discutido na 1ª Parte, mesmo que na Romaria o ritual religioso seja dominante sobre temas de outros campos sociais, há diálogos e também tensões em alguns momentos entre eles. Ao inserir ‘ao vivo’ o áudio do político ao invés daquele do ritual ou mesmo o de um religioso, e ao combinar as imagens dos rituais religiosos à fala do político, a Rede Vida está operando num momento de tensão, já que essas simbólicas disputam efeitos de sentidos. Depois da fala do político, mostram-se imagens do ato de realização da missa (reprodução acima, à direita) por 1 hora e 30 minutos.

A exemplo do ano anterior, em 2002, mostrou-se quase todo o trajeto da procissão, em que o apresentador intervém apenas para dar alguma informação mais contextual e chama a autoridade do especialista para explicar o ritual religioso, numa co-produção. Já durante a missa, não há fala do apresentador e a televisão mescla imagens próprias em enquadramentos distintos com o áudio local do ritual, quando ângulos em que a cerimônia religiosa é mostrada são determinados pelo posicionamento das 8 câmeras. Elaborou-se um diagrama para ilustrar alguns dos mecanismos que integram a complexidade do dispositivo.

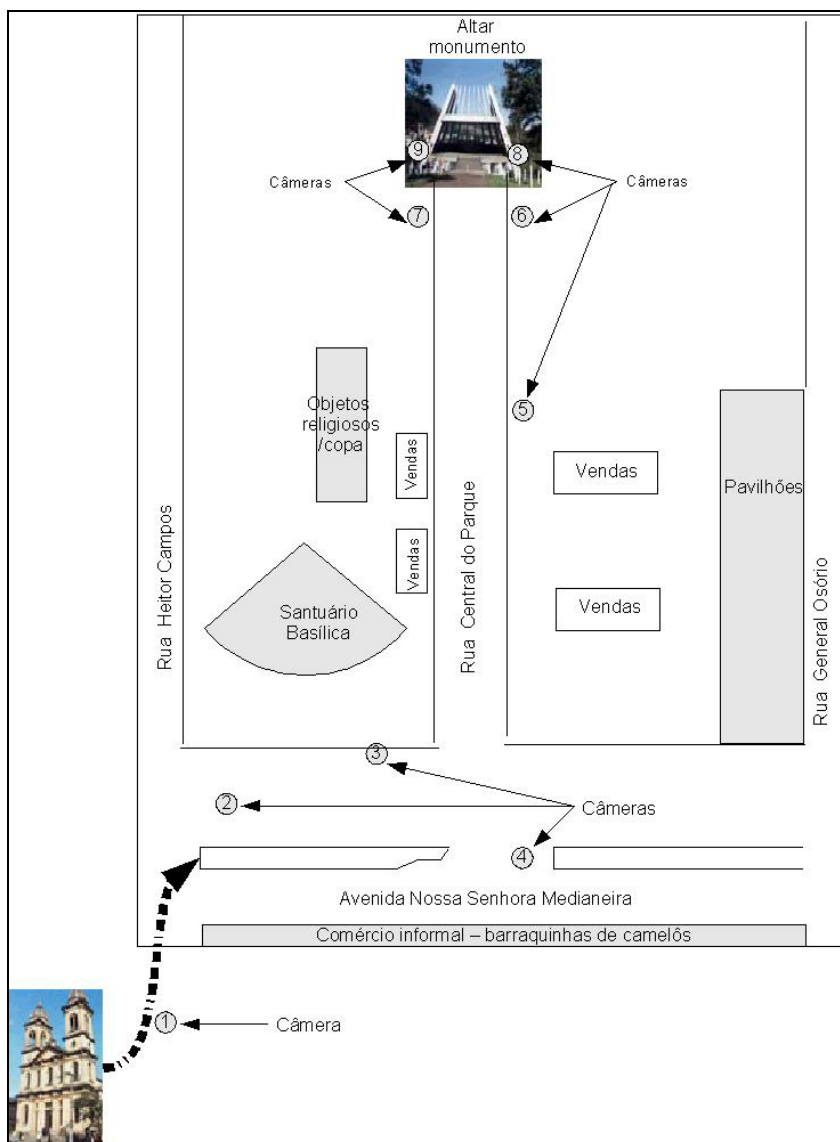


FIGURA 38 - Mecanismos da transmissão do Modelo 2

Como no modelo anterior, durante a procissão uma câmera está fixa (1) em um prédio localizado no centro de Santa Maria, na rua do Acampamento, captando os rituais da saída da imagem da Catedral e parte do percurso da procissão. A cerca de 500 metros do Santuário da Medianeira, duas câmeras (2 e 3) de ombro (móveis) captam fragmentos da procissão e fazem enquadramentos nas autoridades que caminham próximo ao quadro de Medianeira, deslocando-se neste espaço. Uma câmera fixa (4) capta o momento em que as pessoas ingressam na entrada do Parque. A cerca de 100 metros da entrada do Parque, uma câmera fixa (5) está posicionada do lado direito da rua central e mais abaixo, a cerca de 15 metros do Altar Monumento, há duas câmeras fixas (6 e 7), uma de cada lado. Por fim, em cima do Altar

Monumento, junto ao lugar onde acontece a missa, estão duas câmeras de ombro (8 e 9) que movimentam-se sobre o altar.

A missa é mostrada através de ângulos gerados por oito câmeras, pois apenas uma está localizada fora das imediações do Parque da Medianeira. Durante o ritual religioso, há vários enquadramentos que se alternam e as imagens são mescladas ao áudio produzido pela equipe litúrgica: tomada em *take* aberto do público que ocupa o Parque; *zoom* no quadro de Medianeira, nos religiosos, nos cantores e naqueles que fazem a liturgia; *takes* fechados em aspectos da multidão, como de crianças vestidas de anjo e idosos; imagem geral dos morros que circundam o Altar Monumento; imagem em plano fechado naqueles que dramatizam alguma passagem do ritual religioso; *zoom* em aspectos do ritual religioso, como sermão, comunhão, leituras e bênção final.

Por retransmitir o áudio local durante a missa, agentes do campo religioso avaliam que esse tipo de formato de midiaticização favorece a exibição de aspectos litúrgicos e das simbólicas do sagrado. “A idéia era sempre **mostrar as rezas** porque uma experiência que a gente tem nesses eventos é que quem vai escutar pelo rádio (...) ou **quem tá olhando quer acompanhar as rezas**”¹⁴⁷.

Para o campo religioso, os rituais devem ser apenas mostrados como estratégia para compensar a não presencialidade de seus públicos. Porém, não é levado em conta o fato de haver um dispositivo que engendre uma outra cerimônia a partir de suas regras e também através de atravessamentos e de co-determinações de outros dispositivos.

Mesmo engendrando a Romaria à sua maneira, as vozes do campo da recepção são levadas em conta nos modos de organizar a cerimônia midiática, em que o dispositivo midiático preserva alguns elementos do ritual litúrgico para que o telespectador possa vivenciar simbolicamente o ‘estar junto’ e compartilhar do momento religioso.

Ainda que utilize o campo midiático para ter visibilidade, mantendo-se conectado aos seus públicos, e também legitimidade, ressaltando as suas marcas e regras constitutivas, o

¹⁴⁷ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese, em entrevista concedida à autora, no dia 13 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

campo religioso quer também preservar o seu discurso, a sua *simbólica formal*, no sentido dado por Rodrigues (2000). Ou seja, suas características próprias, representada através dos seus paramentos, as vestes, a gestualidade, os símbolos e das suas marcas próprias. Para isso, crê que quando o dispositivo midiático mostra a missa a partir do áudio local o campo religioso está mostrando a sua simbólica específica através dos rituais, dos símbolos visíveis e fortes, como os objetos sacros, as vestes, as orações, os hinos, a imagem de Medianeira. Entretanto, o dispositivo engendra através dos processos de midiatização e com base em suas lógicas e cerimoniais próprios uma outra Romaria que mescla simbólicas de vários campos.

Diferentemente do ano anterior, quando a transmissão foi encerrada antes da finalização dos rituais religiosos, em 2002, ao final da missa, são realizadas entrevistas por oito minutos com representantes dos campos religioso e político. O arcebispo que presidiu a missa, é o primeiro a ser ouvido e faz referência à devoção, às condições do tempo e ao tema. “É surpresa de ver **tanta gente** que participou aqui **apesar do tempo** que parecia tão **chuvoso** (...) para pensar na **fome e miséria** que existe no Brasil” (Dom Dadeus Grings, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). O religioso é a maior autoridade do seu campo presente no evento, por isso é entrevistado e sua imagem aparece durante a fala, mesclando-se com uma tomada geral do povo que se retira do local.

Para representantes do campo religioso, a transmissão televisiva possibilita que a *comunidade midiática*, mesmo que reunida de forma circunstancial e efêmera, participe dos rituais da Romaria mesmo não estando, presencialmente. “Queremos agradecer a TV Vida por esse imenso **apostolado** que realizou mais uma vez **para todas as famílias do Brasil. Todos** puderam rezar conosco” (Bispo Dom Ivo Lorscheiter, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Nesse contexto, o religioso refere-se à midiatização como algo positivo, que proporciona a presença dos preceitos e dos rituais religiosos em vários lugares ao mesmo tempo. Para ele, a *comunidade midiática* é um produto da midiatização, que possibilita um alcance maior por parte dos rituais religiosos.

Observa-se que os processos midiáticos são avaliados pelo campo religioso como uma estratégia singular de conquista de novos públicos que são atingidos por essa outra forma de fazer religião. O dispositivo chancela algumas ações do religioso, tendo o poder de alcançar telespectadores em todo o Brasil e de dar visibilidade a um fenômeno regional. Para tanto, são

necessários recursos e esses processos de visibilização e legitimação só são concretizados porque há patrocinadores que são referidos reiteradas vezes para reafirmar a importância que representam para a midiáticação. “(...) Norton, **você já agradeceu**, mas vou fazer **mais uma vez**, pois eles (patrocinadores) **ajudaram a viabilizar a transmissão**, levando para o **Brasil**, mais uma vez, **esse momento de fé aqui em Santa Maria** pela Rede Vida de Televisão”. (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

As operações desenvolvidas pelo dispositivo *tecno-simbólico* não só mostram o acontecimento religioso regional a todo o Brasil, dando-lhe visibilidade, como também, legitimam ações intrínsecas ao campo religioso, como a questão devocional e a pregação. É, portanto, por meio de processos midiáticos que o campo religioso legitima alguns de seus rituais.

O telespectador que acompanha a Romaria, via processos de midiáticação, é também referido pelo apresentador que agradece a audiência: “Nossos agradecimentos a **vocês que nos honram com audiência** em todo o território nacional”; “O nosso agradecimento mais uma vez a **todo o povo brasileiro**, a você que faz parte da família brasileira” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

Nesse sentido, o receptor é também mencionado como um agente executor de ações preparatórias e que são detalhadas ao final da transmissão. O representante do campo religioso refere algumas ações que acontecem na *ante-sala* para que a *festa* se efetive, destacando o papel dos receptores, fiéis e voluntários que desenvolvem mecanismos auxiliares para a concretização da cerimônia religiosa. “Existe uma **campanha** e muitas pessoas colaboram **dois meses antes da romaria** com gêneros alimentícios (...) É um grande **mutirão de solidariedade para a realização desta Romaria**” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

Detalhar algumas ações realizadas na *ante-sala* é uma estratégia singular para dar visibilidade à *festa* que é religiosa, mas também comunitária. O dispositivo midiático mescla elementos do *sagrado* e do *profano*, nos quais suas simbólicas aparecem juntas, contaminando-se, e refere-se que há eventos paralelos ao que está mostrando, mas que eles não serão captados pela televisão. “Queremos lembrar que a festa da 59^a Romaria de

Medianeira continua **durante todo o dia** de hoje. Nós temos aqui uma grande praça de alimentação e já sentimos **durante a missa o aroma do churrasco gaúcho**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Há fragmentos de real que o dispositivo não capta, mas refere e admite que algo sobra e que não pode mostrar tudo.

O último entrevistado da transmissão é um representante do campo político que já havia falado anteriormente em *off*: “O deputado estadual José Haidar Farret que **viabilizou essa transmissão** da Rede Vida nesta 59^a edição e que é um **devoto** de Nossa Senhora de Medianeira e nós queremos perguntar” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Novamente, a voz do representante do campo político é inserida na midiaticização como forma de retribuição do trabalho de captação de recursos desenvolvido por ele na *ante-sala*. O dispositivo faz essa operação por meio de interdiscursividades, em que a figura do representante político é mesclada à ‘condição’ de devoto.

Nessa fala final, o dispositivo enquadra em plano americano a imagem do político, que elogia os organizadores da Romaria e os fiéis, destacando o seu papel como romeiro. “**Quero me parabenizar com todos os romeiros** por esta belíssima Romaria de fé, cujo tema efetivamente mexe com a consciência de cada um pra que **possamos combater a fome, a miséria**”. (Deputado José Haidar Farret, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). O trabalho do dispositivo faz com que a fala do político seja colocada na condição de fiel para vincular sua participação na Romaria como devoto, fazendo uso de estratégias discursivas que o identifiquem como integrante do campo da recepção e não só como político.

Nos instantes finais da transmissão, observa-se um cruzamento de operações de campos – midiático, religioso, econômico, político e cultural – que a partir de suas marcas específicas e também de outros campos fazem com que a cerimônia midiática seja atravessada por um conjunto de simbólicas. Disso decorre que o acontecimento é complexo e a forma com que é construído denota que possui simbólicas do midiático, do religioso e também de outros campos.

Por meio de operações técnicas e discursivas, a televisão produz distintos modos de ser e de constituir a Romaria. Através de ações dos processos de midiaticização, o acontecimento religioso passa a carregar marcas que o tornam mais heterogêneo, sendo

perpassado por valores, rituais e simbólicas diversas que são engendradas e construídas pelo dispositivo midiático.

As várias vozes presentes mostram que a Romaria é perpassada por fatores de outras ordens que não só da sua principal gestão. Se a cerimônia religiosa é complexa, a sua midiáticação é polifônica, pois através desses processos dá visibilidade e promove relações entre os campos político, econômico e cultural.

Em 2002, a midiáticação não fica centrada na transmissão em *off*, havendo uma emergência de imagens dos agentes dos campos sociais que antes participavam apenas através de suas falas em *off*. Se aparecem as imagens dos representantes dos campos que co-determinam a construção da cerimônia midiática, o mesmo não ocorre com o *mestre da cerimônia*, em que aparece apenas numa tomada indireta.

Não é mostrada a imagem do apresentador, figura central numa transmissão midiática, fazendo com que ele desempenhe seu papel de *mestre da cerimônia* midiática apenas através das falas em *off*, o mesmo ocorrendo com o especialista do campo religioso. Ainda que exerça um papel de comentarista detalhando os rituais, a imagem do especialista do campo religioso não é mostrada, cabendo-lhe apenas a função de explicar as imagens que o dispositivo angula, enquadra e edita.

A ênfase desse modelo está em estruturar a conversação entre os representantes dos campos dando-lhes uma certa corporeidade. Esse modo de midiaticar destaca o *off* dos atores midiáticos, mesclando o áudio com as imagens que emanam, são captadas e selecionadas, dos rituais. A imagem sacra predomina em relação ao trabalho exercido pelo *mestre de cerimônias*, que trata de promover diálogos entre as vozes dos campos sociais.

Esse formato de transmissão faz com que algumas simbólicas dos rituais religiosos sejam preservadas em partes, já que em determinados momentos, como durante a realização do ato litúrgico da missa, a televisão opera a sua cerimônia de forma mais distante, lançando mão de poucas estratégias midiáticas.

Integram esse modelo, as estratégias de referir o trabalho da midiáticação e de seu dispositivos para que a televisão seja vista como testemunha do acontecimento e também para

dizer que tem competência para realizar essa tarefa. “**Neste momento**, estamos ali porque a Rede Vida de Televisão **acompanha através de uma câmera** a imagem de Nossa Senhora Medianeira. **Estamos na rua** do Acampamento” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

O dispositivo televisivo enuncia que está presente no acontecimento através de seus recursos e de seu aparato sócio-técnico como estratégia de dizer ao receptor que tem autoridade e competência para compensar a sua não presencialidade no contexto através do acompanhamento de todos os detalhes da cerimônia.

Nesse sentido, o próprio trabalho de midiática é celebrado pelo cerimonial midiático e misturado às vozes dos campos da recepção, do religioso e do midiático através de seu corpo técnico: “Bom dia telespectadores, **um bom dia especial ao Jorge Cunha, que coordena a transmissão**. Uma boa Romaria a todos os telespectadores do Brasil, que **Nossa Senhora Medianeira abençoe todos os telespectadores** e também a todos os participantes dessa 59ª Romaria” (Padre Sílvio Weber, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002). Os mídias convertem-se também em atores que estão aí para serem celebrados.

Quem celebra o midiático não é o *mestre da cerimônia*, mas o representante do campo religioso que durante toda a transmissão está ‘colado’ ao apresentador. O campo religioso celebra esse novo modo de fazer religião, destacando os profissionais que operam o dispositivo ou fazendo uso de seu próprio discurso para atingir a recepção.

Mesmo que durante a midiática o representante religioso faça uso de sua autoridade para abençoar os telespectadores, neste modelo de midiática quem finaliza a transmissão é o *mestre de cerimônias*, que dá a ‘sua bênção’: “Que Nossa Senhora Medianeira **abençoe a todos**. Um bom domingo, um bom início de semana e até a próxima oportunidade, **se Deus quiser**” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2002).

No fechamento da cerimônia televisiva, a bênção não é mais dada pelo representante do campo religioso, mas pela mídia. Essa ‘bênção midiática’ mostra a crescente presença da televisão na constituição da Romaria, que passa a sofrer injunções desses dispositivos.

Se durante a transmissão, o dispositivo captura elementos e marcas dos rituais que mostra, mesclando-as a outras simbólicas, seja dos campos auxiliares ou a suas próprias lógicas, quem encerra a midiaticização é a fala midiática por meio de marcas do religioso.

No momento final, o apresentador faz nova referência aos patrocinadores, encerrando a transmissão direta após 2h40 e vinculando suas marcas ao acontecimento.

4.3 Modelo 3: Procissão de 1 minuto

A partir de 2003, a estrutura muda e o tempo de transmissão também, sendo reduzido em uma hora e ficando em direto uma hora e 50 minutos, limitando-se à transmissão ‘ao vivo’ apenas da chegada da procissão e da missa. **Abaixo, um resumo das operações do modelo 3.**

| Elementos integrantes da transmissão: |
|--|
| 2 boletins ‘gravados’ e inseridos antes do ‘ao vivo’ (Repórter da Rede Vida) |
| 1 boletim ‘gravado’ e inserido durante o ‘ao vivo’ (Repórter da UFSM) |
| 1 apresentador (mídia radiofônica local) |
| 1 repórter ‘ao vivo’ |
| 2 entrevistados em boletins inseridos antes do ‘ao vivo’ |
| 4 entrevistados na transmissão direta |
| Voices dos campos religioso (padre Francisco (em boletim ‘gravado’ e inserido antes); Nuncio Dom Lorenço ; padre Enio; Dom Ivo; Dom Jacinto); político (Farret (em boletim ‘gravado’ e inserido antes)); |
| Patrocinadores: Governo do Estado, Planalto, Mercúrio e Unimed SM |

QUADRO 4 - Elementos da transmissão do modelo 3

O tempo de visibilidade de alguns rituais do campo religioso é reduzido e a procissão, que se realiza num espaço de tempo de uma hora e 30 minutos, é resumida a um registro de um minuto. Uma parte da cerimônia religiosa deixa de ser importante para a midiática e é fragmentada, cortada e apagada. Esse fato reduz a perspectiva de o ritual da procissão ser um acontecimento midiático, pois não é mais mostrado ‘ao vivo’, passando a ser considerado apenas um dado que merece um registro noticioso.

Conforme dito no início desta Parte, a redução é definida por questões financeiras e pela lógica do dispositivo televisivo que obrigam o acontecimento a adequar-se à temporalidade midiática. Nesse modelo, a missa é o único ritual da Romaria que sobrevive ao novo formato de transmissão porque é um espetáculo singular, sintetizando uma parte do religioso. Por representar o ápice da Romaria, a celebração da missa permanece como único acontecimento midiático que merece ser mostrado.

Nesta transição, mudam as regras e os modos de midiaticizar o acontecimento: diminui-se o tempo, cortando-se parte dos rituais da Romaria; o estúdio da Rede Vida de Porto Alegre passa a fazer os contatos e acordos publicitários, além de negociar diretamente com a sede da emissora o processo de preparação da midiática. Nos modelos anteriores, tanto a negociação para a midiática quanto a busca de patrocinadores eram tarefas executadas por representantes locais do campo religioso em conjunto com a sede da emissora.

A partir de 2003, a transmissão passa a ter seis câmeras e os profissionais não são mais da Rede Vida paulista, mas sim do estúdio gaúcho: há dois jornalistas, um repórter e um diretor.

A Casa Blanca de São Paulo tem o *link* de satélite, locamos a Unidade da Start Vídeo, uma produtora nova, que **cobrou mais barato que TV UFSM e TVE**, pois quer firmar-se no mercado gaúcho e fazer eventos fortes, para que a imagem suba até S. José do Rio Preto. É tudo feito lá, pois **a Rede Vida não abre espaços locais, tudo é nacional**. Geramos daqui em rede nacional sem espaço segmentado”¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, véspera da Romaria, Santa Maria, RS.

A questão financeira é determinante quando se trata de formular uma concepção do processo de midiaticização a partir de negociações travadas pela Rede Vida e Diocese de Santa Maria. Mesmo que a midiaticização seja produzida por uma equipe gaúcha, a emissora opera em âmbito nacional e, portanto, o papel decisório não é exercido por alguém que esteja no contexto do acontecimento, mas sim na sede da emissora.

Neste ano, o processo de midiaticização é misto, pois a transmissão direta mescla imagens e falas ‘ao vivo’ com um registro ‘gravado’ e que é inserido após a primeira entrada como parte da cobertura direta. Antes da entrada ‘ao vivo’, são inseridos dois boletins durante a manhã, às 7h55 e às 8h50.

Além do repórter da Rede Vida de Porto Alegre, integram a equipe jornalística da midiaticização dois santa-marienses: um profissional da Rádio Medianeira que é designado como apresentador, mas que exerce papel semelhante ao do repórter da Rede Vida, e, ainda, uma repórter do canal local da TV universitária, que produz uma matéria gravada.

A exemplo dos modelos anteriores, há dois áudios na transmissão direta: o local, gerado pela equipe de animadores e puxadores que comandam o ritual litúrgico, e um específico da Rede Vida que é usado ora pelo repórter, ora pelo apresentador. “**Não tem por que ter o áudio específico**, pois quando tem de interferir, o repórter entra e tem a estrela – a logo da Rede Vida”¹⁴⁹.

A partir de 2003, a transmissão é centralizada no Parque da Medianeira, já que a procissão não é mostrada ‘ao vivo’. Não há mais uma câmera fixa no centro da cidade, pois são captados apenas fragmentos da procissão para posterior inserção de boletins. Na seqüência, um diagrama mostra as operações do dispositivo televisivo.

¹⁴⁹ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 13 de novembro de 2004, véspera da Romaria Santa Maria, RS.

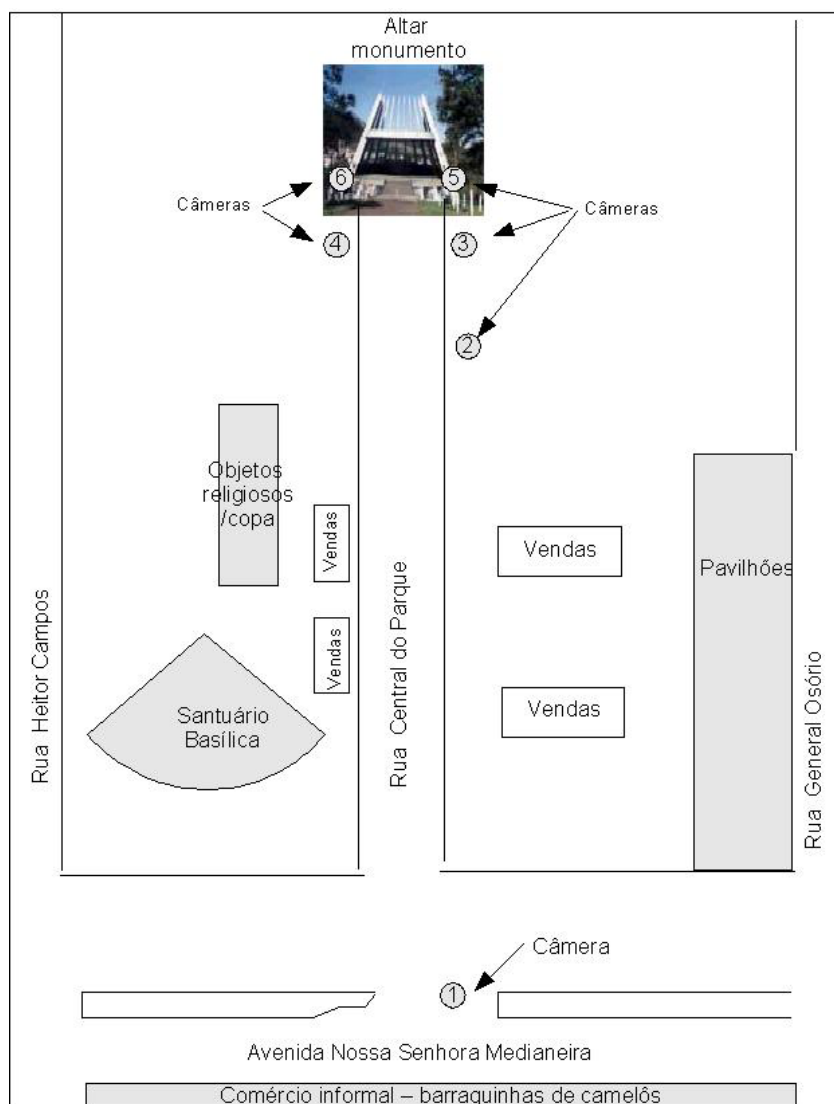


FIGURA 39 - Mecanismos da transmissão do Modelo 3

Na entrada do Parque, uma câmera (1) capta a chegada da procissão; uma outra câmera fixa (2) está à direita, posicionada a cerca de 30 metros do Altar Monumento. Em frente ao Altar Monumento, a cerca de 10 metros, há duas câmeras fixas (3 e 4) por cabo. Há duas câmeras móveis por ombro em cima do Altar (5), sendo que uma delas captou a saída da imagem da Catedral e o início da procissão (6).

Em 2003, a transmissão direta tem uma hora a menos que nos anos anteriores, iniciando-se às 9h50 e encerrando-se às 11h45. Outro fato distinto é que são gravados boletins sobre a procissão e inseridos na programação da emissora na manhã de domingo, antes do 'ao vivo'.

O dispositivo midiático desenvolve estratégias de compensação após reconhecer que há algo a mais em relação ao ritual religioso e que não vai ser mostrado diretamente. Os fragmentos de real captados ‘ao vivo’ são substituídos por breves registros de atividades e ações paralelas. “**Pretendemos entrar quatro vezes, das 7h às 9h30 para cobrir o entorno da procissão. Passo para São Paulo, que faz o uso que bem quiser**”¹⁵⁰.

Há um processo anterior à visibilização do acontecimento, em que os agentes do campo midiático elaboram e planejam o seu cerimonial. Nota-se que os profissionais que operam na produção midiática preocupam-se apenas com o trabalho produtivo, pois há uma equipe de programação e uma direção da emissora a quem são subordinados. Porém, ainda que a equipe de produção do acontecimento seja gaúcha, o papel decisório está nas mãos da rede nacional.

Nesse contexto, há uma lógica de midiaticização que foge ao controle de quem está produzindo a cerimônia midiática. A equipe que se desloca a Santa Maria gera as imagens e produz os sentidos sobre a Romaria, mas não tem controle sobre o que ocorre com a midiaticização em sua forma final, que é centralizada nacionalmente, longe do lugar em que o acontecimento se realiza. O diagrama a seguir, ilustra os níveis e papéis exercidos por aqueles que integram e realizam as operações técnico-discursivas do dispositivo televisivo.

¹⁵⁰ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, véspera da Romaria, Santa Maria, RS.

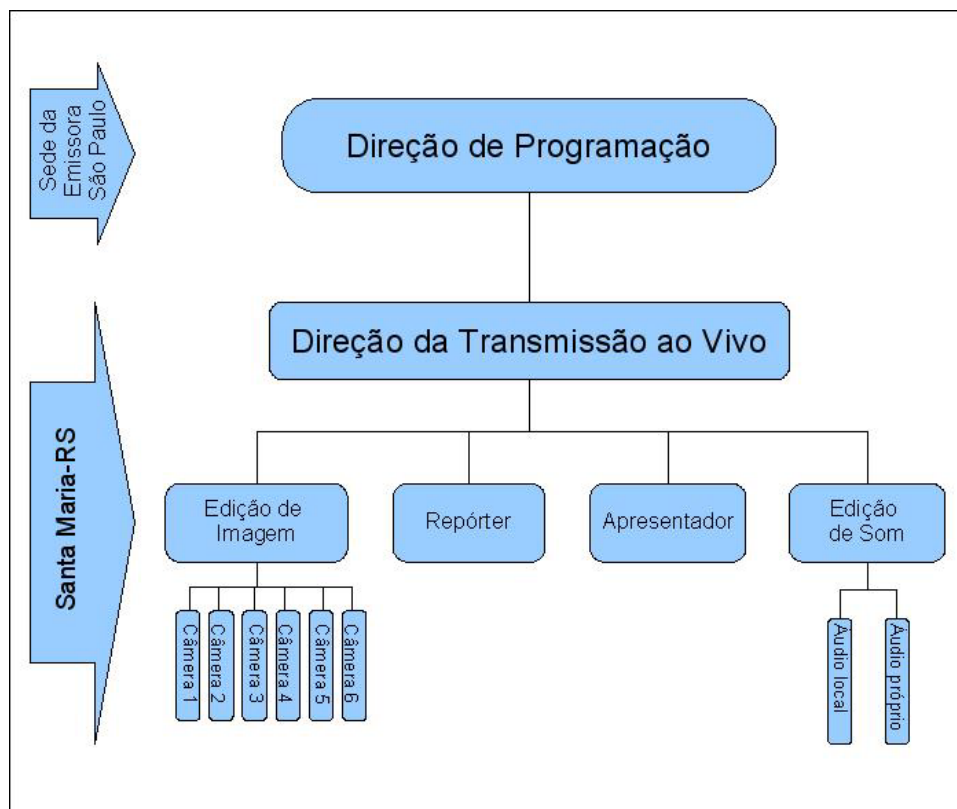


FIGURA 40 - Funções e papéis no processo de midiáticação

Há vários níveis de edição no processo de midiáticação: o que é realizado no local do evento, no *switch*, e é comandado inicialmente pelo editor de imagem que conduz os operadores de câmera e depois pelo diretor da transmissão a partir da oferta visual fornecida pelos câmeras e pelo editor de imagem. Há, ainda, a edição de som que se realiza dentro da unidade externa e que é, também, supervisionada pelo diretor geral da transmissão. Porém, há uma lógica mais geral que estrutura a seu modo o trabalho realizado pelo dispositivo televisivo em Santa Maria, a do diretor de programação.

Há uma edição que se realiza por aqueles que geram diretamente o acontecimento, mas ela não é final, pois há um controle que faz com que a direção da transmissão não tenha autonomia para concluir seu trabalho. As lógicas de funcionamento da televisão fazem com que haja várias escalas de edição que se inicia em Santa Maria, mas que é finalizada por aqueles que controlam o que deve/pode ou não ir ao ar e em que momento.

Há uma lógica midiática mais ampla da qual dependem as operações técnico-discursivas realizadas em Santa Maria. Há uma subordinação daqueles que estão no local do

acontecimento ao diretor geral de programação que comanda o processo de midiatização da sede da Rede Vida, em São Paulo. Diante disso, o planejamento do diretor da transmissão não se concretizou, já que apenas dois boletins dos quatro gravados foram inseridos.

Na primeira inserção na programação normal da televisão, às 7h55h, a fala do repórter deixa claro que não está falando ‘ao vivo’ e convida a todos a assistirem a transmissão direta. “Nós convidamos você para que **a partir das 9h50** acompanhe ‘ao vivo’ tudo que **estará acontecendo aqui** em Santa Maria, inclusive a celebração da eucaristia no Altar Monumento de Medianeira (...)” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão ‘ao vivo’ de 2003).

Neste modelo, além das chamadas comerciais inseridas nos dias que antecedem a midiatização, há a inserção desse tipo de registro jornalístico que funciona como mecanismo de agendamento para que as pessoas preparem-se para a transmissão. O acontecimento midiático, como lembram Dayan e Katz (1995), é cuidadosamente anunciado para que dê tempo de a recepção preparar-se para a transmissão ‘ao vivo’.

Como o primeiro boletim, de quatro minutos, foi inserido quase duas horas antes de iniciar a transmissão direta, funciona como uma estratégia para fazer com que o telespectador pare e/ou mude suas atividades em função da midiatização ‘ao vivo’. Nesta matéria, o repórter entrevista um religioso e o questiona sobre que motivações levam os romeiros a participarem do evento. “**São três motivos** principais: agradecer (...), pedir (...) e expressar a fé cristã para Maria (...)” (Padre Francisco Bianchin, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão ‘ao vivo’ de 2003). O especialista do campo religioso explica o simbolismo da expressão de fé.

As imagens durante o boletim alternam-se entre o repórter, o entrevistado e em enquadramentos mais gerais de fiéis que chegam à Catedral Diocesana para participarem da missa que se realiza às 7h e da procissão, que parte às 8h30. Ao final do boletim, nova chamada para que o telespectador se prepare para a transmissão direta: “Acompanhe conosco, **a partir das 9h50, ao vivo** de Santa Maria, Rio Grande do Sul” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão ‘ao vivo’ de 2003).

No segundo boletim, de menos de três minutos e que foi ao ar às 8h50, uma hora antes de iniciar a transmissão direta, há marcas que dão a impressão de estar sendo transmitido direto, quando não está, pois a procissão parte às 8h30: “Está iniciando **nesse momento, aqui** na frente da Catedral Imaculada Conceição, a procissão da Romaria de Medianeira (...) é a Rede Vida **falando ao vivo** de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. (...) Não esqueça, **às 9h50 estaremos ao vivo** para todo o Brasil falando aqui de Santa Maria”. (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão ‘ao vivo’ de 2003).

A diferença de tempo entre o momento da saída da procissão e a inserção na grade de programação é reveladora de que não está sendo transmitido diretamente, pois se trata de um ‘ao vivo’ que foi gravado pouco antes. Essa estratégia de parecer que é direto, é utilizada para fazer com que a transmissão da Romaria seja o mais verossímil possível e também para mostrar que o dispositivo midiático está presente no acontecimento agendado e que terá seu ponto culminante nos próximos instantes. Porém, observa-se que há marcas discursivas contraditórias que revelam que o ‘ao vivo’ será em instantes e que não se passa no ‘agora’.

Essa estratégia de parecer ‘ao vivo’ quando na realidade é ‘gravado’, é planejada pelos representantes do campo midiático com antecedência: “com o repórter foi (para a Catedral) uma câmera de mão, se **gravou, trouxe a fita e se roda como se fosse ao vivo**. Entra como *flash* de reportagem”¹⁵¹. Nesse sistema, o dispositivo procura desenvolver estratégias próprias para mostrar que é testemunha daquele ritual. Esse formato constitui-se num modo singular de compensar a impossibilidade de transmitir diretamente o ritual da procissão.

Nesta segunda reportagem, o repórter agrega a voz de um político à sua fala: “A Romaria é um evento religioso que ultrapassa gerações. Ao meu lado, o deputado José Haidar Farret que completa **50 anos de Romaria** (...)”. (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão ‘ao vivo’ de 2003). O repórter mescla marcas de campos, mas destaca o papel do entrevistado mais como devoto do que como político que conseguiu e/ou intermediou o patrocínio para a transmissão televisiva. “É um **momento de fé**, acima de tudo deve-se **rezar** pelos excluídos, pela saúde, felicidade (...).(Deputado José

¹⁵¹ Do editor de imagem, Diego Vidal, em entrevista concedida à autora após a transmissão da Romaria, no dia 9 de novembro de 2003.

Haidar Farret, em entrevista que integra boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão ‘ao vivo’ de 2003). Por alguns instantes, o político vira uma espécie de comentarista do ritual religioso.

A voz do campo político na co-produção denota uma noção de midiaticização no qual algumas escolhas devem ser feitas e também que há um trabalho de edição que privilegia aspectos e abona outros. O político local parece ter uma ‘cadeira cativa’ como entrevistado, pois em todas as edições sua fala integra a cerimônia midiática.

Mesmo com a mudança considerável do modelo de midiaticização em relação aos anos anteriores, algumas lógicas permanecem, como a de destacar alguns colaboradores que conseguem arrecadar recursos para cobrir a transmissão. Junto à inserção dos dois boletins, aparecem as publicidades dos patrocinadores da transmissão, referidos também nas chamadas comerciais para a transmissão ‘ao vivo’ e também durante a cobertura: “Esta 60^a Romaria teve apoio para nossas transmissões aqui de Santa Maria de: Unimed SM, Expresso Mercúrio, Viação Planalto e Governo do Estado do Rio Grande do Sul” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Há transformações na transmissão ‘ao vivo’. Pela primeira vez, aparecem as imagens dos representantes do campo midiático, quando um repórter inicia a transmissão direta, mostrando a imagem do Altar Monumento, com a rua central quase vazia e o movimento de algumas pessoas tomando espaço no Parque. Junto ao áudio do repórter, ouve-se ao fundo o ritual da Romaria e fragmentos do real são mostrados ‘ao vivo’.

Após, aparece a imagem do repórter, que fala por um minuto destacando o contexto no qual o acontecimento se realiza, os rituais que integram a *feira* e anuncia a fala de outro repórter: “Olá amigos da Rede Vida de Televisão em todo o Brasil, que bom que você está conosco. Estamos **transmitindo ao vivo da cidade de Santa Maria**, no Rio Grande do Sul, acompanhando a 60^a Romaria da Medianeira. (...) Vamos **acompanhar ainda** momentos da procissão **que caminha neste momento** pela avenida Medianeira, na cidade de Santa Maria. **Chamo** a repórter Juliana Mota, **que acompanha** os romeiros que seguem a imagem de Medianeira” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Depois dessa fala, a Rede Vida insere um boletim de um minuto ‘gravado’ no início da procissão, por volta das 8h30, no centro da cidade, a cerca de uma hora e meia antes do horário de veiculação, às 10h. Após o boletim, o repórter fala novamente ‘ao vivo’: “**obrigada, Juliana**, você está vendo aí imagens, são milhares de pessoas que estão acompanhando a procissão dessa 60^a romaria” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Como foi dito, a procissão que antes era televisionada na íntegra durante mais de uma hora, é agora reduzida a um boletim de um minuto. A Rede Vida procura mascarar essa temporalidade através de marcas discursivas (‘chamo’, ‘que acompanha’ e ‘obrigada, Juliana’) que possam parecer que é ‘ao vivo’. Os repórteres parecem dialogar, pois ele fala como se a colega estivesse num tempo presente acompanhando a procissão. Porém, as imagens deixam transparecer que esse fragmento de real é ‘gravado’ e inserido posteriormente, já que no retorno da imagem da procissão, os romeiros e a imagem de Medianeira já se encontram no fim do trajeto.

Esse formato denota um modelo de midiaticização diferente dos anteriores, em que a fala dos agentes midiáticos não é mais em *off*, aparecendo as suas imagens. O *mestre da cerimônia* midiática, que aparece designado como repórter, mas que exerce também o papel de apresentador com construções próprias durante toda a midiaticização, tem visibilidade não só a partir de suas falas em *off*, mas também ganha ‘corpo’, ou seja, materialidade através de enquadramentos em plano americano.

Depois de falar sobre o tema da Romaria, os patrocinadores são referidos pelo repórter da Rede Vida e, em seguida, após três minutos de transmissão, um agente midiático local que atua na Rádio Medianeira e aparece designado como apresentador, pega o microfone do repórter e faz uma fala de um minuto e 30 segundos sobre Santa Maria, sua localização e características locais, como o fato de ser uma cidade universitária.

O apresentador é a voz que identifica o local, dando informações sobre algumas características da cidade e também a sua localização geográfica para que os telespectadores espalhados pelo Brasil possam estar informados sobre onde se realiza a cerimônia televisiva. “Geograficamente, a nossa Santa Maria está situada **no centro do Rio Grande do Sul**, é um

centro universitário, onde temos cinco universidades” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Mesmo que tenham mudado o tempo e o formato de transmissão e também a equipe de produção, o apresentador continua sendo um representante do campo midiático local. O fato de a emissora nacional manter no processo de midiatização uma voz local, representa que há um interesse em cultivar vínculos e mostrar algumas marcas locais e características de Santa Maria.

Há uma certa indefinição em relação ao papel do repórter e do apresentador. O repórter da Rede Vida abre e finaliza a transmissão direta, papel geralmente desempenhado pelo apresentador. Já o repórter da Rádio Medianeira, que é designado como apresentador, só faz uma participação depois de transcorridos cerca de 10 minutos, realiza algumas entrevistas e apaga-se pelo restante da transmissão. Essa indefinição refletida na midiatização decorre de um planejamento feito na *ante-sala*, mas que não se efetiva: “O Elton vai fazer a **apresentação e reportagens na Catedral, deve conversar com o prefeito, políticos e com o governador**”¹⁵².

O fato de a equipe responsável pela midiatização passar a ser de Porto Alegre também pode parecer que se busca uma linguagem televisiva mais próxima da cultura local. Porém, esse fato não se reflete quando do papel decisório do que é ou não veiculado. Mesmo assim, para os representantes da Rede Vida, a nova concepção de midiatização da Romaria privilegia os aspectos culturais da região.

“Mostramos **aspectos locais em caráter nacional**. Através de uma linguagem característica local mostramos para o Brasil o povo do Rio Grande do Sul, sua cultura, características, sua religiosidade”¹⁵³. A pretensão é uma, mas o modelo que está sendo executado é outro, já que a produção local é refém de uma concepção de transmissão que deve se encaixar na grade de programação da emissora que é uma rede nacional.

¹⁵² Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora, no dia 8 de novembro de 2003, na véspera da midiatização, Santa Maria, RS.

¹⁵³ Elton Bozzetto, repórter da Rede Vida, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, na véspera da midiatização, Santa Maria, RS.

A grade de programação impõe regras de temporalidade que acabam tendo reflexo sobre os modos de construção da cerimônia midiática. Neste ano, na transmissão direta, a exceção de anos anteriores, nenhum político foi entrevistado (um político foi entrevistado no segundo boletim inserido antes do ‘ao vivo’), o que é um reflexo da diminuição do tempo de transmissão em que se priorizou produzir a cerimônia midiática a partir de falas do campo religioso, principal gestor da Romaria, e também da busca de um formato a partir de alterações que estão em processo de construção.

O apresentador, após referir-se a aspectos contextuais de Santa Maria, entrevista o Núncio Apostólico no Brasil, que preside a missa da 60ª edição. “Fala-se em 300 mil, fico feliz em ver essa multidão de fiéis que veneram a Medianeira e vou informar ao santo padre desse grande evento” (Núncio Dom Lorenço Baldisseri, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Mais uma vez, há indefinição entre os papéis de apresentador e repórter, já que há uma alternância entre um e outro: em alguns momentos são repórteres e, em outros, apresentadores. Nota-se que os dois fazem entrevistas com agentes do campo religioso e os dois estruturam as suas próprias falas e também as de outros campos.

A voz do campo religioso é predominante neste modelo de midiatização, na medida em que seus representantes são entrevistados, como o padre que fala por três minutos sobre o ritual da missa: “estamos retratando nesta liturgia tudo o que a Igreja está vivendo, o **ano vocacional** o momento do mutirão de superação da fome” (Pe Enio Rigo, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003). O bispo local também é ouvido e, em sua fala, didatiza como vai funcionar o ritual religioso a ser mostrado na seqüência: “Dom Jayme Chemello vai presidir a missa (...) **vamos rezar juntos**. Que Medianeira interceda por **todo o povo do Brasil**” (Bispo Dom Ivo Lorscheiter, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Diferentemente dos modelos anteriores, não há mais um comentarista que acompanhe toda a midiatização. Neste novo formato, a cerimônia midiática vale-se não mais de um só, mas de vários especialistas do campo religioso que utilizam suas marcas constitutivas para expressar suas simbólicas, seja didatizando aspectos dos rituais ou explicando os seus elementos integrantes.

A figura de um só comentarista-especialista cede espaço às várias vozes de agentes do campo religioso. É uma estratégia da televisão para enfatizar que a midiatização se realiza a partir de uma co-participação e de uma co-produção, nas quais os depoimentos ‘ao vivo’ são uma forma de co-presencialidade na enunciação. Nesse sentido, são os especialistas que cumprem a tarefa de conferir um testemunho dessa realidade.

A co-produção realizada por parte da voz dos entrevistados não se dá mais só a partir das falas em *off*, mas por meio de um sistema que integra o áudio com as suas imagens. Neste ano, o dispositivo capta e mostra a imagem de todos os entrevistados. Durante a fala dos representantes do campo religioso, a televisão alterna as suas imagens em planos fechados, emromeiros ou no quadro de Medianeira.

O áudio local da *feira* é captado pelo aparato técnico-significante da televisão que o mescla com as imagens que angula, enquadra e edita. Após as entrevistas, todas ‘ao vivo’, totalizando seis minutos, mostra-se, por alguns instantes, apenas as imagens do ritual religioso, seja dos participantes-receptores, como de crianças ou devotos que caminham em procissão, do quadro de Medianeira, do Parque ou do Altar Monumento numa conjugação com o áudio local.

Uma estratégia singular da midiatização é, por reiteradas vezes, enquadrar Medianeira que é transportada num carro da Brigada Militar. À medida que se aproxima a procissão que translada o quadro de Medianeira ao Altar Monumento, o dispositivo foca com mais intensidade as imagens neste momento do ritual. Para explicar as imagens, o repórter faz uma entrada ‘ao vivo’ e descreve o momento específico do ritual: “**Neste momento** está chegando a imagem de Nossa Senhora Medianeira ao Parque Basílica” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003). E, após citar os nomes dos patrocinadores, entrevista mais um representante do campo religioso: “Estamos vivendo o ano vocacional, e neste ano realmente é importante testemunhar a comunhão da Igreja no Rio Grande do Sul” (Bispo Dom Jacinto Bergmann, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Como não há mais um comentarista que explique o funcionamento do ritual, o *mestre de cerimônias* desenvolve duas estratégias: ou convida diferentes representantes do campo religioso para a co-produção, ou assume por instantes um lugar que mescla e, por vezes,

oscila entre a simbólica do midiático e a do religioso: “Acompanhemos **neste momento** a chegada da imagem de Nossa Senhora Medianeira aqui no parque (...) **Acompanhemos** a oração e a expressão de fé dos devotos” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003). Depois dessa entrada ‘ao vivo’, o áudio do ritual litúrgico da missa é associado a imagens captadas e anguladas pelo dispositivo televisivo por uma hora e vinte minutos.

Como a transmissão ‘ao vivo’ é centralizada nas proximidades do Parque, as imagens focam-se em aspectos da cerimônia, alternam-se em alguns detalhes que contenham marcas do religioso, como flores, velas, cálice; em momentos, como o ofertório, as leituras e a comunhão; nos romeiros, quando é mostrada a multidão num plano aberto ou ainda por meio planos fechados com *closes* em aspectos que emergem da multidão e são captados pelo olhar do dispositivo televisivo.

Passam pela seleção e pelo crivo do editor de imagem e do diretor da transmissão planos fechados em crianças, idosos, pessoas rezando ou em quem porta símbolos religiosos, como rosários, flores, imagens de Medianeira, ou mesmo foca-se em quem lê algum ato litúrgico ou naqueles que encenam momentos do ritual, como o glória, a 2ª Leitura e o Evangelho.

No período de uma hora e vinte minutos, no qual o áudio não é gerado pela televisão, mas apenas captado e retransmitido, o desafio de todo o aparato que integra a complexidade do dispositivo é fazer com que funcione no sentido de encontrar as melhores imagens para cobrir esse áudio durante a missa, seja por meio de enquadramentos distintos, ângulos privilegiados ou através de junções, cortes e operações de edição.

É o dispositivo que estrutura e regula as relações entre o acontecimento e a recepção e esse trabalho não ocorre apenas do ponto de vista técnico, pois é necessário que um grupo de profissionais opere sobre o que está sendo mostrado, lançando mão de estratégias singulares de construção. As instâncias técnica e simbólica funcionam de forma conjunta, não havendo operações por parte do dispositivo sem essas conexões.

Integram os modos de funcionamento do dispositivo midiático diferentes atribuições, processos e papéis que são desempenhados pelos seus agentes para a transmissão direta: os operadores de câmera, o editor de imagens, o editor de som e o diretor da transmissão. Neste contexto, há distintas avaliações entre o que merece ou não ser mostrado e destacado.

O diretor da transmissão busca a imagem que melhor se encaixe ao áudio local, que é captado e retransmitido. “Presto extrema atenção no que está sendo falado e procuro sair atrás da **imagem para complementar a fala**”¹⁵⁴ Já o editor de imagem preocupa-se em comandar os seis câmeras: “ele busca **fugir dos erros**, do ruim (...) estou de ouvido atento, pois ele não consegue ficar conectado ao que esta acontecendo, ouvindo”¹⁵⁵.

O processo de produção de sentidos se realiza nessa complementaridade de papéis e funções, o que não significa que haja sempre ações integradoras e conexões, já que os critérios que orientam as escolhas e a seleção do que merece ou não ser mostrado são diferentes para cada integrante da cadeia produtiva da midiatização.

Se os agentes do campo midiático avaliam o conceito de cerimônia midiática de forma distinta, o mesmo ocorre em relação aos modos de olhar e de apreender os rituais religiosos e aqueles que os executam. Para o campo religioso, por exemplo, o bispo é uma das maiores autoridades, mas para o midiático ele é apenas um integrante da cerimônia religiosa e que pode ser mostrado: “pega **o carinha** que tá falando”¹⁵⁶.

Os operadores de câmera captam imagens no sentido de convencer o editor de imagem a utilizá-las, o que nem sempre ocorre por haver avaliações distintas. Já o editor de imagem procura comandar os câmeras na busca de uma diversidade de ângulos dando opções de escolha para o diretor geral da transmissão, que dá o veredicto final em relação à imagem que vai ser mesclada ao áudio local que é retransmitido.

¹⁵⁴ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 9 de novembro de 2003, após a midiatização, Santa Maria, RS.

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Do editor de imagem, Diego Vidal, em fala captada durante o trabalho de campo realizado em 2003, em que foram acompanhadas as ações do campo midiático para efetivar a transmissão ao vivo, do *switch* (unidade externa locada pela Rede Vida).

Nem todas as imagens captadas pelas câmeras são aprovadas pelo editor de imagem: “não, isso não, **procurem algo melhor**”¹⁵⁷. Angular e enquadrar são movimentos primordiais para que se construa um conceito de cerimônia midiática, levando em conta marcas e simbólicas dos rituais que estão sendo produzidos para mesclá-las às lógicas e *gramáticas* televisivas. Nesse sentido, há um rol de aspectos e de elementos do ritual religioso que devem ser captados: “se pega imagem de pessoas rezando, religiosos, idosos, crianças”¹⁵⁸.

Muitas vezes, o dispositivo não consegue captar elementos considerados pelo campo religioso como centrais na estruturação da cerimônia religiosa. Observa-se que é comum também que sejam perdidas falas e ações da cerimônia litúrgica como em 2003, quando a tomada não deu conta de enquadrar alguns representantes do campo religioso que ficaram de fora do ângulo que a câmera poderia captar no momento da saudação inicial da missa. Isso decorre do próprio funcionamento do dispositivo televisivo que está operando ‘ao vivo’ e que não consegue dar conta de cobrir todos os espaços e temporalidades.

Mesmo que a transmissão direta conte com seis câmeras, não há como cobrir a totalidade da cerimônia que para ser apreendida em sua complexidade de elementos, exigiria uma infinidade de angulações. Para compensar essa impossibilidade sócio-técnica, o dispositivo capta aspectos dos rituais através de olhares e enquadramentos particulares que possam alimentar a midiatização. “Às vezes, **se passa apuros** porque tem dois câmeras tentando se ajeitar (...) então, **uma carta na manga** é o *take* aberto que **salva sempre** e uma câmera lá fora para **dar um alívio**”¹⁵⁹. Nessas condições, a imagem em plano aberto é utilizada como estratégia para sanar um problema momentâneo.

Seis câmeras estão divididas pela extensão do Parque da Medianeira para poder captar os vários ângulos da *fésta*. Porém, apenas quatro estão encarregadas de mostrar a liturgia da missa, o que pode ocasionar perda de enquadramento em ações que constituem os rituais religiosos. Nesse caso, os dois câmeras que cobrem o entorno da *fésta* e alimentam

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Do editor de imagem, Diego Vidal, em entrevista concedida à autora após a transmissão da Romaria, no dia 9 de novembro de 2003.

¹⁵⁹ Idem.

constantemente o sistema com imagens são fundamentais para garantir a continuidade da geração.

A produção e a oferta de simbólicas dos rituais religiosos por si só não são garantia de que o foco principal vai ser produzido a partir dessas marcas, pois, conforme lembra Aumont (1995), o ponto de vista estruturado pelo dispositivo é determinado por uma série de fatores, como a avaliação do próprio acontecimento, as culturas do local de onde ele é observado e captado e o modo singular de olhar dos dispositivos *tecno-simbólicos*.

É nesse sentido que o fato de o fenômeno fornecer elementos para serem captados não é uma certeza de que o ponto de vista construído tenha como aspecto central tais informações, já que ele é determinado pelos modos singulares com que os especialistas, via dispositivos, observam e julgam.

Nesse conjunto de operações e de papéis exercidos pelos agentes do campo midiático, o papel decisório do diretor geral da transmissão é singular, uma vez que, muitas vezes, ele se impõe aos demais profissionais que integram esse processo dizendo o que deve ser mostrado com mais ênfase.

Da mesma forma que nem tudo que é captado pelos operadores de câmera é aprovado pelo editor de imagem, o mesmo ocorre com o modo distinto de avaliação do diretor geral da transmissão. Esses fluxos e níveis de papéis ficam mais explícitos em alguns momentos, como durante a transmissão da missa da Romaria de 2003, quando ao invés de um evangelho tradicional, que geralmente é lido, têm-se encenações de dragões e de crianças que interpretam uma passagem bíblica (reprodução de fragmento na seqüência, à esquerda). Essa oferta de dramatizações por parte da cerimônia religiosa deixa o diretor geral da transmissão efusivo, o que resulta na captação de imagens de jovens e crianças que encenam o evangelho. Porém, por um instante, o diretor de imagem troca essa imagem pela do religioso que lê a passagem, o que acaba gerando uma reação extrema do diretor da transmissão, que grita e ordena que a imagem selecionada seja a da encenação.

O fato de a Romaria ser transmitida 'ao vivo' pela televisão tem feito com que se estruture o ritual da missa de forma distinta, passando-se a elaborá-lo, como lembram Dayan e

Katz (1995), segundo características de espetáculo, contendo uma narratividade que possa ser captada pelo dispositivo.

O engendramento dos dispositivos tem como efeito a midiatização de atos religiosos e também uma *Romaria midiatizada*, em que alguns rituais tradicionais do campo religioso são reestruturados e reorganizados como estratégia para atingir também um público circunstancial, que não está presente no contexto do acontecimento, adequando-se às lógicas da midiatização. Exemplo desses movimentos de alterações das normas e modos de execução de rituais religiosos é a forma com que o evangelho da Romaria de 2003 foi apresentado – de uma leitura para uma dramatização.

Momentos que integram o ritual da missa são, cada vez mais, elaborados e organizados em função das lógicas midiáticas. Para isso, o campo religioso estrutura os seus rituais com uma preocupação de performance para que alguns de seus elementos possam ser captados pelo dispositivo.

A cerimônia midiática é engendrada segundo estratégias que remetem à geração de um espetáculo, contendo efeitos de dramatizações. **“Aquele dragão. Tinha que ter cinqüenta dragões dançando (...). É o espetáculo, você não pode deixar cair. Agora, isso você não muda, isso é uma Igreja com dois mil anos, esse processo litúrgico, essa visão (...). E aí é picos e vales no espetáculo”**¹⁶⁰.

O dispositivo capta fragmentos dos rituais que cobre e extrai dimensões estéticas que condizem com a sua lógica, transformando-os no ápice da sua cerimônia. Na concepção midiática, esse tipo de ação tem um valor esteticamente superior aos demais rituais desenvolvidos pelo campo religioso.

A captação de imagens, os ângulos, os posicionamentos, os pontos de vista são operações por meio das quais o dispositivo estrutura, constrói e determina os sentidos sobre a Romaria. É através dessas operações singulares que a Rede Vida promove uma

¹⁶⁰ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 9 de novembro de 2003, após a midiatização, Santa Maria, RS.

retextualização da cerimônia, como lembram Dayan e Katz (1995), em que desenvolve uma série de estratégias para compensar também a não presencialidade do telespectador.

Um dos mecanismos de compensação é construir um formato de mediação que pareça ter uma igualdade de acesso entre quem está presente e quem está em casa. Essa estratégia se realiza através de ângulos distintos de visibilidade e na explicação das simbólicas do acontecimento. Quando o dispositivo, por exemplo, foca-se num detalhe cênico da celebração, o faz para mostrar ao telespectador que tem competência para mediar o ritual, possibilitando variados enquadramentos dessas práticas.

As angulações, os pontos de vista, os cortes e a edição são operações constitutivas dos mecanismos e das lógicas da mediação e esse conjunto de ações realizadas pelo dispositivo são efetivadas para mostrar ao telespectador alguns elementos que não podem ser vistos presencialmente. Nesse contexto, o trabalho desenvolvido pelo dispositivo, como destaca Aumont (1995), “permite ver”. Esse modo singular de mostrar gera, muitas vezes, um efeito de sentido que compensa a não-presencialidade: “Enxerguei mais que minha filha, que estava na Romaria”¹⁶¹.

O fato de ser mediada ‘ao vivo’ também engrandece o *status* dos protagonistas, que podem converter-se em *celebridades*, como ressaltam Dayan e Katz (1995), ao serem captados e destacados da multidão. “Quando se fala em evento religioso tu pensa **não só no padre** que vai dar a missa, mas **as pessoas que estão participando (...)**. As **pessoas que estão em casa** vendo gostam de se identificar com quem está ali naquele momento”¹⁶². Fazem parte da cerimônia mediática não só as ações do campo religioso, mas também aquelas dos fiéis, enquanto recepção, representadas pelos devotos que estão presencialmente no lugar.

Nesse processo de construção de sentidos, o dispositivo promove uma série de estratégias para criar laços e vínculos com seus telespectadores, captando não só elementos

¹⁶¹ Da aposentada e telespectadora Luiza da Luz, que assistiu a transmissão da Romaria pela Rede Vida, em entrevista concedida em 5 de dezembro de 2003.

¹⁶² Do editor de imagem, Diego Vidal, em entrevista concedida à autora após a transmissão da Romaria, no dia 9 de novembro de 2003.

dos rituais que mostra, mas também aspectos que co-determinam e integram a complexidade da cerimônia religiosa.

Destacam-se fiéis no meio da multidão (foto abaixo, à direita) para mostrar ao telespectador que o devoto também está constituindo o evento. Esse mecanismo é uma espécie de metáfora visual para explicitar àquele que está em casa que os anônimos não só integram como constituem o acontecimento.



FIGURA 41 - Fragmentos mostram encenação e receptores destacados na multidão

Essa estratégia de captar e de mostrar em planos fechados participantes/receptores dos rituais é realizada através de uma espécie de reinvenção do lugar de acesso, como conceituam Dayan e Katz (1995), na qual o dispositivo procura apagar a distância que separa os telespectadores da cerimônia religiosa. Nesse caso, mostrar o outro converte-se também num modo de compensar a não presencialidade no acontecimento, instituindo o seu lugar na cerimônia.

Disso infere-se que a cerimônia midiática não é produzida apenas a partir de insumos fornecidos pelos rituais religiosos, mas também pela complexidade de vários elementos que estruturam a Romaria, como os fiéis, os entornos, o comércio informal. A cerimônia gerada pelas operações do cerimonial midiático é construída sobre alguns aspectos característicos da *feira*, como os rituais litúrgicos e a presença da multidão que permite enquadramentos distintos, do plano fechado em pessoas que produzem simbólicas consideradas expressivas para o olhar do dispositivo até a imagem geral que capta milhares de pessoas.

A multidão representa o senso de comunidade em que o telespectador pode experimentar o ‘estar junto com’ mesmo não estando no ambiente do acontecimento. “Num espetáculo como esse, mais importante que a missa, que é um espetáculo acessível diariamente em qualquer igreja, **a multidão é o grande espetáculo**. A profissão de **fé massiva** é o grande espetáculo. (...) **A massa é o grande apelo, o grande diferencial.**”¹⁶³

O dispositivo opera numa lógica específica que determina os modos e o desenvolvimento de seus mecanismos de operação. Para tanto, o grande número de participantes representa um elemento importante para a midiática e, por isso, o modo de organização é determinante e estratégico, pois duas câmeras são taticamente posicionadas para que possam captar essa multidão.

Os mecanismos de operação dos dispositivos determinam os modos com que o dispositivo organiza-se para o trabalho da mediação. “O *take* fechado é **muito arriscado**, há uma mulher chorando emocionada e do lado um cara com um dedo no nariz ou uma pessoa de joelhos emocionada e um cara dando uma cantada (...) é **um risco porque é ao vivo**, mas **se fosse gravado dava para cortar**”¹⁶⁴. A partir disso, a imagem em um enquadramento aberto é também garantia de que não haverá surpresa em relação a detalhes dessa multidão que possam parecer ou ser negativos numa transmissão ‘ao vivo’.

O fato de a cobertura ser direta é determinante nos modos com que é organizada e construída, já que além da temporalidade midiática, que impõe limites de tempo de transmissão e de prioridades, há um modo de operar próprio do dispositivo com regras e estratégias que determinam a forma com que a produção de sentidos se realiza.

A imprevisibilidade é uma das características de um acontecimento midiático, como destacam Dayan e Katz (1995), e que a temporalidade é um dos fatores preponderantes no funcionamento do dispositivo midiático. Esse elemento de apreensão é expressado pelo representante do campo midiático: “continuamos esperando a imagem de Medianeira, que

¹⁶³ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 9 de novembro de 2003, após a mediação, Santa Maria, RS.

¹⁶⁴ Idem.

está um pouco atrasada” (Apresentador Norton Cezar, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

O tempo acaba ditando novas regras ao processo de midiaticização, no qual a Romaria tem de adequar-se à lógica de funcionamento do dispositivo televisivo. Se a imagem de Medianeira atrasa a sua chegada ao Altar-Monumento, entram em cena os atores-midiáticos que passam a desenvolver estratégias para que o telespectador aguarde o início da transmissão da missa. A principal estratégia é inserir a voz de representantes dos campos organizadores, como em 2003, como já foi mostrado, quando foram entrevistados três religiosos enquanto aguardava-se a chegada da imagem.

A lógica midiática também prevê que a transmissão direta tem de ser encerrada para que se possa respeitar o ditame da grade de programação. Como o tempo é fator determinante, a transmissão ‘ao vivo’ é interrompida bruscamente mesmo que se saiba que ainda estão ocorrendo outros rituais. Mesmo que o trabalho de midiaticização seja cortado, há uma solenidade, um acontecimento de outra ordem, que segue se desenrolando.

Em 2003, por ter ocorrido um atraso de 20 minutos na chegada da imagem de Medianeira e também porque o sermão (homilia) durou cerca de 40 minutos (um terço do tempo total da missa) a transmissão encerra antes de a missa terminar. Entretanto, no dia anterior, o diretor da transmissão apostava que a grade de programação da Rede Vida pudesse adequar-se ao acontecimento, o que não ocorreu. “Temos uma certa flexibilidade de ir até 12h15 ou 12h20, pois ninguém domina os caras que trazem a santa, o padre que reza rápido ou demora. Então, sempre que tem evento grande, **tem essa flexibilidade**, pois é incontrolável”¹⁶⁵.

Há diferenças e incompatibilidades entre uma concepção de midiaticização e a ação que acaba sendo desenvolvida. Essa possível flexibilidade não existiu, fazendo com que os agentes do campo midiático buscassem uma estratégia para encerrar a midiaticização e fazer parecer que o evento religioso também acabara.

¹⁶⁵ Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, véspera da Romaria, Santa Maria, RS.

Em 2003, a 15 minutos do encerramento do tempo de midiatização, o diretor da transmissão, angustia-se com o atraso nos rituais e começa a ser pressionado pelo diretor de programação que avisa, por telefone, que a Rede Vida cortaria o sinal de Santa Maria no horário previsto. A ordem do diretor geral da emissora para o diretor da transmissão é clara: “dê um jeito de concluir mesmo que a missa continue”¹⁶⁶

Frente à imposição da lógica do tempo de midiatização, os agentes do campo começam a desenvolver uma conversa interna sobre que estratégia adotar para finalizar a cobertura. O diretor da transmissão entra em contato com o repórter que está no Altar Monumento e solicita que “arranje um bispo para dar uma bênção final, preferencialmente Dom Ivo”¹⁶⁷.

Há pontos de tensão entre as lógicas de campos. Após várias ligações por celular, e negociações entre os campos midiático e religioso, o diretor é informado de que o bispo nega-se a colaborar com essa operação porque a maior autoridade religiosa no local é o Núncio, que naquele momento executa o ritual religioso da distribuição de hóstias durante a comunhão. A outra estratégia é pedir ao padre organizador da liturgia que se desloque para o local onde uma câmera já está posicionada para enquadrar o ritual de encerramento da midiatização.

Desses constrangimentos observados nos bastidores, resulta um corte brusco na transmissão em que o repórter entra ‘ao vivo’ para falar que a Rede Vida cobriu os rituais da Romaria desde manhã diretamente de Santa Maria e que um padre vai dar a bênção final (reprodução de fragmento abaixo). “Nós acompanhamos **com detalhes tudo** que foi aqui em Santa Maria a 60ª Romaria de Nossa Senhora (...). Pedimos a **padre Enio que abençoe a todos nós** telespectadores e trabalhadores da Rede Vida em todo o Brasil” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003). Há índices dos rituais religiosos que permanecem, mas o repórter destaca a competência do dispositivo em mostrar tudo de forma

¹⁶⁶ Do diretor de programação da Rede Vida, Ivan Cunha, em fala captada durante o trabalho de campo realizado em 2003, em que foram acompanhadas as ações da Rede Vida para efetivar a transmissão ao vivo, do *switch* (unidade externa locada pela Rede Vida).

¹⁶⁷ Do diretor da transmissão, Sérgio Reis, em fala captada durante o trabalho de campo realizado em 2003, em que foram acompanhadas as ações do campo midiático para efetivar a transmissão ao vivo, do *switch* (unidade externa locada pela Rede Vida).

detalhada. O campo midiático revê e re-estrutura o seu cerimonial, decretando o encerramento da cerimônia em que dá a ‘bênção a sua maneira’.



FIGURA 42 - Rede Vida tece um fechamento: a ‘bênção midiática’

A midiaticização tem sua finalização construída pelo campo midiático que subordina o trabalho do religioso para cumprir uma imposição de sua lógica de funcionamento. O representante do campo religioso é deslocado da função que exercia junto ao ritual litúrgico para abençoar os telespectadores (foto acima): “A você, **nosso telespectador** que nos acompanhou nesta Romaria de Medianeira, a 60ª Romaria, a de diamante, **abençoe-vos** o Deus Todo Poderoso” (Padre Enio Rigo, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Depois da bênção engendrada pelo dispositivo midiático, o repórter é novamente enquadrado em plano americano, menciona os patrocinadores e dá a ‘sua própria bênção’: “Esta 60ª Romaria teve apoio para nossas transmissões aqui de Santa Maria de Unimed Santa Maria, Expresso Mercúrio, Viação Planalto e Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A você que esteve conosco muito obrigado, **que Deus o abençoe**”. (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2003).

Essa ‘bênção midiática’ é articulada a partir de ações em que o dispositivo assume momentaneamente simbólicas do religioso, exercendo, como conceituam Dayan e Katz (1995) e Katz (1993), um papel quase sacerdotal, através de um tom reverencial e cerimonial.

Ao final da transmissão, a Rede Vida mescla a imagem do repórter com momentos do ritual religioso, em que algumas pessoas deslocam-se para comungar e o áudio local da *feira* é captado ao fundo, no instante em que um animador/puxador anuncia mais um canto para seguir com a distribuição de hóstias.

A midiática engendra um episódio fazendo com que seja gerada uma outra cerimônia, com misturas e sobreposições de cerimoniais. Mesmo que o ritual litúrgico se expanda e continue, a mídia produz a sua cerimônia para cumprir uma injunção dela própria – a sua temporalidade. A cerimônia midiática encerra, mas fragmentos do real sobram e ações continuam se desenvolvendo. Esse real não se enquadra nas regras e nos modos de funcionamento da mídia, por isso fica de fora. Disso constata-se que o tempo da televisão se impõe a um real que continua fora do campo midiático.

O próprio dispositivo cria um problema e o resolve através da concepção de uma outra cerimônia, que disputa e se afasta das ações desenvolvidas na cerimônia religiosa. O problema que decorre da temporalidade midiática é solucionado através do forjamento de uma dupla ‘bênção midiática’: a do religioso e a do repórter.

É a partir de lógicas muito próprias e do desenvolvimento de estratégias singulares e *contratos* específicos que o dispositivo midiático institui um conceito de Romaria mostrando a sua própria cerimônia para o Brasil.

Há uma subordinação das ações do campo religioso às regras e às lógicas do campo midiático dentro de uma característica intrínseca da televisão – a temporalidade. Os ditames do tempo televisivo se impõem à cerimônia religiosa que é cortada para que as rotinas possam seguir. O dispositivo midiático constrói e faz emergir uma outra cerimônia que tem como efeito a *Romaria midiaticizada* – cortada, editada, fragmentada.

4.4 Modelo 4: Inclusão de mais vozes

Em 2004, o formato de midiatização foi similar ao de 2003, num sistema misto, em que foram inseridos boletins gravados antes e durante a midiatização ‘ao vivo’, que durou 1h e 50 minutos.

A transmissão foi realizada pela Rede Vida de Porto Alegre, que disponibilizou o sinal para a TVE-RS, participando da cobertura com um repórter próprio. No processo de midiatização, estavam envolvidos três jornalistas de televisão, sendo dois repórteres e o diretor geral. Desde 1996, é a primeira vez que a Rede Vida une-se a outra emissora de televisão para a co-produção da transmissão direta. **Abaixo, um resumo das operações desse modelo.**

| Elementos integrantes da transmissão: |
|--|
| 1 boletim ‘gravado’ e inserido antes do ‘ao vivo’ (repórter da Rede Vida) |
| 1 boletim ‘gravado’ e inserido durante o ‘ao vivo’ (repórter da TVE-RS) |
| 2 repórteres ‘ao vivo’ |
| 1 entrevistado em boletim inseridos antes do ‘ao vivo’ |
| 9 entrevistados na transmissão direta |
| Vozes dos campos religioso (padre Sílvio (em boletim ‘gravado’ e inserido antes); Dom Hélio (em boletim ‘gravado’ e inserido durante); padre Bertilo; Dom Hélio (duas vezes ‘ao vivo’); padre Enio (duas vezes ‘ao vivo’)); político (governador Rigotto (duas vezes), prefeito Valdeci, deputado Farret); da recepção (Devotos: Irdes, Cândida e César); |
| Patrocinadores: Banrisul, Prefeitura Municipal, Planalto e Mercúrio |

QUADRO 5 - Elementos da transmissão do modelo 4

Em relação aos recursos técnicos, pouco diferiu do ano anterior, mudando a empresa de quem foi locada a unidade externa. A cobertura teve, novamente, seis câmeras centralizadas no Parque da Medianeira em função de apenas a missa ser televisionada ‘ao vivo’.

Pela primeira vez, há na transmissão direta três áudios – o local, do sistema de som que orienta o ritual e que é captado em vários momentos da midiática, e, ainda os dos dois repórteres.

A equipe de profissionais¹⁶⁸ é formada exclusivamente por jornalistas de Porto Alegre, que sozinhos mobilizam um conjunto de processos e de protocolos que constituem o cerimonial midiático. Não há na equipe um representante local, o que resulta num modo distinto de os agentes midiáticos construírem elementos e lidarem com dados e informações contextuais.

Diferentemente dos anos anteriores, não há mais um apresentador, pois os dois repórteres exercem a mesma função: fazem boletins e realizam entrevistas. Porém, o fato de o repórter da Rede Vida abrir o ‘ao vivo’ denota que ele tem um *status* diferenciado daquele da TVE-RS. Dessa forma, há co-determinações entre as duas emissoras, em que a Rede Vida não ‘atua’ mais sozinha na transmissão direta, havendo conexões, associações e co-participação dos representantes das duas emissoras.

Neste ano, os patrocinadores ganham novamente destaque nas chamadas para a transmissão ‘ao vivo’ e também durante a cobertura, seja através da citação de suas marcas ou mesmo de entrevista. A Prefeitura Municipal, que não fora patrocinadora no ano anterior, agora anuncia junto com o Governo do Estado através do Banco do Estado - o Banrisul, e duas empresas locais de transporte: Planalto e Expresso Mercúrio.

A Rede Vida realiza a midiática num sistema misto, havendo inserção antes do ‘ao vivo’ de um boletim ‘gravado’, em que se mostra o início da procissão e faz-se uma chamada para a transmissão direta que vai iniciar uma hora depois da veiculação, às 10h. Essa matéria

¹⁶⁸ Desde que a Romaria é midiática, é a primeira vez que a Rede Vida não faz a transmissão com o profissional de rádio local, Norton Cezar, que vinha sendo o apresentador desde 1996.

inserida antes da transmissão direta, que durou quatro minutos e foi realizada pelo repórter da Rede Vida, foi gravada em frente à Catedral, no centro da cidade, durante a realização da missa, que foi iniciada às 7h e antecedeu a procissão, às 8h30. Porém, sua inserção na grade de programação ocorreu apenas às 9h. A enunciação jornalística estrutura-se através de marcas que fazem parecer que o repórter fala ‘ao vivo’, dando ao telespectador a impressão de que a procissão vai iniciar nos próximos instantes quando na realidade ela já se desenvolve há mais de 30 minutos.

A Rede Vida cria uma série de estratégias enunciativas simulando que está ‘ao vivo’, mas o tempo é revelador de que a fala não é direta, pois a missa é encerrada às 8h e a procissão inicia-se às 8h30 e não às 9h, horário da inserção. (...) “**Neste momento, nós estamos aqui** em frente à Catedral Imaculada Conceição, catedral diocesana, **onde está acontecendo** a missa que precede este início da Romaria, da procissão que levará o quadro, a imagem de Nossa Senhora Medianeira do centro da cidade de Santa Maria até o Santuário localizado na avenida Medianeira. Os fiéis já estão **aglomerados aqui próximos à Catedral**, de onde parte então essa caminhada da 61ª Romaria da Medianeira” (...). **Dentro de instantes inicia aqui** a caminhada, inclusive o carro da Brigada Militar que levará a imagem da Nossa Senhora Medianeira **está aqui** colocando o cordão de isolamento, **está pronto já para a partida** desta caminhada da 61ª Romaria” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão direta da Romaria de 2004).

Nota-se que há marcas que apontam para um ‘ao vivo’ e o único elemento que prova o contrário é o horário de inserção na grade de programação. Porém, apenas aqueles que conhecem a história e o funcionamento da Romaria poderiam identificar essa desconexão de tempos. Durante o boletim, aparece na tela ‘ao vivo’, quando na realidade trata-se de matéria gravada, editada e inserida posteriormente.

Essa fala inicial procura explicitar o funcionamento de alguns rituais da Romaria. Como a televisão não mostra sua execução, são feitos breves registros de que eles se realizarão num tempo e espaço que não serão captados. Para compensar o fato de que não vai cobrir a missa na Catedral, a partida da imagem de Medianeira e a procissão, o dispositivo televisivo restringe-se a proferir essa fala num momento estratégico – quando da preparação para que esses rituais se realizem.

Na fala de abertura da matéria, o repórter faz, ainda, uma contextualização do local de onde está ocorrendo a transmissão, dando informações sobre a localização e agendando ações futuras que serão desenvolvidas pelo dispositivo. “Olá amigos da Rede Vida de Televisão em todo o Brasil, nós **estamos em Santa Maria**, no estado do Rio Grande do Sul. (...) **Nós vamos acompanhar hoje todas as programações** desta 61^a Romaria da Medianeira” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão direta da Romaria de 2004).

O foco desse formato de midiaticização é captar momentos e jogá-los nas brechas que a grade de programação permitir. Mesmo que dê apenas um caráter de registro aos vários momentos que integram a cerimônia religiosa não os mostrando, o dispositivo menciona que vai cobrir toda a programação.

Depois dessas falas de abertura da matéria, o repórter entrevista um religioso que é um dos organizadores da Romaria: “Padre Sílvio , que importância tem essa Romaria para a **ação evangelizadora** desta diocese?” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão direta da Romaria de 2004). Como não domina as informações relativas ao funcionamento do campo religioso, o repórter convida uma autoridade que pode fazê-lo através da agregação de sua voz ao que é dito pelo midiático.

O religioso fala sobre a importância do acontecimento para a Diocese, a preparação, a organização e a expectativa em torno do número de participantes. “A Romaria da Medianeira é **o maior evento religioso** da Diocese e o maior evento religioso do interior do RS. (...) A expectativa nossa é **mais de 250 mil pessoas**, passando até esse número e São Pedro este ano está colaborando conosco e **esperamos com certeza uma grande Romaria**” (Padre Sílvio Weber, em entrevista que integra o boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão direta da Romaria de 2004). O especialista do campo religioso é convidado para dar informações sobre o funcionamento da *feira* como uma forma de co-participação daquele que conhece o evento ‘por dentro’, pois é portador de um determinado discurso competente.

Ao finalizar o boletim, o repórter agenda a transmissão através da repetição do horário e do fato de transmitir ‘ao vivo’. Novamente, utilizam-se estratégias enunciativas para parecer que a fala é direta, como a assinatura no final da matéria, a referência à procissão, quando na

realidade, no momento da entrada ‘ao vivo’, às 10h, a procissão já vai ter encerrado. “A **partir das 10h**, a Rede Vida vai acompanhar **ao vivo aqui** de Santa Maria, a **procissão**, a chegada ao local do santuário e também a celebração que será **presidida** pelo bispo diocesano, Dom Hélio Rubert (...) **Às 10h, ao vivo, juntos estaremos** Rede Vida de Televisão e TV Educativa do estado do Rio Grande do Sul para esse grande evento de transmissão da romaria de Nossa Senhora Medianeira, padroeira do estado do RS. Acompanhe **conosco ao vivo a partir das 10h** da manhã. **De Santa Maria, Elton Bozzetto**” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido antes da transmissão direta da Romaria de 2004). Por operar num sistema misto de produção, o repórter da Rede Vida refere também a TVE-RS. Depois do boletim, aparecem os anunciantes e entra a programação habitual da Rede Vida.

A matéria não faz parte da transmissão direta, que inicia uma hora depois, mas sua inserção integra uma das estratégias de apresentação e preparação dos acontecimentos midiáticos, que, como conceituam Dayan e Katz (1995), a televisão anuncia anteriormente que vai cobrir ‘ao vivo’ para que os telespectadores possam se preparar para a midiaticização.

Às 10h, a Rede Vida entra ‘ao vivo’ com imagens dos romeiros chegando ao Parque da Medianeira, quando ouve-se o ritual da Romaria através do áudio local. Em seguida, num plano americano, a televisão mostra o repórter da emissora num enquadramento que abrange parte do Altar Monumento. Os anunciantes são mencionados e, mesmo que se dê o ‘ao vivo’ apenas neste momento, a fala do repórter de abertura se assemelha àquela do boletim. A repetição de aspectos contextuais, como a localização da cidade, e também históricos, como o início das romarias estaduais visa garantir que o telespectador se inteire do que vai ser mostrado, já que pode não ter visto o boletim transmitido há uma hora. “Olá amigos da Rede Vida de todo o Brasil, estamos **ao vivo aqui de Santa Maria**, no coração do Rio Grande do Sul (...). “A caminhada nesta Romaria iniciou **lá no centro** da cidade em frente à Catedral da Imaculada Conceição às **08h e 30**, nós vamos **acompanhar o início da caminhada com o repórter** Newton” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). Nessa enunciação, o repórter deixa claro que o ritual já aconteceu (8h30) e que a televisão vai apenas mostrar fragmentos captados no momento em que se realizou.

A estratégia principal nesse início de midiatização é conferir registros pontuais sobre alguns aspectos que já aconteceram, pois o dispositivo não cobre mais ‘ao vivo’ alguns rituais que integram a Romaria. “**Daqui**, a imagem de Nossa Senhora **vai seguir pelas principais ruas** de Santa Maria **até chegar ao santuário** da Medianeira. **Lá, a partir das 10h, haverá** missa celebrada pelo Dom Hélio Adelar Rubert, bispo diocesano de Santa Maria. **Neste momento, a imagem está deixando a Igreja** e sendo colocada no carro da Brigada Militar” (Repórter Newton Silva, em boletim ‘gravado’ e inserido após o ‘ao vivo’, na transmissão da Romaria de 2004).

Neste sistema misto de transmissão, ‘ao vivo’ e ‘gravado’ aparecem acoplados ou mesclados. O boletim de um minuto foi gravado em frente à Catedral no início da procissão, às 8h30, mas é inserido depois das 10h. Para finalizar o registro, entrevista-se um religioso que fala sobre o significado da Romaria: “É uma expressão do nosso amor a Nossa Senhora Medianeira” (do bispo Dom Hélio Rubert, em entrevista que integra o boletim ‘gravado’ e inserido após o ‘ao vivo’, na transmissão da Romaria de 2004).

Na matéria gravada e apresentada como parte da transmissão direta, há um certo descompasso temporal, pois há referência ao que está ocorrendo (‘verbo no presente e gerúndio: ‘neste momento’, ‘está deixando’), mas também ao que vai acontecer na seqüência (verbo no futuro: ‘vai seguir’, ‘lá haverá’) quando na realidade esses fatos já se concretizaram ou estão se desenrolando.

Neste formato, explica-se como o acontecimento vai se desenvolver, seja através das informações sobre o funcionamento da Romaria do ponto de vista de sua espacialidade (‘sai da Catedral com destino ao Santuário’) ou de sua temporalidade (informando-se o horário de início da missa e marcando-se o momento em que a imagem deixa a Catedral).

O registro também explica o que a imagem está captando (“a imagem está sendo colocada no carro da Brigada Militar”) e a voz do representante do campo religioso é acrescentada e vinculada à cerimônia midiática porque possui um discurso competente. Além disso, constitui-se numa estratégia singular agregar vozes por meio de participações dos agentes dos campos sociais para dar mais credibilidade à transmissão.

Algumas marcas discursivas procuram construir um efeito de atualidade para mostrar a presença da televisão: ao utilizar a expressão ‘neste momento’, o repórter dá a entender que o fato está se desenvolvendo, quando na realidade a imagem está chegando ao Altar Monumento e a procissão já está quase no fim. Como o boletim foi inserido logo após o início da transmissão ‘ao vivo’, às 10h, soa estranho quando o repórter se refere ao horário da missa, pois parece que ele está agendando algo que vai acontecer num futuro distante, quando na realidade a missa vai iniciar em instantes. Essa instabilidade é resultado das alterações que foram sendo empregadas a partir de 2003 com a designação de uma nova equipe responsável pela transmissão da Romaria.

Em 2004, com a associação da Rede Vida à TVE-RS para o processo de produção da transmissão direta, são observadas novas formas de mostrar e de construir a midiaticidade, quando as marcas de temporalidade remetem a um ‘ao vivo’, mas que se referem ao ‘gravado’, denotando também a transição de um formato de midiaticidade que se afasta da transmissão em *off*. Esse novo modelo procura apagar características que possam remeter a uma cobertura radiofônica para buscar um novo modo de constituição do acontecimento através da inserção de registros gravados no ‘ao vivo’ e de duetos entre os dois repórteres que trabalham na cobertura.

Há desconexões não só de tempo, mas também de espaço. Segundos após o repórter fazer a referência de que a imagem está deixando a Catedral e que é colocada no carro oficial (no boletim ‘gravado’), o dispositivo capta a imagem de Medianeira que chega ao Parque, havendo um lapso de espacialidade.

A exemplo do ano anterior, a Rede Vida acaba reduzindo a um minuto o ritual religioso da procissão, que se realiza num tempo superior a uma hora e 30 minutos. A midiaticidade da Romaria continua se caracterizando como um acontecimento midiático, no sentido formal de ser previsto, agendado, organizado com antecedência para ser midiaticizado ‘ao vivo’, mas agora são agregados novos elementos que fazem como que seja também ‘semi-agendada’.

Alguns rituais que integram a Romaria, especialmente a procissão, são apagados pela temporalidade midiática e, para compensar essa dissolução, a televisão desenvolve algumas

estratégias enunciativas para dissimular esse apagamento, como a inserção de registros informativos formatados como se fossem diretos. O dispositivo midiático constrói a sua cerimônia num sistema misto em que ‘ao vivo’ e ‘gravado’ aparecem vinculados. Essas instabilidades e alternâncias ocorrem porque não há uma concepção estruturada de midiaticização, já que a Rede Vida realiza o seu trabalho de forma circunstancial por não integrar o contexto onde o acontecimento se realiza.

Depois da inserção desse boletim ‘gravado’, o dispositivo retransmite por alguns instantes o áudio local e enquadra num plano semi-aberto a imagem de Medianeira que se aproxima da Basílica. Um repórter começa a falar, mas o som do microfone se funde com o áudio da parte litúrgica, ficando difícil de compreender o que diz. Corrigido esse problema técnico, ele faz referência à chegada da imagem: “**já temos aí imagens da chegada da romaria**, da imagem da Nossa Senhora Medianeira (...)” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

A fala do repórter ressalta o descompasso temporal já referido, pois segundos após anunciar que a imagem de Medianeira deixa a Catedral produz-se um enunciado dizendo que ela já está chegando. Essas falas iniciais expressam um lapso de tempo e também um falso apagamento do espaço, em que se enuncia a partida da procissão e, instantes depois, a chegada, como se o percurso de quase três quilômetros pudesse ser vencido em menos de cinco minutos.

Em seguida, o repórter menciona a presença de autoridades. “**Já aqui no Altar Monumento o governador do estado**, Germano Rigotto, que veio acompanhar a Romaria. É importante dizer que Nossa Senhora Medianeira é a padroeira do Rio Grande do Sul. **Reveste-se, portanto, de uma importância muito grande essa Romaria**” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O próprio dispositivo trata de informar fatos, celebrar a cerimônia e fazer as suas próprias conclusões.

Após essa referência, o repórter, assumindo a posição de apresentador, chama o seu colega e anuncia que será realizada uma entrevista com o reitor do Santuário. “Reitor, essa devoção é uma devoção que tem muitos anos, **como é que começou?**” (Repórter Newton Silva, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O religioso refere como começou a

devoção à Medianeira: “**iniciou em 1928** com a vinda do então seminarista Ignácio Valle aqui neste local, que era o antigo Seminário São José e que agora é atualmente o nosso santuário diocesano” (Padre Bertilo Morsch, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O repórter não só questiona o representante do campo religioso, mas também faz um fechamento para a entrevista agregando à voz do religioso uma construção própria: “obrigado reitor, **é um momento de muita emoção no palco**, no Santuário da Basílica de Nossa Senhora Medianeira, Elton” (Repórter Newton Silva, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

O fato de construir a cerimônia midiática fazendo uso e agregando vozes de outros campos para a co-produção do acontecimento, não exclui o desenvolvimento de falas próprias para explicar os momentos dos rituais. “Nos já **vemos aí a entrada da imagem de Nossa Senhora Medianeira aqui no Parque** que já foi ocupado desde as primeiras horas da manhã por milhares de pessoas” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). Como a imagem de Medianeira é enquadrada pelo dispositivo, cabe ao repórter a função de explicar o que está sendo mostrado.

Depois, o governador do estado é entrevistado num dos momentos mais importantes da Romaria, na chegada da imagem de Medianeira: “Já está aqui o governador Germano Rigotto, que **foi saudado pela população**, pelos romeiros quando da chegada. Governador, o senhor **já foi saudado pela população** que está aqui, um bom dia da Rede Vida e da TV Educativa” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). Não só Medianeira é reverenciada pelas operações e regras do cerimonial midiático, mas também outros personagens, como o político. Nesse sentido, o dispositivo midiático destaca e chancela ações realizadas por outros campos para legitimar a sua própria fala.

A exemplo do que ocorrera nas outras transmissões quando o deputado Farret fora entrevistado antes da missa, o governador ganha visibilidade no auge da transmissão, havendo uma fusão de simbólicas de campos: “**Vamos fazer com esse fundo lindo aqui**, a chegada de Nossa Senhora Medianeira. Quero transmitir um abraço muito carinhoso a todos os telespectadores da Rede Vida e dizer da **importância de nós estarmos aqui em Santa Maria**” (Governador Germano Rigotto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

Pelo ritual religioso, no momento da chegada da imagem de Medianeira ela deve ser saudada e aplaudida, mas o agente do campo midiático ressalta que quem foi saudado foi o governador, fazendo com que o cerimonial midiático se sobressaia ao religioso.

Por outro lado, o político diz àqueles que trabalham no processo de midiatização **como** deve ser o seu enquadramento e a inserção de sua imagem e fala ('com esse fundo lindo aqui'). Mesmo que tenha lógicas próprias de funcionamento, muitas vezes, as regras do midiático são atravessadas por discursividades de outros campos. Se a lógica da midiatização impõe-se a alguns campos obrigando-os a reestruturarem algumas de suas regras e rituais, eles também podem desenvolver mecanismos para terem mais visibilidade.

Constitui-se uma estratégia singular por parte do representante do campo político posicionar-se num ângulo privilegiado que mostra a chegada da imagem de Medianeira, pois este momento é o ápice da *feira*, já que após a colocação do quadro no Altar Monumento inicia-se a missa. Por alguns instantes, o dispositivo midiático funde imagens de Medianeira com o *off* do governador, que fala por três minutos, fazendo com que marcas dos campos religioso e político misturem-se.

Não é só o campo religioso que produz simbólicas para serem re-construídas e estruturadas pela cerimônia midiática, mas também agentes de outros campos que astutamente colocam-se num lugar estratégico para que possa ser captado e enquadrado pelo trabalho dos dispositivos.

Depois da fala do governador, o bispo de Santa Maria é, novamente, entrevistado: "Nós como povo cristão ficamos felizes em **homenagear a mãe de Jesus**, que é mãe de todos nós" (Bispo Dom Hélio Adelar Rubert na transmissão 'ao vivo' da Romaria de 2004). A voz do religioso é agregada à midiatização como estratégia de visibilização de marcas e de elementos intrínsecos ao campo religioso.

Ainda que dê visibilidade a agentes de campos que são auxiliares na construção da Romaria, como o político, o dispositivo midiático tem de mostrar elementos centrais da cerimônia religiosa, como algumas de suas simbólicas e as falas dos representantes do campo que é o principal gestor da *feira*.

Mesmo que silencie em alguns momentos, deixando que as imagens expressem o sentido ritual do acontecimento, como lembram Dayan e Katz (1995), em outras ocasiões, o dispositivo trata de explicar o que está sendo mostrado como estratégia para ressaltar que é uma testemunha privilegiada da cerimônia e que possui competência para estruturá-la.

Enquanto a televisão enquadra o momento em que o quadro é colocado no Altar Monumento, o repórter explica o teor das imagens: “**Neste momento**, uma preparação para a **chegada do quadro** trazido com a imagem de Nossa Senhora Medianeira **aqui** para o Altar Mor da Basílica (...) **Neste momento, está chegando, subindo** a imagem, é um dos **momentos mais lindos** desta Romaria de Nossa Senhora Medianeira. O repórter Newton Silva está **em outra posição aqui** e podemos ouvi-lo” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

O dispositivo refere mecanismos que integram os seus modos de operação. Através de autoreferencialidade, o representante do campo midiático destaca aspectos do funcionamento e das mecânicas da transmissão (‘em outra posição’) para mostrar, além da testemunhalidade, que o dispositivo tem competência para produzir o acontecimento, mostrando-o através de distintos ângulos e estratégias.

O acontecimento não é só construído através dos insumos fornecidos pelas simbólicas predominantes da cerimônia religiosa, pois a ele são agregadas informações, dados auxiliares e fatores contextuais que fazem com que a midiatização não tenha apenas elementos rituais, mas também registros jornalísticos. “São **milhares de fiéis** presentes aqui ao Santuário Basílica de Medianeira. Um **dia de sol, temperatura fresca**, uma temperatura **agradável**. E conosco está aqui com a **dona Irdes**, que acompanha há mais de 10 anos a Romaria (...). Dona Irdes, **como é essa devoção** para a senhora?” (Repórter Newton Silva, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

Esse novo modelo de midiatização passa a incluir de forma mais direta os fiéis na cerimônia midiática. Pela primeira vez, o dispositivo dá voz àqueles presentes na Romaria. Até as transmissões de 2003, em alguns momentos, captava-se apenas imagens mais gerais de devotos, sem identificá-los ou ouvi-los.

Agora, a voz da recepção é incluída como parte do ritual, já que a experiência de vida do devoto é compartilhada com a *comunidade midiática*: “É que eu me quebrei as duas pernas e vim agradecer a ela por ela me dar força porque eu posso caminhar de novo” (Da devota Irdes, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

A voz da recepção é instituída pela produção para mostrar que também compõe a cerimônia midiática. O receptor está presencialmente no contexto do acontecimento e passa a ser ouvido pela mediação de microfones, câmeras e do trabalho significativo dos profissionais que cobrem essa manifestação. Alguns devotos são eleitos e destacados para que se constitua como uma metáfora da própria *comunidade midiática*, como ressaltam Dayan e Katz (1995), ao referirem a estratégia do dispositivo de eleger atores em meio à multidão para a produção da cerimônia midiática.

Mais uma devota é entrevistada: “**Por que** a senhora tem **tanta** essa **fé por Medianeira?**” (Repórter Newton Silva, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). “Porque alcancei uma graça quando era criança” (Devota Cândida, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). A câmera mostra não só o áudio, mas também a imagem das duas fiéis entrevistadas (foto abaixo).



FIGURA 43 - Reprodução da imagem de devota

O dispositivo passa a incluir as vozes da recepção na construção do cerimonial midiático como estratégia de construção de vínculos entre os que estão presencialmente e a *comunidade midiática*. Mostrar o fiel é também uma estratégia de compensação para procurar

diminuir e, mesmo apagar, a distância, como ressaltam Dayan e Katz (1995), entre a cerimônia que está sendo engendrada e o receptor que está em casa.

O dispositivo também quer mostrar que o acontecimento tem uma testemunhalidade que provém do próprio campo da recepção e que não é apenas exercida pela mídia, e nem que está somente centrada no *status* das autoridades, sejam religiosos, políticos, empresários ou historiadores.

Mostrar os devotos significa também que a *simbólica formal* disputa visibilidade com a *simbólica informal* do acontecimento, já que ao invés de ficar mais centrada no ritual religioso em si, a transmissão direta mescla fatores que fazem parte de outros campos que não só o religioso. Com isso, os modos de construção do cerimonial midiático fazem com que a Romaria se torne um acontecimento mais complexo.

Depois das entrevistas com os devotos, o repórter faz um comentário sobre o funcionamento da Romaria: “Muitas pessoas acompanham **aqui pelo palco e pelo Santuário** de Medianeira a chegada da **imagem da Santa no Santuário**. Daqui a pouco começa a missa **aqui no palco oficial do Santuário** de Medianeira” (Repórter Newton Silva, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). A fala denota desconhecimento da *gramática* do acontecimento e da forma como é organizado, já que refere o Altar Monumento como ‘palco’ e o Parque da Medianeira como ‘Santuário’.

Nesse modelo, o agente do campo midiático constrói sua fala com marcas das simbólicas do religioso: “Seguramente com esse dia maravilhoso que **Deus nos concede** será uma grande romaria” (Repórter Elton Bozzetto, no boletim ‘gravado’ inserido às 9h, antes do em direto, na Romaria de 2004). “Muito obrigado, governador Germano Rigotto e **uma boa celebração para todos nós**” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão direta da Romaria de 2004).

Essas falas iniciais duraram doze minutos e explicitam uma concepção de transmissão alicerçada num dueto entre os dois repórteres, que se apóiam sobre os representantes dos campos religioso, político e da recepção, fazendo com que eles co-participem e co-produzam o acontecimento.

Após, o dispositivo silencia para que se possa celebrar o ritual religioso por meio do áudio local que é mesclado e combinado às imagens que capta, seleciona e edita. Depois dessas construções iniciais, a Rede Vida passa a mostrar uma série de angulações do ritual da missa, retransmitindo o áudio local sem falas dos repórteres por aproximadamente uma hora e 30 minutos.

A cerimônia midiática é construída a partir de pausas, como destacam Dayan e Katz (1995) e Katz (1993), e também através de desaceleramentos e de tons sacerdotais que procuram explicar as imagens. Nesse novo modo de operar do processo de midiatização da Romaria, esses elementos não aparecem na totalidade da cerimônia, já que a pausa se dá por um grande período de tempo, em que toda a missa é mostrada sem o áudio dos repórteres, mas apenas o que é captado pelo sistema de som local. Esse formato denota que há uma série de registros no momento inicial conferindo à cerimônia um caráter que se aproxima do noticioso e, após, há um trabalho centrado nas imagens que ditam o novo tom da midiatização.

Os ângulos e enquadramentos são proporcionados pelo ‘olho’ das 4 câmeras que estão próximas do Altar Monumento e que fornecem imagens em planos mais fechados, especialmente de momentos dos rituais religiosos, e também das duas que estão mais próximas da entrada do Parque e que captam em planos mais abertos. Elaborou-se um diagrama para ilustrar alguns dos mecanismos que integram a complexidade dos modos de operar do dispositivo.

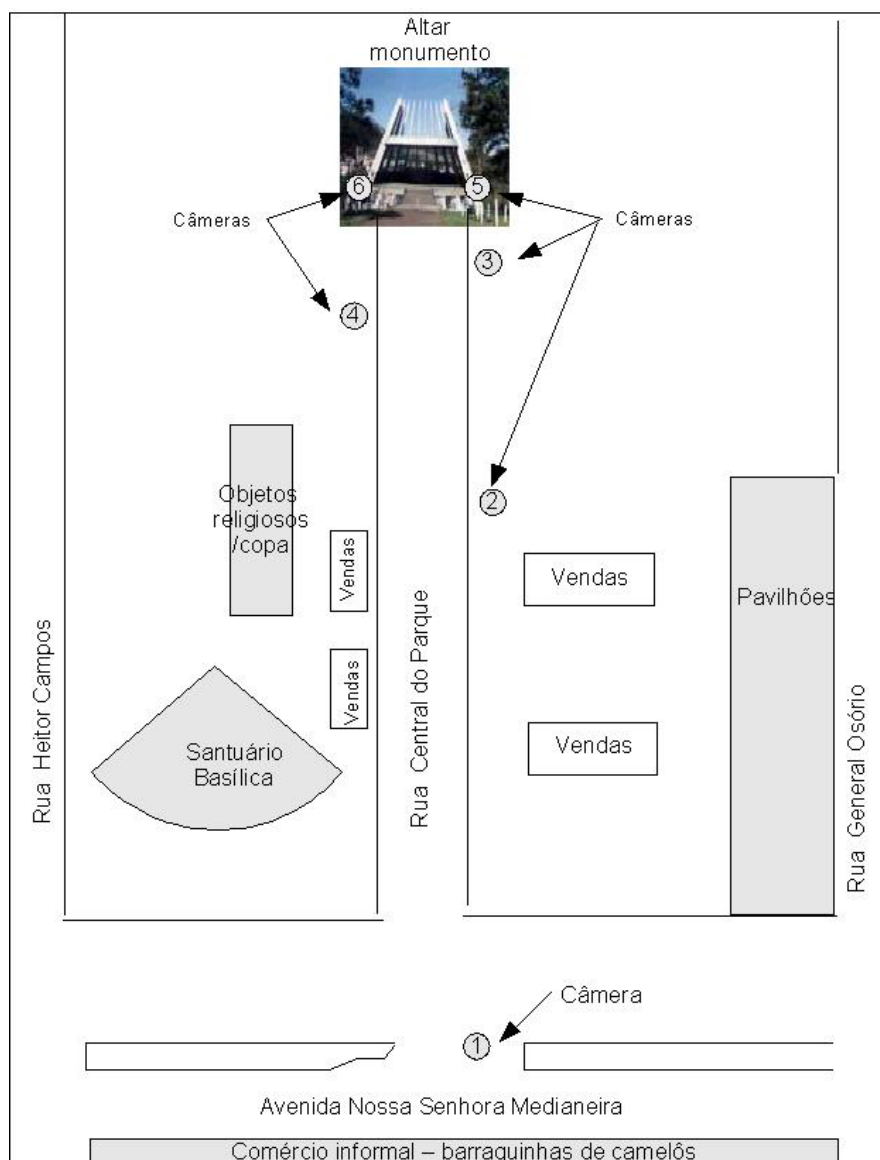


FIGURA 44 - Mecanismos da transmissão do Modelo 4

A exemplo do ano anterior, a cobertura conta com seis câmeras. Duas câmeras cobrem os entornos, por isso estão localizadas mais à distância do ritual principal: uma está localizada no início do Parque (1) e capta a movimentação de entrada e saída do Parque e a outra está à direita (2), aproximadamente no meio do percurso do Parque, a 100 metros do Altar Monumento, e consegue fazer uma tomada mais geral da multidão. Quatro delas cobrem mais especificamente o ritual da missa: uma câmera fixa (4) está à esquerda, a cerca de 30 metros e a outra (3) está à direita, a cerca de 15 metros do Altar Monumento; as outras duas câmeras de ombro e movimentam-se em cima do Altar Monumento (5 e 6).

Os operadores de câmeras captam distintos enquadramentos que possam passar pelo crivo do editor de imagem e do diretor geral da transmissão que procura selecionar a imagem que melhor cubra o áudio local.

Detalhes das simbólicas do campo religioso são focadas: o quadro de Medianeira, a bíblia que é carregada até o Altar por uma família, velas, flores, cálices. Grande parte dos fragmentos dos rituais religiosos é mostrada por meio de planos mais fechados.

O dispositivo também gera enquadramentos específicos naqueles que produzem momentos dos rituais: crianças que encenam, nos leitores, nos animadores e puxadores, nos cantores, nos religiosos que proferem alguma oração, em pessoas caracterizadas com o traje gaúcho que carregam tochas, em pessoas que participam de projetos de economia solidária e carregam alimentos e objetos de artesanato.

Aqueles que constituem a própria Romaria são também mostrados: o dispositivo elege alguns fiéis que são mostrados através de *closes*, como crianças, pessoas concentradas no ritual, que rezam, que portam símbolos. É uma estratégia singular produzir simbólicas que possam ser apreendidas pelos dispositivos, como cartazes de projetos sociais.

Em planos mais gerais, a multidão é mostrada de vários ângulos, as câmeras passeiam em planos mais abertos procurando mostrar uma cena maior que o ritual da missa. Mostra-se por meio de angulações e enquadramentos distintos, o Parque da Medianeira tomado de fiéis. Por sua vez, a câmera posicionada entre a entrada do Parque e o Altar Monumento angula a multidão de frente e de costas.

Em alguns momentos, o dispositivo televisivo reorganiza o seu cerimonial em função de ações geradas pela cerimônia religiosa. Após o ato litúrgico da comunhão, o governador do estado pega uma flor e atravessa o Altar Monumento para prestar sua homenagem a Medianeira. Esse ato, mostrado com destaque por diferentes ângulos da televisão, é também referido por aqueles que conduzem o próprio ritual religioso: “**O bonito gesto do governador**, que coloca uma flor” (fala captada pelo sistema de som local e retransmitida pela televisão, de um animador/puxador do ritual religioso da Romaria).

Essa construção simbólica integra e altera a própria constituição da cerimônia religiosa, em que o dispositivo não só visibiliza o representante do campo político, como também legitima suas ações, associando esse ato à própria estrutura do ritual litúrgico.

Depois do apagamento do próprio áudio da televisão por uma hora e 30 minutos, a imagem centra-se no repórter que dá marcas da presencialidade midiática, localizando o telespectador acerca do acontecimento: “**Nós acompanhamos** assim a celebração da santa missa dessa 61ª Romaria de Nossa Senhora Medianeira. Conforme dados oficiais divulgados pela Brigada Militar, **há poucos instantes, 270 mil pessoas** participaram desta Romaria **aqui na cidade de Santa Maria**” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). Depois da longa pausa, o dispositivo volta a operar com o áudio próprio e retoma o que estava sendo mostrado até então, agregando informações factuais.

Ao contrário do ano anterior, quando a transmissão teve de ser encerrada antes do fim do ritual litúrgico da missa, em 2004 ‘sobrou’ tempo no final quando o dispositivo estruturou uma conversação em torno da cerimônia. Foram incluídas na cerimônia midiática vozes de representantes dos campos político, religioso e da recepção, num total de quatorze minutos.

A voz do campo da recepção é inserida para apontar que o receptor faz parte da cerimônia midiática e também para mostrar que essa prática social específica tem como testemunhas não só a mídia, mas também aqueles que a acompanham presencialmente (‘aqui, agora’).

O receptor é incluído na cerimônia tomando-se como referência dados e marcas de outros campos. “O **governador estava falando** há pouco de pessoas que vêm de todo o Brasil **aqui** para a Romaria de Nossa Senhora Medianeira e comigo está **agora** o general César Montanha. Ele é carioca, mora no Rio de Janeiro e acompanha a Romaria porque o senhor foi comandante **aqui** da Base Aérea de Santa Maria, não é isso?” (Repórter Newton Silva, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). “Foi. Ingressei aqui em 1973 (...) agora, venho **agradecer a Deus** a cada ano que passa que eu já estou com 90 anos” (Devoto César Montanha, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O repórter finaliza: “Muito obrigado ao senhor e continua então **passando aqui para o repórter Elton**”. Como os

repórteres trabalham de forma conjunta na produção do acontecimento midiático, faz parte desse formato referir o colega (a deixa) para que a transmissão direta prossiga.

As vozes dos anunciantes (Prefeitura, Governo do Estado) constituem a cerimônia midiática e os que cumprem papel de mediação na captação de recursos e/ou patrocinadores da transmissão ‘ao vivo’ (deputado José Haidar Farret) também têm espaço garantido e uma ‘cadeira cativa’. Nesse sentido, o dispositivo transforma os anunciantes numa parte integrante da cerimônia midiática, já que suas falas são inseridas, fazendo com que esse formato de mediatização tenha marcas daqueles que financiam a transmissão ‘ao vivo’, tendo reflexos sobre os próprios modos de constituição do acontecimento.

O modo de construção evidencia o governador, que é entrevistado duas vezes; as ações do prefeito são subordinadas à presença do governador e o deputado que tem presença certa e é destacado como devoto. “Eu tenho ao meu lado **duas pessoas que são maravilhosas o deputado José Farret** que tem 50 anos de Romaria da Medianeira e o padre Enio Rigo”; “O deputado Farret antes de ser político, de ser médico, é **um testemunho de fé** que acompanha a tantos anos esta romaria”; “Prefeito, vamos acompanhar aqui, **vamos saudar o governador Germano Rigotto** né, que acompanhou, fez questão de estar aqui conosco nesta celebração”; “A Rede Vida **agradece, governador, a sua presença e também a presença do prefeito Valdeci Oliveira** (foto abaixo). **Que de mãos dadas possamos** cada vez mais fazer crescer essa festa e também **crescer o Rio Grande**” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

Por meio dessas diferentes formas de nomeação, o dispositivo midiático institui a sua própria cerimônia, seja por meio de conexões, vínculos, distinções, agenciamentos de vozes e de campos. Os políticos são referidos pelo dispositivo por vários papéis: por serem anunciantes, políticos e devotos. Através desse modo singular de construção da cerimônia midiática, agrupam-se as falas e realizam-se conexões entre agentes de campos.

O dispositivo midiático também estrutura e engendra temas com intuito de promover na cultura midiática da efemeridade e da instantaneidade conciliações e agenciamentos de ações que fora da esfera midiática são díspares. Ao juntar representantes do campo político com características distintas, que comumente travam disputas simbólicas nas esferas

mediática e pública, a Rede Vida acaba, à sua maneira, apagando momentaneamente essas diferenças e construindo um elo comum entre essas vozes (‘mãos dadas’, ‘fazer crescer o Rio Grande’), instituindo a sua comunidade.

A Rede Vida através de operações *tecno-simbólicas* de seu dispositivo constrói a sua própria concepção de política no Rio Grande do Sul, que remete a uma subordinação (reprodução de fragmento na seqüência, à esquerda) do prefeito ao governador (‘Prefeito (...) vamos saudar o governador Germano Rigotto’). O agente do campo midiático desempenha por instantes, um papel que não lhe é característico, pois assume para si um típico discurso político, mesclando o sucesso da Romaria ao crescimento do estado.

O dispositivo não só engendra a cerimônia a partir das vozes dos outros campos, como realiza também um papel regulador, assumindo para si competências específicas de outros campos sociais – como o religioso (sucesso da romaria que depende da organização por parte da Igreja Católica) e o político (crescimento do estado).

Um conjunto de vozes de políticos constitui essa conversação final que é articulada segundo lógicas e regras do midiático. Uma ação do midiático é convidar outras vozes para integrar a cerimônia midiática já expressando de antemão o sentido que dá ao acontecimento: “Prefeito Valdeci Oliveira, que belíssima celebração, **que belíssima demonstração de fé**” (...)“**Governador, que bela demonstração de fé do povo gaúcho**” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

A estratégia do representante do campo político local é destacar o nome da cidade para fazer com que o telespectador vincule o evento a Santa Maria, como forma não só de enaltecer a fé em Medianeira, mas de fundir o discurso político com o religioso. “**Santa Maria** mais uma vez acolheu todos aqueles que têm fé, todos os missionários, de todas as regiões do país e do mundo (...). Isso demonstra a fé e quanto a mãe Medianeira é admirada **por todos que acreditam em Deus** e que acreditam na **esperança de dias melhores**”. (Prefeito Valdeci Oliveira, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). Durante a fala, o dispositivo alterna entre enquadrar a imagem do prefeito e mesclar o seu áudio com elementos da *feira*, como o quadro de Medianeira e uma tomada geral da fila que os fiéis fazem para tocá-lo. Em busca de um efeito de sentido que denote que quem fala é o devoto e não o

político, o prefeito faz uso da visibilidade midiática para mesclar o discurso político ao religioso.

Essa estratégia de fazer uso de simbólicas do religioso na construção de sua fala garante não só visibilidade às ações de seu campo específico, mas também é uma forma de legitimação de suas práticas procurando demonstrar que elas não são exclusivamente ligadas ao campo político.

“Eu estou muito feliz de **poder como governador** ver uma demonstração de **fé que ajuda o Rio Grande (...)** a ser um **estado exemplo (...)** que **cresce**, mas que **tem que crescer com mais igualdade** e sempre uma demonstração de fé significa uma **união** muito grande” (Governador Germano Rigotto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O governador do estado, que já havia dado entrevista num dos momentos mais importantes da Romaria – quando da chegada da imagem de Medianeira – fala novamente por cerca de três minutos.

A visibilidade proporcionada pelo dispositivo midiático em âmbito nacional é uma chance ímpar de expressar conceitos e características que ultrapassem as fronteiras do estado e ainda uma forma de legitimação de suas práticas. O dispositivo enquadra em plano americano o governador, que mescla fatores relativos aos campos político e religioso destacando valores do Rio Grande do Sul (‘estado exemplo’) e remetendo ao seu *slogan* de governo (‘união’).

Se os representantes do campo político astutamente tomam como insumo de suas falas as marcas dos rituais religiosos como estratégia singular de atingir os seus públicos, seus objetivos só se concretizam em função do trabalho do dispositivo midiático.

As vozes dos patrocinadores constituem e co-produzem a cerimônia. Além do governador e do prefeito, a Rede Vida agrega à cerimônia midiática também a voz ‘cativa’ do político local, que a exemplo dos outros agentes de campos, desempenha um papel singular na captação de recursos junto aos patrocinadores. “O **aumento da fé**, isto é bom, isto é bom o **povo acreditar** mais do que nunca na **presença de Deus**, é a fé, hoje, veja, mais de 270 mil pessoas sem dúvida alguma é aquilo que eu dizia a **religião não é a arma dos fracos** é simplesmente aquilo que faz com que **cada um se fortifique**” (Deputado José Haidar Farret,

na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O político centra sua fala em aspectos relativos ao campo religioso (‘aumento da fé’, ‘presença de Deus’), mas também utiliza expressões corriqueiras a seu próprio campo (‘povo’) e também aspectos culturais através de um dito popular (‘não é a arma dos fracos’).

O dispositivo televisivo convoca também para a co-produção a fala daqueles que detêm competência sobre seu campo específico como forma de compartilhamento dos sentidos do acontecimento. Para tanto, não só o factual merece ser mostrado, mas também ações realizadas na *ante-sala* quando da preparação do rituais religiosos: “Padre Enio **como foi toda essa preparação bela** da Liturgia da 61ª Romaria?” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). “A liturgia da romaria da Medianeira tem todo um processo que começa desde a **escolha do lema e tema pelo contexto em que a gente está vivendo** no Brasil, na diocese e no mundo” (Padre Enio Rigo, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

A cerimônia midiática não é construída apenas sobre elementos observáveis no momento da realização dos rituais, mas também com os seus antecedentes que se realizam nos bastidores. Para isso, como o dispositivo midiático não domina os aspectos e os processos intrínsecos à ocorrência e à preparação da Romaria, o representante do campo religioso é convidado para rememorar alguns aspectos que fazem parte da *ante-sala*.

Entretanto, a lógica da midiaticização impõe limites e regras que devem ser obedecidos para que dê conta de mostrar aquilo que avalia como mais importante a ser destacado e mostrado. A longa fala do religioso faz com que o repórter desenvolva uma estratégia singular para enunciar o que considera mais significante no momento: “Padre Enio, eu peço que **você aguarde**. Aqui **eu quero conversar** um pouco **com o deputado** José Farret” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

Ao mesmo tempo em que a mídia proporciona ligação entre as vozes dos campos sociais ele promove também tensões, já que a fala do religioso é interrompida para que possa ser inserida a voz do político. Nesta construção singular, a televisão engendra uma submissão do campo religioso ao político (‘aguarde’, ‘eu quero’), pois o religioso é obrigado a esperar até que o deputado seja ouvido. “**Todos rezamos** por Dom Ivo (...) a ele queremos dedicar as

nossas preces para que se restabeleça o mais breve possível” (Deputado José Haidar Farret, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

Não é só o dispositivo midiático que engendra as falas dos campos, mas os seus agentes também desenvolvem estratégias próprias de diálogos uns com os outros, via processos de midiaticização. “**Obrigado deputado Farret. Parabéns por esse testemunho de fé**” (do repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). “**Parabéns também ao padre Enio**, que sempre é o responsável daquela equipe de liturgia que efetivamente torna mais brilhante a participação da missa” (Deputado José Haidar Farret, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). Como o repórter já havia privilegiado a fala do político, referindo-o com destaque e vinculando-o ao papel de devoto, em detrimento do religioso, o próprio político trata de agradecer ao religioso, conferindo importância pelo papel que desempenha.

Em meio a esses atravessamentos de vozes e marcas de campos, o repórter volta a entrevistar o religioso sobre o significado do ritual da missa, agradecendo, novamente, ao político: “Padre Enio, eu **quero voltar ao assunto**, por favor. **Obrigado deputado Farret. O que você queria transmitir aos telespectadores** e a todos que estavam aqui **com aquela encenação?**” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

A televisão só permite que a cerimônia religiosa seja detalhada pelo especialista após conceder visibilidade e legitimidade ao político. “No **ato penitencial** nós procuramos retratar a figura **do filho pródigo (...)** que está retornando à casa do pai que retrata a humanidade na sua dor, no seu sofrimento, na sua situação de pecado (...) Quisemos nesta romaria, dar um **rostro gaúcho** a ela, nós somos de **Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul**, quisemos **dar um rosto gaúcho. No ofertório**, o grande projeto **Esperança-Coesperança da Diocese de Santa Maria**, mais de 200 grupos de geração de trabalho e renda” (Padre Enio Rigo, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

Se durante a realização dos rituais religiosos, o dispositivo midiático construiu sua cerimônia com o áudio local da *feita* mesclando-o a angulações e a enquadramentos sem apoiar-se em elementos que dessem conta de explicar as simbólicas e os cerimoniais

desenvolvidos pelo religioso, no momento final da midiática, convida o especialista do campo para explicar as ações que foram desenvolvidas anteriormente.

O especialista do campo religioso explica os respectivos significados dos símbolos religiosos que foram mostrados durante a midiática e que não foram contextualizados no momento em que apareceram, já que durante toda a missa, como já foi referido, a Rede Vida apenas retransmitiu o áudio local da Romaria. A fala também enfatiza o seu ‘lugar de saída’ – o campo religioso (‘ato penitencial’, ‘ofertório’)– e também aspectos contextuais (‘gaúcho’, ‘Santa Maria, Rio Grande do Sul’).

O dispositivo constrói a sua cerimônia a partir dos elementos expressados pelos rituais. Porém, se não dá conta de mostrá-los enquanto se realizam, posteriormente, o faz através da agregação de falas de seus organizadores e de especialistas para estruturar a ‘pós-cerimônia’. Nesse sentido, não há como identificar uma autoria no ‘ao vivo’, pois, como lembra Carlón (2004), a articulação dessas várias vozes faz com que a função do diretor seja co-partilhada.

Entretanto, a cerimônia midiática é engendrada não apenas com as marcas específicas dos rituais religiosos, mas também de elementos co-associados. “Padre Enio, parabéns por este trabalho. “A cidade de **Santa Maria e região** está num grande envolvimento, inclusive **pode sair daqui** mais um santo para a igreja católica (...).Dom Hélio, como está esse trabalho para que o **diácono Pozzobon** seja levado aos altares e **declarado santo** pela igreja católica?” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). O último entrevistado é o bispo de Santa Maria, que já havia participado do boletim ‘gravado’ e também na transmissão direta. O assunto específico não é relacionado diretamente com a Romaria, pois trata do processo de canonização do diácono João Luiz Pozzobon.

O campo religioso local faz uso do espaço estruturado e da visibilidade concedida pela televisão para projetar, em âmbito nacional, temas e ações relativas ao seu campo: “**Nós, como** diocese, estamos fazendo todo o nosso empenho para que esse processo seja agilizado e quanto antes possamos **ter a graça** de participar **da beatificação desse grande homem de Deus**” (Bispo Dom Hélio Adelar Rubert, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004). A fala é carregada de marcas do seu lugar constitutivo.

Nesse modelo de midiaticização, o dispositivo constrói a sua cerimônia com base em vozes de outros campos do início ao fim, porém, é sua voz específica que encerra a transmissão direta. No final, o repórter da Rede Vida faz um encerramento formal falando por um minuto e fechando a transmissão direta no tempo total de uma hora e 50 minutos.

A fala final é a do agente do campo midiático, mas esse encerramento é engendrado através de um enquadramento que possa captar a sua imagem, a do colega e a do religioso. O repórter encerra a transmissão posicionado entre o bispo e o colega, de modo que a câmera possa enquadrar num plano semi-aberto, a imagem dos três, tendo como fundo o Altar Monumento.



FIGURA 45 - Governador em ângulo privilegiado e a co-produção de encerramento

O campo midiático apóia-se e divide os sentidos representados pelas suas ações no momento final da midiaticização ao solicitar que o religioso faça parte desse ritual de encerramento e também dá marcas de testemunhalidade (reprodução de fragmento acima, à direita). “**Dom Hélio, peço que o senhor permaneça aqui. Newton, por favor, chega bem pertinho aqui.** Nós Vamos fazer essa **cena de encerramento**, porque na verdade esse trabalho realizado **aqui, hoje, Dom Hélio**, foi um **trabalho conjunto** da Rede Vida de TV e da TV Educativa do Estado do Rio Grande do Sul. (...) Quero **ainda agradecer aos patrocinadores desse nosso trabalho** Transporte Planalto Banrisul, Expresso Mercúrio e Prefeitura Municipal de Santa Maria que **colaboraram conosco** para que nós pudéssemos levar até você, amigo de todo o Brasil, essa belíssima celebração da padroeira do estado do Rio Grande do Sul, Nossa Senhora Medianeira” (Repórter Elton Bozzetto, na transmissão ‘ao vivo’ da Romaria de 2004).

O sistema misto de produção midiática entre Rede Vida e TVE-RS é apontado como uma parceria positiva e essa co-produção é referida na finalização da cerimônia midiática como meio de visibilidade dos próprios modos de operação do aparato técnico-significante. Os patrocinadores são referidos no final e fecham a transmissão direta numa construção que os coloca num patamar de serem um dos principais responsáveis para que a cerimônia midiática pudesse ser realizada. Os promotores do campo econômico não têm a mesma visibilidade que os financiadores do campo político, pois são enunciados apenas através de suas marcas, seja antes, durante ou no final da transmissão direta.

A última imagem é um plano aberto do Altar Monumento, na qual é possível visualizar pessoas que entram e saem do Parque da Medianeira e também vê-se fiéis em fila que aguardam o momento de poderem tocar o quadro de Medianeira. Esse enquadramento final é mesclado ao hino à Medianeira.

4.5 Modelo 5: Midiático apaga o religioso

Num processo crescente, a lógica da midiatização vinha enxugando, condensando e alterando os modos de visibilizar e de construir a Romaria. Depois da redução do tempo de transmissão direta, a partir de 2003, e, em 2004, de junções entre ‘ao vivo’ e ‘gravado’, o midiático impõe-se sobre o religioso de forma drástica em 2006, quando a transmissão deixa de ser ‘ao vivo’, conferindo ao acontecimento apenas pequenos registros.

O modelo de midiatização da Romaria engendrado pela Rede Vida em 2006 acaba suprimindo o religioso para que se cumpra a lógica da programação. Mesmo sendo uma emissora católica, a Rede Vida retira da estrutura de sua agenda um acontecimento que vinha sendo transmitido há 10 anos. **Abaixo, um resumo das operações desse modelo que apontam para enxugamentos.**

| |
|---|
| Elementos integrantes da transmissão: |
| 2 boletins ‘gravados’ e inseridos antes do programa jornalístico especial |
| registro de 5 minutos ‘ao vivo’ após término dos rituais |
| 1 repórter |
| 2 entrevistados em boletins inseridos antes do registro ‘ao vivo’ e da veiculação do programa especial |
| 1 entrevistado ‘ao vivo’ |
| no programa especial, vozes dos campos religioso (padre Sílvio; Dom Ivo, Dom Hélio, padre Bonini); político (prefeito Valdeci); recepção (devota, Terezinha) |
| Patrocinadores: Banrisul, Mercúrio e Prefeitura Municipal de Santa Maria |

QUADRO 6 - Elementos da transmissão do modelo 5

Para a televisão, a Romaria deixa de ser um acontecimento midiático no sentido formal referido por Dayan e Katz (1995 e 1984) e Katz (1993), que são previstos, agendados, organizados e anunciados com antecedência, pois nenhum de seus rituais constitutivos resiste à lógica da midiaticização para continuarem sendo transmitidos diretamente. A Romaria vira um ‘especial’, em formato singular que se aproxima e se associa a questões publicitárias.

Nesta mudança radical, o dispositivo opera numa inconstância de formatos e de estratégias, que hora remetem que haverá ‘ao vivo’ e, em outros momentos, refere um ‘programa especial’. Exemplo dessa ambigüidade é verificada na chamada comercial inserida dias antes da Romaria: “Domingo, **ao vivo, flashes e programa especial direto** de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Romaria de Nossa Senhora da Medianeira. Apoio: Banrisul – o banco do estado do Rio Grande do Sul; Mercúrio – 60 anos bem rodados. Prefeitura Municipal de Santa Maria; Rede Vida – o canal da família” (chamada padrão, veiculada na Rede Vida nos dias que antecederam a Romaria de 2006)

A chamada é estruturada de tal forma que não há como precisar em que horário e como vai ser realizada a midiática. O enunciado, que foi ao ar dezenas de vezes, de 6 a 12 de novembro, não refere o horário em que a televisão vai entrar ‘ao vivo’, emitir os *flashes* ou veicular o programa especial, explicitando apenas que vai ser no domingo. Uma das estratégias é fazer parecer que o acontecimento será construído em distintos formatos e mostrado de várias formas.

O que faz com que a midiática desse ano se constitua num modelo específico é o fato de que há uma entrada ‘ao vivo’ após o encerramento do ritual da missa, durante 5 minutos, quando é anunciado o que a televisão vai mostrar sobre a Romaria.

Num sistema misto, o dispositivo engendra uma série de mecanismos e de estratégias para compensar o fato de não transmitir diretamente, como boletins sobre a mobilização da cidade para a organização e a efetivação da Romaria, a preparação anterior para os rituais que a integram, a constante explicação através de *off* das imagens de momentos da cerimônia religiosa, a alternância de papéis em que ora o agente do campo midiático age como tal, ora assume para si falas do religioso, exercendo também papel de especialista. Essas operações e mecanismos serão detalhados na seqüência.

A radicalização imposta pelo midiático ao religioso decorre de uma determinação da grade de programação que estava fechada nos domingos pela manhã com a missa habitual (8h às 9h), com a TV Aparecida (das 9h às 10h) e com o campeonato da Série B de São Paulo (das 10h às 11h55). Desde 2003, a emissora transmitia a Romaria das 10h às 11h50.

Essas imposições da grade de programação fazem com que o dispositivo mude drasticamente a temporalidade da Romaria que, em seu início, era midiática ‘ao vivo’ por quase quatro horas e, nesta última edição, por cinco minutos. Dez anos após crescentes processos de inunção dos processos de midiática sobre o acontecimento, a Rede Vida submete o religioso às suas lógicas, de um modo não usual.

A Rede Vida segue o calendário do acontecimento, deslocando-se de seu nicho para o contexto em que ele se realiza e respeitando a sua espacialidade, mas efetiva suas operações a partir de aspectos da sua própria temporalidade e de seus modos organizacionais.

O trabalho de midiatização é realizado exclusivamente pela Rede Vida de Porto Alegre, que é condicionada às lógicas e às decisões da sede da emissora, em São Paulo. Integram o trabalho produtivo, dois jornalistas de televisão que atuam no estúdio da emissora gaúcha: um repórter e um diretor geral de transmissão. A unidade externa e o *link* de satélite são da própria Rede Vida, bem como os profissionais que atuam diretamente na parte técnica.

Nesse novo modelo de midiatizar a Romaria, predominam a lógica do registro, do efêmero e do pontual. Para dar conta disso, os recursos técnicos são mais escassos, pois não é preciso fazer a produção diretamente de Santa Maria para a sede da emissora. Há apenas cinco câmeras e, se antes a maioria dos equipamentos eram fixos e posicionados quase que exclusivamente no Parque da Medianeira para poder cobrir a missa, agora duas câmeras são de ombro e móveis e duas são fixas. Elaborou-se um diagrama para ilustrar alguns dos mecanismos que integram a complexidade dos modos de operar do dispositivo.

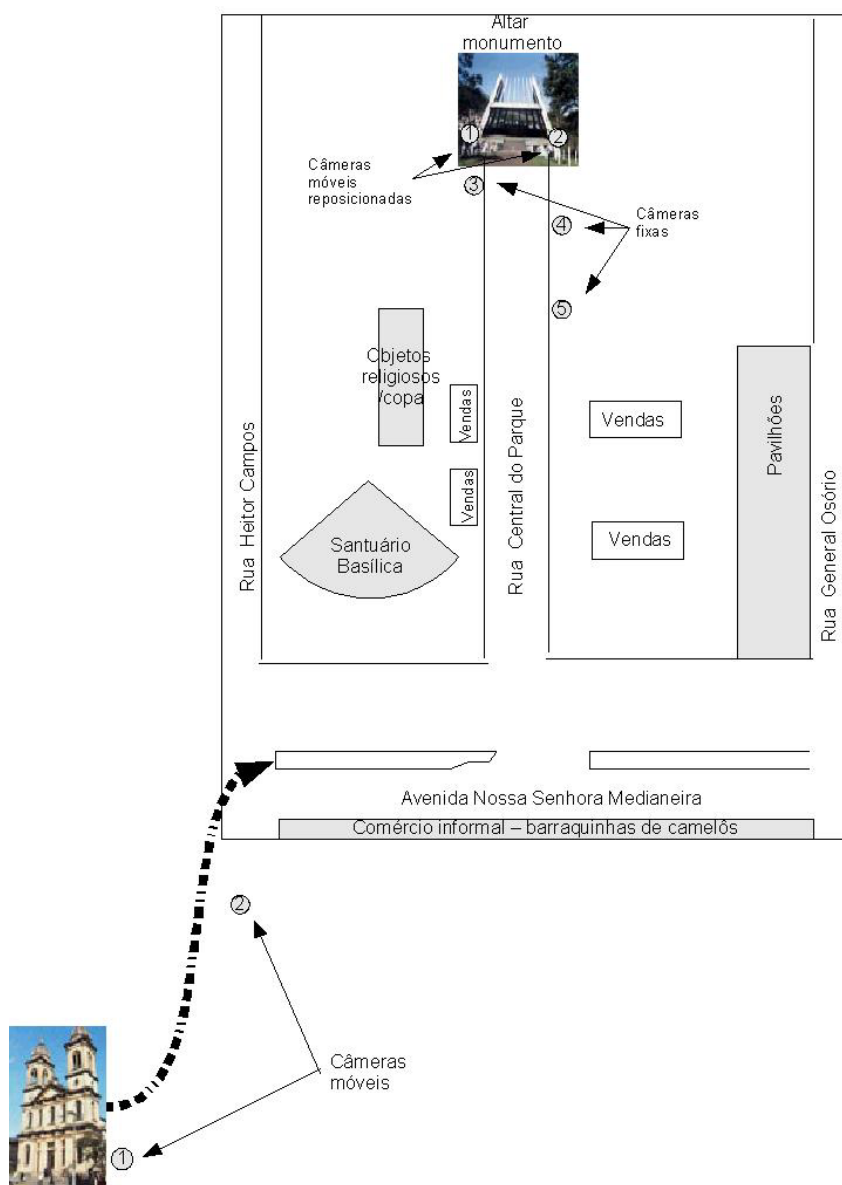


FIGURA 46 - Mecanismos da transmissão do Modelo 5

Uma câmera móvel (1) acompanha o repórter que se desloca até a Catedral para fazer boletins durante a missa da manhã, às 7h e também na saída da procissão, às 8h30. Outra câmera (2), também móvel, faz o trajeto da Romaria captando momentos e fragmentos do ritual da procissão, seja representantes dos campos que ocupam no cortejo um espaço privilegiado, o quadro de Medianeira ou fiéis. Três câmeras fixas estão posicionadas em frente ao Altar: à esquerda (3) a 15 metros e à direita (4), a 30 metros e a 70 metros. Durante a missa, as duas câmeras móveis que se deslocam para captar os primeiros rituais dão conta de cobrir momentos do ritual litúrgico em cima do Altar Monumento (1 e 2).

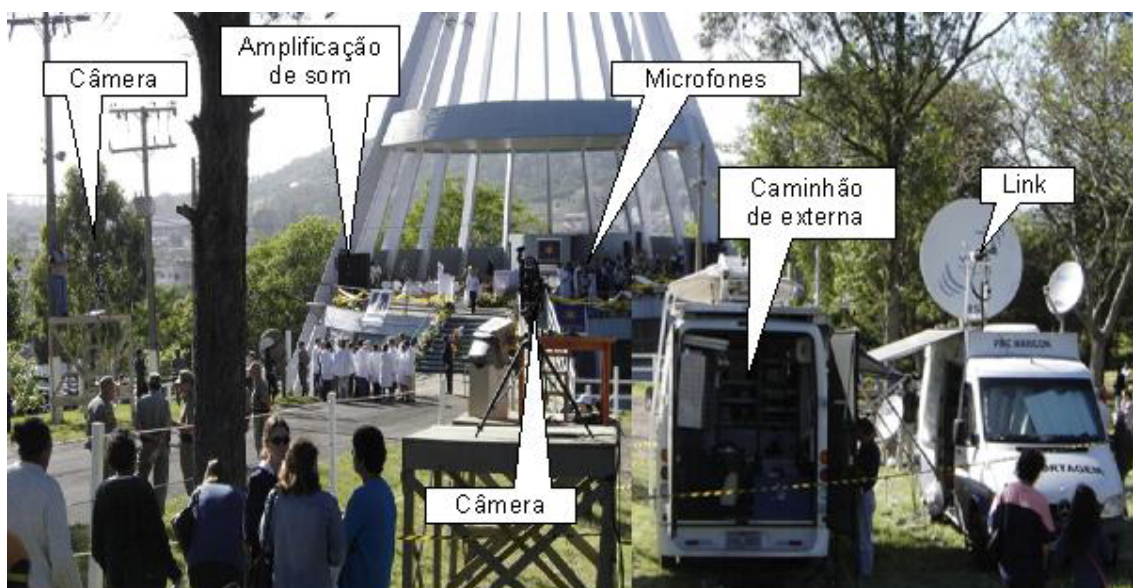


FIGURA 47 – Foto mostra funcionamento dos dispositivos do Modelo 5

Esse formato de midiaticização micro-fragmenta a Romaria, pois a cerimônia não é mais mostrada ‘ao vivo’ e o dispositivo opera para captar somente momentos pontuais da cerimônia religiosa, conferindo-lhe apenas registros.

Durante a manhã de domingo, foram inseridos dois boletins na programação da emissora, um às 7h55, que durou dois minutos e 30 segundos, e outro, às 8h55, de um minuto e 30 segundos. Além desses registros, a chamada comercial da Romaria foi inserida sete vezes. Essas breves matérias, de quatro minutos no total, tematizam e mostram momentos dos rituais que antecedem a missa principal: a ato na Catedral e o momento em que o quadro de Medianeira parte em procissão até o Altar Monumento.

O dispositivo midiático procura desenvolver estratégias que apontem para sua presença no local através de registros que buscam efeitos de sentidos que dêem uma noção da presença da televisão nos aspectos factuais que está mostrando. “**Falamos do interior da Catedral** Diocesana, construída em 1902, essa igreja histórica do estado do Rio Grande do Sul. Desde as primeiras horas da manhã, **milhares de pessoas participam aqui** das celebrações da santa missa que prepara esta caminhada até o Santuário Basílica de Nossa Senhora Medianeira. **Padre Bonini**, (...) por que se coloca esse tema?” (Repórter Elton

Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido na manhã de domingo da realização da Romaria de 2006).

Mesmo se tratando apenas de um registro jornalístico, busca-se alicerçar a fala na voz do campo que é o principal organizador do acontecimento. A construção do boletim é realizada tomando como elemento as vozes do midiático e do religioso e este tem competência para explicar alguns elementos que integram o ritual: “Este **tema foi escolhido**, também, em função da Conferência Latino Americana do Episcopado que se realizará em Aparecida em maio do próximo ano”. (Padre Antonio Bonini, em boletim ‘gravado’ e inserido na manhã de domingo da realização da Romaria de 2006).

A televisão constrói o seu dito fazendo uso de marcas que apontam para o fato de que vai cobrir diretamente a Romaria: “Padre Bonini, muito obrigado, **vamos juntos caminhar a partir das 8h e 30 minutos, aqui da Catedral até** o Santuário Basílica para essa grande celebração que reúne todos os anos milhares de pessoas” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido na manhã de domingo da realização da Romaria de 2006). Quando a televisão enuncia que vai ‘caminhar junto’ está buscando um efeito de sentido que aponte para uma midiatização ‘ao vivo’, inclusive agendando esse ato ao divulgar o horário da saída da procissão.

Construir o enunciado com marcas discursivas que denotem a presencialidade no local do acontecimento é a principal estratégia da inserção do segundo boletim. Mesmo sendo gravado logo após as 8h, é inserido apenas às 8h55, mas carrega marcas como se fosse ‘ao vivo’. “Amigos da Rede Vida em todo o Brasil, **voltamos a falar aqui** de Santa Maria onde acontece a Romaria de Nossa Senhora da Medianeira. **Nesse momento**, a imagem está **deixando** a Catedral da cidade para a caminhada até o Santuário Basílica. Serão três quilômetros de percurso” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido na manhã de domingo da realização da Romaria de 2006). Para buscar um efeito de presença no contexto do acontecimento, o dispositivo elabora seu discurso utilizando marcas que remetem à atualidade e que pareçam ser ‘ao vivo’ quando na realidade são gravados.

Mesmo se tratando de um breve registro, o dispositivo procura mostrar imagens que contenham fragmentos do que está sendo referido. Num primeiro momento, o repórter é

enquadrado num plano americano e, depois, a câmera abre num plano mais geral para captar o momento em que o quadro de Medianeira é transportado até o carro que vai conduzi-lo ao Altar Monumento.

A voz da recepção é adicionada ao discurso midiático buscando um efeito de sentido de presencialidade e de representatividade junto à *comunidade midiática*. Destacar alguém que está participando do ritual é uma forma que o dispositivo encontra para construir vínculos e manter-se em contato com o seu telespectador. Essa voz da recepção, que é agregada à matéria, só é eleita por possuir um *status* singular na organização do ritual da procissão: “Neste ano, por uma ocasião especial, fazendo uma **ligação com a campanha da fraternidade** sobre as pessoas com deficiência, um **grupo de deficientes** com cadeiras de roda vai seguir à frente da procissão. **Dona Terezinha Ferraz, o que a senhora veio pedir à Nossa Senhora Medianeira?**” (Repórter Elton Bozzetto, em boletim ‘gravado’ e inserido na manhã de domingo da realização da Romaria de 2006).

O repórter predetermina a fala da entrevista ao focar sua pergunta nas suas motivações em relação à Medianeira. “Viemos pedir várias graças em nome dos deficientes” (Devota **Terezinha Ferraz** em boletim ‘gravado’ e inserido na manhã de domingo da realização da Romaria de 2006). Depois de captar a imagem da romeira num *take* fechado, faz-se um plano mais aberto para mostrar a formação do cortejo em que os cadeirantes posicionam-se à frente. Ainda que não transmita mais a procissão ‘ao vivo’, a televisão não deixa de mostrar a sua hierarquia, no qual a forma de selecionar e de exibir denota esse modo de organização que pré-determina a execução dos rituais.

O dispositivo confere à Romaria apenas registros por meio da produção e da veiculação na programação normal desses dois boletins. Nessas breves matérias, a televisão nem mesmo agenda a continuidade da cobertura, fazendo com que os modos de transmissão da Romaria se afastem do sentido atribuído por Dayan e Katz (1996) a um acontecimento midiático, que deve ser preparado, programado e agendado pela emissora com antecedência.

Mesmo que nenhum ritual da Romaria tenha sido transmitido em direto, o repórter faz uma entrada ‘ao vivo’ (foto abaixo, à esquerda) para anunciar a veiculação de um programa editado e que é ‘especial’ sobre o acontecimento, mas antes ele agrega à construção midiática

uma única voz, a de um político. “**Nós estamos aqui direto de Santa Maria**, onde **encerrou há pouco** a missa da 61ª Romaria de Nossa Senhora da Medianeira e nós **vamos saber aqui do governador** Germano Rigotto a motivação para participar dessa Romaria” (Repórter Elton Bozzetto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). Mesmo que o formato de transmissão tenha sido mudado, a tradição de colocar a fala de anunciantes do campo político permanece. O governador é o único entrevistado ‘ao vivo’ porque o banco do estado é um dos patrocinadores e, na condensação, a voz do prefeito é inserida no programa especial.

O dispositivo não só apaga a Romaria, mas também dá mais ênfase a ações e as vozes de outros campos, como o político, que é o único a integrar a instantaneidade e a efemeridade da entrada ‘ao vivo’, num total de cinco minutos. A Rede Vida dissolve o acontecimento, nega visibilidade ao campo religioso, principal organizador da Romaria, e também as suas ações ao destacar e selecionar apenas a fala de um político na única enunciação ‘ao vivo’.

Numa construção singular, durante os cinco minutos do ‘ao vivo’, o repórter empreende diálogos com o governador do estado a partir de uma forma de enunciação que mais se assemelha a um bate-papo. “Bom dia. **Abraços dos telespectadores** da Rede Vida espalhados por todo o Brasil” (Repórter Elton Bozzetto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006).

O político assume seu lugar institucional de fala, destacando ações relativas a sua gestão e a sua participação no acontecimento. “300 mil fiéis, (...) é das grandes romarias, é um dos grandes eventos religiosos do Brasil está reunido hoje aqui. (...) **Eu fico muito feliz como governador terminando meu mandato**, estive no ano passado, estive no ano retrasado, **participando desse momento lindo de fé** que nós temos aqui em Santa Maria (...) Se nós observarmos o que representa a fé em Nossa Senhora Medianeira, nós vamos ver que **a primeira Romaria de Medianeira aconteceu lá em 1930**” (Governador Germano Rigotto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). O político também se desloca para uma outra posição de fala, a do especialista, pois destaca aspectos relativos à história e devoção, elementos que geralmente seriam enunciados por religiosos.

O dispositivo midiático engendra à sua maneira conexões e vínculos entre campos e dá um jeito de cruzar suas marcas simbólicas. Para tal, por meio de construções polifônicas faz uso de simbólicas do religioso para vincular e remeter às ações do político. “**O senhor está com uma imagem de Medianeira na mão, é para levar para a família, governador?**” (Repórter Elton Bozzetto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). Na fala, o repórter procura associar o papel do político com marcas do religioso e também com valores familiares.



FIGURA 48 - Reprodução de momentos do ‘ao vivo’

É por meio dessas construções polifônicas, associadas a um enquadramento em plano fechado do governador que carrega uma imagem de Medianeira (foto acima, à direita), que o dispositivo faz angulações, instituindo uma cerimônia própria. “**Eu acabei de ganhar essa imagem que foi mostrada a todo público, abençoada** e na certeza eu levarei com muito carinho. **E ela vai me proteger** e é muito importante que ela **proteja o estado do Rio Grande do Sul, proteja o nosso país**” (Governador Germano Rigotto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). Como não opera mais ‘ao vivo’, a televisão não consegue mais explicar os rituais e nem as imagens que integram a cerimônia midiática no instante em que ocorrem. Porém, a partir da inserção da fala do governador, dá voz para que o próprio representante do campo político explique um ritual específico que é gerado pela cerimônia.

Há uma espécie de ‘politização’ da enunciação. Se a lógica midiática impõe restrições de tempo fazendo com que não seja possível agregar aos processos de midiatização um

conjunto de falas e ações dos campos que estruturam a Romaria, o midiático trata de fazê-lo a partir de uma alternância de posições de falas e de transformações discursivas. “O senhor fez um governo que **restabeleceu as relações fraternas** no Rio Grande do Sul, **de entendimento** e isso resultou também **na atração de muitos investimentos**. Tem uma **mão divina** também nessa história?” (Repórter Elton Bozzetto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). No enunciado polifônico, o repórter agrega marcas do midiático, do religioso, do comunitário, do político e do econômico.

Nesse sentido, o dispositivo midiático engendra ligações entre os campos não só destacando o religioso, mas também as marcas e as características de seu próprio campo, mostrando que o acontecimento é híbrido e que o sentido do religioso está fragmentado.

A televisão não só refere, destaca ou enaltece as ações do campo político, como também as legitima. A instantaneidade de visibilização midiática ‘ao vivo’ não é empecilho para que o político transforme o espaço que lhe é concedido num ‘palanque eleitoral’. “Com certeza. Tu sabes que **às vezes o resultado que tu deseja ele não acontece na plenitude**, mas olha, **eu saio muito feliz do governo**, feliz pelos **investimentos que trouxemos**. **A metade sul, aonde está Santa Maria**, ela **vai crescer muito** em cima desses investimentos e também muito feliz porque **nós pregamos a união**, nós **conseguimos a união** do Rio Grande, nós conseguimos **um momento muito fraterno** para o nosso estado e eu estou muito feliz porque esse pregar a união que foi um **fator que agregou e que uniu o nosso estado**” (Governador Germano Rigotto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). A visibilidade é estratégica para que o político astutamente justifique e enalteça suas ações, referindo aspectos positivos de sua gestão como forma de balanço público, incluindo fatores de ordem política, econômica, comunitária e religiosa.

A forma de construção da conversação é informal para que a *comunidade midiática* possa estabelecer laços de identificação com a cerimônia em si e também seus elementos co-estruturantes. “Governador, muito **obrigado pela presença** em nome da Rede Vida e mais uma vez **leve o abraço para a família e que essa benção acompanhe ao senhor, dona Cláudia e os filhos**, também”. (Repórter Elton Bozzetto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). Novamente, há uma alternância de posições

discursivas, em que o dispositivo captura para si marcas do religioso para engendrar a sua enunciação.

O midiático produz o seu dito através desses diálogos com o representante do campo político que apreende para si marcas das simbólicas do religioso, dando a ‘sua bênção’ para os telespectadores. “Muito obrigado, um abraço muito carinhoso a todos os telespectadores e mais uma vez um abraço a Rede Vida **por transmitir esse grande evento** religioso do Brasil e **que Nossa Senhora Medianeira nos proteja**”. (Governador Germano Rigotto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006). A mudança nos modos de cobrir a Romaria não é percebida pelo representante do campo político, que refere a transmissão como se ela ocorresse nos moldes dos anos anteriores, quando era ‘ao vivo’.

Após empreender uma conversação com o representante do campo político, que fala por três minutos, para finalizar a única construção ‘ao vivo’, o repórter faz uma auto-descrição da estratégia de transmissão, referindo os modos com que ela se estrutura e se realiza neste ano. “Bem a Rede Vida, **neste ano, fez um trabalho diferente**. Ao invés da transmissão da santa missa, **nós preferimos mostrar tudo que envolve essa devoção**. A sua **preparação, a presença dos devotos, esta beleza que é a celebração**. Enfim **tudo o aquilo que aqui foi realizado**. Eu convido a você que acompanhe a partir de agora **o que é a devoção** de Nossa Senhora Medianeira e o que de fato mobiliza esta região do RS. Acompanhemos a partir de agora **esse trabalho jornalístico** realizado desde a tarde de ontem aqui na região central do Estado do Rio Grande do Sul” (Repórter Elton Bozzetto, em fala ‘ao vivo’ transmitida após o encerramento dos rituais da Romaria de 2006).

Se nos modelos anteriores de midiatização, havia uma série de estratégias para mascarar o ‘gravado’ para parecer que era ‘ao vivo’, nesse novo formato é enunciado com clareza que se trata dos ‘melhores’ momentos e que serão feitos apenas registros.

Para o dispositivo midiático, a complexidade dos vários rituais que integram a Romaria podem ser mostrados por meio de fragmentos, cortes, edições e condensações. Ao enunciar que vai ‘mostrar tudo’ que é relativo ao acontecimento e a sua preparação, o dispositivo está estrategicamente dizendo ao telespectador que faz seu trabalho com competência e que a decisão de não transmitir mais a cerimônia ‘ao vivo’ foi uma escolha.

O programa especial produzido pela Rede Vida, que foi ao ar das 12h às 12h55, é construído através de uma condensação da cerimônia religiosa. Para tanto, há uma série de distintos modos de mostrar a nova concepção de Romaria: uma abertura feita pelo repórter numa bancada improvisada próxima do Altar Monumento (foto abaixo), duas reportagens onde são ouvidos representantes do campo religioso, repete-se a inserção dos dois boletins veiculados durante a manhã, uma entrevista com o prefeito municipal, uma reportagem específica sobre a história da devoção que se baseia exclusivamente nas falas do bispo local e, finalmente, o repórter, em *off*, explica alguns fragmentos dos rituais religiosos.



FIGURA 49 - Reprodução de fragmento da abertura do ‘programa especial’

Inicialmente, são tematizados aspectos históricos que geralmente eram explicados por representantes do campo religioso (“A Romaria de Nossa Senhora da Medianeira **tem uma belíssima história**. Tudo **começou no ano de 1928** quando chegou a cidade de Santa Maria o seminarista Padre Valle”) e atividades anteriores ao acontecimento (“A cada ano há sempre **uma grande preparação**. (...) A **preparação mais recente** iniciou há 10 dias, mobilizando toda a cidade de Santa Maria”) (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). Para compensar o fato de não transmitir a Romaria ‘ao vivo’, o dispositivo midiático desenvolve estratégias a partir de sua própria fala: mostra-se a *ante-sala* do acontecimento, detalhando-se os seus antecedentes.

Os processos de construção da midiaticização são referidos constantemente como uma forma de ressaltar o novo modo de operação e o trabalho de produção de sentidos. “**Nossa**

equipe preparou uma reportagem mostrando como foi essa preparação final, esta mobilização da cidade se Santa Maria. **Vamos acompanhar esse trabalho**"; "uma belíssima manifestação de fé que **nossa equipe preparou**. Desde o clarear do dia **foi às ruas** ver como essas pessoas chegaram, para **ver essas manifestações** de fé e para **ouvir o testemunho** daqueles na força intercessora de Nossa Senhora Medianeira. **Nós vamos acompanhar agora** essa reportagem, **esse trabalho que colheu a beleza** da devoção e do amor que esse povo tem à Nossa Senhora sob o título de Medianeira"; "**Acompanhemos este trabalho preparado pela nossa equipe** da Rede Vida aqui na cidade de Santa Maria" (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). As marcas de autoreferencialidade denotam não só a presença, mas também a competência do dispositivo na construção do acontecimento.

Nesse formato de midiatização, há um novo processo de enunciação que é mais importante que o próprio produto. Há uma série de marcas que remetem à busca de um efeito de sentido de presença no contexto do acontecimento e também procura-se mostrar que o dispositivo opera por dentro dos rituais não deixando que nenhum detalhe escape.

Representantes dos campos religioso e político são ouvidos para a produção de matérias fazendo com que suas vozes co-gestionem o acontecimento, mesmo que em fragmentos. Os representantes do campo religioso detalham ações que se realizam na *ante-sala* da Romaria: "**Há um grande envolvimento** de todas as Paróquias e comunidades da cidade. (...) **Foi uma grande mobilização** de fé e devoção do povo de Santa Maria. (...) **Essa novena acontece** nas Paróquias da cidade" (Padre Sílvio Weber, em programa especial sobre a Romaria de 2006). "Nós, realmente, vimos, também, uma vez essa semana **todos nós vivemos** e cada uma das igrejas aumentava a gente de noite, **rezando, cantando**" (Bispo Dom Ivo Lorscheiter, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

Os representantes do campo religioso também são convidados para contar um pouco da história da devoção e da Romaria. "Em 1930, **a devoção sai do seminário** e atinge a cidade, o estado e vai se alastrando por todo o Brasil (...). No Rio Grande do Sul, os Bispos em 1942, proclamaram Medianeira de Todas as Graças como **padroeira do estado**" (Bispo Dom Hélio Adelar Rubert, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

A fala de representantes do campo político também integra esse formato de condensação do acontecimento. “Quem não perde a Romaria e é **devoto desde menino** é o prefeito de Santa Maria Valdeci de Oliveira. Prefeito, que significado que tem para o **povo de sua cidade** esta manifestação religiosa?”; “Agora Prefeito, **que importância a fé para o desenvolvimento**, para a motivação das pessoas para **buscar uma vida melhor**, buscar uma **transformação desse mundo**?”; “Quer dizer, **o Brasil pode vir para cá** e aproveitar tudo **aquilo de bom que Santa Maria oferece**, além da Universidade, além da beleza dessa região, também é o aspecto religioso?” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). O dispositivo se converte num meio estratégico de publicidade não só do acontecimento como também da cidade. Por meio de um cruzamento de marcas discursivas, o repórter refere aspectos religiosos, econômicos, políticos, sociais, turísticos e comunitários.

É através dessas conexões, cruzamentos, destaques e agregação de vozes que o dispositivo acaba promovendo visibilidade ao acontecimento e também ao município. “Para qualquer lugar que tu vai do mundo tu diz ‘**eu sou da terra de Medianeira**’”; “**Santa Maria** hoje está se destacando e tá se constituindo também como uma **cidade de turismo religioso**”; “**Santa Maria tem muita coisa boa**, muita coisa positiva”; “Santa Maria é o coração do Rio Grande, é aqui além de ser o coração do Rio Grande **é a terra da mãe Medianeira** e todo mundo quer estar muito perto dela” (Prefeito Valdeci Oliveira, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

A partir da concessão de fala ao prefeito, a televisão está vendendo uma idéia de que a Romaria não é só um acontecimento localizado, mas que integra um contexto maior no qual aspectos econômicos, culturais e turísticos são característicos da cidade, que é destacada pelo seu prefeito.

Já a voz da recepção só é referida de forma indireta, não tendo a mesma visibilidade do modelo de midiatização anterior. “Para que esse momento acontecesse, **essas milhares de pessoas que estão aqui** em Santa Maria fizeram uma grande **mobilização pessoal**” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

Transcorridos 13 minutos em que se mostrou, especialmente, agentes de campos e ações que fizeram parte da *ante-sala*, o repórter enuncia uma longa fala em *off* quando explica

as imagens selecionadas e mostradas pelo dispositivo. A estratégia principal é explicar alguns fragmentos dos rituais e seus símbolos. Para tal, o repórter desempenha um papel quase sacerdotal, como lembram Dayan e Katz (1995), ao referir o modo com que as falas são enunciadas por meio de pausas, tons reverenciais quando a televisão está presente no acontecimento para celebrar.

Não são mais os especialistas que explicam os símbolos do religioso, mas o próprio agente do campo midiático trata de fazê-lo com detalhes. No *off* de aproximadamente seis minutos, o repórter didatiza o funcionamento e o modo de organização dos rituais, explicando o significado de algumas simbólicas do religioso: “Foram **duas horas de caminhada**, duas horas de devoção, duas horas de muita fé, neste momento a imagem é trazida para o Altar Monumento de Nossa Senhora Medianeira. São os jovens que trazem (...). **À frente da imagem vem o Bispo** Diocesano (...).A cada ano, a **cada ano um Bispo de uma Diocese diferente preside a missa** solene de Nossa Senhora Medianeira (...) Nós tivemos aí, também, **à frente da procissão, um grupo de pessoas portadoras de deficiência**, elas acompanharam esses três quilômetros de caminhada. Aí estão trazendo também essas **crianças deficientes as suas cruces**, cruces que significam o sinal da salvação, o sinal de identificação com esse Cristo (...).**Os jovens carregam a imagem simbolizando essa esperança**, simbolizando também a concretização de um sonho de fé, um sonho de amor que a cada ano traz Nossa Senhora Medianeira para os corações dos fiéis” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). O repórter que até então havia feito breves registros jornalísticos, assume por hora um duplo papel de *mestre de cerimônias* e também de especialista, alternando sua posição de fala entre o midiático e o religioso.

O dispositivo constrói a cerimônia a partir dessa alternância e de transformações discursivas para tentar buscar junto ao telespectador efeitos de sentidos que remetam à eficácia de seu discurso em mostrar a simbólica dos rituais que não mostra mais ‘ao vivo’, mas que refere em fragmentos.

Nos modelos anteriores de midiatização, a missa era mostrada ‘ao vivo’ e o dispositivo mesclava uma série de imagens com o áudio local da *feita*. Como a transmissão não é mais ‘ao vivo’, o repórter anuncia que vão ser extraídos apenas fragmentos dos rituais religiosos: “Nós **vamos a partir de agora acompanhar alguns momentos** desta celebração presidida

por Dom Ângelo Salvador, essa belíssima **celebração que reuniu** milhares de pessoas aqui no Parque de Nossa Senhora Medianeira” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). No início da midiatização, o dispositivo enunciou que daria conta de mostrar ‘tudo’, porém, na hora em que o processo de produção se realiza, refere que são apenas alguns momentos.

Mesmo sendo gravado, o modo com que a Rede Vida constrói a sua Romaria remete a algumas características e estratégias de produção de um acontecimento midiático, através das quais explicam-se algumas imagens dos rituais e silencia-se em outros momentos. Após pausas, quando a imagem expressa-se por si só, faz-se novas intervenções por meio de falas.

Os momentos que integram o ritual da missa são referidos em *off* à medida que o dispositivo capta suas simbólicas, especialmente através de planos fechados, mas que são alternados também com tomadas mais gerais da multidão. “**A primeira leitura** será lida por um cadeirante e a **segunda**, que é do livro do Apocalipse, será lida por uma pessoa que tem deficiência visual. **O povo aplaude a palavra de Deus. O evangelho desse domingo** traz para os fiéis de Nossa Senhora Medianeira o primeiro milagre de Jesus, o milagre das Bodas de Canaã em que Jesus transforma água em vinho” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). Como não acompanha diretamente os rituais, a televisão anuncia de forma sucinta quais elementos os integram.

A brevidade e a fragmentação são as marcas desse modelo de midiatização. A missa, que geralmente se realiza num tempo de uma hora a uma hora e 20 minutos, é condensada pela televisão em menos de 16 minutos, quando mescla-se o áudio local do ritual com as imagens geradas pela televisão.

O dispositivo constrói uma fala para anunciar cada fragmento do ritual que vai ser mostrado: “**Nesse momento, nós acompanhamos** a homilia, a pregação feita pelo Bispo de Uruguaiana” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). Depois, a televisão funde o áudio local do ritual com suas imagens: “Pergunto: quem vem a Romaria de Medianeira? Quem são vocês? Quem somos nós? Respondo: Somos discípulos”. (Bispo Dom Ângelo Salvador, em fala gerada pelo sistema de som e captada pela Rede Vida, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

Durante o sermão, que é mostrado por nove minutos, os enquadramentos alternam-se em mostrar o bispo que faz a homilia, um plano aberto da multidão que toma o Parque da Medianeira, alguns planos mais fechado em fiéis, como os deficientes que ocupam um lugar reservado por terem participado do ritual da procissão, em símbolos religiosos como o quadro de Medianeira, pães e velas, em algumas autoridades e religiosos. Mesmo que a transmissão não seja ‘ao vivo’, a televisão mostra a hierarquia dos rituais, ressaltando-a, como lembram Dayan e Katz (1995).

O dispositivo toma para si marcas do religioso para compensar a não possibilidade de mediatizar ‘ao vivo’, pois através das simbólicas do campo que é o principal gestor da *feira* engendra um sentido próprio para os rituais. Entretanto, o que decorre desses modos de operar é que o sentido do acontecimento oscila entre o midiático e o religioso, não estando em nenhum desses campos, mas entre eles, nos atravessamentos, nas fusões e nas contaminações.

O *mestre de cerimônias* é mais que um agente que explica as imagens captadas e geradas pela televisão, porque constrói a própria cerimônia midiática assumindo outras posições discursivas. Entretanto, o seu lugar institucional de fala é determinado pelas lógicas da mediação: a brevidade, a extração de momentos, a fragmentação, o registro, o destaque aos entornos, a criação de micro-acontecimentos.

Essa estratégia de alternar seus papéis tem como intuito principal produzir um efeito de reconhecimento junto à recepção. Como o religioso não pode ser mostrado ‘ao vivo’ no momento em que seus rituais estão em desenvolvimento, o dispositivo utiliza como principal estratégia de enunciação referir algumas dessas simbólicas para que a *comunidade midiática* possa reconhecer o religioso sendo construído. “Fazei tudo o que ele vos disser. **Que essa frase de Maria sirva para cada um de nós.** Fazemos aquilo que Jesus quer de cada um de nós. **Fazei tudo que ele vos disser** é a expressão de Maria para esta fidelidade ao evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

Entretanto, mesmo que alimente sua fala com as marcas do religioso, o dispositivo também mescla e mistura o discurso jornalístico, por meio de informações factuais, ao religioso. “**Fazem praticamente 50 minutos que encerrou a celebração** e as pessoas

continuam passando aqui em frente à imagem. **A fila tem mais de 300 metros**, são devotos que querem expressar seu amor a Maria, que **querem tocar no quadro**, que querem **levar consigo a proteção da Mãe de Jesus e nossa mãe**". (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

Uma das formas de compensar a impossibilidade de mediatizar 'ao vivo' é criar micro-acontecimentos, como a tematização do ritual da bênção da saúde por meio de condensações. Pela primeira vez, a Rede Vida mostra esse ritual que integra o acontecimento, mas que tem um papel periférico. Entretanto, a inserção desses fragmentos ocorre duas horas depois de sua realização.

O dispositivo procura agendar que vai mostrar também esse acontecimento. "Eu convido a você para que, **a partir das 17 h e 30 min**, acompanhe pela Rede Vida de televisão a bênção aos doentes, a bênção para os enfermos, a bênção que restitui a saúde. **Nós vamos acompanhar juntos aqui** do Altar Monumento de Nossa Senhora Medianeira. Esta **benção que se estende** para os que estiverem aqui presentes e **através da Rede Vida para os amigos de todo o Brasil**". (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006). Nota-se que para o agente do campo midiático, os processos de mediatização possibilitam a realização e a participação de rituais religiosos não só de forma presencial, mas também simbólica.

Aqueles que financiam o processo de produção midiática continuam sendo incluídos na cerimônia, pois o programa especial gravado e inserido após o término da missa principal da Romaria encerra com uma referência aos anunciantes. "**Essa transmissão** da Rede Vida de Televisão aqui de Santa Maria, nesta 63ª edição da Romaria de Medianeira tem o apoio de Mercúrio – 60 anos bem rodados, conte conosco para acelerar seus negócios; Prefeitura de Santa Maria – desenvolvimento para todos; e Banrisul – o Banco do estado do Rio Grande do Sul" (Repórter Elton Bozzetto, em programa especial sobre a Romaria de 2006).

Há uma nova racionalidade técnica que impõe outros modos de vinculação entre os rituais gerados pela cerimônia religiosa e a *comunidade midiática*: a temporalidade é extinta e as práticas sociais produzidas na e pela sociedade sucumbem à lógica televisiva.

O tempo da Romaria é suprimido e o dispositivo o transforma numa outra temporalidade, o da lógica da mediação. Neste modelo, as operações engendradas constroem um outro olhar sobre a Romaria e esse novo modo de expressá-la carrega menos marcas do religioso e mais co-determinações do midiático.

Esse formato de transmissão suscita outra questão, na qual a estratégia de o religioso mudar-se para a esfera midiática para que recupere seu senso de sagrado, como propõe White (1997), não estaria sendo concretizada da forma como fora concebida, pois a mediação pouco preserva dos seus rituais.

A cerimônia religiosa continua existindo, mas agora ela só existe no contexto em que se realiza, já que os protocolos, as regras e o cerimonial midiático a apagam. Porém, para a Rede Vida o *contrato discursivo* é satisfatório, pois esse novo formato mostra ‘tudo’, mas, para o religioso, há uma quebra de contrato, pois não mostra o que eles gostariam.

Nesse contexto, os agentes do campo religioso local só tomaram conhecimento da mudança de formato da mediação na véspera da Romaria. “Eles esperaram o último momento porque eles sabiam que se nós soubéssemos com antecedência a gente ia buscar outra alternativa, outra rede para transmitir e certamente isso eles não queriam”¹⁶⁹.

Como todo o trabalho realizado na *ante-sala* seguiu uma rotina que se repete há anos, em que o campo religioso local faz mediações entre a Rede Vida e potenciais patrocinadores, para a Diocese local, a transmissão seria ‘ao vivo’, já que havia empreendido negociações para tal.

Se para a televisão o novo formato dá conta de mostrar a Romaria, para o campo religioso não, pois reprovou a alteração: “Ficamos profundamente chateados porque **fomos enganados**, nós **ajudamos a buscar alguns patrocinadores dentro daquela idéia de que há 10 anos havia transmissão ao vivo** que muita gente acompanha **ao vivo**. (...) Muitas

¹⁶⁹ Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevista concedida à autora, no dia 12 de dezembro de 2006, Santa Maria, RS.

pessoas estão chateadas e ficaram indignadas porque queriam acompanhar a Romaria pela televisão”¹⁷⁰.

Mesmo que haja negociações e um conjunto de ações entre o campo religioso e o midiático na *ante-sala*, há outras racionalidades e lógicas que dizem respeito ao funcionamento do dispositivo midiático e que não são de conhecimento público. O campo religioso não tem consciência dessas outras lógicas e só quer garantias de que o contrato previamente acordado seja cumprido.

A mudança de formato gerou um descontentamento por parte do campo religioso local que reagiu ao fato buscando empreender, já na semana seguinte a da Romaria, negociações com outras emissoras que possam fazer a transmissão direta da próxima edição.

Já entramos em contato com emissoras de Santa Maria e também com a Canção Nova. (...) Nossa negociação com a Canção Nova é em dois níveis: 1 – se eles têm interesse de vir aqui e eles gerar tudo, produzir todo o sistema Canção Nova, que é rádio, internet, o site deles, o jornal e TV (...) ou então eles podem também pegar o sinal de uma emissora gaúcha, a RBS ou a TV Com, com quem já estamos negociando.¹⁷¹

A quebra de contrato implica na busca de outras estratégias para que o religioso continue atingindo os seus públicos, já que para ele não interessa um modelo de midiatização fundado em registros, pois deseja que a temporalidade da Romaria seja respeitada.

Os agentes do campo religioso local realizam ações na *ante-sala* da Romaria para que ela se constitua num acontecimento midiático, que seja preparado, agendado e transmitido ‘ao vivo’. “As pessoas querem **acompanhar a missa**, esse é o foco central (...) e a nossa idéia é começar com depoimentos, com boletins desde as 7h da manhã, e até do dia anterior, e ir jogando e **chamando sempre para às 10h** então acompanhar a missa **ao vivo**”¹⁷². A cerimônia vem sendo organizada para ser midiatizada ao vivo e, como o campo religioso elabora os seus rituais em função da televisão, quer garantias de que vai haver a geração de um acontecimento midiático e não a veiculação de registros.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

4.6 Em 5 modelos, diferenças e convergências

A seguir, analisam-se os cinco modelos de midiática descritos anteriormente com objetivo de estabelecer convergências e diferenças mais pontuais nos modos de produção da transmissão direta da Romaria. Visa-se compreender a processualidade da midiática ao longo do tempo e também as evidências de como as lógicas de campos vão sendo subsumidas às estratégias e aos postulados de outros campos, como do midiático. Dessa forma, formulações mais gerais serão desenvolvidas na conclusão.

Tem sido mostrado que os processos midiáticos têm afetado e alterado as regras dos rituais religiosos que integram a Romaria numa escala crescente, em que no último modelo há uma injunção forte sobre a Romaria que é fragmentada, cortada e dissolvida pelas lógicas da midiática.

A questão econômica perpassa a construção midiática desde o seu início, pois o dispositivo televisivo gera os sentidos sobre a Romaria a partir de uma matriz que é orientada em sua estrutura através de um orçamento. Dependendo dos custos para a geração e dos valores arrecadados junto aos patrocinadores, se disponibiliza uma estrutura que determina a mecânica da transmissão.

Quem patrocina a transmissão direta – campos político e econômico - tem seu espaço garantido através de chamadas para o acontecimento ‘ao vivo’ nas semanas que antecedem a Romaria e também tem suas marcas divulgadas durante a midiática. Porém, alguns agentes do campo político têm lugar garantido como entrevistado, sendo também co-produtores, posto que suas vozes integram a cerimônia midiática.

Do início da midiática, de 1996 até 2006, vem sendo realizada uma série de ajustes para adequar o acontecimento à lógica da televisão: foram mudadas algumas regras dos rituais, os modos de organização da *festa* e também alguns modos de estruturar a cerimônia religiosa. Porém, essas adequações não garantiram a permanência do ‘ao vivo’, pois houve

uma imposição ainda mais drástica da lógica da programação. O quadro a seguir exprime um resumo das principais características de cada modelo.

| | Modelo 1 - 2001: Romaria em <i>off</i> | Modelo 2 - 2002: Emergência de imagens | Modelo 3- 2003: Procissão de 1 minuto | Modelo 4- 2004: Inclusão de mais vozes | Modelo 5 - 2006: Midiático apaga o religioso |
|---|---|---|---|---|---|
| Formato de midiatização: | Acontecimento midiático | Acontecimento midiático | Acontecimento semi-agendado | Acontecimento semi-agendado | Registros jornalísticos |
| Sistema de transmissão: | Misto: inserção de boletins antes do 'ao vivo' e depois só transmissão direta | Só transmissão direta | Misto: Inserção de boletins antes do 'ao vivo' e transmissão direta mista: direto e 'gravado' | Transmissão direta mista: direto e 'gravado' | Só inserção de fragmentos após finalização da cerimônia religiosa |
| Dispositivos que constroem o 'ao vivo': | Rede Vida (SP) | Rede Vida (SP) | Rede Vida (PA) | Rede Vida (PA) e TVE-RS | Rede Vida (PA) |
| Parceria da Rede Vida com outras emissoras: | UFSM (matéria gravada antes do dia) e Rádio Medianeira (apresentador) | Rádio Medianeira (apresentador) | UFSM (matéria gravada no dia) e Rádio Medianeira (apresentador)- | TVE-RS (participação de jornalista na transmissão direta) | - |
| Tempo de transmissão direta: | 2h50 | 2h40 | 1h50 | 1h50 | 5 minutos |
| Ritual religioso transmitido diretamente: | Procissão e missa | Procissão e missa | missa | missa | - |

QUADRO 7 - Principais características dos 5 modelos de midiatização

Inicialmente, observa-se uma certa semelhança entre os modelos 1 e 2, em que a *feita* era transmitida 'ao vivo' em sua totalidade – do início da procissão até o fim da missa -, por quase 3 horas. Nos formatos 3 e 4, apenas o ritual da missa resiste à lógica da midiatização e continua sendo televisionado 'ao vivo'. Porém, a dominância do midiático em relação a outras práticas sociais faz com que em 2006 não haja mais transmissão 'ao vivo' e a Rede Vida suprime o tempo da Romaria.

Nos modelos 1 e 2, se gerava um acontecimento midiático em sua completude, mas no 3 e no 4, ele passa a ser ‘semi-agendado’, pois durante a transmissão direta são inseridos boletins gravados que contenham alguns momentos já ocorridos da *feira*, mas que são veiculados como se fossem ‘ao vivo’. No último ano, o que sobram são apenas registros jornalísticos após o encerramento do acontecimento.

O acontecimento religioso que antes tinha preservado algumas marcas de seus rituais, especialmente as simbólicas da procissão que é uma marca forte das romarias, é dissolvido pelas lógicas midiáticas, tendo de adequar-se à temporalidade televisiva, aos modos de operar dessa televisão que captura imagens esteticamente ‘vendáveis’, as transforma segundo a sua *gramática* e as joga dentro de sua programação. A Romaria resulta em breves notas.

Até 2003, sempre havia, pelo menos, um representante de Santa Maria na transmissão direta, o que não acontece mais a partir do modelo 4, em que as vozes de agentes do contexto apagam-se nos novos formatos de midiatização e as únicas marcas locais são dos especialistas do campo religioso e de políticos.

Os modelos 3 e 4, nos quais a procissão não é mais televisionada, apontam para a construção de algumas estratégias midiáticas para inseri-la na forma de registros que são mostrados durante a transmissão direta e que são construídos numa relação ambígua de tempo, que ora parece tratar-se de material ‘gravado’ e ora de ‘ao vivo’. Nesse sentido, a Romaria deixa de ser televisionada ‘ao vivo’ em sua totalidade para que sejam apenas extraídos momentos do ritual da procissão.

Nos formatos 1 e 2, havia um início, um meio e um fim, mas a partir do 3, há uma subordinação às lógicas da programação: ao tempo da televisão, que corta, edita, monta e extrai apenas fragmentos da *feira*. Entretanto, do modelo 1 ao 4, o dispositivo respeitava alguns rituais do religioso, mas agora, nesse novo modelo de midiatização (5), eles são apagados e não é respeitado nem mesmo o tempo do acontecimento. Esse fato faz com que o campo midiático radicalize o seu lugar de regulador, interventor e de impositor de um modo próprio de construção de sentidos sobre as práticas sociais.

Em função disso, constata-se que mesmo se apoiando em alguns rituais extraindo fragmentos, o midiático constrói a sua própria cerimônia dizendo que possui mais competência e que está autorizado para fazer o seu trabalho através de regras criadas, mantidas, alteradas e reinventadas pelo seu próprio sistema de gestão.

Os cinco modelos descritos denotam uma complexidade inerente ao próprio funcionamento do dispositivo que busca construir um conceito de transmissão repensado, reconstruído e reformulado a cada nova edição. A partir desses distintos formatos, faz-se, a seguir, algumas considerações sobre os modos crescentes de midiatização.

Esse processo mostra que a mídia opera a partir de lógicas complexas que dizem respeito à própria constituição de seu campo, como o fator tempo, a atualidade, o destaque, a didatização do acontecimento, a produção de um conceito de midiatização que está sustentado nas vozes de outros campos que são co-produtores e testemunhas.

Outro fator é que a inclusão crescente de mais vozes de diferentes campos representa uma complexidade constitutiva do próprio acontecimento em que há outras injunções que não apenas a religiosa e a midiática. Cada vez mais, os co-gestores atuam sobre a *festa* transformando a própria noção de Romaria.

Historicamente, observa-se que as lógicas midiáticas, das quais pertence a Rede Vida, fazem com que o *status* do acontecimento se transforme e sucumba, no último modelo, aos próprios modos de funcionamento do midiático. Nesse sentido, não há mais uma Romaria construída pelos vários rituais religiosos, mas sim uma fragmentação dos sentidos que ela representa, já que são retirados apenas alguns pedaços, não havendo uma seqüencialidade temporal. O que resulta desse ‘novo olhar’ (midiático) é apenas a fração, pois para esse modelo de midiatização, o sentido do religioso pode ser construído a partir da extração de momentos.

O religioso se dissolve no campo midiático, pois antes era mostrado o desenrolar do acontecimento ‘ao vivo’ – da procissão à missa- e agora nenhum ritual ganha visibilidade ‘ao vivo’, uma vez que suas marcas são apagadas ou substituídas por fragmentos ditados por características jornalísticas. Nesse sentido, a temporalidade da Romaria é transformada pelo

dispositivo midiático num outro tempo, pois mesmo que respeite o calendário de realização do acontecimento e sua espacialidade, a Rede Vida constrói o seu cerimonial com base na brevidade e na condensação.

Constata-se que do modelo 1 ao 5, o ‘ao vivo’ vai desaparecendo, em que o ‘gravado’ significa que o acontecimento está sendo lembrado de maneira subtraída. Nessa transformação do tempo, a televisão comprimiu o acontecimento direto de três horas do modelo 1, em 2001, para cinco minutos, no modelo 5, em 2006. Para compensar a impossibilidade de transmitir ‘ao vivo’, o dispositivo midiático desenvolve uma série de estratégias de visibilidade e de legitimidade das práticas sociais, mas não consegue reproduzir os rituais no sentido desejado pelo campo religioso.

Nota-se que, para o campo midiático, é possível cobrir a Romaria através da produção de um ‘programa especial’, porém, para o religioso, apenas o ‘ao vivo’ confere ao acontecimento um *status* singular em que suas simbólicas possam encontrar um efeito de reconhecimento junto a seus públicos. Entretanto, os processos de midiatização não conseguem reproduzir as marcas dos outros campos sem que haja operações sobre elas.

CONCLUSÃO

Faz parte do ritual de fechamento da tese ‘um olhar para trás’ como uma visita ao processo desenvolvido de construção da tese: da pista inicial, as indagações, as reformulações, os processos de construção e reconstrução, as constatações, os dados empíricos, as análises, os resultados, as reflexões até a sistematização de algumas contribuições para as pesquisas do campo e algumas questões para serem pensadas. Visita que nos leva a dar conta de ‘só depois’ de fazer o processo, e ao visitá-lo, será possível um ensaio de elaboração sobre a sua realização.

Inicialmente, a partir de observações diretas e de outras pistas, notamos que a Romaria de Medianeira, um acontecimento religioso quase secular, principalmente, a partir dos anos 2000, vinha sofrendo algumas mudanças especialmente no que diz respeito a algumas regras e aos modos de organização de seus rituais. Como especialistas do campo da comunicação, observávamos que sua midiatização televisiva era recente e, ao mesmo tempo, nos questionávamos acerca dessas alterações da estruturação da cerimônia religiosa.

Diferentemente de outros estudos e reflexões sobre romarias desenvolvidos nos âmbitos da teologia, da sociologia, da história ou da antropologia, nosso interesse era compreender que relações haviam em decorrência dos processos de midiatização do acontecimento. Em conjunto com essa preocupação, passamos a aprofundar alguns estudos sobre a midiatização de práticas religiosas que apontavam para um novo modo de se fazer religião.

Neste trabalho de observação e de recenseamento do objeto, encontramos pistas segundo as quais os processos de midiatização pela Rede Vida estariam alavancando junto a outras ações algumas alterações na própria constituição da Romaria. Nesse momento indicial, observamos que havia um atravessamento de dispositivos que também a co-constituíam – o sistema de som da *fésta*, a mídia impressa e a radiofônica, que se atualizavam com a inserção da televisão.

Por ser em sua essência uma cerimônia complexa, percebemos, desde o início, que uma leitura restrita sobre o produto não daria conta de compreender as relações entre o midiático e o religioso e, da mesma forma, seria insuficiente o estudo dos estágios dos

processos de construção de sentidos da Romaria. Para tentar encontrar uma estratégia teórico-metodológica, observamos quais papéis e quais operações desenvolviam os campos que co-gestionavam a *feira*, em suma uma complexidade de ordem mais processual.

Junto ao olhar, à observação e à escuta, esteve o processo de escrever e, para explicá-lo, fazemos, também, uma visita à estrutura da tese a partir de um novo contato com sua topografia. Foi através desse mapa que construímos um caminho para dar conta de compreender o problema.

Assim sendo, a tese se constitui em três cenas. Na primeira Parte, construímos uma cena teórica para lidar com conceitos, como de mediação, campos sociais, dispositivo e cerimonial mediático, procurando compreender a especificidade da mediação da religião. Na segunda Parte, elaboramos uma cena sócio-histórica, reconstruindo aspectos do contexto onde se realiza esse acontecimento religioso. A terceira Parte constitui-se na cena discursiva na qual descrevemos o funcionamento das estratégias de mediação da Romaria.

Esse processo formal de construção da tese representa a sistematização de teorias, dados, constatações que foram elaborados a partir de uma lógica que procurou responder ao objetivo central. Essas três grandes Partes e seus respectivos capítulos foram construídos de forma interligada visando compreender e se reportar ao problema, permitindo-nos fazer algumas considerações pontuais.

A construção da primeira Parte nos leva a concluir que a mediação é um processo complexo que resulta do trabalho de dispositivos *tecnosimbólicos*, em que as operações, as práticas e os processos de construção de sentidos da cultura mediática apontam para um conjunto de interações que revelam um novo modo de constituição e de vivência com base na mediação.

Na segunda Parte, chamamos atenção para a processualidade histórica e aos modos com que o campo mediático foi realizando sua participação no acontecimento religioso – do alto-falante à televisão. A partir disso, constatamos que esses vários momentos denotavam que a Romaria é historicamente co-determinada por diferentes processos, estágios e estratégias de mediação.

Na terceira Parte, apresentamos a partir de falas, documentos e observações como esse processo se atualiza com a televisão. Para tanto, descrevemos os cinco modelos com que a Romaria é apropriada pela midiaticização que a vai transformando de uma processualidade a um fragmento. A elaboração dessa Parte nos permite afirmar que a midiaticização é um fenômeno complexo e que, mesmo realizando um trabalho *tecno-simbólico* apoiado em cerimoniais e outras práticas sociais que revelem modos de operação que apontem para produção de sentidos mais complexos, o resultado desses rituais é a cerimônia midiática.

Esse exercício de reflexão proporciona chamarmos atenção para várias questões sobre a midiaticização da religião e a presença dos processos midiáticos na sociedade hoje.

O estudo mostra níveis explícitos e complexos de interações entre os campos que travam contato por meio de suas práticas mediadas pela linguagem. Os acontecimentos produzidos pelos campos não são abstratos e resultam dessa tessitura de interações a partir de mediações específicas das mídias.

A reflexão explícita que não há uma simetria entre as relações que os campos estabelecem com o midiático, mas um descompasso de níveis interacionais que apontam para uma ingerência dos processos de midiaticização. A mídia organiza, regula, e rege as simbólicas do religioso dizendo que as está mostrando, mas que o faz a partir de um conceito próprio.

Constatamos que, em sua essência, o campo midiático é responsável por promover conexões, diálogos, trocas e interações entre os campos sociais. Nesse sentido, os processos de midiaticização são essenciais para o estabelecimento de vínculos entre os campos, sendo um modo singular de promover contatos entre os campos e os seus públicos. Entretanto, cada vez mais, o midiático tem realizado essas ações através de suas pré-concepções.

A tese apresenta uma série de evidências da inserção dos processos de midiaticização nos campos sociais que lhe tomam por empréstimo operações para se fazer presente na esfera pública através de suas práticas que são, cada vez mais, híbridas do ponto de vista das interdiscursividades.

Por ser um meio produtor de realidades, a mídia leva essa condição ao extremo, estruturando a seu modo e, mesmo apagando, a partir de suas lógicas, as práticas sociais

geradas na e pela sociedade. O dispositivo opera sobre os acontecimentos, condensando-os e produzindo apenas frações, o que resulta na dissolução das marcas e das simbólicas dos outros campos.

O exercício elucida como uma determinada prática de um campo – a Romaria enquanto cerimonial e cerimônia – é midiaticizada. Para tanto, um conjunto de operadores de regras e de manifestações midiáticas fazem funcionar a Romaria de uma outra forma discursiva. Para dar conta de explicar essa questão, fazemos uma caminhada às dimensões que explicitamos a seguir.

A pesquisa demonstra que os crescentes processos midiáticos têm dissolvido o religioso, em que a religião está sendo gerida por outras instâncias. Os limites visíveis e as simbólicas formais do campo religioso são mesclados a outras marcas, gerando-se outros sentidos que não o estritamente sagrado.

Observamos que a midiaticização se faz presente não de uma forma residual, pois é uma instância que vai constituindo o acontecimento. Os processos de midiaticização até levam em conta aspectos das outras simbólicas, mostrando que reconhecem o que é da ordem do outro, mas o fazem sob a sua própria lógica. As marcas simbólicas predominantes não são as dos campos, pois apontam para a presença do midiático enquanto meio estruturante e estruturador de práticas sociais.

Disso decorre que a constituição desse novo perfil de acontecimento é realizada por um processo complexo que se articula por dispositivos desde a década de 30, com as mídias impressas e alto-falantes no espaço restrito do Parque da Medianeira; nos anos 40, pela mídia radiofônica; nos anos 50, pelo sistema de som da *feira* que é expandido para o trajeto da procissão e, na década de 70, associa-se à Rádio Medianeira, até a televisão através das transmissões ‘ao vivo’ pela Rede Vida.

Constatamos que, se o cerimonial religioso tinha mais coerência e a articulação respondia mais a princípios organizacionais das *gramáticas* dos rituais religiosos, hoje percebemos que as operações midiáticas evidenciam um outro processo – a midiaticização da Romaria – da qual resulta a *Romaria midiaticizada*. Nesse contexto, a pesquisa mostra que a

televisão desenvolve os seus próprios protocolos e cerimoniais que são inseridos à cerimônia religiosa, tendo como efeito de sentido a produção de uma outra forma de se fazer religião.

Dito isso, verificamos que a especificidade dessa *Romaria midiaticizada* é que ela é pensada e organizada para e pela midiaticização. Se antes os seus modos de organização levavam em conta apenas o entorno cultural e social e os referenciais estritamente religiosos, agora o acontecimento denota marcas de afetação do midiático.

Essa *Romaria midiaticizada* possui uma série de elementos que são criados, alterados e desenvolvidos em função dos processos de midiaticização: a reorganização de temporalidades e de espacialidades em que a cerimônia se realiza, a condensação de rituais, a dinamização e a geração de novas narrativas que se adequem ao discurso e à estética televisiva, a produção híbrida de simbólicas do *sagrado* e do *profano*, o atravessamento de sentidos gerados pelos *hiperdispositivos*.

A tese mostra que os processos de midiaticização, que começam com a função determinada de auxílio e de apoio, acabam convertendo a Romaria numa complexidade de relações. Se na sua origem, as primeiras formas de midiaticização foram desenvolvidas pelo campo religioso com um fim específico – divulgar e anunciar através de processos de enunciação as ações de seu interesse, agora, as mídias são um meio estratégico de contato e de reconhecimento.

Disso resulta a constatação de que as mídias deixam de ser um elemento auxiliar na concretização da Romaria para se converterem num âmbito integrante de sua constituição. Para que as ações do religioso continuem tendo inteligibilidade junto aos seus públicos, a mídia passa de um suporte meramente técnico para um dispositivo que articula, conecta, liga e constrói os novos modos com que as práticas religiosas se fazem hoje.

Em sua essência, a Romaria é complexa e exprime sentidos da transcendência, da teologia, de representações sociais, de uma prática simbólica que gera reconhecimento, trocas, produz identidades, suscitando o que é da ordem do cultural, do político, do econômico, da comunicação. Porém, dessa complexidade, o dispositivo midiático faz sobrar fragmentos do religioso e do midiático, que aparecem no processo e no produto engendrado.

A tese mostra que a mediação do religioso se transforma. Se a Romaria sofre mudanças em função de ações que se realizam na e pela sociedade, o acontecimento midiático também se altera, o que leva a se transformar num fragmento, como no modelo 5, quando a televisão diz: para mim ‘essa é a Romaria’.

Em decorrência disso assinala-se que a Romaria vem sofrendo uma série de transformações que têm incidência sobre os modos com que ela passa a se constituir. Esses processos têm feito com que, cada vez mais, ela deixe de ser uma prática que celebra aspectos devocionais para se tornar uma cerimônia que se faz a partir de uma ordem performativa. O ritual é organizado para que haja uma performance que possa ser captada e adequada à lógica midiática e os modelos descritos apontam para essa preocupação crescente em dramatizar atos litúrgicos e tornar o ritual da missa mais encenado.

O estudo denota que a mediação se constitui por interdiscursividades e nas polifonias por meio de jogos discursivos e de agregações de outras vozes ao seu texto. As lógicas midiáticas também se fundam na condensação e na autonomia para determinar que simbólicas o constituem e para decidir a natureza e a dimensão do fenômeno, como mostra o modelo 5, em 2006, quando o acontecimento é diluído em função de um novo cerimonial midiático.

A reflexão aponta que a lógica da mediação faz com que o campo religioso revise e altere algumas de suas práticas. Porém, a própria mídia é desafiada a re-estruturar a sua cerimônia em função da temporalidade televisiva. Ou seja, há desdobramentos da cerimônia religiosa em que a transmissão gera outros episódios para resolver uma determinação que é da própria mídia – o tempo. Exemplo mais forte dessa reestruturação é a ‘bênção midiática’, que é articulada pela televisão para dar conta de resolver um problema gerado pelo seu modo de funcionamento.

Observamos que o processo de mediação coloca em xeque também a competência dos campos sociais em relação ao seu domínio específico da experiência. No caso da Romaria, a tendência é cada vez mais o campo religioso dividir a sua competência de organizador de seus rituais com outros campos.

A enunciação midiática sinaliza para a presença de seu aparato *tecno-simbólico* no contexto sócio-cultural do acontecimento para dizer que seu papel não é apenas de testemunha, mas também de um leitor privilegiado dessa realidade e que tem competência para mostrá-la.

A tese evidencia que a midiatização é um processo complexo que se atualiza permanentemente tornando-se, num dado momento, independente do acontecimento para referir a si mesma. O campo midiático faz funcionar suas práticas a partir de lógicas próprias que se auto-regulam e se auto-estruturam, transformando o próprio modo de construir o acontecimento, como demonstra o modelo 5, em 2006, que passa para um discurso puramente jornalístico, não levando mais em conta algumas marcas do religioso.

Notamos que a cerimônia midiática ainda se constrói sobre rituais de dominância do religioso, mas os modos com que o dispositivo age faz com que algumas de suas marcas sejam suprimidas pelos processos e pelas lógicas da midiatização. Disso decorre mais algumas considerações sobre transformações de espacialidade, de formato e de temporalidade.

O processo de midiatização faz desdobramentos de espacialidades. A partir do modelo 3, em 2003, muda a noção de espaço a partir de fusões entre ‘ao vivo’ e ‘gravado’, mostrando que ora está num local, ora está noutro, criando distintas espacialidades que parecem ser vencidas em frações de segundos.

A midiatização da Romaria impõe transformações de espacialidades aos rituais religiosos, que, como foi apontado no modelo 2, a partir de 2002, o trajeto da Romaria e algumas de suas regras sofrem alterações para que se cumpra a temporalidade televisiva. As lógicas da midiatização apontam também para um modo distinto de espacialidade – a da rua, na cerimônia em si, e a da casa, na cerimônia midiática.

Há mudanças também de formato – do processual ao fragmento. Se nos modelos 1 e 2 (2001 e 2002) a televisão cobria ‘ao vivo’ a procissão e a missa, em 2003 e 2004 (modelos 3 e 4), a procissão é reduzida a um minuto e cobre apenas a missa. O modelo 5, em 2006, representa o ápice da transformação da processualidade ao fragmento: nenhum ritual é mais transmitido ‘ao vivo’ e restam apenas registros.

A midiaticização altera a processualidade do cerimonial e da cerimônia religiosa a tal ponto que por força das operações midiáticas resultam apenas frações do acontecimento religioso ao lado dos fragmentos. O cerimonial midiático vai entrando no acontecimento religioso e vai se expandindo a tal ponto que se tem uma bênção forjada, a midiática, no modelo 3, em 2003, e a imposição do discurso jornalístico ao religioso, no modelo 5, em 2006.

A lógica do dispositivo transforma a temporalidade do acontecimento em um outro tempo. A televisão age sobre a Romaria impondo o seu tempo e ela o faz a partir do desenvolvimento de estratégias, como atrelamentos entre o ‘gravado’ e o ‘ao vivo’, a criação de micro-acontecimentos, ‘a bênção midiática’, a alternância de posições discursivas, o apagamento e a mistura de marcas simbólicas. Por meio dessas operações, o dispositivo busca um efeito de sentido de atualidade e continua enunciando que está presente no contexto da Romaria, mesmo que suprima o seu tempo.

As operações *tecno-simbólicas* fazem com que o tempo real passe a ser uma montagem e uma encenação. Em função disso, a Romaria deixa de ser um acontecimento midiático, ‘ao vivo’ e agendado, pois o dispositivo passa a fazer montagens por meio da inserção de momentos ‘gravados e editados’, dizendo que encena porque não está no instante em que ela se realiza.

Um efeito da supressão do tempo é a quebra de contrato entre o midiático e o religioso. Se desde o início da transmissão ‘ao vivo’, o campo religioso local vinha negociando e absorvendo as lógicas midiáticas, quando a televisão comprime os rituais religiosos para transforma-los em apontamentos jornalísticos, há uma reação extrema – o rompimento de contrato.

A reflexão direciona para o fato de que os campos têm buscado uma série de estratégias para garantir sua visibilidade, como por exemplo, as negociações travadas pelo campo religioso com outros campos na *ante-sala* da Romaria para que a midiaticização ocorra. Porém, o que resulta dessas operações é determinado pela ordem intra-midiática.

Evidenciamos que o fato de o campo religioso aceitar que a cerimônia seja apropriada mostra que ele está dentro da lógica midiática. Prova disso é que o campo religioso concordou com o enxugamento da processualidade da Romaria do modelo 1 ao 4. Porém, quando a televisão suprime o acontecimento, no modelo 5, o campo religioso reage ao avaliar que ele está sendo deposto. O desejo é, portanto, que o dispositivo midiático reproduza a Romaria com verossimilhança, fazendo-o num nível de realidade mais próximo possível do acontecimento.

A construção da tese possibilita também que se faça algumas considerações pontuais sobre a sua contribuição para a compreensão dos processos de mediação do religioso. As relações entre os campos não são dadas, mas tecidas no chão da sociedade. Nesse sentido, por desvendar negociações travadas pelos campos para a constituição desse acontecimento religioso, a tese mostra que alguns estudos sobre a mediação da religião podem levar em conta também fatores que se desenvolvem num contexto maior, na sua *ante-sala*.

A análise desses processos de construção da *Teleromaria* sinaliza para especificidades da mediação da religião, especialmente quando se trata de cerimônias especiais e que são transmitidas ‘ao vivo’. Pela análise abranger um período de tempo que denote diferentes estágios da mediação, foi possível apontar tendências, convergências e singularidades dos processos de produção de sentidos da Romaria. Algumas das descrições dos formatos podem vir a inspirar futuros estudos sobre os modos e as estratégias de mediação desse tipo de cerimônia pública.

Assim, observamos que o processo de mediação é antecedido por um conjunto de operações que devem ser compreendidas, já que são co-determinantes na produção de sentidos. As alterações nos modos e nos formatos de transmissão apontam para mudanças que são alavancadas por questões complexas que só puderam ser listadas a partir da compreensão de uma série de ações que se desenvolveram antes.

Constatamos que as relações entre os campos religioso e midiático se constroem através de ações que apontam para interferências, tensões, vínculos e pontos de contato que foram revelados no estudo dos processos de construção da Romaria. Com essas descrições, alarga-se a noção sobre os modos com que esses dois campos se relacionam.

A tese denota que o acontecimento resulta de uma série de relações de campos, que só puderam ser observadas a partir de estratégias teórico-metodológicas integradas a um conjunto de técnicas de pesquisa adequadas para o detalhamento dos contextos em que se realizam os processos de engendramento e de gestão da Romaria.

Mostrar que a Romaria é também um fenômeno de comunicação midiática constituiu-se num desafio singular, pois esse campo de estudos é recente. A especificidade do trabalho repousa sobre a análise do fenômeno religioso através de conceitos do campo da comunicação midiática, já que grande parte desse tipo de cerimônia é examinada pelo olhar de outros campos, como sociologia, religião e antropologia.

A pesquisa colabora com os estudos de cerimoniais televisivos ao detalhar algumas operações e estratégias desenvolvidas pelo dispositivo midiático, para dar inteligibilidade ao acontecimento religioso.

Ao descrever os modos com que o dispositivo age sobre o religioso mesclando as marcas do sagrado com as de outras simbólicas, e, em algumas vezes, mesmo as apagando segundo suas lógicas, a tese demonstra que para compreender essa complexidade de ações e estratégias é preciso desenvolver pesquisas sob distintos enfoques nesta área.

O modo com que a centralidade midiática tem atingido e afetado outros campos nos desafia enquanto estudiosos da comunicação midiática a aprofundarmos e a desenvolvermos teórica e metodologicamente novos mecanismos para compreender como as práticas sociais expressam-se hoje neste contexto cada vez mais perpassado pela midiatização.

Como pesquisadores da área, temos, sobretudo, de estar atentos à dinamicidade com que mudam os processos midiáticos, seja em relação aos modos de funcionamento, aos seus cerimoniais ou à reinvenção das estratégias para constituição da realidade social.

A proposta da tese foi mostrar as processualidades e as estratégias de produção de sentidos da *Teleromaria da Medianeira* que envolvem ações para a organização da *feira*, os protocolos e os cerimoniais desenvolvidos e operados pelo dispositivo midiático até o seu produto. Mesmo que tenha alguns registros, não foram estudados os efeitos desse processo, o que seria importante. Acreditamos que em outro momento, pode-se compreender de forma

mais sistemática os modos com que as práticas sociais são construídas pela mídia e que ressonâncias são produzidas junto aos receptores.

Notamos que os receptores da *feira* fazem a ‘sua própria Romaria’ e a análise dos modelos sinaliza para o fato de que a Rede Vida também faz a ‘sua Romaria’. Nesse contexto, em estudos futuros, poderia se deter sobre a esfera da recepção midiática para examinar os efeitos da midiaticização e como cada um institui a ‘sua Romaria’, já que o fato de a televisão transformar o acontecimento em registros poderia fazer com que esses também se instituíssem na recepção.

Neste momento final, além de algumas elaborações e de apontamentos de contribuições para as pesquisas sobre midiaticização da religião, o estudo possibilita enunciar outras questões que permanecem em aberto.

A maior evidência de que o cerimonial é midiático está no modelo 5, no qual há uma supressão do religioso. Então, o que permanece das grandes referências da transcendência e da ordem do devocional? Se o dispositivo midiático está no contexto do acontecimento para celebrar, como acaba demonstrando a crença se o ritual religioso é destituído? Em suma, a mídia está celebrando o quê?

Esse novo modo de fazer religião faz com que reste pouco dos rituais que celebram a crença e a devoção. A celebração estaria se deslocando para o cerimonial midiático? Por meio do desenvolvimento de operações através das quais faz funcionar o seu dispositivo, os processos de midiaticização estariam chamando mais atenção para as crenças acerca de seus próprios cerimoniais e de sua cerimônia?

Se o ritual em si é uma referência ao transcendente, o que se pode dizer de um cerimonial e de uma cerimônia que fragmentam cada vez mais a alusão ao transcendente? O que sobra como crença desta forma de religiosidade enquanto efeito de sentido desse outro modo de mostrar a religião?

Ao impor a sua temporalidade apagando o tempo do acontecimento, ao construir a sua cerimônia com um conjunto de vozes e através de processos que remetam a outras simbólicas,

as marcas do cerimonial religioso se mesclam a outras e mesmo se apagam. Dito isso, nos questionamos sobre o que permanece, afinal, da ordem do religioso no cerimonial midiático?

Enquanto o campo midiático vem afetando as regras e os modos de funcionamento do campo religioso, este tem se preocupado em fazer com que algumas de suas práticas tenham visibilidade e tem deixado de lado uma questão crucial – é possível mediatizar aquilo que lhe é específico e que lhe constitui enquanto campo? A ordem e o sentido do sagrado são mediatizáveis?

Fica, portanto, a indagação: é possível exprimir o sentido do religioso pela lógica da mediatização? Infelizmente, o campo religioso pouco tem se focando nesta questão. Mesmo que venha sendo afetado pelas lógicas da mediatização, ele exprime a vontade de que o midiático permaneça, mas deseja que o faça preservando as marcas simbólicas de seus rituais. Entretanto, os processos de mediatização têm mostrado que o campo opera a partir de uma ordem interdiscursiva, mas que o faz através de uma racionalidade própria.

Percebemos que os campos têm dado sinais de que a mediatização não corresponde aos desejos e às expectativas no que diz respeito à reprodução de suas simbólicas e, ao mesmo tempo, mostram que estão sendo afetados pela centralidade e pelos modos de operar do midiático. Contudo, acreditamos que eles poderiam desenvolver um pensamento estratégico sobre a mídia, ampliando a visão reducionista de que ela seria apenas um meio auxiliar, e, além disso, também elaborar reflexões mais profundas sobre os processos e as relações que estabelecem com a mídia.

Para finalizar, outras constatações que representam o fechamento desse processo de construção teórica. Do processo de mediatização para o produto - uma outra Romaria - resultam novos modos de expressão dos rituais religiosos, redimensionamentos, reformulações e reorganização de suas práticas, outras formas de estruturação, de apresentação e de oferta do religioso.

A Romaria foi construída ao longo de sua história por processos que remetem à essência e à presença de uma cultura midiática-comunicacional, seja para fazer-se anunciar, para expressar seus objetivos, para contatar com seus mercados e também conquistar mais

públicos. Porém, é na última década que essa cultura acaba interferindo de forma mais incisiva e modificando algumas de suas regras e características.

Mesmo que sofra co-determinações de vários dispositivos, a televisão é que mais impõe o seu cerimonial à Romaria. A sua temporalidade é crucial e suas bases, fundadas na instantaneidade e na efemeridade, fazem com que a cerimônia religiosa seja reorganizada sob risco de não caber mais nos seus processos de mídiatização. É nessas condições que as lógicas midiáticas acabam ditando e re-editando regras para que o religioso construa efeitos de reconhecimento junto ao mercado de fiéis.

Por fim, os efeitos de produção de sentidos apontam para uma oferta de um acontecimento que não é mais aquele que opera segundo pressupostos de sua história religiosa, mas que é atravessado pela existência das mídias e por suas operações *tecnosimbólicas*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Regina. **Círio de Nazaré: Da taba marajoara à aldeia global.** Dissertação de Mestrado. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea. Universidade Federal da Bahia, 2002.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** São Paulo: Papyrus Editora, 1995. P.135-195.

BANDEIRA, Alexandre Dresch. **Intersecção dos dispositivos midiáticos e religiosos: a midiatização como lógica do consumo na igreja universal do Reino de Deus.** Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo, 2006.

BASTIAN, Mariana. **Efeitos da cura telereleigiosa.** São Leopoldo: Unisinos, VIII Comsaúde, 2005.

BATESON, Gregory. **Comunicación.** In WINKIN, Yves (org.). **La nueva comunicación.** Madrid: Kairós, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997.

BÉLIVEAU, Verônica Giménez. **La comunidad, la Iglesia, los peregrinos. Formas de Sociabilidad en dos grupos católicos emocionales de la periferia de Buenos Aires.** In Religião e Sociedade. Vol. 23. Rio de Janeiro: ISER, 2003.

BELMONTE, Pe Sérgio. **Povo Gaúcho, eis aí tua Mãe.** Santa Maria: Palotti, 1999.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 1985.

BIASOLI, Vitor Otávio Fernandes. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte (RS - 1870-1920).** Tese de doutorado (PPG/FFLCH/USP). São Paulo, 2005.

BORIN, Marta Rosa. **Santa Maria “na” Boca do Monte: anticlericalismo e restauração católica.** Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em Estudos Latino-Americanos, São Leopoldo: UNISINOS, 2006. Tese de doutorado em andamento.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão – a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Coisas Ditas.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

CARLÓN, Mario. **Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos y sujetos.** Buenos Aires: La Crujia, 2004.

CORREIA, João Carlos. **Um esboço da teoria da comunicação de Afred Schütz**. Revista de Fenomenologia, n.8. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, paradas e procissões**: reflexões sobre o mundo dos ritos. In Religião e Sociedade. São João Del Rey, RJ. N.1. Maio de 1977.

DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu. **La historia en directo**. La retransmisión televisiva de los acontecimientos. México: Ediciones G. Gili, 1995.

_____. **La télévision et la rhétorique des grandes cérémonies**. Ed. de l'École des Hautes Études. Paris, 1984.

ECO, Umberto. **Tevê**: a transparência perdida. In Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ESTEVEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. P.143-186.

FAUSTO NETO, Antonio. **A religião do contato**: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos” Revista Contemporânea. N.2. Vol.2. Dezembro de 2004. In: <http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/pdfdez04/artigo4religiao.pdf>. Acessado em 11 de setembro de 2005.

_____. **O círio em disputa**: sentidos da fé e/ou sentidos da mídia. Trabalho apresentado no Folkcom, Intercom, Campo Grande, 2001.

_____. **Fala que eu te escuto!** Aspectos enunciativos dos Discursos Tele Religiosos. Simpósio Mídia, Política e Religião, Eco/UFRJ, novembro, 2000.

_____. **A deflagração do sentido**. Estratégias de produção e de captura da recepção. In Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FERREIRA, Jairo. **O Conceito de Dispositivo**: explorando dimensões de análise. In: Ecos revista. Revista da Escola de Comunicação Social V.7, N.2, Jul.-Dez/2003 UCPel

FIGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização do campo religioso e processos de produção de sentido. Análise de um conflito anunciado**: O caso do Jornal Evangélico da IECLB. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2006.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Fé na Tela – características e ênfases de duas estratégias evangélicas na televisão**. In Religião e Sociedade. Vol. 23, número 2. ISER: Rio de Janeiro, 2003.

GASPARETTO, Paulo Roque. **A midiatização do neodevocionalismo religioso: a experiência da TV Canção Nova**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2005.

_____. **Procesos mediáticos y la construcción de nuevas formas de pertenencia. Estrategias de reconocimiento y efectos del sentido de los “protagonistas” de la comunidad, los receptores leales.** Paper apresentado no Porticus Fellow’s Research Seminar. Sigtuna, Suécia, 4 e 5 de julho de 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. **Contribuições do cristianismo para as idéias comunicacionais da América Latina** in J. MARQUES DE MELO, M.C. GOBBI, e W.L.KUNSCH. *Matrizes Comunicacionais Latino-americanas. Marxismo e Cristianismo.* São Bernardo do Campo: UESP: Cátedra da UNESCO de Comunicação para o desenvolvimento Regional, 2002a.

_____. **Decifra-me, ou.... A Evangelização e Mídia do ponto de vista da comunicação.** Não paginado, mimeografado, 2002b.

_____. **Tópicos de Teoria da Comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. **A Filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade.** São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GUERRA, Leonel. **A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião.** In *Religião e Sociedade*. Vol. 22, número 2. ISER: Rio de Janeiro, 2002.

GUTIÉRREZ, Hernando V. **Rádio Sutatenza e a Comunicação para o desenvolvimento.** Seminário de Tese II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, Outubro, 2006.

HARTMANN, Attilio Ignácio. **Espaço da festa-espaço de Deus.** São Paulo: Paulinas, 1987.

HOOVER, Stewart M. & LUNDBY, Knut. (org.) **Rethinking media, religion, and culture.** Londres: Sage, 1997.

HOOVER, Stewart. **Media, Religion, and Culture: Future Directions.** Conferência proferida pelo autor no dia 9 de julho de 2006 na Stora Salen do Sigtuna Stiftelsen, na cidade de Sigtuna, Suécia.

_____. **Religion, Media and the Cultural Center of Gravity.** Center for Mass Media Research. University of Colorado, 1998.

KAIRU, Minnie. **Médios, religión y globalizacion: um estudio de la difusion de ministerios milagrosos.** Paper apresentado no Porticus Fellow’s Research Seminar. Sigtuna, Suécia, 4 e 5 de julho de 2006.

KATZ, Elihu. **Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião.** In. TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões teóricas e estórias.* Lisboa: Veja, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARIZ, Cecília. **Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger.** In *Religião e Sociedade*. Vol. 21, número 1. ISER: Rio de Janeiro, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Razón técnica y razón política:** espacios/tiempos no pensados. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, Año I, Numero 1, Julio/Diciembre 2004. São Paulo: ALAIC, 2004.

_____. **Ofício de cartógrafo.** México: Fondo de Cultura Econômica, 2002.

_____. **Dos meios às mediações:** cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico:** um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

MATA, Maria Cristina. **De la cultura masiva a la cultura midiática.** Diálogos de la comunicación, Lima: Felafacs, n.56, 1999.

MOUILLAUD, Maurice; Porto, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal:** da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. P.29-47.

NANDI, Domingos, **Rito Litúrgico e Rito Midiático** – O (des)encontro de duas lógicas no processo de midiaticização da ritualidade da Missa. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2005.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **A festa vai à cidade:** uma etnografia da Romaria do Divino Pai Eterno, Goiás. In Religião e Sociedade. Vol. 22, número 2. ISER: Rio de Janeiro, 2002.

NEL, Noël. **Des dispositifs aux agencements télévisuels.** In: Le dispositif: entre usage et concept. Hermès 25, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo:** olhar, ouvir, escrever. In Revista de Antropologia, v.39, n.1, São Paulo: USP, 1996.

PAIXÃO, Dinara Xavier da. **Pe. Ignácio Valle, SJ e a devoção à N. Sra. Medianeira.** Santa Maria: Palotti, 2003.

RABUSKE, Arthur. **Inícios da Medianeira em Santa Maria, RS (1928 a 1931).** Residência Conceição. São Leopoldo, RS, 2001. Manuscrito.

RAINHA DOS APÓSTOLOS – Revista Missionária. Anno VIII, N. 4 e 5. Abril e Maio de Valle Veneto, 1930.

REILY, Suzel Ana. **Nossa Senhoras: O Modelo e as Cópias.** In Comunicação e Sociedade – comunicação religiosa. Ed. Liberdade. Número 12. Outubro de 1984.

REIS, Dom Antonio. “A mediação universal de Maria santíssima”. Carta Pastoral, Santa Maria, RS, 1939.

_____. “IVª Carta Pastoral anunciando o Congresso Mariano-Eucarístico”. Carta Pastoral, Santa Maria, RS, 1958.

RIGO, Enio José. **A Romaria da Medianeira e a Eucaristia**: um estudo Teológico-Pastoral. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **A emergência dos campos sociais**. In Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Piauí. Editora Revan, 2000.

_____. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. Portugal, 1999. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf>. Consultado em 4 de dezembro de 2006.

_____. **O dispositivo da enunciação**. In: Comunicação e cultura – a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1998. P. 141 - 156.

SAMAIN, Etienne. **Gregory Bateson**: Rumo A Uma Epistemologia Da Comunicação. Revista Ciberlegenda. N. 5, 2001. In: <http://www.uff.br/mestcii/samain1.htm>. Consultado em 1 de agosto de 2003.

SANCHIS, Pierre. **A caminhada ritual**. Religião e Sociedade. N. 9. Rio de Janeiro, junho de 1983.

SAPERAS, Enric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas**. Portugal: Edições ASA, 1987.

SCHNEIDER, Roque; BARBIERI, Francisco. **Medianeira**. Santa Maria: Rainha, 1976.

SIERRA GUTIÉRREZ, Luis Ignacio. **La TELE-FÉ. Estratégias de reconhecimento de sentidos religiosos de telefiéis Del canal Rede Vida de Televisión, en Porto Alegre, RS, Brasil**. Paper apresentado no Porticus Fellow's Research Seminar. Sigtuna, Suécia, 4 e 5 de julho de 2006.

_____. **Mediatización de segundo orden: anotaciones para una epistemología de los procesos mediáticos**. In “Los medios repensados: el extrañamiento de los objetos”. Revista Signo y Pensamiento, n. 47. Volume XXIV, Bogotá, Colômbia, Julho-dezembro de 2005.

SILVA, Benedicto (coord. geral). **Dicionário de ciências sociais**. Instituto de Documentação. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro: FGV, 1986.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002. P.11-82.

TEUSNER, Paul. **Internet, cristianismo y discursos públicos em Austrália**: um estúdio del movimiento “iglesia emergente”. Paper apresentado no Porticus Fellow's Research Seminar. Sigtuna, Suécia, 4 e 5 de julho de 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **João Paulo II**: um ativista midiático. Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. Portugal, 2006. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-papa-joao-paulo-II.pdf>. Consultado em 24 de agosto de 2006.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALLE, Pe Ignácio Rafael, SJ. **Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças-1930 a 1980**. Santa Maria: Palotti, 1980.

_____. **Vamos todos a Maria Medianeira**. Porto Alegre: Oficinas gráficas da imprensa oficial, 1949.

VERÓN, Eliseo. **Semiosis de lo ideológico y del poder. La mediatización**. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones del CBC, 1997a.

_____. **Esquema para el análisis de la mediatización**. In Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs, 1997b.

_____. **Televisão e política: história da televisão e campanhas presidenciais**. In: FAUSTO NETO, A., RUBIM, A. A. C, e VERÓN, Eliseo (orgs.). **Lula Presidente: Televisão e política na campanha eleitoral**. São Paulo, Hacker; São Leopoldo: Unisinos, 2003. P.15-42.

ZALUAR, Alba. **Os santos e suas festas**. Religião e Sociedade. N. 8. Rio de Janeiro, julho de 1982.

WHITE, Robert. **Teorias da Mídia e Religião – sua evolução ao longo de 150 anos**. In Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol.IV, nº 1. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. São Leopoldo, RS, Junho de 2002.

_____. **Religião & Mídia – Na construção de culturas**. In: HOOVER, Stewart M. & LUNDBY, Knut. *Rethinking media, religion, and culture*. Tradução do PPGCOM Unisinos. Thousands Oaks/ Londres/Nova Deli: Sage Publications. International Educational and Professional Publisher, 1997.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus, 1998.

REFERÊNCIAS ORAIS:

Alcides Zappe, radialista e diretor da Rádio Imembuí, desde 1997, com atuação há 40 anos no radiojornalismo santa-mariense, em entrevista concedida no dia 17 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

Dom Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria de 1974 a 2004 e, atualmente, bispo emérito de Santa Maria, em entrevista concedida à autora no dia 27 de abril de 2004, Santa Maria, RS.

Elton Bozzetto, repórter da Rede Vida, em entrevista concedida à autora no dia 8 de novembro de 2003, na véspera da midiatização, Santa Maria, RS.

Ivan Cunha, gerente operacional da Rede Vida de Televisão, em entrevista concedida à autora no dia 18 de maio de 2006, por telefone.

João Trevisan, empresário e historiador santa-mariense, diretor da Rádio Medianeira de 1970 a 1985, que também participou da campanha de construção do Santuário, especialmente através de contatos comerciais e produção de materiais informativos. Em entrevista concedida no dia 14 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

José Rogério Marchi, proprietário da Marchi Produções e Sonorizações, que há 25 anos é responsável pela sonorização da Romaria, em entrevista concedida à autora no dia 23 de setembro de 2005, Santa Maria, RS.

Luis Ademir Oliveira, diretor comercial da Rádio Medianeira e responsável pela geração e transmissão do sinal da Romaria, em entrevista concedida no dia 8 de novembro de 2004, Santa Maria, RS.

Máximo Trevisan, historiador e advogado santa-mariense, fez parte da comissão pró-construção do Santuário e que integra o Conselho Municipal de Cultura nos anos 2000. Em entrevista concedida no dia 19 de novembro de 2004, Santa Maria, RS.

Padre Antonio Bonini, pároco da Catedral e diretor da Rádio Medianeira desde 1990, em entrevista concedida no dia 14 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

Padre Deonilson Nogueira, Reitor do Santuário/Basilica, em entrevista concedida à autora no dia 30 de outubro de 2003, Santa Maria, RS.

Padre Enio Rigo, responsável pela liturgia da Romaria, em entrevista concedida à autora, no dia 18 de dezembro de 2003, Santa Maria, RS.

Padre Sílvio Weber, responsável pelo Setor de Comunicação Social da Diocese de Santa Maria, em entrevistas concedidas à autora em: 24 de outubro de 2002, Santa Maria, RS; em 13 de setembro de 2005, Santa Maria, RS; em 16 de maio de 2006, Santa Maria, RS; em 12 de dezembro de 2006, Santa Maria, RS.

Vicente Paulo Bisogno, radialista que ficou na Rádio Imembuí de 1970 a 1997 e, desde então, está na Santamariense, em entrevista concedida no dia 17 de dezembro de 2004, Santa Maria, RS.

Sérgio Reis, diretor da transmissão da Romaria, em entrevistas concedidas à autora em: 8 de novembro de 2003, véspera da Romaria, Santa Maria, RS; em 9 de novembro de 2003, após a midiatização, Santa Maria, RS; em 13 de novembro de 2004, véspera da Romaria Santa Maria, RS.